



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
NÍVEL MESTRADO

DIMENSÕES SUBJETIVAS DE MÃES ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

JULIO CESAR ALVES

Goiânia
2013



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
NÍVEL MESTRADO

DIMENSÕES SUBJETIVAS DE MÃES ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

JULIO CESAR ALVES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Psicologia – Nível Mestrado, para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais (Psicologia Social).

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa.

Goiânia

2013

Alves, Julio Cesar. Dimensões subjetivas de mães adolescentes em situação de vulnerabilidade social [manuscrito] / Julio Cesar Alves – 2013.

232 f.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, Goiânia, 2013.

“Orientadora: Sônia Margarida Gomes Sousa”.

Bibliografia: f.161-170.

Inclui listas de abreviaturas e figuras.

Apêndices e Anexos.

1. Psicologia sócio-histórica. 2. Adolescência. 3. Gravidez na adolescência. 4. Maternidade na adolescência. 5. Vulnerabilidade social. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia. II. Sousa, Sônia Margarida Gomes de. III. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
NÍVEL MESTRADO

Julio Cesar Alves

DIMENSÕES SUBJETIVAS DE MÃES ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Goiânia, 31 de outubro de 2013.

Esta dissertação foi avaliada e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa (Presidente)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira (Membro Externo)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Profa. Dra. Denise Silva Araújo (Membro Interno)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

Profa. Dra. Lenise Santana Borges (Membro Suplente)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por ter me dado condições físicas, emocionais e financeiras para conseguir passar pela formação do mestrado, período este em que abri mão de diversas pessoas, convívios e até mesmo de minha família. Mas todos souberam compreender e aceitar tal fato, por ser um sonho a conquistar.

Investir em minha formação acadêmica foi, e é para mim, uma conquista satisfatória. Durante minha graduação me interessei pela docência, participando de projetos de monitoria e buscando aperfeiçoamento constantemente com compromisso e dedicação, procurando sempre fazer o melhor que podia e assim conquistando meu espaço profissional dia após dia.

A meus pais, minhas irmãs, tios, avós, sobrinhos e toda família e parentes, que sempre me apoiaram com palavras encorajadoras e ao mesmo tempo desafiantes. Neste período de quase três anos, também ganhei um presente, um sobrinho lindo, que nasceu em meio a meu processo de formação, tornando este momento inesquecível.

A Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa, por aceitar-me como seu orientando, por ter acreditado em mim, por ter confiado que eu faria um bom trabalho. Sua imensa paciência, dedicação, esforço e a excelência em oferecer a seus orientandos uma formação de qualidade, para proporcionar-me crescimento. Estar ao lado da Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa foi uma oportunidade única, por tratar-se de uma profissional competente naquilo que realiza, por ser uma pessoa muito centrada e capaz, que acredita e respeita quem está a seu lado. Ela conseguiu mostrar-me que sou capaz e que posso aprender o novo, o que ficou provado quando me apresentou à Psicologia Social Sócio-Histórica de Vigotsky, na qual me considero formado e aperfeiçoado. Tenho grande admiração pela sua competência em realizar tudo com perfeita ordem e nunca deixar nada por fazer. Orgulho-me de ter sido orientado por uma sublime e competente profissional e pessoa. As palavras não são suficientes para expressar minha gratidão. Foram quase três anos de convívio em que trocamos experiências e pude apreender muito profissional e humanamente. Sempre tive satisfação em dizer que fui orientado pela Profa. Sônia, e acredito que isto fará total

diferença para meu futuro e carreira profissional. Muito obrigado, Profa. Sônia por tudo que me proporcionou naquele período.

A Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini por ter aceitado compor a minha banca de qualificação. Ela participa de minha formação desde o curso de graduação. Sempre me orgulhei em ter tido oportunidade de conhecê-la, admirando-a por sua competência e coragem em investir em sua formação e superar todos os obstáculos para alcançar o topo de sua carreira acadêmica. Obrigado por estar presente em momentos especiais de minha vida! Desejo a você todo sucesso sempre.

A Profa. Dra. Denise Silva Araújo, que aceitou o convite para ler minha dissertação e se dispôs em participar dos processos de qualificação e defesa do curso de Mestrado. Admirou-me sua simplicidade e competência ao mesmo tempo. Quando fui procurá-la no Departamento de Educação da PUC Goiás, ela me recebeu super alegre, e com um sorriso no rosto agradeceu-me pelo convite. A partir disso saí dali admirado e feliz por poder contar com uma pessoa e profissional de competência em minha banca de qualificação. Obrigado de coração Profa. Denise.

À Profa. Dra. Lenise Santana Borges, por aceitar participar como membro suplente, da banca de defesa desta dissertação, e por ter me auxiliado a crescer como pessoa e como professor. Foi com ela que realizei meu primeiro Estágio de Docência, quando, emprestando-me credibilidade, introduziu-me ao Departamento de Psicologia confiando em meu trabalho. Desejo toda a felicidade possível de ser alcançada à Prof^a. Lenise, por seu jeito carinhoso de ser, e além de tudo por ser capaz de oferecer uma formação de qualidade àqueles que estão em seu convívio. Eu fui um desses agraciados por estar ao seu lado bem no início de tudo. Nas conversas encorajadoras que tivemos, ela sempre tinha uma palavra de apoio e incentivo para me oferecer. Muito obrigado por existir em minha vida.

À Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira, docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), por ter aceitado o convite para compor a banca de defesa desta dissertação, como Membro Externo, desde já muito obrigado, por suas contribuições.

À Profa. Dra. Ilma A. Goulart de Souza Britto, pessoa sublime, singular, amável e com todos bons atributos que um ser humano pode ter. Também realizei o segundo

Estágio de Docência com ela, tendo oportunidade de ministrar com ela aulas no curso de graduação. Trata-se de uma grande profissional, reconhecida pela sua competência. É também uma pessoa simples, humana, acolhedora e que marcou minha vida, pois me deu a oportunidade de publicar com ela meu primeiro artigo científico aceito por uma revista acadêmica. Sou e serei grato eternamente à sua pessoa. Obrigado por tudo e, sobretudo por sempre acreditar em mim. Deixo meu muito obrigado e desejo poder ainda compartilhar muito de seu conhecimento e experiência profissionais.

À Profa. Dra. Ionara Vieira Moura Rabelo que me deu oportunidade de trabalhar com pesquisas, durante o curso de graduação, por meio da disciplina Psicologia Social. Ela foi um incentivo a mais para que eu fizesse o mestrado nesta linha de pesquisa. Muito obrigado por ter me dado esta oportunidade. Considero-te uma pessoa muito especial em minha vida. Deixo meus agradecimentos também a todos os Professores da Universidade Paulista, que contribuíram para minha formação enquanto psicólogo.

À psicoterapeuta e mestre em Psicologia, Thais Ribari Fujioka, que me incentivou constantemente, em 2010, a participar do processo seletivo do mestrado, encorajando-me e mostrando que haviam outras possibilidades, que a vida poderia ser diferente e que bastava ser dado um passo à frente. Instruiu-me a entrar no site da instituição, ver quais documentos eram necessários, me auxiliando em diversos momentos para que eu pudesse adentrar no curso de mestrado. Por seu acolhimento, aceitação e carinho para com minha pessoa, serei grato sempre.

A meu líder espiritual, Reverendo Nilton Santos de Souza, que me auxiliou constantemente em minha formação. No período do mestrado, apesar de eu ser seu funcionário, sempre foi flexível comigo, sempre aceitava que eu conciliasse meus horários de formação e orientação com os horários do trabalho. Jamais me cobrou pelas ausências e até mesmo pelas falhas, mas sempre me encorajou com seu jeito humano, simples e único de ser. Agradeço sempre sua presença em minha vida. Foi ele quem me acompanhou na entrega dos documentos para inscrição do mestrado e esteve comigo durante todo processo seletivo, me dando apoio constante para que eu jamais desistisse.

Agradeço aos meus fraternos Dr. Jorge Nabuth, Adriana Vasconcelos, Jaciara Sperling e Eunice Bueno, por me auxiliarem durante o período do mestrado, por sempre

estarem presentes e dedicados a me ajudarem. Sem seu apoio, eu não teria conseguido prosseguir, e por isso, expresso minha gratidão e amor por suas vidas.

Às intercessoras fiéis Gersonita Matos, Marlene Oliveira, Iraci Gomes, Maria Barbosa e outros que sempre me ajudaram em momentos difíceis de superação. Sempre estiveram presentes, com palavras de renovação para minha vida.

Em especial a minha querida tia querida Cleuza Helena, que com seu carinho e disposição sempre esteve presente ao meu lado nos momentos necessários, levando-me a prosseguir, sempre me encorajando com suas palavras de incentivo. Obrigado à Tia Cleuza que para mim possui qualidades incomensuráveis.

À minha amiga Kênia Helen Gonçalves de Oliveira, que sempre me apoiou em todos os momentos, de modo muito especial! Até ler as entrevistas comigo ela se dispôs a fazer e sempre me ouvia em momentos difíceis nos quais pensava não conseguir superar, me incentivando a seguir em frente. Sempre achava uma forma de ajudar-me, mesmo passando dificuldades que a vida lhe impusera.

À minha amiga Marleide de Melo, sempre com seu jeito de falar muito, também me auxiliou ouvindo minhas queixas, minhas dificuldades e sempre se interessando pelo meu processo de formação, torcendo para que eu conseguisse finalizar com êxito tal processo. A ela deixo a seguinte frase: “Quem tem amigos, tem o maior tesouro do mundo”. Muito obrigado!

A todos do Cenáculo, por sempre estarem ao meu lado: Iraci Gomes, Nei Rufino, Miriam Nogueira, Magda Pedra, Wanderson Barbosa, Liliane di Paula, Eliane Dalle, Rita Reis Azevedo (grande amiga e pessoa especial), Cleiton Azevedo, Orlandir Santos, Vanderlan Moraes, Kelly Moraes e todas as pessoas que, de uma forma ou outra, me ajudaram.

À mestre em psicologia Maristela Miranda de Carvalho Castro que sempre esteve presente (como companheira na vida acadêmica e pessoal). Apresentamos trabalhos em eventos, congressos e palestras, sempre encorajamos um ao outro e nos arriscamos diante do novo, desafiando-nos a nós mesmos para um crescimento pessoal e profissional.

Ao mestre em Psicologia, Vinícius Novais, que sempre me auxiliou com seus textos e tirando dúvidas no início do processo de formação, com dedicação, paciência e

disposição. À Keila Maria Moura da Silva Ribeiro por se dispor em sempre estar comigo nos momentos especiais, também demais colegas da turma de Mestrado de 2011.

Ao Prof. Dr. Cristiano Coelho, Coordenador do Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Psicologia, da PUC Goiás, pela excelência em conduzir a administração desse órgão com sua competência profissional e pela disposição em sempre oferecer os melhores recursos para alunos do programa.

À Profa. Àgda, do Departamento de Psicologia, agradeço por sempre oferecer sua ajuda para tirar minhas dúvidas acerca da carreira acadêmica.

À Profa. Dra. Adriana Bernardes que, com sua atenção sempre me recebeu em sua sala de Diretoria do Departamento de Psicologia da PUC Goiás, dando-me todo apoio necessário e preciso para o início de uma carreira acadêmica.

Ao Prof. Dr. Flávio da Silva Borges que me entrevistou para seleção de Professores do Departamento de Psicologia e me encorajou a continuar buscando este aperfeiçoamento e lutar por esta conquista de ser professor, meu muito obrigado!

Às funcionárias da Prograd (Pró-Reitoria de Graduação da PUC Goiás), em especial à Isabel, Janaína e Marlice, que sempre me receberam com atenção, carinho e disposição.

À Helena Roque, por seu carinho e atenção dada a mim no início do curso de mestrado, como Secretária do Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Psicologia da PUC Goiás. Ela tornou-se uma amiga muito especial.

À Martha Diniz, secretária do Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Psicologia, da PUC Goiás, por sua competência em atender-me quando necessário e procurando melhores soluções para todas as solicitações.

Por fim, agradeço a todos, às pessoas citadas e àqueles que, porventura, eu não tenha me lembrado, mas sabem que contribuíram para minha formação como mestre em Psicologia.

RESUMO

DIMENSÕES SUBJETIVAS DE MÃES ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Esta dissertação de mestrado “*Dimensões subjetivas de mães adolescentes em contexto de vulnerabilidade social*”, constitui um recorte da pesquisa, Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica (SANTOS *et al.* 2007), que pesquisou adolescentes residentes na Região Leste da Cidade de Goiânia-GO. Vinculada à linha de pesquisa: Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), esta dissertação teve como objeto de estudo investigar as dimensões subjetivas de mães adolescentes em contexto de vulnerabilidade social. O objetivo geral constituiu-se em apreender os sentidos e significados de gravidez e maternidade para adolescentes que vivem em condições de vulnerabilidade social na Região Leste de Goiânia. Como objetivos específicos, o estudo buscou conhecer a história de vida das adolescentes; compreender a trajetória das adolescentes em contextos de vulnerabilidade e violência; identificar as relações familiares, escolares e de trabalho e, por fim, apreender os sentidos e significados da gravidez e maternidade construídos pelas adolescentes e buscou-se ainda, apreender as dimensões psicossociais presentes nas falas das adolescentes pesquisadas com uso da abordagem Sócio-Histórica de Vigotsky e do método do materialismo histórico-dialético. As informações foram obtidas por meio de 99 questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas com 47 adolescentes. Nesta pesquisa, foram selecionadas, do grupo de 47, 16 adolescentes que cumpriam os seguintes critérios: estarem na faixa etária de 14 a 18 anos e apresentarem relato de vulnerabilidade social (violências físicas, psicológicas e/ou sexual). As entrevistas foram sistematizadas em quadros temáticos que organizaram os núcleos de sentidos e significados. Essa sistematização possibilitou visualizar os sentidos e significados atribuídos aos temas propostos no roteiro de entrevista. Os resultados da pesquisa possibilitam compreender diversas manifestações da violência intrafamiliar (física, sexual e psicológica) e interfamiliar (notadamente os embates com a mãe/família do pai da criança e as intrigas de parentes e vizinhos). A violência física atinge a todos os membros da família e, em especial os mais “frágeis”: mulheres, adolescentes e crianças. Este ciclo é repetido incessantemente: o pai bate na mãe, que bate nos filhos, filhos mais velhos batem nos mais novos. Na maioria das vezes, essas violências decorrem do uso de álcool e drogas ilícitas. A violência sexual é negada e silenciada no âmbito familiar. Quando são relatadas pelas adolescentes, traduzem medos, desconfianças e, sobretudo uma atitude de cuidado com as filhas para que elas não sofram os abusos que sofreram. Algumas adolescentes associam a vida sexual precoce (e conseqüentemente a gravidez/maternidade) com o abuso sexual sofrido. A violência psicológica entrelaça as outras duas modalidades e se expressa por meio dos sentimentos de medo, angústia e solidão, marcadas pelas disputas intra e

extrafamiliares. Todas as violências vividas (fisicamente e/ou simbolicamente) falam do lugar social vulnerável que elas ocupam na organização social. A vivência da gravidez aparece marcada por sentimentos positivos e/ou negativos. É positiva quando possibilita que as adolescentes saiam da rua, se dediquem ao cuidado do filho, recebam o apoio do companheiro e possibilitem a constituição de um novo grupo familiar. O contexto negativo materializa-se no próprio corpo das adolescentes por meio de dores, angústias, ansiedades, doenças e também pelo medo de julgamento da família. A gravidez pode provocar a ruptura do relacionamento com o pai do filho e dificultar o estabelecimento de novos vínculos afetivos e sexuais. No plano concreto, a adolescente em muitos casos, precisou sair da escola, adquirir novas responsabilidades e arrumar trabalho para manter-se e ao seu filho. A luz dos resultados encontrados, este estudo reafirma a importância da prevenção e chama a atenção das instituições sociais responsáveis pelo acompanhamento das adolescentes (família, escola, governos) para estabelecimento de diálogo com as adolescentes mediado por informações sobre sexo, sexualidade e contracepção. Após a gravidez, cabe a todos os adultos envolvidos a tarefa de apoiar e acompanhar as adolescentes e os seus filhos.

Palavras-chave: psicologia sócio-histórica, adolescência, gravidez na adolescência, maternidade na adolescência, vulnerabilidade social.

ABSTRACT

SUBJECTIVE DIMENSIONS OF TEENAGE MOTHERS IN SOCIALLY VULNERABLE CONTEXT

This master thesis "subjective Dimensions of teenage mothers in socially vulnerable context", is a cutout of research, evaluation and monitoring of health care services to pregnant teens who have suffered domestic violence (SANTOS et al. 2007), that surveyed teenagers residing in the region East of the city of Goiania-GO. Linked to the line of research: Social Psychology of work and organizations, graduate program in the strict sense of the Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), this dissertation has as object of study investigating the subjective dimensions of teenage mothers in socially vulnerable context. The overall objective was to seize the senses and meanings of pregnancy and motherhood for teenagers who live in conditions of social vulnerability in the region East of Goiânia. As specific objectives, the study sought to know the story of life of adolescents; understand the trajectory of adolescents in contexts of vulnerability and violence; identify family relationships, work and school and, finally, to capture the senses and meanings of pregnancy and motherhood built by teens and still sought to seize the psychosocial dimensions present in the lines of the teenagers surveyed with use of Socio-historical approach of Vigotsky and the method of historical materialism-dialectic. The information was obtained through questionnaires and semi-structured interviews carried out 99 with 47 teenagers. In this survey, were selected from the Group of 47, 16 adolescents who met the following criteria: they are between the ages of 14 to 18 years and submit report of social vulnerability (physical violence, psychological and/or sexual). The interviews were systematised in thematic frames who organized the nuclei of senses and meanings. This systematization allowed showing the senses and meanings assigned to the themes proposed in the interview script. The search results make it possible to understand various manifestations of domestic violence (physical, sexual and psychological) and interfamilial (notably the clashes with the mother/father of the child's family and the intrigues of relatives and neighbors). Physical violence reaches to all members of the family and especially the more "fragile": women, adolescents and children. This cycle is repeated endlessly: the father beats the mother, which hits children, older children beat the younger. Most of the time, these acts of violence arising from the use of alcohol and illicit drugs. Sexual violence is denied and silenced in the family. When are reported by adolescents, reflect fears, mistrust and, above all an attitude of caution with their daughters so that they do not suffer the abuses they suffered. Some teenagers are sexual life early (and consequently the pregnancy/maternity benefits) with sexual abuse suffered. Psychological violence interweaves the other two modes and is expressed through the feelings of fear, anguish and loneliness, marked by disputes intra and extrafamiliares. All

the violence experienced (physically and/or symbolically) speak of the social vulnerable place that they occupy in social organization. The experience of pregnancy appears marked by positive and/or negative feelings. It is positive when allows the teenagers left the street, focus on the care of the child, receive the support of the partner and allow the formation of a new family group. The negative context materializes on his own body for the teens through the pain, anguish, anxiety, diseases and also by fear of judgment of the family. Pregnancy can cause rupture of the relationship with the father and the son and hinder the establishment of new affective and sexual relations. The concrete plan, the teenager in many cases, had to drop out of school, acquire new responsibilities and get work to keep yourself and your child. In the light of the findings, this study reaffirms the importance of prevention and draws attention of social institutions responsible for monitoring of teenagers (family, school, Governments) to establish dialogue with the teenagers mediated by information about sex, sexuality and contraception. After pregnancy, it behooves all adults involved the task of supporting and accompanying adolescents and their children.

Key words: socio-historical psychology, adolescence, teenage pregnancy, motherhood in adolescence, social vulnerability.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.
ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
CECOM – Centro de Educação Comunitária de Meninas e Meninos
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CEPAJ – Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil
CNS – Conselho Nacional de Saúde
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.
EPIDATA - Programa para tabular dados e elaborar tabelas/gráficos
IDF – Instituto Dom Fernando
NIAF – Núcleo de Pesquisa da Infância, Adolescência e Família.
PIMEP – Programa Interdisciplinar da mulher: estudos e pesquisas
Prograd – Pró-Reitoria de Graduação da PUC Goiás
Proex – Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil
PUC-Goiás – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
UBS – Unidade Básica de Saúde
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE, GRAVIDEZ, MATERNIDADE E CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA	37
1.1 Adolescência na perspectiva da psicologia sócio-histórica.....	37
1.2 Adolescência e sexualidade.....	40
1.3 <i>Gravidez e maternidade na adolescência</i>	43
1.4 <i>Adolescência e instituições socializadoras: família, escola e trabalho</i>	51
1.5 <i>Adolescência e situação de vulnerabilidade social: diferenciando as formas de violência que podem ocorrer no cotidiano familiar</i>	57
CAPÍTULO II PERFIL DAS ADOLESCENTES PESQUISADAS QUE SE ENCONTRAVAM EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.....	61
2.1 <i>Caracterização da Região Leste de Goiânia</i>	62
2.2 <i>Breve história de vida</i>	67
CAPÍTULO III – AS FALAS DAS ADOLESCENTES ENTREVISTADAS SOBRE FAMÍLIA, ESCOLA e TRABALHO.....	92
3.1 Família: entre o abandono e o apoio.....	92
3.2 <i>A escola e seu significado para a vida das adolescentes entrevistadas</i>	104
3.3 <i>Trabalho: significados atribuídos pelas adolescentes</i>	110
CAPÍTULO IV AS FALAS DAS ADOLESCENTES ENTREVISTADAS SOBRE CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL E GRAVIDEZ/MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	116
4.1 Situações de violência vivenciadas pelas adolescentes entrevistadas e os significados por ela atribuídos.....	116
4.2 Gravidez e maternidade na perspectiva das adolescentes entrevistadas....	137
4.3 A reação familiar à gravidez da adolescente.....	149

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
6	REFERÊNCIAS.....	161
7	ANEXOS.....	171
8	APÊNDICES.....	200

INTRODUÇÃO

Esta dissertação constitui um recorte da pesquisa intitulada “*Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica*” (SANTOS *et al.*, 2007)¹, nomeada neste trabalho como pesquisa matriz.

Tal estudo revela-se como uma proposta de avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde, oferecidos às adolescentes grávidas ou mães, residentes na Região Leste de Goiânia-GO (em especial na Vila Pedrosa), que sofreram violência intrafamiliar. O projeto foi elaborado e executado por professores e pesquisadores vinculados ao Centro de Educação Comunitária de Meninos e Meninas (CECOM)² e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) por meio do Programa Interdisciplinar da Mulher (PIMEP/Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil – Proex).

Foi a partir do meu vínculo com a pesquisa e com as atividades desenvolvidas com a mesma (participação em grupos de estudo e acompanhamento da análise dos

¹ Essa pesquisa foi financiada pela Petrobrás. O projeto foi apresentado em 2007, entretanto a liberação dos recursos só ocorreu em 2009, motivo pelo qual a pesquisa foi realizada no período de julho de 2009 a dezembro de 2012.

² A pesquisa matriz aqui citada é parte de estudos realizados no Centro de Educação Comunitária de Meninas e Meninos da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CECOM – PUC Goiás). Foi fundado em 22 de maio de 1984 em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil da PUC Goiás. As atividades iniciaram-se nas comunidades Nossa Senhora da Esperança e Bom Jesus, no Jardim Nova Esperança, Goiânia-GO. É também um espaço de convivência comunitária de crianças, adolescentes, famílias e desempregados, sendo referência de apoio, dentre outros, aos bairros das regiões Mendanha e Noroeste de Goiânia e dos municípios circunvizinhos.

Trata-se de um Centro dedicado à promoção da cidadania de crianças, adolescentes, jovens, família e comunidade em geral. Compreende a questão da infância em suas diferentes manifestações e desenvolve suas atividades, por meio de diversos programas de atendimento e formação permanente dos educadores, com o propósito de subsidiar intervenções e de colaborar com proposição de políticas públicas voltadas para a infância, adolescência e famílias (SANTOS *et al.*, 2007).

dados) optei em realizar esta pesquisa a partir de um recorte da pesquisa matriz (aprofundando a análise de parte das entrevistas realizadas).³ O recorte partiu do fato que as adolescentes com 12 e 18 anos de idade até a data da entrevista, terem relatado vivência de situações de violência intrafamiliar produzidas pelas condições de vulnerabilidade social em que vivem e/ou viveram, mas que tais aspectos não foram trabalhados na pesquisa matriz, que teve sua investigação voltada para o campo da saúde e enfermagem. Apesar da investigação ter como referencial teórico metodológico a Psicologia sócio-histórica, não foram analisados aspectos subjetivos contidos nas falas das adolescentes, produtores de sentido e significado para a vida dessas adolescentes, o que foi realizado por esta pesquisa de mestrado.

O objetivo geral da dissertação intitulada *Dimensões subjetivas de mães adolescentes em contexto de vulnerabilidade social* foi apreender os sentidos e significados da gravidez e maternidade para adolescentes que vivem em condições de vulnerabilidade na Região Leste de Goiânia.

Como objetivos específicos, o estudo buscou conhecer a história de vida das adolescentes, compreender a trajetória das adolescentes com contextos de vulnerabilidade e violência, identificar as relações familiares, escolares e de trabalho e, por fim, apreender os sentidos e significados da gravidez e maternidade construídos pelas adolescentes.

Destaca-se, ainda, a importância de estudar a vulnerabilidade social expressa nas situações de violência em uma perspectiva sócio-histórica, porque possibilita, por meio da análise das falas das entrevistadas, compreender os sentidos e significados atribuídos por elas à gravidez e à maternidade em um determinado contexto.

A gravidez/maternidade na adolescência tem merecido atenção da mídia, da sociedade civil, de órgãos governamentais e da academia.

Os dados nacionais indicam que, comparando o número de nascidos vivos no período de 2000 a 2011 de mães na faixa etária de 10 a 14 anos ainda persiste um

³ É válido ressaltar que o pesquisador não voltou a entrevistar as adolescentes, mas utilizou, em sua análise entrevistas já transcritas pela equipe de pesquisadores da pesquisa matriz cotejadas com os áudios de cada entrevista.

pequeno crescimento: em 2000, 0,91% de casos (28.973) e, em 2011, 0,95% (27.785) de nascidos vivos. Em relação às mães de 15 a 19 anos, houve uma considerável diminuição (menos 4,33%): em 2000, eram 22,63% (721.564 nascidos vivos) e em 2011, 18,30% (533.103 nascidos vivos) (BRASIL, 2013).

A mesma fonte fornece os números de Goiânia: a) na faixa etária de 10 a 14 anos, em 2000, 0,57% (115 nascidos vivos) e em 2011, 0,56% (116 casos), e b) na faixa etária de 15 a 19 anos, a redução foi bastante significativa (7,93%), em 2000, 20,7% (4.169 nascidos vivos) e em 2011, 12,77% (2.639 nascidos vivos).

Desta forma, é possível afirmar que tem havido uma redução significativa da gravidez em adolescentes de 15 a 19 anos, entretanto, em relação à faixa etária de 10 a 14 anos os indicadores apontam a necessidade de repensar as políticas públicas relativas a esse grupo etário. Em especial deve ser dada atenção à prevenção de gravidez e de DST/AIDS, ao conhecimento do corpo, à discussão sobre sexualidade na família e na escola, à utilização de métodos contraceptivos etc.

Em Goiânia, segundo os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação da Secretaria Estadual de Saúde (SINAN Net/SES)⁴, o fenômeno de gravidez na adolescência nos últimos três anos apresenta o seguinte quadro: em 2010 foram registrados 2.884 casos; em 2011, 2.856 e, em 2012, 3.153, ou seja, de 2011 para 2012 houve um crescimento de 9,3% dos registros de mães adolescentes⁵. Também os dados de nascidos vivos são crescentes: em 2010, foram 2.632 bebês, em 2011, 2.627 e, em 2012, 2.721 bebês. Os riscos de gravidez de mulheres jovens podem

⁴ Esses dados são apresentados de forma ilustrativa, visto que os dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) de 2012 ainda não estão disponíveis para consulta pública e a metodologia utilizada pelo Jornal O Popular para expor os dados pode não ser os mesmos utilizados nas análises do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). De qualquer forma há um contrassenso: os dados do Ministério de Saúde na série histórica de 2000 a 2011 (tanto em âmbito nacional quanto local) tem apontado como dito anteriormente para uma pequena diminuição na faixa etária de 10 a 14 anos e uma redução mais expressiva na faixa etária de 14 a 19 anos. Já os dados apresentados pelo jornal O Popular indicam um crescimento.

⁵ Estes dados são oriundos do Sistema de Acompanhamento do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (SISPRENATAL) e que dependem de uma alimentação 'voluntária' do Sistema de Saúde, ou seja, talvez não tenha o mesmo grau de confiança do Sistema de Informação sobre nascidos vivos (SINASC) que é emitido de forma obrigatória e é requisito indispensável para o registro da criança no cartório.

provocar, em muitos casos, a perda do bebê ou até mesmo a morte materna (RODRIGUES, 2013.)

Considerando os nascidos vivos filhos de adolescentes, no ano de 2012, em Goiânia, por região, há os seguintes registros: Noroeste, 656, Sudoeste, 396, Leste, 374, Oeste, 365, Campinas/Centro, 349, Norte, 322, Sul, 240 e sem especificação, 19 casos. (RODRIGUES, 2013.)

Vale destacar que a região com o maior número de casos (Noroeste) é justamente a que apresenta os piores indicadores sociais da cidade e a de menor número (região Sul) é a que possui as melhores condições socioeconômicas da capital. Desta forma, é possível relacionar condições de vulnerabilidade social (pobreza) e gravidez de adolescentes.

A avaliação dos profissionais da área de saúde que lidam com essas adolescentes é bastante clara: a iniciação sexual tem ocorrido cada vez mais cedo e elas tem sido incapazes de se cuidarem e prevenirem a gravidez, assim como também as DST/AIDS⁶.

Esses dados possibilitam afirmar a condição de vulnerabilidade social de parcelas expressivas dessas adolescentes e mais ainda, aponta desafios para o país (expressos por meio de políticas públicas) para que os sujeitos nascidos de mães adolescentes não continuem a perpetuar o ciclo de pobreza (humana e material). Desta forma,

discutir vulnerabilidade necessariamente nos faz pensar nas ausências materiais e simbólicas que a provocam e mais ainda: significa tentar apreender e desvelar a lógica que faz da vulnerabilidade uma “condição humana” para parcelas significativas da população mundial.

Nesse sentido a discussão sobre os direitos humanos de crianças, adolescentes e jovens é fundamental para o entendimento destas vulnerabilidades (SOUSA; RIZZINI, 2010, p.7).

⁶ Em relação à incidência de AIDS em Goiás na faixa etária de 15 a 19 anos apresenta-se o seguinte cenário: em 2011 foram identificados 9 casos. Sendo 4 do sexo masculino e 5 do sexo feminino) e em 2012 foram registrados 12 caso, Desses doze, seis do sexo masculino e seis feminino) (RODRIGUES, 2013).

As autoras discutem a situação de vulnerabilidade social de crianças e adolescentes e a importância do estabelecimento de parâmetros claros de direitos humanos que possam assegurar a vida com dignidade:

o princípio da universalidade dos direitos vem sendo claramente aplicado a essa população, mesmo que tardia ou cautelosamente em muitos países. (...) Se todos têm os mesmos direitos, todos deveriam ter as mesmas oportunidades. Porém, sabemos que não é isso que ocorre. Há aqui nitidamente uma contradição.

Vejam como essa contradição pode ser ilustrada com dados que nos tocam de perto. Nosso país. Começamos destacando uma de suas maiores riquezas. É um país jovem, com cerca de 83 milhões de crianças e jovens, representando 44,4% da população. No entanto, o Brasil é considerado um dos cinco países mais desiguais do mundo. O quadro das desigualdades transparece quando consideramos que mais da metade dessas crianças, adolescentes e jovens estava abaixo da linha da pobreza no ano de 2006. Mas grave ainda quando destacamos que 51% deles tinham menos de 3 anos de idade.

Se focalizarmos crianças e adolescentes com até 15 anos de idade, veremos que o quadro de pobreza é grave. Constatou-se que, no ano de 2007, 30,4% dos domicílios com pelo menos uma pessoa com menos de 15 anos de idade no conjunto do Brasil urbano estavam abaixo da linha da pobreza (SOUSA; RIZZINI, 2010, p.8 - 9).

Com essa compreensão de vulnerabilidade social o Núcleo de Pesquisa da Infância, Adolescência e Família (NIAF/PUC Goiás) tem desenvolvido nos últimos 14 anos (1999 a 2013) estudos, pesquisas e investigações sobre a temática da infância, adolescência, juventude e família. Esse grupo, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) possui a denominação de Grupo de Pesquisa da Infância, Família e Sociedade e na Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) se apresenta como Rede Goiana de Pesquisa para Investigação das Situações de Violência contra Crianças e Adolescentes. Também mantém estreito vínculo com o grupo *A Psicologia Sócio-Histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Para além das pesquisas do grupo, a Profa. Dra. Sônia M. Gomes Sousa tem orientado pesquisas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia que privilegiam as temáticas da infância, adolescência, juventude e família nas interfaces com a vulnerabilidade social. Todas essas investigações posicionam-se

criticamente em relação aos fenômenos psicossociais contemporâneos que impactam a vida desses sujeitos sociais.

Caracterização da Região Leste de Goiânia

A concretude da discussão acerca da vulnerabilidade social pode ser compreendida por meio dos indicadores que caracterizam a região pesquisada. A Região Leste da cidade é caracterizada no Mapa da Exclusão/Inclusão Social de Goiânia (GOIÂNIA, SEMAS, 2004),⁷ por índices que informam a precariedade das condições de vida da população. A região, em 2004 era composta por 42 bairros, com uma população total de 107.164 habitantes. Tem como representatividade um dos maiores bairros que compõem a Região Leste – a Vila Pedroso – naquele ano e 10,38% dos chefes de família não tinham rendimentos, e apenas 0,28% possuem renda superior a vinte salários mínimos.

A média salarial das famílias da Vila Pedroso era de dois a três salários mínimos. Em relação aos Indicadores de Desenvolvimento Humano (IDH), o bairro apresentava um dos piores desempenhos relativos à escolaridade. Cerca de 40% do total de crianças não alfabetizadas no município de Goiânia residiam no bairro; 15% dos chefes de família não eram alfabetizados ou tem menos de um ano de estudo; e apenas 3,6% dos chefes de família possuíam 12 ou mais anos de estudos.⁸

No bairro em questão, cerca de 20% dos chefes de família eram mulheres não alfabetizadas e, em mais de 10% dos casos, não havia renda registrada. Desta forma, pode-se perceber, tendo como referência a Vila Pedroso, que havia um significativo

⁷Até a presente data, não há outro mapa ou estudo que faça referência aos bairros desta região.

⁸ Esta publicação descreve os dados apresentados no ano de 2004, visto que nenhuma outra pesquisa realizada até o momento possibilitou a atualização dos dados. Nesta dissertação utiliza-se estas informações com o único objetivo de ilustrar o contexto de tal pesquisa, visto que transcorreram quase dez anos.

quadro de exclusão social da população da Região Leste de Goiânia (GOIÂNIA, SEMAS, 2004).

Pesquisa matriz

As estratégias metodológicas escolhidas para o desenvolvimento deste estudo cumpriram as exigências propostas pela Resolução nº196/96 das Diretrizes e Normas de Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1997).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa sob o registro CAAE 0183.0.168.000-11 (Anexo A) e contou ainda com a aprovação do Conselho Tutelar e da Direção do Distrito Sanitário de Saúde da Região Leste da cidade de Goiânia. A pesquisa matriz pode ser definida como um inquérito de base populacional epidemiológico descritivo, que teve a intenção de analisar um evento da população em termos quantitativos, mas que também entrevistou 99 adolescentes. Portanto, este estudo pode ser caracterizado como quantitativo e qualitativo.

A população de estudo constituiu-se de todas as adolescentes grávidas e/ou mães, (na faixa etária de 10 a 19 anos)⁹ usuárias dos serviços de saúde do Distrito Sanitário da Região Leste de Goiânia, inscritas no SIS-PRENATAL no período de 1º de julho de 2009 a 1º de julho de 2010, totalizando 223 sujeitos identificados (fase 1).

Com base nos 223 cadastros foram realizadas buscas domiciliares¹⁰, sendo localizadas 99 adolescentes. O motivo principal para a não localização dos sujeitos está relacionado à mudança de endereço ou ao não preenchimento completo e correto dos dados do cadastro.

As 99 adolescentes contactadas responderam a um questionário (Anexo B) com perguntas fechadas e abertas, destinado a construir o perfil sociodemográfico, gineco-obstétrico e sexual das adolescentes (todos os pesquisadores seguiram o roteiro/manual de Campo (Anexo C) elaborado pela equipe de pesquisadores. Este questionário também buscava identificar as adolescentes-vítimas de violência

⁹ Na pesquisa, foi adotado o conceito cronológico de adolescência proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

¹⁰ Essas visitas foram realizadas com acompanhamento dos agentes comunitários de saúde das Unidades de Saúde do Distrito Sanitário da Região Leste de Goiânia.

intrafamiliar. As adolescentes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO D) e assinaram Termo de Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito (ANEXO E), os termos das adolescentes menores de 18 anos foram assinados pelos pais e/ou responsáveis..

Após a finalização da segunda fase do estudo foi possível identificar , (por meio das respostas dos questionários) 47 adolescentes que relataram algum episódio em sua história de vida de violência intrafamiliar. Foram entrevistadas (fase 3) em sua residência. O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice (A).

A análise dos dados dos questionários pré-codificados foi realizada por meio de um programa de informática em epidemiologia denominado Epidata versão 3.1 (Epi Data Association, 2008). Os dados foram sistematizados e descritos por meio de gráficos e tabelas em um relatório de pesquisa (MONTEIRO, 2011).

A pesquisa que resultou nesta Dissertação de mestrado partiu do processo metodológico da pesquisa matriz, mas fez o recorte baseado em duas condições básicas: a) as adolescentes deveriam (na data da entrevista) estar situadas na faixa etária de 12 a 18 anos completos¹¹ e b) terem apresentado em seus relatos vivência de situações de violência intrafamiliar produzidas pelas condições de vulnerabilidade social em que vivem (quarta fase da pesquisa). Nessa fase, foram analisadas as falas de 16 adolescentes/mães entrevistadas.

A particularidade da pesquisa que deu origem a esta Dissertação de Mestrado não está apenas nos critérios estabelecidos para se chegar as entrevistas das 16 adolescentes, mas também no referencial teórico/metodológico utilizado na análise.

Na sequência, serão apresentados estes referenciais, assim como o percurso metodológico empreendido para a realização da pesquisa empírica.

¹¹ O critério de seleção da faixa etária está condicionada a definição de adolescência dada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu Art. 2º Considera-se [...], e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990/2002)

O método empregado

Esta é uma pesquisa qualitativa, e o referencial teórico-metodológico escolhido para sua condução é a psicologia sócio-histórica de Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934), cuja teoria tem como base filosófica o materialismo histórico-dialético, e sua definição de homem é a de um ser que se relaciona com o mundo não de forma mecânica, mas com uma visão voltada para as relações que esse sujeito estabelece consigo e com o mundo, e como significa suas experiências e lhes dá sentido (VYGOTSKY, 2009). Sua contraposição à teoria mecanicista deve-se à sua concepção da necessidade de apreender os sentidos e significados presentes na fala dos sujeitos sem separá-los dos processos, estudando-os de forma integrada.

Para Vygotsky (2008), a palavra está diretamente associada ao significado que ela produz e não pode ser estudada isoladamente, mesmo que não haja uma relação direta entre significado e palavra; pois a palavra é dotada de sentido e significados, e está relacionada ao contexto no qual é produzida. Significar, para o autor, é dar condução a um processo múltiplo e mutável, por sua construção sócio-histórica, em que a palavra adquire sentido se produz alterações na realidade, já que os significados das palavras se modificam ao longo do processo histórico.

Vygotsky (2008) afirma que o significado de uma palavra “representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento” (p. 150).

Segundo a psicologia sócio-histórica, a linguagem é mediadora de relações entre o sujeito e o mundo social, tais relações são construídas e compartilhadas quando adquirem significado social. Para Vygotsky (2009) a palavra adquire significado quando os sujeitos compartilham uma mesma realidade social, ou seja, o significado tem função contextualizada e seu estudo possibilita compreender a realidade porque está inserido na lacuna entre pensamento e palavra.

Ao tratar do significado das palavras, Vygotsky (2008) enfatiza que “é um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele” (p.151).

O significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. O autor afirma que os significados das palavras evoluem e se modificam conforme o desenvolvimento do sujeito e, também, de acordo com as formas pelas quais o pensamento funciona. Conforme o autor,

se os significados das palavras se alteram, a relação entre o pensamento e a palavra também muda. Por sua vez, esta relação entre pensamento e palavra é um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice versa. [...] O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas (VYGOTSKY, 2008, p.108).

Quando trata do significado, o autor busca sistematizar reflexões acerca da formação de conceitos e linguagem como mediadora do homem, ou seja, é por meio da linguagem que o sujeito se relaciona com outro e dá sentido a suas experiências em seu próprio contexto (VYGOTSKY, 2004; 2007; 2008). Para ele, o estudo do significado possibilita o desvelamento da compreensão da realidade, porque se situa na transição do pensamento para a palavra. É, ao mesmo tempo, um fenômeno do pensamento, como conceito e generalização; uma palavra com significado; e um fenômeno da fala, porque é, por meio das palavras, que o pensamento passa a existir (SOUSA, 2001; VYGOTSKY, 2008).

Ozella e Aguiar (2006), ao discutirem os conceitos de significado e sentido, esclarecem que eles devem ser compreendidos como objetos únicos que contradizem o simbólico e o emocional. O sentido é dotado de características pessoais que marcam a personalidade do sujeito, mas que, muitas vezes, não podem ser observadas. Portanto, “pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido” (OZELLA; AGUIAR, 2006, p. 4). Os autores ainda complementam que o sentido tem maior extensão que o significado, pois estabelece relação entre eventos psicológicos proporcionados pelo sujeito e um determinado fato: o “sentido coloca-se em um plano que se aproxima mais da subjetividade que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos processos cognitivos, afetivos e biológicos” (idem, p. 4). Como coloca Carvalho, (2011),

há que se buscar o sentido pessoal dado à palavra, isto é, ao sentido do discurso singular ou à fala do sujeito significada. Para chegar às determinações constitutivas e explicar a produção do sentido, deve-se considerar, dialeticamente, a base material e sócio-histórica presente no processo de transformação do social em psicológico e, portanto, na constituição do sentido atribuído pelo sujeito (p. 31).

Portanto, o estudo da categoria sentido torna-se complexo pela dificuldade de apreendê-la, havendo necessidade de ampliar o entendimento acerca de suas propriedades, da representação do novo, que, mesmo sem intencionalidade, é expressão de um sujeito único, histórico, social e dotado de marcas pessoais (OZELLA; AGUIAR, 2006).

Este estudo foi norteado pela teoria sócio-histórica de Vygotsky (2004) que compreende o significado como algo transformador com bases nas relações do sujeito com o mundo. O autor considera o homem como produto e produtor simultâneo de sua história, atribuindo à palavra sentido e significado. Para ele,

o significado da palavra é essa unidade que reflete de forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado é um som vazio (VYGOTSKY, 2009, p. 398).

É importante reafirmar que a psicologia sócio-histórica tem como noção básica a historicidade dos fenômenos sociais e humanos e aborda a subjetividade como um conjunto de experiências do sujeito que vão se constituindo por meio de suas ações no contexto social. Nesta perspectiva, compreende-se que entender as relações sociais é fundamental para compreensão do ser humano e da sociedade, pois o homem se constrói de forma histórica no contexto social. É na sociedade também que a consciência se apresenta em relação com a atividade, representando a realidade conhecida, experienciada, vivida e modificada pela atividade, incluindo emoções, significados e sentidos, tanto de forma objetiva como subjetiva (OZELLA, 2003).

Em coerência com a ideia de adolescência como categoria social, pode-se afirmar que a condução deste estudo com base na teoria sócio-histórica é essencial. Esse paradigma teórico da psicologia tem uma concepção semiótica de sujeito e a trata

como sujeito consciente, pois a consciência é vista como uma das funções superiores da mente (VYGOTSKI, 2008).

Procedimentos metodológicos

É importante reafirmar a filiação deste estudo *Dimensões subjetivas de mães adolescentes em contexto de vulnerabilidade social* a pesquisa matriz citada anteriormente (SANTOS *et. al.*, 2007). Todo o material empírico coletado pela equipe de investigadores da pesquisa matriz foi objeto de análise pelo grupo de pesquisa, que publicará um livro apresentando seus achados, sendo que coube a mim a responsabilidade de analisar as entrevistas das 16 adolescentes selecionadas.

O escopo da pesquisa matriz já indicaria o objetivo de analisar a situação de gravidez na adolescência e as condições de vulnerabilidade social, visto que elegeu uma das regiões de Goiânia caracterizada como de classes populares.

Neste estudo, as dezesseis adolescentes entrevistadas foram consideradas sujeitos capazes de produzir discursos que revelem as dimensões subjetivas de sua experiência com a gravidez e com a maternidade.

Este estudo buscou integrar dois momentos essenciais que se complementam no processo de pesquisa: embasamento teórico com base na pesquisa bibliográfica da literatura nacional sobre o tema proposto e na pesquisa empírica realizada por meio da leitura e descrição dos questionários, e das entrevistas semiestruturadas realizadas na pesquisa matriz (SANTOS *et al.*, 2007).

Ressalte-se que a confiabilidade e a legitimidade de uma pesquisa empírica realizada na perspectiva qualitativa, dependem, fundamentalmente, da capacidade de o pesquisador articular teoria e conhecimento empírico em torno de um objeto, questão ou problema de pesquisa. Isso demanda esforço, leitura e experiência. Além disso, implica incorporar referências teórico-metodológicas de tal maneira que se tornem lentes que dirigem o olhar, ferramentas invisíveis para captar sinais, recolher indícios, descrever práticas, atribuir sentido a gestos e palavras, entrelaçando fontes teóricas e materiais empíricos (REY, 2000).

Pretende-se analisar neste trabalho os fenômenos psicológicos a partir de entrevistas realizadas com adolescentes que vivenciaram a gravidez e a maternidade na adolescência e os processos de violência/vulnerabilidade que permearam a trajetória de vida de cada uma.

Procurou-se compreender aspectos subjetivos contidos nas falas das adolescentes entrevistadas e como essa subjetividade constitui-se por meio das relações mantidas, na troca social, como sujeito ativo. Parte-se do pressuposto de que o sujeito devolve a sociedade aquilo que é dele por meio da linguagem, colocando a categoria sentido como a marca da personalidade (VYGOTSKY, 2008).

Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é necessária por fornecer uma amplitude acerca da investigação do tema a ser trabalhado. É base essencial para qualquer estudo por possibilitar um aprimoramento da escrita de forma crítica. Este tipo de pesquisa compreende a busca da literatura existente em várias fontes, como livros, periódicos especializados, Internet (busca de publicações científicas sobre o objeto que se pretende pesquisar) com o objetivo de constituir um *corpus* teórico.

Minayo (2010) afirma a importância da pesquisa bibliográfica argumentando que a qualidade da investigação científica “depende da clareza da questão colocada, do levantamento bibliográfico bem feito que permita ao pesquisador partir do conhecimento existente” (p. 61).

Conforme cita Esber (2008), a pesquisa bibliográfica resulta em um material vasto que nem sempre é de interesse específico do pesquisador, havendo necessidade de “filtrar” trabalhos que sejam representativos para seu estudo e que contemplem aspectos relacionados à temática, o que exige do pesquisador critérios de inclusão e exclusão.

Esta é a razão de recomendar-se que a pesquisa deva ser ampla, permeada de vários pontos de vista. Isso permite enxergar diferentes ângulos do problema e estabelecer definições, conexões e mediações entre eles. A pesquisa deve conter o

perfil histórico do segmento estudado, a construção histórica dos conceitos principais e a significação social que torna operacional a investigação e a análise.

A leitura precisa ser embasada em um exercício de crítica teórica e prática, ou seja, devem-se destacar as categorias centrais, os conceitos e as noções usadas pelos diferentes autores. Merecem destaque os pressupostos teóricos e as razões práticas estabelecidas no material consultado; o pesquisador deve conceber o material de consulta com caráter operacional disciplinar, podendo ordenar e classificar os elementos que buscou nos fichamentos bibliográficos, organizando-os por assunto, por tema ou pelas citações (MINAYO, 2007).

Para a realização deste estudo, houve a necessidade de se fazer um levantamento de literatura e, posteriormente, o mapeamento e a análise das produções científicas no banco de teses e dissertações da Capes¹². Posteriormente, esses trabalhos foram analisados para apreensão das concepções dadas pelos autores acerca das temáticas discutidas nesta dissertação: violência doméstica; violência sexual; violência e adolescência, violência física, violência psicológica, violência e adolescentes do sexo feminino; mães adolescentes; gravidez na adolescência.

Da mesma forma, foram acessados periódicos científicos, com o objetivo de levantar a produção de estudos sobre as temáticas citadas na perspectiva da psicologia sócio-histórica, por ser esta teoria o referencial teórico-metodológico escolhido para a condução deste estudo. Procurou-se identificar as temáticas, os conceitos e as categorias estudadas e, ao final, dar maior visibilidade à produção desta dissertação.

Coleta de dados

Na pesquisa bibliográfica, a coleta de dados se deu por meio da busca em sites de pesquisa científica, como CAPES e Scielo, visando resgatar fontes como dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos (periódicos *Qualis* A1, A2, B1 e B2). Foram pesquisados os anos de 2002 a 2012 (exceto algumas

¹²Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>>.

referências importantes de anos anteriores, por serem fundamentais para situar este estudo, tais como as de referenciais teóricos que se mantiveram ao longo dos anos), visando manter a qualidade da pesquisa nas áreas da psicologia e afins.

Sistematização dos dados

O levantamento bibliográfico foi estabelecido por meio da leitura crítica que possibilitou selecionar o material que apresentou conteúdos relacionados à temática em estudo. Posteriormente, o material coletado foi sistematizado por meio de fichamentos, resumos dos conteúdos selecionados e anotações importantes para o entendimento e posterior análise da temática estudada (Apêndice B).

Foram realizados fichamentos de textos selecionados e relevantes, alguns com mais de cinco anos de publicação, mas que continham conteúdos importantes que mereciam ser citados nesta pesquisa para esclarecimentos e conhecimento do referencial teórico. Após esse passo, partiu-se para o acesso a cada periódico *online*. Criou-se um arquivo em formato Word contendo o nome de cada autor, o título do periódico e o ano de publicação, filtrando assim pesquisas relevantes que colaborassem para a formação do referencial teórico do estudo proposto. Foram estabelecidos filtros com base na relevância do material pesquisado para o trabalho, a fim de descartar o que não cumprisse a exigência de relevância e evitar o acúmulo de vários volumes de material de pesquisa.

Posteriormente, foi realizada a leitura de cada resumo dos textos selecionados (dissertações, teses, artigos científicos). Caso fosse constatada a relevância, o material era selecionado para o corpo teórico, e caso contrário, era descartado. Na seleção, optou-se por buscar e selecionar títulos que tivessem as seguintes palavras-chave: gravidez, maternidade, vulnerabilidade social, violência, adolescência, violência psicológica, violência física e violência sexual. O foco recaiu sobre estudos mais recentes, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Assim, mediante a leitura da bibliografia selecionada, foram estabelecidos conceitos, pressupostos e categorias que orientassem a pesquisa, apreendendo

referenciais teórico-metodológicos relacionados com a gravidez, maternidade, vulnerabilidade social, adolescência, violência física, psicológica e sexual.

Análise dos dados

A fase da análise e interpretação das informações deu-se por meio da leitura da bibliografia selecionada, visando apreender as concepções defendidas pelos autores acerca dos temas discutidos nesta dissertação, tais como adolescência, violência na adolescência, violência psicológica, violência física, violência sexual na adolescência e as emoções envolvidas, bem como gravidez e maternidade na adolescência. Tais concepções foram utilizadas para estabelecer concordâncias e discordâncias em relação aos fundamentos da psicologia sócio-histórica. O resultado destas leituras e fichamentos encontra-se expresso no primeiro capítulo desta dissertação.

Pesquisa empírica

A entrevista é um importante recurso metodológico por permitir a aproximação entre sujeito de pesquisa e pesquisador. Para Ozella e Aguiar (2008), as entrevistas devem ser consistentes e suficientemente amplas, de modo a evitar inferências desnecessárias ou inadequadas. Devem ser recorrentes, ou seja, serem construídas de forma participativa (entre pesquisador e entrevistado), eliminando dúvidas e aprofundando reflexões.

A entrevista é uma conversa com finalidade e, no caso da entrevista semiestruturada, ela é composta por perguntas fechadas e abertas, de modo que o participante da pesquisa possa falar livremente sobre o tema abordado pelo pesquisador (MINAYO, 2007).

A autora enfatiza que a interação entre sujeito pesquisado e pesquisador demonstra como o trabalho pode ser amplo e enriquecedor:

Na medida em que esses sujeitos partilham dos mesmos significados culturais, ou seja, têm a mediação da linguagem, a partir da qual se tem acesso à fala do sujeito, que é reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores, crenças e, ao mesmo tempo que o interlocutor, pode transmitir aquilo

que pensa, incluindo suas condições históricas, socioeconômicas e culturais. (MINAYO, 2010, p. 64)

Moreira (2004) ressalta a responsabilidade do pesquisador ao tratar de temáticas referentes a adolescentes, complementando que o compromisso ético e a produção do conhecimento devem se integrar no processo de pesquisa, já que não podem ser vistos separadamente ou ordenados por critério temporal.

Ozella e Aguiar (2006) apontam que a entrevista é “um dos instrumentos mais ricos e que permitem acesso aos processos psíquicos, particularmente aos sentidos” (p. 229). Sem a pretensão de ampliar uma discussão sobre esse método de coleta, podem-se destacar algumas características apontadas pelos autores que marcam esse procedimento metodológico e que, sem dúvida, interferem no seu potencial de captação ou apreensão dos sentidos: “as entrevistas devem ser consistentes e suficientemente amplas, de modo a evitar inferências desnecessárias ou inadequadas” (p.229).

Coleta de dados

A coleta dos dados desta pesquisa empírica foi apresentada de forma detalhada no item “pesquisa matriz”. Aqui vale a pena retomar as fases de coleta dos dados:

a) fase 1: levantamento de todos os cadastros das adolescentes (10 a 19 anos) inscritas no SIS- Pré-Natal do Distrito Sanitário da Região Leste de Goiânia, no período de 1º de junho de 2009 a 1º de junho de 2010, totalizando 223 fichas cadastrais.

b) fase 2: visitas domiciliares que resultaram na localização de 99 adolescentes que responderam ao questionário da pesquisa;

c) fase 3: entrevista com 47 adolescentes que afirmaram nos questionários terem alguma situação de violência em suas trajetórias de vida

d) fase 4: seleção de 16 adolescentes para comporem a amostra deste estudo, conforme critérios já citados anteriormente.

Além da faixa etária comum (12 a 18 anos), foram selecionadas 16 adolescentes que fizeram menção a algum tipo de violência enfrentado por elas durante suas trajetórias de vida (critério específico deste trabalho).

Sistematização dos dados

As transcrições de entrevistas formam o campo de informações do qual poderão emergir categorias que permitam a análise dos dados obtidos. De acordo com Minayo (2010, p. 69),

a gravação e transcrição das informações para posterior análise e interpretação é um modo bastante usual de resguardar a fidedignidade dos dados construídos, pois tem-se acesso à fala do sujeito pesquisado tal como se deu no momento, ou seja, “ao pé da letra”.

Embora as entrevistas já tivessem sido transcritas pela equipe da pesquisa matriz para poder atestar a qualidade das transcrições e possibilitar sua compreensão mais aprofundada, todas as dezesseis entrevistas foram ouvidas pelo pesquisador e cotejadas com o texto impresso (Apêndice C).

Foram realizadas leituras do material empírico para conhecer a fundo os temas apontados pelos sujeitos entrevistados. Tais temas eram anotados em cada trecho das entrevistas para facilitar seu uso futuro.

Posteriormente, foi criado um documento no Word que separava os temas anotados durante a leitura das entrevistas. Assim, cada tema era anotado ao lado da transcrição com a fala que evocou sua classificação. (Apêndice D).

Em outro momento, foram montados quadros temáticos, considerando as falas das adolescentes em relação à adolescência, família, escola, trabalho e violência, para que fossem analisados os fenômenos subjetivos e os sentidos e significados atribuídos pelas dezesseis adolescentes (sujeitos desta pesquisa) em relação a tais temáticas. (Apêndice D).

Foram também montados núcleos de significação, uma importante ferramenta para apreender os sentidos presentes no discurso dos sujeitos entrevistados (Apêndice E).

Os núcleos de significação foram então divididos por temas, e as falas das adolescentes consideradas representativas foram destacadas em relação a cada tema para sua posterior análise.

Análise dos dados

Após a sistematização dos dados em núcleos de significação, foram realizadas a análise e a interpretação dessas informações, com, base nos pressupostos metodológicos da psicologia sócio-histórica e relacionando os núcleos de significação com a teoria existente sobre o presente objeto de estudo.

Ozella e Aguiar (2006) ressaltam que analisar núcleos de significação permite ao pesquisador articular temas semelhantes, complementares e contraditórios presentes na fala dos sujeitos. Tais temas possibilitam o conhecimento daquilo que não pode surgir diretamente, mas que de alguma forma surge como elemento significativo para a análise e que permite a intervenção em questões sociais.

Para Teixeira (2003), os núcleos de significação precisam ser considerados em relação ao processo histórico que os constituiu. Não é possível, segundo o autor, compreender a subjetividade apenas mediante uma análise intradiscursiva, já que se pretende analisar o texto entendendo-o como dotado de sentidos e significados e considerando o contexto sócio-histórico em que a análise foi elaborada. Em outros termos equivale a compreender os sentidos apreendidos nas falas, relacionando a fala transcrita dos entrevistados com a teoria existente acerca do objeto de pesquisa.

A análise e interpretação dos dados auxiliam na compreensão de semelhanças e contradições apresentadas nas falas dos sujeitos da pesquisa. Ozella e Aguiar (2006) apontam que a análise das informações possibilita, de forma clara, o surgimento de aspectos subjetivos do tema pesquisado. Trata-se da etapa em que se abandona aquilo que é aparente para abraçar uma entrada no mundo do outro, naquilo que é mediado e que faz emergir contradições.

Os autores argumentam que,

desse modo, a complexidade de tal categoria, sem dúvida, gera grande dificuldade nas formas de apreendê-la. No entanto, é esse o caminho que nos propomos a seguir: apreender o processo constitutivo dos sentidos bem como os elementos que engendram esse processo. Queremos nos apropriar daquilo que diz respeito ao sujeito, daquilo que representa o novo, que, mesmo quando não colocado explícita ou intencionalmente, é expressão do sujeito, configurado pela sua unicidade histórica e social, revelação das suas possibilidades de criação. O sentido coloca-se em um plano que se aproxima mais da subjetividade que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os

processos cognitivos, afetivos e biológicos. No entanto, dada a sua complexidade, afirmamos como nossa possibilidade aproximarmo-nos de algumas zonas de sentido. Para que se possa melhor compreender a categoria sentido, retomamos um dos princípios do materialismo dialético: a unidade contraditória existente na relação simbólico - emocional. Para se avançar na compreensão do homem, ou melhor, dizendo, dos seus sentidos, temos que, nas nossas análises, considerar que todas as expressões humanas sejam cognitivas e afetivas (OZELLA; AGUIAR, 2006, p. 227).

Estrutura da Dissertação

Esta dissertação é composta por quatro capítulos e as considerações finais. No capítulo 1, intitulado “Adolescência, sexualidade, gravidez, maternidade e contextos de vulnerabilidade com base na psicologia sócio-histórica”, são discutidos aspectos conceituais relativos aos temas apresentados anteriormente tendo como referencial as bibliografias identificadas no levantamento da pesquisa bibliográfica.

No capítulo 2, denominado “Perfil das adolescentes pesquisadas que se encontravam em situação de vulnerabilidade social”, é apresentada a região de moradia das adolescentes pesquisadas, o perfil das 99 adolescentes que responderam ao questionário referente a pesquisa matriz e uma breve história de vida das 16 adolescentes selecionadas para este estudo qualitativo.

No capítulo 3, “As falas das adolescentes entrevistadas sobre família, escola e trabalho” são apresentados (conforme a ótica das adolescentes) os seus vínculos com a família, a escola e o trabalho. Nesse capítulo, a ênfase é dada à relação das adolescentes com as instituições socializadoras por excelência: família e escola.

No capítulo 4 “As falas das adolescentes entrevistadas sobre contextos de vulnerabilidade social e gravidez/maternidade na adolescência” são descritas e analisadas as falas das adolescentes entrevistadas a respeito dos sentidos e significados atribuídos à sua experiência de gravidez e maternidade assim como dos impactos decorrentes de tal situação em sua vida e em suas relações familiares (com a família de origem e com a família do pai do seu filho/filha. Também elementos presentes antes da gravidez, na própria gravidez e os projetos de futuro são apresentados como tentativas de apreender o percurso empreendido pelas adolescentes na gestação e na vida de mãe.

Nas considerações finais desta pesquisa são retomadas as principais discussões realizadas acerca da temática estudada nesta dissertação, bem como possíveis apontamentos para futuras pesquisas e investigações referentes à temática estudada.

CAPÍTULO I ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE, GRAVIDEZ, MATERNIDADE E CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

1.1- Adolescência na perspectiva da psicologia sócio-histórica

Como anteriormente especificado, este estudo baseia-se nos princípios da psicologia sócio-histórica de Vygotsky que concebe o ser humano como ser construído e constituído pela interação social, no seu relacionamento com os outros.

Portanto, para entender o desenvolvimento do ser humano, é necessário compreender seu mundo social, pois com base dele que o sujeito passa pelo processo de internalização, construindo assim os seus próprios sentidos e significados que são partilhados com os outros à sua volta. O processo de constituição de sentidos e significados só se torna possível porque o ser humano possui funções psicológicas superiores.

O paradigma vygotskyano valoriza a experiência social como a primícia do desenvolvimento humano em suas funções superiores, mesmo quando se fala em dimensão individual, está implícita a dimensão social. Conforme Vygotsky (2009), trata-se de um individual-social ou de um indivíduo social, caracterizando a dimensão social da psique humana.

A transformação da dimensão interpessoal para a intrapessoal é fundamentada no processo de internalização, conforme preconizou Vygotsky (2003). Para melhor compreensão da constituição do indivíduo com base no social. O autor sistematizou três passos do processo de internalização. O primeiro passo inicia-se quando uma operação representativa de uma atividade externa acontece internamente, como o uso dos signos, por exemplo, o segundo, na transformação de um processo interpessoal em intrapessoal, e no terceiro quando o processo interpessoal, já transformado em intrapessoal, continua ocorrendo por uma longa série de eventos no curso do desenvolvimento do sujeito e, dessa forma, internaliza-se definitivamente (VYGOSTSKY, 2003).

É importante salientar, com base nos princípios vygotskyanos, que existe uma dinâmica consistente entre as dimensões social e individual que somente pode ser entendida no tocante a sua constituição mútua, ou seja, o subjetivo reestrutura-se continuamente quando os sentidos internalizados são captados no intersubjetivo.

A relação estabelecida por Vygotsky entre natureza e a cultura no desenvolvimento humano revela aspectos filogenéticos e ontogenéticos como resultado da dialética existente entre as duas diferentes vertentes que se complementam. O embate dialético consiste no desenvolvimento biológico iniciado na infância, que acarreta transformações que ocorrem também ao longo de toda a vida, por sua vez, elas são produzidas pelo desenvolvimento cultural, ou seja, o contexto histórico social em que o sujeito está inserido (TOMIO; FACCHI, 2009).

Compreendido como ser histórico, o homem é definido pela psicologia sócio-histórica (com características conjugadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações) como um ser que se constrói ao construir sua realidade. A relação entre sujeito e sociedade é vista como dialética e a adolescência constituída, segundo os ditames sociedade capitalista, esta relação é gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, ou seja, e sem as condições sociais, a adolescência não existiria (OZELLA, 2003).

Ozella (2003), fundamentado na psicologia sócio-histórica, afirma que a adolescência não é um período natural do desenvolvimento. A adolescência é “um momento de significado interpretado pelo homem, com marcas que a sociedade destaca e significa como mudanças corporais e desenvolvimento cognitivo” (p. 21).

Deve-se, destarte, pensar que não existe um conceito pronto, no sentido de absoluta e definitivamente elaborado sobre adolescência. No entanto, há necessidade de compreender o adolescente como um ser integrado, e não estudá-lo como um ser fragmentado. Logo, psicólogos que adotam a visão sócio-histórica de homem não devem se fixar em um conceito de adolescência, mas considerar determinantes sociais e econômicas presentes nas transformações vivenciadas pelos sujeitos (OZELLA, 2003).

A concepção de adolescência como fenômeno construído socialmente é reforçada quando se considera que a adolescência se caracteriza como um fenômeno

social com diversas significações em relação a gênero, classe social, grupo étnico e aspectos geracionais. A adolescência deve ser abordada do ponto de vista social, cultural e ambiental, ampliando assim a visão acerca desse fenômeno, que passará a ser visto como momento de grande significado, em que o adolescente se depara com transformações físicas, psíquicas e sociais, que o levam a questionar a si mesmo no tocante ao seu modo de existir e a tudo que o cerca (MALAGUTTI, 2009).

Fundamentando-se na visão sócio-histórica proposta, Ozella (2003) apresenta uma importante contribuição ao discutir adolescência, evidenciando ser necessário ultrapassar a chamada visão romântica, que tem norteado o estudo da adolescência. Será então possível estudar uma adolescência concreta e não a estereotipada, que se caracteriza por comportamentos problemáticos.

A psicologia sócio-histórica, conforme o próprio nome sugere, compreende a adolescência como processo de desenvolvimento humano construída historicamente por aspectos sociais, econômicos, psicológicos e históricos, contrapondo-se à noção de adolescência como uma etapa natural e isolada do desenvolvimento humano. Neste sentido, há que se afirmar a compreensão de que há diferentes adolescências (e consequentemente adolescentes) em distintos momentos históricos.

Considerando a adolescência conforme a teoria sócio-histórica de Vygotsky, é possível compreendê-la como um processo articulado com as demais experiências do sujeito, uma produção histórica da humanidade, ou ainda, parte da cultura e de seu significado, uma construção compartilhada e até mesmo dada historicamente ao longo dos anos (OZELLA, 2003).

Tomar a perspectiva sócio-histórica como base para este estudo é importante porque, ao relacionar a fala do sujeito com outros aspectos apreendidos em pesquisa, a sua história, a visão e o discurso ideológico adotado pela sociedade e as formas (legais, simbólicas e ideológicas) de lidar com o adolescente em situação de vulnerabilidade social torna possível distinguir o que se revela como significado e o que está nas bases de motivação, interesse e sentidos.

1.2 Adolescência e sexualidade

Delimitar uma visão sobre sexualidade é fundamental, até mesmo por clareza de posição teórica, para sustentar a adolescência como um fenômeno sócio-histórico. A sexualidade também deve ser compreendida como construção social e não como algo inato manifesto no ser humano. Ao considerar as relações sociais como determinantes da sexualidade, afirma-se que os desejos são construídos pela cultura e estão relacionados a concepções e costumes presentes nas relações sociais que permeiam a sexualidade do sujeito.

Entendendo que a sexualidade humana é uma construção histórica, cultural e social, que se transforma conforme mudam as relações sociais, é possível também perceber que, na sociedade brasileira, a sexualidade foi histórica e culturalmente limitada em suas possibilidades de vivência em virtude de tabus, mitos, preconceitos, interdições e relações de poder (CONCHÃO, 2008).

Compartilhando essa concepção, Kahhale (2001) expõe que a sexualidade é um processo que ocorre de forma simbólica e histórica, e as normas, a moral e a ética grupal passam a direcionar seu significado. A autora pontua que a sexualidade é plurideterminada e traz consigo consequências individuais e coletivas, em relação às quais o grupo social determina quais são suas regras éticas e morais, suas convenções, expectativas, possibilidades e proibições que constroem a identidade do sujeito.

Carvalho (2011), ao abordar o tema da sexualidade na adolescência, aponta que a sexualidade não é algo natural, mas apresenta características relacionadas ao contexto social que o sujeito está inserido. Neste sentido, chama a atenção para a necessidade de compreender fatores sociais e culturais que se complementam diretamente com as concepções pessoais, especificamente na adolescência, quando os jovens formam grupos como tentativa de aceitação social.

Reis (2009) também compreende o papel cultural e social dos valores e concepções de sexualidade como uma categoria socialmente construída, ou seja, um processo no qual as concepções relativas a vida sexual e afetiva são estabelecidas pelo contexto cultural. Para a autora, a formação de grupos na adolescência é uma

busca por aceitação; em alguns casos, ao aderirem a modelos presentes em um determinado grupo, os adolescentes não consideram outros fatores. Portanto, torna-se necessário dar destaque aos valores, crenças, regras, mitos e modismos transmitidos pelo contexto social e cultural para o entendimento da sexualidade.

Em complemento a essas informações, Castro, Abramovay e Silva (2004) pontuam que a sexualidade é a dimensão do ser humano em que estão envolvidos o gênero, a identidade sexual, a orientação sexual, o erotismo, o envolvimento emocional, o amor e a reprodução. Desta forma, sua expressão dá-se por meio de pensamentos, desejos, crenças, valores, atitudes e por meio dos relacionamentos que o sujeito constitui. Segundo os autores, “assim é a própria vida, que envolve nosso corpo físico, mas também nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 29).

A compreensão da sexualidade está relacionada ao conjunto de normas definidas por diferentes grupos sociais. A sustentação desse posicionamento, afirma Conchão (2008), é que a sexualidade não pode ser estabelecida apenas como uma questão biológica, que leve o sujeito a pensar sobre seus impulsos ou questões hormonais, e nem ser reduzida a questões de prazer e afeto. A sexualidade deve ser pensada como uma construção que envolve um constante processo de aprendizado no qual se elaboram a autopercepção e a percepção do mundo em meio a condições históricas, culturais e sociais específicas.

Nesta perspectiva, o autor argumenta que fazer referência à sexualidade é fazer menção a um universo relativo, pessoal e até mesmo distinto, manifestado de diferentes formas em cada sujeito, conforme suas experiências e vivências. Assim, o contexto social também é formador da concepção de sexualidade como busca de prazer por meio do contato ou atração por outras pessoas, consideravelmente ligada a aspectos biológicos e culturais (CONCHÃO, 2008).

Tratar de sexualidade humana é fundamental para entender o ser humano em sua totalidade, pois nela estão envolvidas relações de desejo, satisfação, afetividade, prazer, sentimentos e exercício da liberdade. A sexualidade deve ser encarada como construção histórica, cultural e social, que se modifica e se transforma de acordo com a mudança das relações sociais estabelecidas por um determinado sujeito.

É preciso ainda considerar que têm ocorrido mudanças consideráveis na vida social e cultural nas últimas décadas que alteram o comportamento social e sexual dos adolescentes, promovendo um precoce relacionamento sexual em suas vidas, sem desconsiderar as condições sociais, econômicas e culturais relacionadas a cor, raça e relações de poder entre os sujeitos (BRASIL, 2006).

Assim como a família é corresponsável pela constituição subjetiva do indivíduo, podendo levá-lo a refletir sobre determinadas escolhas presentes ou futuras que podem mudar a sua realidade, a escola também é uma instituição importante para o exercício desta função. Neste sentido, o estudo de Quintana (2009) discorre acerca da relação entre o contexto escolar e a maternidade na adolescência. Segundo esse autor, a escola é formadora de opinião e deve promover em seu ambiente discussões concernentes à sexualidade na adolescência, levando o sujeito a entender seu próprio corpo e as relações de gênero que permeiam sua vida, tornando possível estabelecer uma interação de sujeitos em um contexto interativo e propício para a construção de um cidadão com atitudes ao mesmo tempo críticas e reflexivas em relação a sua própria sexualidade.

Ao considerar a relação que o adolescente tem com sua sexualidade no contexto escolar e familiar, as instituições socializadoras (família, escola e trabalho) podem promover um trabalho de orientação na prevenção da gravidez na adolescência, ao se posicionarem como debatedoras e esclarecedoras dos mitos, tabus, medos e demais aspectos e sentimentos que contemplem adolescência e sexualidade.

Na sequência, apresentar-se-ão resultados de estudos relevantes para a construção deste texto, uma vez que discutem aspectos importantes na relação de ser adolescente, engravidar na adolescência e ser mãe-adolescente.

1.3 Gravidez e maternidade na adolescência

Ao discorrerem acerca da maternidade e gravidez na adolescência König, Fonseca e Gomes (2008) afirmam que, mesmo conhecendo formas de evitar a gravidez

grande parte dos adolescentes não tomam precauções a esse respeito, o que pode ser um dos fatores desencadeantes para ocorrência da gravidez e, posteriormente, da experiência de maternidade na adolescência, já que na adolescência são experimentadas diferentes formas de estar no mundo, de descobri-lo e de ter experiências sem compromisso em relação à sexualidade.

Os autores referidos também apresentam que a ocorrência da gravidez não é algo inusitado e tido como novo para os dias atuais na sociedade brasileira. Em termos históricos e geracionais pode-se constatar que as avós dessas adolescentes casaram-se e até tiveram filhos na mesma faixa etária em que se encontram as netas, porém, esta era uma forma bem vista pela sociedade naquela época (década de 1960), quando a mulher era tida como figura que se dedicava exclusivamente às tarefas domésticas sem ter outra escolha.

No século XXI, ter um filho na adolescência gera impacto nos planos pessoal, familiar, social, escolar e profissional (trabalho) por ser uma gravidez que traz em si tais mudanças contextuais, experimentadas pela maioria das adolescentes que vivenciam tal experiência (KONIG; FONSECA; GOMES, 2008).

A pesquisa de Moreira (2001)¹³, que estudou a gravidez na adolescência com o objetivo de entender e analisar as significações construídas ao longo de gerações de mulheres revela que a constituição de uma nova configuração familiar tem influência e determinação nas famílias de origem, e o sujeito adolescente pode decidir acerca da constituição de uma família.

Moreira (2001) afirma ainda que, em muitos casos, a adolescente culpabiliza-se por sentir-se fora das normas sociais instituídas em seu ambiente familiar, o que pode levá-la a assumir um relacionamento estável com o companheiro como forma reparadora de seu “erro” de ter uma vida sexual precoce que teve como consequência a gravidez na adolescência.

¹³ A autora ao trabalhar com o conceito de relações intergeracionais, estabelece as seguintes categorias: geração precursora, as bisavós dos filhos das mães adolescentes, geração revolucionária, as jovens-avós (mães das adolescentes e as avós de seus filhos), e a geração das mães adolescentes (ou seja, as jovens entre doze e dezoito anos que tiveram um filho).

Analisando as significações construídas ao longo de gerações de mulheres, a autora constata que o nascimento do filho de uma adolescente em uma família gera sentimentos ambivalentes no interior dessa instituição socializadora podendo tanto provocar conflitos como proporcionar apoio à adolescente.

Moreira (2001) também expõe que em décadas passadas engravidar na adolescência era um fator “natural” no interior das famílias, tendo em vista que as mulheres nasciam destinadas a formar uma família e ter filhos e cumprir exigências de seus maridos. No entanto para a autora, na atualidade o início precoce da vida sexual por parte dos sujeitos adolescentes não é bem visto, por causa da possibilidade de afetar suas vidas quando engravidam, tendo de assumir novas responsabilidades, lidar com perdas e reestruturarem suas posições em suas famílias de origem e quando constituída uma nova família, adequar-se a essas condições.

Com a gravidez, a adolescente deixa de realizar certas atividades, podendo ocorrer, por exemplo, a interrupção na trajetória escolar e até mesmo o abandono de suas famílias de origem, a busca de autonomia profissional, ou a dedicação exclusiva ao marido/companheiro e seu filho, sendo o casamento visto como uma forma de reparar as consequências da gravidez inoportuna.

A gravidez na adolescência é vista no século XXI como consequência do não estabelecimento de limites claros para o comportamento das adolescentes a partir de suas famílias de origem, e não como algo escolhido ou pretendido pelas adolescentes, demonstrando que esse tipo de gravidez ainda é carregado de mitos e estigmas que colocam a mãe-adolescente em uma posição de transgressora de valores, o que pode gerar sofrimento em sua trajetória de vida (MOREIRA, 2001).

Nas gerações das mães das adolescentes de suas avós e bisavós, não havia discussão acerca da sexualidade, as relações eram pautadas pelo poder exercido por figuras de autoridades nessas famílias, que definiam princípios e regras a serem seguidas. Assim, muitas mulheres que viveram a adolescência em gerações passadas eram obrigadas a aceitar qualquer condição de vida que lhes fosse imposta (MOREIRA, 2001).

Segundo Moreira (2001), a gravidez entre jovens solteiras, no meio urbano, até os finais da década de 1970 do século XX era aceita e até estimulada. Entretanto, era

inaceitável que as mulheres solteiras ficassem grávidas, quando isso ocorria a saída era o “casamento reparador”. A questão não era a gravidez mas o estado civil.

Nos anos de 1990,

a questão da gravidez na adolescência não mais estava relacionada ao estado civil da jovem, mas ao fato de que a gravidez considerada precoce interrompia projetos ligados à emancipação das mulheres, tendo em vista maior escolaridade e inclusão em postos de trabalho mais qualificados, além disso, entre as mulheres pobres a gravidez na adolescência tem sido vista como episódio que dificulta o rompimento do ciclo de pobreza (MOREIRA, 2013¹⁴).

O apoio familiar é visto como fator necessário e fundamental na vida da adolescente-mãe. O estudo de Moreira (2001) aponta que diferentes sentimentos são vivenciados pelas adolescentes quando se deparam com a gravidez, alguns conflituosos, tais como medo e preocupação. Entretanto sentimentos positivos também foram encontrados nas descrições de alegria, orgulho e prazer em estar grávida. A autora realça que os sentimentos positivos emergem quando as adolescentes contam com o apoio de suas mães, comprovando a importância e preponderância do apoio familiar na condução do processo de estar grávida e/ou ser mãe na adolescência.

Do ponto de vista profissional, percebe-se que as adolescentes buscam melhor qualificação, almejam a realização de projetos futuros, ou seja, têm em vista outras demandas sociais que, muitas vezes são interrompidas pela gravidez na adolescência. Há uma busca cada vez mais acentuada por inserção no mercado de trabalho e a maternidade na adolescência pode ser vista como negativa por esses sujeitos pela possibilidade de impedi-los a concretizarem seus projetos de vida (MOREIRA, 2001).

Pelo sofrimento gerado por esse contexto, faz-se necessário ter atenção especial em relação a uma adolescente grávida e promover ações que integrem mãe e filho, para evitar consequências físicas e psicossociais (BRASIL, 2000).

No estudo de König, Fonseca e Gomes (2008), foram entrevistadas cinco adolescentes que realizavam o pré-natal em um posto de saúde da periferia da cidade de Rio Grande-RS: uma com quatorze anos, outra com quinze, mais uma com dezessete e duas com dezoito anos de idade. Os resultados do estudo apontam que,

¹⁴ Citação realizada no momento da defesa desta dissertação de mestrado.

antes de as adolescentes tornarem-se mães, ou seja, antes do parto, todas estavam contentes com a situação de “estar grávida na adolescência”. Esse sentimento de prazer evidente durante as entrevistas realizadas pelas pesquisadoras do estudo, quando as adolescentes mostravam orgulhosas e satisfeitas o enxoval que conseguiram montar.

Para as autoras, o processo de ser mãe em si evoca representações relativas à maternidade que serão posteriormente interiorizadas e expostas socialmente, porém, elas constataram que as adolescentes entrevistadas não conseguiram, de fato, contextualizar a situação de “estar grávida” e ser “mãe adolescente”. As autoras compararam as representações sociais antes e depois de as adolescentes vivenciarem a experiência de ser mãe na adolescência, e puderam perceber as mudanças ocorridas em suas vidas, decorrentes da gravidez.

Nas entrevistas, as adolescentes não demonstraram arrependimento por terem engravidado, porém, lamentaram a perda de liberdade, a dificuldade de manterem-se no contexto escolar, as dificuldades em conseguirem emprego ou firmam-se no trabalho. Mesmo que as adolescentes tenham avaliado positivamente o fato de terem se tornado mães, aspectos negativos foram apontados em seus discursos, sobretudo de terem que assumir um novo estilo de vida a ser compartilhado com o outro, o filho(a) e o companheiro (marido).

König, Fonseca e Gomes (2008) afirmam que, em outras pesquisas, há a mesma constatação de que a vida das “mães adolescentes” passam a partir do nascimento do filho a ser exclusivamente orientada para o cuidado materno, deixando muitas vezes de lado seus projetos futuros para os quais tinham grandes expectativas.

Oliveira (2008) realizou uma pesquisa com 13 jovens, 5 mulheres e 8 homens, na faixa etária de 17 a 27 anos, que participavam de um programa para adolescentes de camadas populares das Empresas de Correios e Telégrafos de São Paulo. O estudo objetivou apreender como esses jovens estruturavam suas identidades de jovens, homens, mulheres, adolescentes, trabalhadores e outros, e como significavam a realidade ao seu redor, com base em uma experiência regular de trabalho.

Ressalte-se que o estudo entrevistou duas adolescentes que passaram pela experiência de maternidade. Segundo Oliveira (2008), ambas tinham projetos

relacionados aos estudos, o que demonstra que estas adolescentes conseguem projetar seu futuro e demonstram capacidades de dar novos sentidos à sua experiência em ser “mãe adolescente” apesar das novas responsabilidades, pressões ou necessidades de mudança.

Silva e Tonete (2006) apontam que as adolescentes podem, muitas vezes, considerar a gravidez como algo que faça parte de seus projetos de vida e realização, por desejarem obter independência em relação à família de origem e poderem construir novas famílias, regidas por elas mesmas.

No estudo de Silva e Tonete (2006), foram entrevistadas 9 mulheres com idade entre 19 e 58 anos, sendo 5 mães, uma sogra, uma tia, uma irmã e uma avó de adolescentes que engravidaram na adolescência, para que fosse possível entender a perspectiva dos familiares em relação à gravidez na adolescência, considerando que tais pessoas podem contribuir significativamente para a construção dos sentidos que permeiam a gravidez na adolescência por fazerem parte do contexto de uma “adolescente grávida”.

Para os familiares entrevistados, a gravidez poderia ter ocorrido desde que a adolescente estivesse em um relacionamento estável (casada) com o pai do filho que esperava. Nos casos de duas adolescentes que estavam casadas com o pai do filho(a), a gravidez foi bem aceita e vista como algo positivo no interior de sua família.

As autoras afirmam que o momento da descoberta da gravidez na adolescência representou um “choque” para as famílias, por ser esse um fator inesperado pelas mães, sogras e familiares entrevistados. Entretanto, ao longo do tempo, as famílias passaram a aceitar o fato com naturalidade.

Para Silva e Tonete (2006) a família deveria apresentar-se como ponto de apoio e, sobretudo, de esclarecimento sobre os riscos e dificuldades que possam ser enfrentadas pelas adolescentes quando ocorre a gravidez. No entanto, as adolescentes afirmaram que havia uma falha de comunicação entre familiares e adolescentes que preferem contar suas experiências para pessoas fora do contexto familiar por terem com eles um melhor relacionamento e confiança.

Os resultados obtidos por Silva e Tonete (2006) indicam que podem emergir sentimentos positivos, até mesmo satisfação no contexto familiar se a notícia da

gravidez for apresentada de uma forma a ser discutida pelos membros da família, ser aceita por ela, harmonizando a convivência entre seus membros e tranquilizando a todos. O estudo reforça a tese de que, de fato, ocorreram mudanças significativas nas relações familiares em relação a “gestante adolescente”, pois a família passa a ter preocupações relacionadas ao seu bem-estar, promovendo, apoio, ou seja, dando o suporte necessário para a tranquilização da “mãe adolescente” após o nascimento da criança (SILVA; TONETE, 2006).

Souza, Nóbrega e Coutinho (2012) apresentam informações importantes referentes à gravidez na adolescência. Em seu estudo, Foram entrevistadas 223 adolescentes grávidas do primeiro filho, na faixa etária de 15 a 20 anos e pertencentes à classe social baixa. O estudo apontou que a gravidez na adolescência é vista como uma experiência conflituosa pelas próprias adolescentes. As adolescentes apontaram diferentes sentimentos em relação à sua gravidez em um momento alegaram desejar a gravidez, mas ao mesmo, tempo demonstram-se ambivalentes, ao relatarem sentimento de angústia diante do fato.

De acordo com as autoras, o sentimento de angústia decorre pelo medo de enfrentar perdas significativas em suas vidas. A gravidez na adolescência desencadeia certo sofrimento pelo fato de que a adolescente, ao tornar-se “mãe”, deve assumir novas responsabilidades, antes não imaginadas.

Guimarães e Witter (2007) entrevistaram 22 adolescentes pacientes de postos de saúde, gestantes do primeiro filho, com idade média de 16,5 anos e avaliaram a reação das adolescentes diante da descoberta da gravidez. Seus resultados apontam que 9 adolescentes sentiram-se felizes por estarem grávidas, 7 disseram estar confusas, 2 sentiram tristes e 4 que sentiam medo.

No estudo de Guimarães e Witter (2007) as mães adolescentes afirmaram que a experiência da gravidez era como única. E os resultados do estudo apontam que as adolescentes entrevistadas tinham conhecimento das formas de evitar a gravidez, entretanto outros fatores influenciaram a ocorrência da gravidez, sobretudo em relação ao que estão vivenciando naquele momento com seus parceiros, evidenciando que o relacionamento com os companheiros pode influenciar na determinação de engravidar

na adolescência, pois muitas fazem sexo sem camisinha como forma de demonstrar e até mesmo provar o amor que têm pelo companheiro.

Algumas adolescentes, apesar de também terem conhecimento de métodos contraceptivos não o utilizam, por temerem a reação dos pais e familiares caso eles descubram sua vida sexual ativa, que evidencia a falta de relacionamento e até mesmo de diálogo ou compartilhamento de informações, nas famílias atuais. As adolescentes não podem, muitas vezes contar com apoio e diálogo em suas famílias, fator que pode influenciar direta e/ou indiretamente o fato de “ser mãe na adolescência” (GUIMARÃES; WITTER, 2007).

São consideráveis as modificações na vida familiar de pessoas que vivenciam “a gravidez na adolescência” de um de seus membros. Guimarães e Witter (2007) consideram que é preciso que os grupos sociais respeitem as novas condições de um ser adolescente que precisa estar situado na realidade que o cerca, e que a escola deve discutir com os alunos situações que envolvam sexo, gravidez, contracepção e fatores relacionados aos riscos a que os adolescentes possam estar expostos. A escola deve trabalhar as particularidades de cada sujeito, e caso descubra que uma de suas alunas engravidou na adolescência, deve ter um trabalho diferenciado com essas meninas, para apoiá-la e evitar a evasão escolar, tão comum quando a gravidez chega na vida de uma adolescente.

De acordo com Cavalcante (2011), a gravidez pode levar uma adolescente a não vivenciar por completo momentos importantes de sua trajetória de vida. Pode-se dizer que, em muitos casos, a descoberta da gravidez gera sofrimento, medo, angústia e ansiedade, bem como dificuldades em enfrentar os diferentes papéis sociais desempenhados, além de provocar mudanças significativas em suas vidas, como deixar a escola e ter que assumir responsabilidades, como por exemplo, o trabalho.

Ainda na perspectiva da autora quando a adolescente não estabelece uma relação conjugal estável, as dificuldades por ela enfrentadas são aumentadas, pois a falta de um companheiro a coloca em situações de preconceito, exclusão e isolamento social. Em muitos casos, a adolescente deve aprender a criar novas formas de lidar com suas experiências e de colocar-se diante do mundo e de suas relações, enfrentando diferentes olhares sociais em relação a estar “grávida na adolescência”.

Levandowski, Piccinini e Lopes (2008) afirmam que a maternidade na adolescência gera imposições a serem enfrentadas pelas adolescentes, e uma reestruturação nos contextos em que a adolescente está inserida, fundamentalmente na escola e na família. Muitas dessas adolescentes sofrem diferentes pressões sociais quando descobrem a gravidez, passando a terem que ser boas mães, ao invés de serem meramente adolescentes, o que pode gerar sentimentos negativos e difíceis de serem vivenciados nesse momento de suas vidas.

Muitas vezes, a gravidez na adolescência vem marcada por sentimentos negativos em relação à reestruturação que viverá em sua vida, por exemplo, o afastamento do grupo de amigos que antes era a rede social da adolescente, levando-a, assim, ao isolamento e conseqüentemente, à falta de aceitação em estar grávida. Por isso, é importante a maternidade na adolescência ser vista como fenômeno determinado por múltiplos fatores, sejam, biológicos, psicológicos ou sociais. Compreender o fenômeno como multifatorial contribui para que o “ser mãe na adolescência” seja algo menos difícil de ser vivenciado pelas adolescentes (LEVANDOWSKI; PICCININI; LOPES, 2008).

Todos os estudos apresentados, concernentes à gravidez e maternidade na adolescência, apontam que é preciso trabalhar com as adolescentes, de forma preventiva, esclarecendo-as que podem estar expostos quando se deparam com uma situação de fragilidade, como a gravidez na adolescência. Em outros termos, é necessário que os discursos realizados façam sentido para vidas destas adolescentes.

Com base nos estudos referenciados, constatou-se que a maioria das adolescentes quando engravida ou quando se torna mãe na adolescência, deixa seus estudos e passa a assumir atividades diferentes daquelas que antes exercia, vivendo em função do filho ou do lar, do companheiro, no caso daquelas que assumem compromisso após se depararem com essa realidade em suas vidas. Um dado importante é que, mesmo tendo que interromper a trajetória escolar, essas adolescentes almejam o retorno à escola, projetando o futuro integralmente ao contexto escolar e à conclusão de seus estudos.

Outro fator importante é que as mudanças são evidentes e claramente percebidas pelas adolescentes quando engravidam ou se tornam mães, e elas avaliam

essas mudanças como positivas ou negativas, estas últimas no sentido de que terão que assumir novas responsabilidades.

É necessário também que a família, como instituição primordial na vida desses sujeitos se torne mediadora de conflitos, passando a exercer um papel preventivo e esclarecedor de questões que permeiam a experiência da adolescente. Os estudos descritos também indicam a necessidade de os pais atentarem para o que ocorre com sua filha adolescente e que passem a explicar questões que norteiam a adolescência, dentre as tantas, a sexualidade.

A escola, por sua vez, espaço de socialização em que professores, pais e adolescentes devem se integrar, pode ser a mais importante promotora da quebra de silêncio e da discussão sobre questões e temas que, na família, muitas vezes não são debatidos, como sexo, sexualidade, contracepção.

É inquestionável a contribuição dos estudos realizados sobre a sexualidade na adolescência para o entendimento e esclarecimento de questões que norteiam e permeiam as relações da adolescente com o fato de estar grávida e ser mãe. Diferentes formas de enfrentamento, aceitação e até mesmo de negação são apresentadas, demonstrando assim que cada uma em sua subjetividade atribui sentidos e significados próprios e singulares a essa experiência.

1.4 Adolescência e instituições socializadoras: família, escola e trabalho

Laing (1983) define família como aquela totalidade ou grupo formado por um conjunto de sujeitos que estabelecem relações entre eles, seja por grau de parentesco ou outras formas de adesão ao contexto família.

Outra concepção é a de Minuchin (1982), para quem a família é um grupo aberto, em constante transformação e modificação de acordo com influências externas ou necessidades, na qual há trocas entre os sujeitos, e cada ação individual é orientada pela ação grupal deste sistema familiar.

Monteiro e Cardoso (2001) apresentam uma conceituação de família pautada em Almeida (1987) que define a família como instituição mediadora de indivíduo e sociedade em que ambos se completam, referendada na relação que a família estabelece com a criação de seus filhos.

Paro, Machado e Oliveira (2001) evidenciam que, quando se trata de educação ou criação de filhos, a figura materna é aquela que resolve os problemas que surgem no contexto familiar em relação ao filho e posteriormente, aparecem o pai, os avós, e, por fim, os irmãos mais velhos.

Macedo (1993), ao estudar a constituição da família ao longo dos séculos, afirma que ela é definida por suas qualidades e por ser o espaço em que sujeito aprende a se socializar. Para a autora, a família também é espaço de educação e transmissão de valores sociais, históricos e culturais, sendo vista na sociedade em geral como legitimadora do sujeito em relação à sociedade, jamais podendo ser descrita ou definida sem que seja considerada como categoria que relaciona sujeito e mundo social. Diante das diferentes concepções relatadas anteriormente acerca da família, evidencia-se que o estudo proposto por meio desta dissertação se baseia nos princípios apresentados por Macedo (1993).

É imprescindível que se descrevam as instituições socializadoras que compõem a vida de um sujeito e sua subjetividade. Otuka (2009), baseando-se na categoria sentido, realizou seu estudo visando analisar as dimensões subjetivas da escolha moral na adolescência e, desta forma, chegar aos valores que fundamentam as escolhas feitas pelos sujeitos pesquisados.

Foram participantes do estudo de Otuka (2009) nove adolescentes que estavam cursando o ensino médio em uma escola pública. A seleção de adolescentes desse estágio de escolaridade teve como critério a apresentação de discursos mais organizados a respeito do objeto e tema de estudo proposto na pesquisa.

Os adolescentes entrevistados atribuíram à família caráter de instituição que exerce força moral sobre suas vidas e constituinte de suas subjetividades. A escola, por sua vez, foi colocada em segundo plano na vida desses sujeitos em relação à escolha moral, e, conseqüentemente, não percebida como local de influência ou determinante dos sistemas de valores destes adolescentes (OTUKA, 2009).

A escola pode ser vista como espaço social e cultural que tem como função oferecer o acesso e garantir que o sujeito adquira conhecimentos acumulados ao longo do tempo na formação da sociedade, ressaltando-se que cada sujeito, ao chegar à escola, já dispõe de um conjunto de experiências e vivências sociais que apreenderam

em seus espaços de socialização anteriores. Do ponto de vista institucional, a escola é um espaço que oferece um conjunto de normas e regras que determinam a ação de seus sujeitos de forma única (DAYRELL, 1996).

O contexto escolar, ao mesmo tempo que oferece condições para o surgimento de novos sentidos, se ampara em modelos anteriores que reproduzem padrões estabelecidos ao longo dos séculos em relação à formação escolar oferecida. Portanto, o contexto escolar deveria ser tratado como local de apreender a realidade cotidiana destes sujeitos por meio das relações estabelecidas e que ocorrem no ambiente escolar (DAYRELL, 1996).

Contrapondo a noção do estudo de Otuka (2009) descrito anteriormente Mascagna (2009) investigou quatorze adolescentes, onde mulheres e três homens, a maioria com treze anos de idade, e revela em seus resultados que a escola tem um papel primordial na formação das subjetividades de seus alunos. Durante as entrevistas, os adolescentes participantes da pesquisa descreveram que seus pensamentos começaram a modificar quando conseguiam entender que tinham deixado a infância e estavam assumindo uma nova identidade, a de um ser adolescente, e que, na adolescência, são deixadas marcas significativas definidoras de suas vidas, relacionadas diretamente com a escola, com os amigos, com a forma que constroem seus pensamentos.

O estudo de Meyrelles (2004) visou compreender os sentidos e significados que adolescentes atribuíam à escola. Por meio da análise das entrevistas realizadas chegou-se à conclusão que, comumente, esses sujeitos compartilham significados sociais que se definem por serem construídos socialmente e que se assemelham quando o assunto é escola. A autora ainda complementa que os adolescentes entrevistados relataram que, na escola que podem aprender a decidir e garantir seu futuro como profissional. Também na escola é o local de preparação, e o espaço social de grande significado para suas vidas e também espaço constituinte de relações sociais, tais como amizades.

E por fim a autora relata que os adolescentes revelaram acreditar que a escola é que define o que eles serão no futuro não somente como profissionais, pois desempenha papel fundamental em seu desenvolvimento como ser humano integrado

e social, assemelhando-se ao papel da família, ou seja, na escola, eles percebem e dão continuidade àquilo que apreenderam com suas famílias.

O estudo de Nascimento (2009) corrobora com o estudo de Meyrelles (2004) que teve como objetivo compreender os significados e sentidos produzidos por adolescentes em contexto escolar, relativos às práticas de intimidação. Os adolescentes entrevistados tinham entre dezesseis e dezoito anos, cursavam o ensino médio em uma escola pública. A concepção dessa autora corroborada pelos resultados de sua pesquisa, é que a escola também é vista como espaço de construção social, onde o adolescente aprende a construir vínculos e formar amizades.

Referenciadas e explanadas as concepções da literatura que tratam da questão da escola na vida de sujeitos adolescentes, bem como do papel que a escola pode ter ou que se propõe a estabelecer como mediadora das relações sociais que permeiam a vida de adolescentes, passa-se a tratar das concepções acerca do papel do trabalho na vida de adolescentes e que pode modificar a vida do sujeito oferecendo novas experiências capazes de decidir seu futuro profissional.

De acordo com Sousa (1994), o trabalho pode ser visto como eixo constituinte da relação entre sujeito e sociedade, e, por meio do trabalho, o ser humano tem a possibilidade de romper padrões pré-estabelecidos dando outros significados à sua realidade. Por essa razão, ao conceituar trabalho, faz-se necessário considerar que ele não existe isoladamente, mas é constituído com base em questões históricas da vida de um sujeito que se insere em uma determinada sociedade.

Em relação à categoria trabalho, Macêdo (2012) entrevistou dezesseis adolescentes com idades de quatorze a dezoito anos, sendo nove, do sexo feminino e sete, do masculino, estudantes de escolas públicas, com escolaridade variando entre oitava série (sétimo ano) do ensino fundamental ao superior incompleto, predominando o segundo ano do ensino médio. Todos eram pertencentes à classe popular e inseridos no Programa Adolescente Aprendiz, oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

Os resultados do estudo apontam que o trabalho é uma forma de desenvolvimento que auxilia os adolescentes no seu crescimento, na aquisição de responsabilidades, experiência e disciplina de vida.

Aguiar e Ozella (2003) afirmam que “a escolha profissional deve ser compreendida como aspecto subjetivo do sujeito que vai sendo expressado de forma singular” (p.254).

Em um estudo realizado por Aguiar e Ozella (2003) os entrevistados não conseguiram dar novos sentidos aos seus próprios sonhos e desejos, em relação à vida profissional, quando falaram sobre eles, não o fizeram como algo que lhes constituísse e fizesse parte de suas trajetórias de vida, mas como algo fora de seu contexto e distante de ser alcançado.

Pereira (2003) afirma que, com o trabalho o ser humano se torna capaz de se construir e também de se relacionar socialmente, o que possibilita considerar o trabalho como algo que constitui o sujeito e, ao mesmo tempo, como uma produção material, que contribui para o avanço da existência humana e de seu progresso.

A autora destaca que, mesmo que os adolescentes estejam cientes das necessidades de seu grupo social, o trabalho também é encarado por eles como oportunidade de aprendizagem, ainda que a atividade que exercem na adolescência possa não a ser a profissão do seu futuro. Ao trabalharem, os adolescentes sentem-se responsáveis pela condução de suas próprias vidas, o que lhes permite autonomia, independência de suas famílias. Como forma de aprendizagem, o trabalho passa a ser visto como algo prazeroso e fácil de ser realizado, por não ter característica de obrigação¹⁵.

Em seus resultados Pereira (2003) considera que para os adolescentes, mesmo que a forma de trabalho atual não seja satisfatória, ela é vista como a melhor forma de obter experiências de trabalho que poderão lhes garantir futuras ocupações em locais

¹⁵ Cabe uma observação: a relação adolescência/trabalho apresenta a marca de uma condição social. Dificilmente encontra-se adolescentes de classe média ou alta no mercado de trabalho (mesmo que esta experiência seja benéfica como aponta Pereira (2003). Adolescentes desta classe social estão na escola se preparando-se para uma futura inserção em um mercado de trabalho de maior qualificação. Por sua vez, a grande maioria dos adolescentes de classes populares que se inserem no mercado de trabalho tem dificuldades para permanecer na escola, sendo assim, essa inserção precoce os impede de avançar nos estudos (e conseqüentemente em uma melhor e mais rentável qualificação profissional, escolaridade e renda.

melhores, o que faz do trabalho uma oportunidade de preparação para o exercício de funções futuras, e não apenas e puramente como forma de gerar um sustento próprio.

Com base nessas referências teóricas, fica evidente que a família é base central da vida dos adolescentes, espaço de socialização, de integração com o mundo social e de desenvolvimento de grande parte de sua subjetividade. Além disso, é possível considerar, em que aspectos adolescência e escola são pontos centrais da formação social do sujeito e que o contexto escolar é também visto pelos adolescentes como espaço social significativo de formação de vínculos e construção de relações de amizade, bem como necessário para construção de uma vida futura de convívio social e que os integra como seres de uma sociedade, permitindo, até mesmo, a transposição da condição socioeconômica em que se encontram.

Os estudos ainda apontam que, ao ser considerado pela perspectiva sócio-histórica, o trabalho é algo que define a vida dos adolescentes, por ser marcante, transformador, uma oportunidade de crescimento pessoal, modificador da realidade social e pessoal de cada sujeito. O trabalho permite ao adolescente adquirir capacidades de fazer escolhas independentes, adquirir respeito, responsabilidade, disciplina, e tais fatores irão contribuir para inserção no mercado de trabalho, ou quando investirem em uma formação superior que os conduzirá a construção de uma carreira profissional mais qualificada.

1.5 Adolescência e situação de vulnerabilidade social: diferenciando as formas de violência que podem ocorrer no cotidiano familiar

Considerar o conceito de vulnerabilidade social torna-se importante por ser essa a situação em que se encontram as adolescentes participantes deste estudo. Para Padoin e Virgolin (2010), vulnerabilidade social é um conceito utilizado para descrever grupos ou sujeitos que estão em situação de fragilidade. Segundo Sousa e Rizzini (2009), falar em vulnerabilidade é tentar compreender o que a faz uma condição imposta na vida de um sujeito, como ela se reflete e se apresenta do ponto de vista simbólico e material.

Abramovay (2002) pontua que, mesmo que a vulnerabilidade esteja associada às questões de pobreza, não se pode afirmar que uma defina a outra, mas deve-se

considerar a desigualdade social, a negação do direito de acesso ao lazer, a bens, esporte, cultura, e demais especificidades que cada grupo social necessita.

De acordo com Cunha *et al.* (2006), acerca do conceito de vulnerabilidade, grande parte dos autores concordam que pode ser definida de forma múltipla podendo alcançar diferentes dimensões que possibilitam identificar fragilidades de sujeitos, famílias ou grupos sociais. Estas dimensões estão relacionadas às particularidades individuais, familiares e ligadas a características sociodemográficas como aquelas representativas do meio social em que esses sujeitos se inserem, o que torna o conceito um sinônimo de situação de risco e de constrangimento.

Considera-se a que a situação de vulnerabilidade pode definir as relações de violência presenciadas e/ou vivenciadas pelos sujeitos. Assim este estudo pretende discutir as violências físicas, psicológicas e sexuais na tentativa de situar o contexto de vulnerabilidade social em que vivem estes sujeitos e as relações provocadas pela gravidez.

Brito *et al.* (2005) analisaram que, no âmbito conceitual, as modalidades de violência intrafamiliar cometidas contra adolescentes são violência física, violência psicológica, negligência e violência sexual. Essas modalidades podem ocorrer de forma isolada, quando se trata de uma única forma de violência ou associada, quando, em um mesmo caso, são identificadas duas ou mais modalidades.

No estudo de Brito *et al.* (2005) são apresentados dados estatísticos referentes à ocorrência da violência intrafamiliar contra adolescentes. A violência física é a mais notificada (58%), seguida pela negligência e pela violência psicológica, ambos com 34,5% dos casos, e, por último, pela a violência sexual, presente em 29% das notificações. Na sua forma “pura”, a violência psicológica é a menos identificada (4%), e cada uma das demais modalidades apresenta o índice de 14%. A violência física associada à psicológica é a que apresenta maior incidência (20% dos casos). A violência física associada à negligência está presente em 10,9% das notificações, e a violência sexual associada à física, em 7,2%.

Quando consideradas as modalidades de violência, observa-se uma variação em relação ao sexo da adolescente vítima. As adolescentes do sexo feminino são submetidas a situações de violência com maior frequência que as do sexo masculino,

representando 60% do total de notificações. Nas violências física e psicológica “existe certo equilíbrio na distribuição das notificações entre os sexos, com pequena maioria do sexo feminino” (BRITO *et al.* 2005, p.145).

Para Francischini (2003) a violência física contra adolescentes que ocorre no interior das famílias pode ser caracterizada pelo que a autora define como sistema “hierárquico-autoritário”. Os membros da família, possuidores de alguma posição que lhes confere poder, passam a exercê-lo por meio da violência em relação àqueles que considerados “mais fracos”, tratando-os como se fossem objetos, propriedades suas. O autor salienta que a perspectiva do certo e do errado, do que agrada e desagrada, é sempre a do adulto/educador.

Dentre as modalidades de violência apresentadas, a mais difícil de ser identificada, apesar de ser bastante frequente, é a psicológica. Ela pode levar a pessoa a sentir-se desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que perduram durante muito tempo e, se agravadas, podem levar até ao suicídio (BRASIL, 2001).

Outra categoria de violência discutida neste estudo é a violência sexual. De acordo com Eloy (2007), considera-se abuso sexual uma situação em que a sexualidade do sujeito passa a ser compartilhada mediante uma situação de relação interpessoal, ou seja, quando envolve pessoas e contatos próximos do sujeito que vive ou compartilha algum tipo de relacionamento com ele. Caracteriza-se como abuso, mesmo se a força física não for o meio pelo qual o sujeito queira ou tente obter favores sexuais da pessoa que colocada na posição de violada.

Muitas vezes, ocorre que o adolescente, por sua condição “infantil”, cede à coerção do adulto que tenta abusar sexualmente dela e passa, assim, a conviver com o medo da punição, da coação e da revelação. Muitas adolescentes em situação de abuso apresentam comportamentos que antes não eram observados, o que, muitas vezes, não é compreendido pelo grupo ou família com que o adolescente se relaciona. A vítima, então, mantém sua vida em sigilo, como se estivesse cometendo algum ato clandestino, quando, na verdade está sendo violada (ELOY, 2007).

Além do abuso, a violência sexual pode ocorrer sob a forma de exploração. Por isso, faz-se necessário, apresentar a definição desse outro tipo de violência para evitar

uma confusão conceitual. Estes dois tipos de violência citados (abuso e exploração sexual) têm sido, muitas vezes, tratados e trabalhados como se fossem iguais e ocorressem nas mesmas condições; merecem, porém, serem diferenciados em suas peculiaridades (ELOY, 2007).

Eloy (2007) apresenta uma importante contribuição ao declarar que tanto para o abuso sexual quanto para a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes (ESCCA), existe uma situação de relacionamento interpessoal que objetiva o uso da sexualidade como forma de satisfação do adulto. Por isso, muitas vezes, tais violências podem ser confundidas entre si (ELOY, 2007).

No entanto, muitas são as diferenças entre abuso sexual e ESCCA, sobretudo as de origem epistemológica, que remetem a uma discussão radical em que se busca compreender as origens e os caminhos teóricos percorridos por cada uma dessas modalidades de violência sexual. Em relação à ESCCA, devem-se considerar aspectos que constituem esse fenômeno, tais como a inserção da violação no contexto mercadológico do sistema capitalista e as dinâmicas existentes no mercado do sexo, suas características como mercado ilegal, as redes de tráfico envolvidas nessa dinâmica, consumidores finais, intermediários, atravessadores, negociantes, etc. (SANTOS, 2007; MELLO, 2010).

Por isso, enfatizar o conceito de mercado do sexo é essencial para diferenciar as formas de violência sexual que possuem características distintas em suas concepções (MELLO, 2010).

A temática referida merece extrema atenção, sobretudo por evidenciar a questão dos sentidos que emergem das falas das adolescentes que vivenciaram algum dos tipos de violência familiar descritos neste estudo. Parte-se do pressuposto de que muitas adolescentes, ao relatarem suas experiências, podem resignificar e dar um novo rumo a suas trajetórias. A categoria sentido, como abordada neste trabalho, rompe com a noção de desenvolvimento linear e percebe a subjetividade construída material e historicamente, pois o sujeito é visto como sendo uma síntese de inúmeras determinações, dentre elas, gênero, classe e posição social (VYGOTSKY, 2008).

Desta forma, pode-se entender que a adolescência, violência ou qualquer outra temática deve ser considerada como construção social para que haja relação com a proposta teórico-metodológica que norteia esta dissertação.

Os estudos citados e analisados neste capítulo serão utilizados como recursos que embasem a investigação empírica desta pesquisa, tanto em relação à perspectiva teórico-metodológica da psicologia sócio-histórica de Vigotsky adotada neste estudo, como no tocante à temática adolescência e vulnerabilidade social. As análises realizadas até aqui fundamentam a construção teórica sobre o tema e contribuem para a discussão e análise de dados desta dissertação.

CAPÍTULO II PERFIL DAS ADOLESCENTES PESQUISADAS QUE SE ENCONTRAVAM EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Este capítulo está organizado em duas partes. A primeira apresenta o perfil das 99 adolescentes que responderam ao questionário, a segunda de uma breve história de vida (tendo como foco principal a experiência de gravidez e maternidade) das 16 adolescentes selecionadas para este estudo. As informações da história de vida foram obtidas dos questionários e das entrevistas.

É importante relembrar, como já apresentado na introdução dessa Dissertação que a pesquisa matriz Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica (SANTOS *et. al.*, 2007) investigou os registros do SIS-Pré-Natal (DATASUS) de adolescentes na faixa etária de dez a dezenove anos usuárias dos serviços de saúde do Distrito Sanitário da Região Leste de Goiânia. O levantamento foi realizado no período de 1º de julho de 2009 a 1º de julho de 2010.

Foram identificados cadastros de 223 adolescentes. A busca ativa desse grupo permitiu localizar 99 adolescentes que responderam ao questionário da pesquisa. Desse grupo, 47 adolescentes que fizeram referência a situações de violência relacionadas a gravidez foram entrevistadas.

Para o recorte da pesquisa que deu origem a esta dissertação foi feita mais uma seleção: o grupo etário deveria estar condizente com os parâmetros do ECA, ou seja, as entrevistadas deveriam estar na faixa etária de doze a dezoito anos de idade à época da realização da pesquisa empírica. Não havia adolescentes de doze ou treze anos, portanto o grupo selecionado estava na faixa etária de quatorze a dezoito anos.

Essa mudança da faixa etária justifica-se pelo fato de o grupo de pesquisa ao qual este estudo está filiado, realizou nos últimos vinte anos pesquisas que trabalham com a categoria etária baseada no ECA e não na definição da OMS.

2.1 Perfil das adolescentes da Região Leste

Com a sistematização expressa no artigo “Perfil sócio-econômico-cultural, gineco-obstétrico e sexual das adolescentes grávidas da região leste do município de Goiânia” (MONTEIRO, 2011) foi possível identificar os seguintes perfis das 99 adolescentes entrevistadas: a idade está entre 15 e 19 anos (75,8%); 22,2%, 20 anos de idade e 2 entre 10 e 14 anos (2%).

Quanto à naturalidade evidenciou-se que 61,6% nasceram em Goiânia-GO e 38,4% em outra cidade do estado de Goiás ou de outras unidades da federação. Em relação às condições de moradia, 60,6% relataram morar em casa, 38,4%, em barracão, e 1,0% em quarto ou cômodo. Todas residiam em casas de alvenaria e destas residiam 43,4% em casa própria, 43,4% em casas alugadas, 13,2% em outras condições de moradia, caracterizadas como emprestados cedidos.

Monteiro (2011) aponta ainda que, em relação à classe econômica, caracterizada a partir dos objetos existentes no domicílio e de acordo com a definição da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2000), 96,0% possuíam geladeira em casa, 92,9%, telefone celular, 76,8%, rádio, 37,4%, motocicleta para uso particular, 32,3%, automóvel para uso particular, 30,3% microcomputador, 30,3%, máquina de lavar roupa, 25,3%, telefone fixo, e 14,1% microcomputador com acesso à Internet.

Acerca do número de pessoas que residem no mesmo domicílio, 61,6% conviviam com uma a quatro pessoas, 34,3%, com cinco a sete, e 4,1%, com oito a nove pessoas na mesma casa.

Quanto à renda mensal da família 2,9% recebiam até meio salário mínimo por mês; 26,3% acima de meio a um salário; 56,7% acima de um a três; 10,2% acima de três a seis; 2,0% acima de seis a nove e 2,0% não informaram.

Em relação às pessoas que contribuía para a renda familiar¹⁶, 63,6% eram os companheiros, 31,3%, as mães das entrevistadas, 24,2% as próprias adolescentes, 16,2% os pais das adolescentes, 8,1%, os pais das adolescentes, mas que não

¹⁶ Como se trata de questão de múltipla escolha, os percentuais superam 100%.

moravam com a família, e 3,0%, as madrastas/padrastos das adolescentes e 4% recebiam auxílio governamental (Bolsa Família).

No tocante à raça/etnia das entrevistadas 7,1% se denominaram-se amarelas, 16,2%, brancas, 12,1%, pretas e, 64,6% de cor parda.

Acerca do estado civil das entrevistadas 40,8% se definiram-se como solteiras, 59,2%, como casadas. Outro resultado apontado é que 58,6% informaram ter uma prática religiosa. Das que se referiram à prática religiosa, 28,3%, afirmaram ser católicas, 28,3%, evangélicas, 1,0% espírita e, 42,4% não responderam com exatidão à pergunta referente a essa temática.

Apenas 2% dos entrevistados declararam ser responsáveis por realizar, descrevem que realizaram/realizam tarefas domésticas 2,0 %; destacando auxiliar nas atividades desde os 6 anos de idade, 5,1 %; desde os 7 anos, 5,8%; desde os 8 anos, 10,1%; desde os 9 anos, 18,2 %; disseram ajudar a partir dos 10 anos de idade, 16,2%; a partir dos 11 anos de idade, 14,1% a partir dos 12 anos de idade; 9,1% aos 12 anos; 7,1% aos 13 anos; 10,1% aos 14 anos e 3,0% aos 15 ou mais, e 30,3% relataram fazê-lo e 69,7% não. As ocupações variaram, sete das adolescentes trabalham como manicure/pedicure/cabeleireira, seis como atendentes, quatro como costureiras, três como vendedoras, três como empregadas domésticas, uma como auxiliar administrativo e seis das adolescentes declararam exercer outras atividades.

Acerca da inserção atual na escola pelas adolescentes que participaram do estudo, constatou-se que a maioria das adolescentes (88,9%) não estava estudando quando a pesquisa foi realizada.

Em termos de escolaridade, 4,0% possuíam a primeira fase e ensino fundamental incompleto, 2,0% a primeira fase do ensino fundamental completo, 18,2%, possuíam a segunda fase do ensino fundamental incompleta, 8,1%, a segunda fase do ensino fundamental completa, 43,4% possuíam o ensino médio incompleto, 20,2%, possuíam o ensino médio completo e 4,1%, o superior incompleto.

Em relação ao tipo de instituição de ensino que as adolescentes estavam vinculadas, a predominância era instituição pública (94,9% das entrevistadas), 4,1% estudavam em instituição privada e, 1,0 %, em escolas conveniadas. Dentre aquelas que não concluíram a educação básica e não estudavam, 61,6% das adolescentes

deixaram de estudar em virtude da gestação, 12,1%, por vontade própria ou por não gostar de estudar, 7,1% alegaram questões de trabalho, 8,1%, outros motivos e, 11,1% não responderam a questão.

Como atividades de lazer realizadas pelas adolescentes¹⁷, destacaram-se assistir TV (84,8%), ouvir música (63,6%), ir à praça (21,2%), ir ao parque (19,2%); sair com os amigos (18,2%), ir ao cinema (16,2%), ir a um bar (9,1%), freqüentar boates (4,1%), praticar esportes (4,0%) e outra atividade (15,2%).

Em relação aos grupos dos quais participam 24,2% disseram estar inseridas em grupos religiosos, 4,0% em alguma banda de música, 20% em grupo de teatro, 4,0% em grupos esportivos, 2,0% em grupos de dança, 1,0%, em grupos de gestantes e 62,8%, disseram não participar de nenhum grupo específico.

Investigou-se também a relação que a mãe adolescente mantinha com o companheiro, sendo encontrado que 65,3% das adolescentes mantinham relacionamento estável; 10,2% terminaram o relacionamento, mas mantém contato com o pai do filho, 5,1% terminaram o relacionamento e não conservavam contato com o pai; 13,3% iniciaram relacionamento estável, 2,0% não tiveram um relacionamento estável e mantinham contato com o pai; 4,1% não tiveram relacionamento estável e nem conservavam contato com antigo namorado.

Quanto às mudanças sociais ocasionadas pela gravidez, verificou-se que 53,1% mudaram de residência após a gravidez. Dentre as que mudaram de residência, 3,1% foram morar sozinhas, 28,9%, com o companheiro, 9,3%, com o companheiro e a família, 1,0%, com amigos, 3,1%, com outros familiares; 7,2%, com pai ou a mãe, e 47,4% não responderam à questão.

Em relação à temática trabalho, constatou-se que a maioria das adolescentes pesquisadas nunca trabalhou fora de casa (69,7%).

¹⁷ Questão de múltipla escolha.

Além das mudanças nas relações de trabalho, com a escola e a família, houve mudanças em atividades de lazer¹⁸: 8,1% aumentaram tais atividades, em 63,3% dos casos elas foram diminuídas.

Quanto à interferência/impedimento, pelos pais, de convivências com outras pessoas antes da gestação: 24,7% das adolescentes disseram que os pais as impediam. Das pessoas que tiveram a convivência impedida pelos pais, 55,9% relataram ser com os namorados, 32,4%, com os amigos, 8,8%, com os familiares, 2,9% com vizinhos. Em relação ao tipo de mudança nas relações de amizade 7,1% disseram ter mudado o grupo de amigos, 7,1% tiveram maior aproximação com o grupo de amigos, 25,6% afastaram-se do grupo de amigos.

O conjunto dessas informações permitiu construir um perfil socioeconômico das 99 adolescentes pesquisadas. A maioria delas estavam na faixa etária de 15 a 19 anos (75,8%), eram predominantemente negras (12,1% pretas e 64,6% pardas), mantinham vínculo caracterizado como casamento (59,2%), 58,6% afirmaram ter uma prática religiosa.

Acerca da naturalidade das entrevistadas, a maioria, (61,6%) nascera e morava em Goiânia-GO, e 38,4%, em outras cidades de Goiás ou da federação. Em relação ao tipo de moradia a maioria reside em casa (60,6%); 38,4% em barracão; 1,0% em quarto ou cômodo. Em relação à propriedade sobre domicílio, a maioria reside em casa própria (43,4%), em casas alugadas 43,4%, e 13,2% moravam em casas cedidas.

A maioria das famílias (56,6%) possuía a renda mensal de um a três salários mínimos por mês, (56,6%), 29,2%, das entrevistadas relatou possuir renda familiar mensal de até meio a um salário mínimo por mês¹⁹ (29,2%) e 2,1% não responderam a questão.

As adolescentes contribuíam pouco ou minimamente para renda mensal familiar (24,2%) e na maioria dos casos, a maior participação na renda familiar era dos pais das

¹⁸ O número total oscilou entre 97 e 99 por cento, devido aos sujeitos que não responderam à pergunta, gerando taxas de respostas variáveis (sem informação) as quais foram excluídas da tabela.

¹⁹ Classe econômica miserável pela classificação do DIEESE – até um salário mínimo.

adolescentes (51,5%), seus companheiros (63,6%) e uma minoria (3%) recebia auxílio do governo – Bolsa Família.

Em relação ao trabalho doméstico realizado pelas adolescentes entrevistadas, todas declararam que até os quinze anos de idade realizaram tarefas domésticas (100%). Grande parte das entrevistadas nunca trabalhou/trabalha fora de casa (69,7%) e 30,3% relataram trabalhar ou ter trabalhado fora de casa.

Concernente à permanência na escola por parte das entrevistadas, constatou-se que a maioria delas (88,9%) não estava estudando na época em que a pesquisa foi realizada.

Em relação aos motivos pelos quais as entrevistadas disseram ter deixado a vida escolar, grande parte associou o fato de “ter de parar” de estudar com a questão de ter engravidado (52,5%). Destas apenas uma minoria disse que foi por questões de trabalho (7,1%) e por outros motivos, como ter que se mudar para outro bairro, ou porque não gostavam de estudar ou não gostavam da escola (29,3%). Observou-se que (94,9%) estudava em colégios/escolas públicas, 4,0%, em escolas privadas, e 1,1%, em escolas conveniadas.

Das atividades de lazer que disseram realizar, assistir à TV é uma das preferências das adolescentes (84,8%) e em segundo lugar está ouvir música (63,6%). As demais atividades de preferência das adolescentes entrevistadas foram: sair com os amigos, ir à praça, ao cinema, bares, boates e praticar esportes.

Quanto aos limites impostos pelos pais em relação a grupos ou amigos que as entrevistadas poderiam ter e manter contato, a maioria (75,3%) relatou que os pais nunca as impediram de se relacionarem com outras pessoas, e uma parte delas (24,7%) disse que os pais impunham limites claros para seus relacionamentos.

Na sequência, serão apresentadas informações a respeito das 16 adolescentes selecionadas (do grupo de 99 e, posteriormente, 47 adolescentes) para esta pesquisa. Foram utilizados, como dito na introdução, os seguintes critérios para a seleção das adolescentes: que tivessem idade entre doze e dezoito anos, e que apresentassem, em seus questionários e entrevistas, relatos que comprovassem situações de vulnerabilidade social e ou violência por elas vivenciados antes e após a gestação. As

informações foram extraídas dos questionários aplicados e das entrevistas realizadas no contexto da pesquisa matriz (SANTOS, *et al.*, 2007).²⁰

2.2 Breve história de vida

2.2.1 Flávia²¹

Flavia, mãe-adolescente de quinze anos de idade, engravidou quando ainda tinha quatorze anos. De cor parda, casada, católica, Flávia nasceu em Goiânia-GO, onde reside há mais de dez anos. Morava em uma casa própria. A família era composta pela Flávia, seu pai e mãe, sua filha de dois anos, seu irmão, irmã, e seu esposo (que estava preso na data da entrevista). Todos moravam na mesma casa, com exceção da irmã, que se casou aos dezesseis anos, não tinha filhos e morava em outra parte da cidade.

Quem contribuía para a renda total da família era o pai da adolescente. Apesar de relatar gosto pelos estudos e pela escola, parou de estudar, quando engravidou, ainda no ensino fundamental. Sempre estudou em escola pública. Ela justifica:

Parei porque eu queria estudar só se fosse à noite, né?, porque de manhã eu não dava conta porque eu passava muito mal, muito mal mesmo! Não podia sentir cheiro de comida nenhuma.

Flávia não realizava nenhuma atividade doméstica e não trabalha fora. Sua renda familiar era acima de meio a um salário. Suas principais atividades de lazer são assistir TV, ouvir música e ir a bares. Além disso, não participava de nenhum outro grupo.

Antes da gravidez, seus principais amigos eram da escola ou vizinhos e, após a gravidez apenas seus vizinhos. Sua primeira relação sexual ocorreu aos treze anos de

²⁰ No apêndice (F) serão apresentadas sinteticamente as informações das 16 adolescentes (participantes desta pesquisa), por meio de uma tabela criada para este fim. Nesta tabela estão contidas informações acerca de idade, idade em que engravidou, número de filhos, com quem mora e o estado civil.

²¹ Nesta parte do trabalho serão apresentados nomes fictícios, sendo assim as informações serão limitadas a fim de garantir o sigilo sobre a identidade dos mesmos.

idade e até a data da entrevista relatou já ter tido cinco parceiros sexuais, mas que no momento não mantinha nenhum tipo de relacionamento.

A adolescente apresentou relatos de situações de sofrimento e conflito vivenciados em sua relação com a sogra. Também tinha dificuldades de relacionamento com o pai do filho, incluindo violência física:

Ele [pai da criança] já me bateu várias vezes. A mãe dele já me falou tantas coisas pra mim também. Os parentes dele já falaram... nossa eu tenho uma raiva tão grande dos parentes dele, que se eu pudesse não deixava minha filha nem por o pé lá! Não gosto que ela vai lá, não gosto. [...] Quando eu tava grávida ele me xingou várias vezes, me xingou demais e uma vez meteu o murro na minha a barriga.

No relato da adolescente, percebe-se que ela não se sentia amparada pela família do pai do filho em um momento de fragilidade que estava vivenciando, revelando sentimentos negativos dessas relações, como nas falas que se seguem

Ele e a família dele tudo falava. Diziam que o Xxx nunca, nunca mentia. Ele falava que não era filho dele não, aí ele me passava muita raiva, aí minha pressão ficava baixa, ficava alta, ficava baixa ficava alta. Aí, não sei o que aconteceu lá, que falavam que não era filho dele. Eu vivia chorando, só chorando e a mãe dele falava assim: “Que não ia cuidar de filho dos outros não!” Ela me humilhava, me xingava. “Não é filho do Xxx, porque se fosse eu ia cuidar”. Aí tinha uma vizinha dela que eu conversava, aí ela falou assim: “ah!, sua boba, precisa preocupar não! Deixa passar o tempo, hora que a Xxx nascer, pra você ver, vai lá pra casa do pai dela, vai ser parecida com ele”. Não dou certo nem com a mãe dele, nem com os parentes dele, eu não gosto. Eu tenho raiva, hora que eu vejo, e eles me cumprimentam, é ódio, raiva! E é raiva demais...! E um sentimento assim que é ruim até de lembrar.

As falas citadas expressam que as situações conflituosas por ela vivenciadas foram marcantes e significativas a ponto de considerar “não dar certo com a mãe dele, nem com os parentes”, e, além disso, não gostar delas por apresentarem características que, para a adolescente, eram negativas e geradoras de sofrimento.

2.2.2 Samara

Samara de dezoito anos de idade tornou-se mãe-adolescente aos dezessete, quando engravidou pela primeira vez. De cor parda, casada e evangélica, residia em Goiânia-GO, cidade natal. Morava em uma casa alugada, com a mãe, irmã, sobrinha e o esposo. Quanto à realização das atividades domésticas ela confirmou fazê-las desde os nove anos: limpar a casa, banheiros, vasilhas e cuidar da sobrinha e da filha.

Os pais da adolescente estavam separados desde que ela tinha a idade de um ano, e seu pai sempre foi ausente. Sua mãe também possuía histórico de gravidez na adolescência, tendo ficado grávida aos dezessete anos. O pai da criança de Samara continua relacionando-se com a adolescente e a ajuda financeiramente com as despesas, apesar dos poucos recursos financeiros de que dispunha.

A renda mensal de sua família era acima de um a três salários mínimos. Contribuíam para com a renda familiar em grande parte a própria adolescente, seu namorado (pai do filho), a mãe da adolescente e sua irmã.

Samara não estudava, mas possuía o ensino médio completo, relatando que nunca havia parado de estudar. Seus estudos foram sempre em escola pública, disse gostar de estudar, mas não da escola, apesar de nunca ter tido nenhum tipo de problema na escola.

Exercia também atividade fora de casa, trabalhando como instrutora de formação de manicure em um centro comunitário. Desde os dezesseis anos de idade exerce atividade remunerada.

Participava de um grupo religioso (evangélico). A maioria dos seus amigos era do mesmo bairro, antes e após a gravidez. Não pretendia engravidar, porém, ela a aceitou bem. Relatou ter vivenciado situações difíceis em sua família quando engravidou, o que pode ser evidenciado pelas falas que se seguem:

Para meu avô foi difícil contar que eu estava grávida, porque ele é muito antigo, ele é muito conservador. Namorado pra ele...! A gente foi contar pra ele que tava namorando uns oito anos depois que tinha namorado porque ele não aceitava. Ai...! Foi difícil pra mim contar pra ele que eu tava grávida. Ai! Eu acho que eu que me senti como uma vagabunda assim, não por ele, ele não chegou a falar você é uma vagabunda não, ele só assim, ele agiu como se fosse isso, não sei explicar...

No trecho citado, percebe-se que, apesar de Samara não ter ouvido diretamente do avô que ela era uma “vagabunda”, ela sentia-se como tal, pela rigidez de comportamento do avô, o que gerava nela um desconforto e dificuldades de relacionamento com seu avô. O sentimento dele em relação à adolescente era de reprovação, o que pode ter instalado uma situação de angústia na vida desta adolescente.

2.2.3 Lívia

Lívia, à época da entrevista, tinha dezessete anos e engravidou aos 14. De cor parda, solteira, evangélica, nascera e residia em Goiânia-GO. A renda mensal de sua família era acima de três a seis salários mínimos por mês. Morava em uma casa própria com os avós paternos, seu pai e o filho.

O namoro entre Samara e seu parceiro existia havia apenas um mês quando aconteceu a gravidez, que foi descoberta pela mãe já no quarto mês de gestação, pois a adolescente nem percebera que estava grávida.

A adolescente morava com seu pai e os avós paternos desde que nascera. Ela tinha dois irmãos por parte de pai e oito da mãe, que não criara nenhum dos filhos, e não mantinha contato com todos os irmãos.

Sua relação com a família era conflituosa e a adolescente relatou ter passado por situações de sofrimento provocadas por seu pai biológico e seu tio, e que também sofrera violência física por parte do tio. O pai da criança era seu atual namorado e, na época em que ela ficara grávida, tinha 33 anos.

A adolescente parou de estudar quando cursava o ensino médio, que ficou incompleto, segundo ela, em razão da gravidez. Sempre estudou em escola pública, mas não gosta de estudar.

Lívia ajudava na realização de tarefas domésticas desde os dez anos de idade e não trabalhava fora de casa. Suas principais atividades de lazer eram assistir à TV, sair com os amigos e ir a boates. A adolescente não trabalhava fora e era auxiliada financeiramente pelo pai do seu filho, além de obter o sustento de seu próprio pai.

Os amigos, antes e após a gravidez, em sua maioria, eram de outro bairro e também do mesmo bairro em que ela residia. Sua primeira relação sexual ocorreu quando ela tinha quatorze anos de idade. Samara, até o momento da entrevista, tivera três parceiros sexuais.

Acerca das violências físicas e psicológicas vivenciadas em seu contexto familiar, a adolescente apontou dificuldades no enfrentamento dessas questões, e, ao mesmo tempo sua impotência e falta de apoio diante dos fatos ocorridos:

Meus maiores conflitos são só com meu pai biológico e com meu tio mesmo. Sofri violência psicológica por parte do meu tio, que falava muitas palavras agressivas para mim e me batia também, mesmo eu estando grávida. Ele sempre foi desse jeito, mas na gravidez ele era mais violento, porque não sabia. Meu pai disse pra ele que ia chamar a polícia, fazia barulho e não chamava. Eu já cheguei a chamar, mas não fizeram nada. Fiz a denúncia, mas ele não foi preso.

A fala da adolescente expressa uma situação de fragilidade, pois a família não a protegia do tio violento e nem o Estado, visto que a polícia (mesmo quando solicitada) não agiu em seu favor. Verifica-se também a naturalização da violência vivida pela adolescente em relação ao que vivenciava fato que se confirma quando a adolescente diz:

Ah... Mas eu também não fui criada como filha pra ele [pai], né?! Mas sim como irmã. Eles morrem de ciúmes de mim! Depois que eu cheguei, eu era a filha caçula. Hoje, praticamente sou eu. Tudo que fazem aqui é ao redor de mim. Eu passava muita raiva. Meu tio falava demais.

2.2.4 Karla

A adolescente Karla tinha dezesseis anos, (engravidara aos quinze) solteira, de cor parda e não praticava nenhuma religião. Nasceu em Goiânia. Residia em uma casa emprestada de alvenaria. Seus pais eram separados, e ela morava com a mãe.

A renda familiar era de meio a um salário mínimo, e a mãe da adolescente a única pessoa que contribuía para a renda familiar.

A adolescente não estudava, parou seus estudos quando estava no ensino médio, deixando-o incompleto. Relatou ter parado de estudar em virtude da gravidez. Sempre estudou em escola pública, gostava de estudar e também da escola.

Auxiliava nas tarefas domésticas desde os quatorze anos de idade, mas nunca trabalhou fora. Gostava de ouvir música e não participava de nenhum grupo.

Antes da gravidez, a maior parte de seus amigos era da escola ou parentes, e como teve que parar de estudar quando estava no oitavo mês de gravidez, ela ficou com a amizade apenas de seus parentes, afastando-se do grupo de amigos da escola.

Após a gravidez, a adolescente disse que diminuíram suas atividades de lazer. Sua primeira relação sexual ocorreu quando ela tinha quinze anos.

A adolescente relatou ter sofrido violência física e psicológica do pai:

Com meu pai era difícil, viu?! Brigava, brigava direto quando eu tava grávida. Falava que ia pôr meu filho pra fora.

Uma vez, ele chegou quase a me bater quando eu tava grávida. Quase me bateu. E se eu me lembro, eu acho, ele já tinha me dado... ele me deu um murro já quando eu tava grávida.

Além da violência física relatada pela adolescente, ela falou de situações vivenciadas com agressões verbais do pai:

Só isso assim. Aí ele falou um tanto de trem lá, mas eu nem lembro mais não, faz tempo, né?! Me xingava: “não mandei você fazer filho não, sua vagabunda!”, me xingava tudim. “Vou por seu filho pra fora”, não sei o quê, “não mandei”... Fui pra casa da minha amiga, dormi lá. Passou, mas também depois ele encrenava direto. Aí, depois quando eu ganhei neném, ele pegou mais minha mãe, ele terminou. Ele tava com rolo com outra. Ele tá com a outra desde pra lá.

[...] Hoje é muito difícil eu ver ele. Vejo na feira, onde eu trabalho. Tenho mágoa dele, e muita. Esquisito ele é, esquisito demais, ele. Ele era muito esquisito com o povo lá de casa. Bebia. Bebia e descontava a raiva dele lá em casa. Ele quase já bateu na minha mãe já. Minha mãe não quis não. Isso aí... Ele foi só tristeza pra mim. Só tristeza pra mim e minha mãe, né? Eu chorava, chorava, viu! Ficava dentro do quarto, eu ficava chorando... Sei lá... Desse jeito.

[...] Quanto eu tava... Eu acho que tava com 4 meses... Quase 5 meses, eu tava. Eu tava quase perto de ganhar [neném] quando ele disse: “eu vou fazer você ganhar esse menino antes da hora, sua vagabunda”. “Uai, então faz isso, pra você ver! Pra quê tem polícia? Eu vou lá e chamo ali, né? Já é perto! Vou lá e denuncio você!”, eu falei. Aí minha tia ficou falando um tantão de trem pra ele, mandou ele calar a boca. Aí entrou pra dentro e ficou falando um tantão de trem lá dentro lá. [...]

Percebe-se nestas falas que as relações familiares marcadas pela violência e desencontros ficaram mais tensionadas após a gravidez da adolescente.

Além dos conflitos presentes na relação entre pai e filha, a adolescente também passou por problemas relacionais com o pai da criança, com quem mantinha relacionamento:

Continuo namorando com o pai da criança, mas nós dois não dá muito certo não. Ele é ignorante, xinga por qualquer coisinha, pior que criança. Ele me xinga todo dia, não tem um só dia que nós não brigamos.

A adolescente apresenta, por meio de seus relatos, carregar marcas de violência significativas em sua história de vida, com a vivência em um contexto conflituoso a qual está exposta diariamente.

2.2.5 Andressa

Já com 18 anos de idade, Andressa era casada. De cor parda, católica, nasceu em Goiânia-GO. Morava em uma casa própria de alvenaria com o esposo e os filhos. Aos quatorze anos, começou a namorar um rapaz de vinte e um anos de idade. Engravidou dele aos dezessete. Ela já morava com o esposo havia quatro anos, e, no período da entrevista o casal tinha dois filhos. A renda mensal de sua família era acima de meio a um salário mínimo por mês. Contribuíam para a renda mensal de sua família a própria adolescente e seu esposo/companheiro. Suas relações familiares foram denominadas por ela como conflituosas, sobretudo no relacionamento com sua avó.

Foi abandonada pela mãe aos seis anos de idade, porém, enquanto a família viveu unida, a mãe quebrava todas as coisas da casa quando estava bêbada e agredia física e psicologicamente os três filhos. A mãe era alcoólatra e acabou falecendo havia dez anos de cirrose. A entrevistada era a mais velha dos três irmãos, viveu só com o pai, pois os irmãos mais novos moravam com uma prima.

Andressa parou seus estudos quando estava no ensino médio ainda incompleto, pois não voltou mais a estudar. Teve que deixar seus estudos para dedicar-se ao trabalho. Sempre estudou em escola pública, gostava de estudar e também da escola. Auxiliava sempre nas atividades domésticas desde os onze anos de idade e trabalhava

como costureira remunerada desde os dezesseis anos. Não parou de trabalhar enquanto estava grávida.

Gostava de assistir à TV, ouvir música, sair com os amigos, ir ao parque/ praça ou ao cinema. Não participava de nenhum grupo específico.

A maioria de seus amigos antes da gravidez era da escola. Após a gravidez, passaram a ser as pessoas do seu bairro. A adolescente não pretendia engravidar, mas com o ocorrido, decidiu iniciar um relacionamento estável com o pai do seu filho.

Teve sua primeira relação sexual aos dezesseis anos de idade, e apenas dois parceiros sexuais durante a vida. Andressa descreve uma situação de violência sexual quando criança:

Ele [tio de consideração] era uma pessoa que minha avó tinha criado como filho. Meu pai levou ele pra morar lá em casa. Meu pai considerava ele como irmão. Meu pai ia trabalhar cedo e deixava ele lá em casa.

Ele pediu minha mãe pra ir comprar um litro de 51 e uma cola superbonder. Aí minha mãe foi e ele me chamou pra mim catar uns pregos numa caixa de madeira, aí eu abaixei pra pegar, aí ele começou a passar a mão em mim e eu pedi ele pra parar de levantar o meu vestido e falei que eu ia contar pra minha mãe. Aí ele disse que não era pra mim contar. Aí quando eu levantei pra correr, ele me pegou e me jogou na cama e começou a tirar minha roupa. Quando ele começou a abaixar meu *short* minha mãe pegou e chegou e não tinha porta.

Minha mãe ficou louca da vida e chamou a polícia. Ninguém toca nesse assunto e eu não falo sobre isso com ninguém, nem com o meu marido eu falo. Minha família não toca nesse assunto e nem eu. Mas meu pai... Ah! Meu pai sempre foi trabalhador! Ele trabalhava no Ceasa [Centrais Estaduais de Abastecimento], mas cuidava da gente...!

A adolescente revela em sua fala o sofrimento vivenciado ao longo de sua trajetória, marcada pela violência doméstica (sexual) por parte de um tio de consideração (criado pela avó como filho). Tal fato abalou tanto a família a ponto de todos “esquecerem” o assunto e dá-lo como encerrado. A adolescente afirma que por ser muito nova e ter cinco anos de idade quando se dera o ocorrido, não se lembra dele com clareza e não considera que isto afetou suas relações futuras e/ou atuais.

Foi um fato, mas, assim, por eu ser muito nova, ter só cinco anos não deu pra ter um trauma, não lembrava, levava na brincadeira, mas também ninguém da minha família toca no assunto.

Pois é, não influenciou nada na minha vida isso, eu não ficava lembrando da cena, eu não chorei, é tanto que no outro dia eu brincava e tudo na minha vida tava normal. Só me lembro de ter chorado quando ele foi preso e eu vi ele apanhando e ele olhava pra mim. Eu nunca tive pena dele, só que eu não lembro dele. Pra mim, isso não fez diferença.

Segundo Andressa, o fato ocorrido não lhe deixou traumas e nem marcas. Sua fala evidencia uma capacidade para dar novos sentidos às experiências, ainda que situações de violência: “Mas eu não me importei com aquilo não. Nem fiquei com medo”.

2.2.6 Vilma

Vilma tinha quinze anos de idade e engravidara aos quatorze. De cor parda, solteira, evangélica, nascida em Recife-PE, residia em Goiânia acerca de dez anos. Morava em uma casa de alvenaria, emprestada, com a mãe, o pai e o filho. Era filha única, e os pais, religiosos. Namorava o mesmo rapaz havia três anos. Ele terminou com ela logo após o nascimento do filho, mas continuou visitando a criança e dando-lhe atenção necessária como pai, mantendo apenas esse tipo de contato com a adolescente.

A renda familiar mensal era de meio a um salário mínimo. As pessoas que contribuíam para a renda familiar eram a própria adolescente, a mãe e o pai da adolescente.

Vilma não estudava mais depois que ficou grávida; estava no ensino fundamental quando engravidou. Sempre estudou em escola pública. Gostava de estudar, mas não da escola.

Auxiliava nas atividades domésticas desde quando tinha sete anos de idade. Trabalhava fora de casa como cabeleleira. Nunca parou de trabalhar, nem mesmo durante a gravidez.

Gostava de assistir à TV, sair com os amigos, ir a parques e praças. Participava de um grupo religioso. Seus amigos antes da gravidez eram da escola, vizinhos e do mesmo bairro; após a gravidez passaram a ser apenas os parentes.

Sobre as mudanças após a gravidez, percebeu que houve um afastamento do grupo de amigos, porém uma melhoria nas relações familiares. Teve sua primeira relação sexual aos doze anos de idade e apenas um parceiro.

Considerava que vivenciou situações constrangedoras, caracterizadas por ela como agressão psicológica, de alguns familiares e conhecidos quando eles souberam que ela havia engravidado na adolescência. Mostrou-se magoada ao falar sobre as agressões sofridas:

Falavam muitas piadas pra mim, que pra mim é igual você falando de agressão psicológica. Tudo isso gera em torno, num é?! Porque tudo isso machuca, tudo isso mexe com a cabeça da gente. O que mais aconteceu com a minha família foi isso. [...]

Nas ruas, às vezes, eu passava e pessoas que me conheciam falavam: “Agora você arrumou o que queria”. Contavam piada e muita coisa, então, assim, o que mais me machucava e magoava quando eu estava grávida é quando as pessoas falavam isso: “É, você agora arrumou o que queria!”, “Você não presta!”, “O que você foi inventar sua mãe sempre deu tudo pra você!”.

Em outro momento da entrevista a adolescente relatou descontentamentos em relação ao atendimento por ela recebido na unidade de saúde em que ela teve seu filho. Segundo a adolescente, a profissional de saúde fez comentários que a incomodaram e considera ter sido agredida pelas palavras ditas pela profissional:

Fiquei muito chateada com uma moça no hospital que trabalhava lá. Minha mãe ficou revoltadinha com o que a mulher falou: que queria que meu neném mamasse à força. Eu não dava conta de dar de mamar, eu nunca tive aquilo na minha vida, meu peito não saía leite de jeito nenhum, tinha que ficar apertando, machucando. Ai ela falou: “É seu filho e não gosta de você”.

Eu tinha acabado de vacinar, aí ela puxou o bracinho dele e falou de novo: “É!, seu filho não gosta de você, tá vendo?! Não te abraça, acho que tem mais amor na sua mãe do que com você...”.

Falou muita coisa que me machucou mesmo, aí lá eles chamou a psicóloga que veio conversar comigo. Chorei muito... Ela [enfermeira] puxou o bracinho dele bem do lado onde tomou a vacina, ele começou a chorar, aí ela falou: “Ele não gosta de você, nem quer te abraçar”. Aí ela começou a forçar ele pra cima de mim, sabe? Pra mim foi uma coisa horrível! Àquela hora foi um choque.

A adolescente sentiu-se menosprezada pela profissional de saúde e demonstrou sofrimento ao relatar o acontecido, que não deveria ter sido tratada daquela forma em um momento de fragilidade que ela estava vivenciando, sobretudo pela inexperiência em relação à maternidade.

2.2.7 Márcia

Essa mãe-adolescente tinha dezesseis anos e engravidara aos quinze anos de idade. De cor preta, casada, não declarou nenhuma religião, nascida em Guaraci-BA, residia em Goiânia acerca de cinco anos. Ajudava nas atividades domésticas desde os dez anos de idade, e trabalhou fora como auxiliar de costureira. Tratava-se de uma adolescente que mora com os pais, juntamente com o marido (pai da criança). Ela tinha dois irmãos solteiros de dezoito e dezenove anos, mas nenhum deles morava com os pais. Um deles mora na Bahia com a avó, e o outro ficava no serviço, por ter que dormir lá, mas ia para a casa dos pais nos finais de semana.

Márcia morava em uma casa de alvenaria alugada, com mais seis pessoas. A renda mensal da família era acima de um a três salários mínimos. As pessoas que contribuía para a renda familiar eram a própria adolescente, o pai da adolescente, o companheiro e a família recebe auxílio governamental, da bolsa família.

Márcia parou seus estudos na primeira fase do ensino fundamental por estar grávida e sempre estudou em escola pública.

Gostava de assistir à TV, sair com os amigos e ouvir música. Antes da gravidez, tinha como amigos seus vizinhos, e, após a gravidez apenas seus parentes. Iniciou um relacionamento estável com o pai da criança, depois de ficar grávida.

Suas atividades de lazer diminuíram. Com quinze anos teve sua primeira relação sexual e teve quatro parceiros sexuais em sua vida.

Márcia apontou no questionário ter sofrido violência sexual, porém, foi impossível abordar essa questão, pois, durante a entrevista, a presença dos pais impediu a entrevistada de abordar o tema. A adolescente mudou de assunto e não disse nada sobre a violência sexual, negando o fato:

Não. [Começa a falar bem baixo] Eu nunca...! Nunca ninguém fez isso comigo (violência sexual) ninguém nunca me bateu. Ninguém nunca chegou pra mim e falou coisa de ousadia. Que eu me lembre, nunca. Nada.

Apesar do apontamento no questionário referente à questão de ter sofrido violência sexual, ela não se sentiu livre para descrever os fatos para as pesquisadoras durante a entrevista, o que pode ser uma influência da presença da mãe da adolescente durante todo o tempo da entrevista, escutando tudo o que era dito. Desta forma, a adolescente pode ter se intimidado, deixando de expor suas experiências referentes à questão.

2.2.8 Simone

Simone tinha quinze anos e engravidara aos quatorze depois de apenas três meses de namoro com o pai da criança. De cor amarela, casada, católica, nasceu em Goiânia-GO, e morava em um barracão alugado com o pai da criança. Ela possuía três irmãos e a mãe abandonou a família quando ela tinha ainda dois anos de idade. Os irmãos foram divididos, uns moravam com a avó paterna e outros moravam com o pai.

A renda mensal da família era acima de meio a um salário. Apenas o esposo/companheiro contribuía para a renda familiar.

Simone parou de estudar no ensino fundamental. Sempre estudou em escola pública e teve interromper os estudos porque estava sentindo dores na coluna, em decorrência da gravidez. Gostava de estudar, mas não da escola.

Auxiliava nas atividades domésticas desde os doze anos. Não trabalhava fora. A adolescente vivia com o namorado, pai da criança, e o sustento da casa era garantido pelo companheiro. Gostava de ouvir música, ir ao cinema e ao parque. Não participava de nenhum grupo religioso.

Antes e após a gravidez seus amigos faziam parte da escola e da vizinhança. Engravidou por vontade própria, pois pretendia que o fato ocorresse.

Mantinha relacionamento com o pai da criança. Diminuíram as atividades de lazer após a gravidez. Teve sua primeira relação sexual aos quatorze anos. Vivenciou episódios de hostilidade e dificuldades de relacionamento com a família e o esposo, sobretudo com a sogra:

Os parentes do meu companheiro são muito difíceis. A minha sogra fica me xingando, mandando os netos dela pra cá, pra ficar me pirraçando... Eles ficam

atentando, ficam me xingando, me falando que eu não presto, não sei o quê... Falando que a vó deles não gosta de mim.

Ela [a sogra] também falou isso para mim, que não gosta de mim. Uma vez ela veio aqui, me xingou de tudo que é nome, aí eu peguei e xinguei ela também. Aí meu namorado pegou e brigou comigo e me xingou também.

[...] A minha sogra foi ver o neném no hospital, ela mim xingou tudo, falou que o filho não era dele, que o menino não parecia com ele, que se fosse o filho fazia um [exame de] DNA, pra ver se o menino era dele. Disse que não era pra registrar...

A adolescente narrou o sofrimento vivido por ela durante os momentos de sua gravidez e quando teve seu filho, fatos que a afastaram do convívio com a família do esposo. Nessas situações de relacionamento a adolescente sentia-se constrangida e demonstrava sofrimento em virtude do que lhe era dito. Em momento em que a adolescente esperava ser acolhida pela família do companheiro, isto não acontecera, gerando um sentimento de frustração na adolescente em relação à sogra, diante da realidade com que se deparava.

2.2.9 Bianca

Com quinze anos de idade, havendo engravidado aos quatorze, Bianca, cor parda, nascida em Goiânia-GO declarou-se solteira (apesar de manter relacionamento com o pai do filho). Afirmou não praticar religião alguma. Morava em um barracão de alvenaria alugado. Possuía oito irmãos. Relatou que convivia somente com seis deles e morava com os pais. Contou que a mãe fazia tratamento no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS Novo Mundo), mas ela não soube dizer o motivo. A mãe era bastante violenta com os filhos.

A renda familiar era acima de três a seis salários mínimos por mês. Contribuíam para a renda mensal o pai da adolescente, a mãe da adolescente e o companheiro.

Parou de estudar no ensino fundamental porque não gostava de ir para escola e, a segunda vez que interrompeu os estudos, foi devido à gravidez. Sempre estudou em escola pública. Não gostava de estudar e nem da escola.

Auxiliava nas atividades domésticas desde os seis anos de idade e não trabalhava fora de casa. Como lazer, gostava de assistir à TV, sair com amigos e ir à praça. Não participava de nenhum grupo específico. Os amigos, antes e após a

gravidez eram da escola, parentes e do mesmo bairro. Iniciou um relacionamento estável com o pai da criança quando descobriu a gravidez.

Relatou que as atividades de lazer diminuíram após engravidar, mas que houve melhoria nas relações familiares. Sua primeira relação sexual deu-se quando a adolescente tinha quatorze anos. Teve mais de cinco parceiros sexuais em sua vida e relatou ter sofrido agressão física por parte da mãe:

Nossa!, minha mãe era chata! Só ficava mandando eu fazer as coisas. Até hoje ela manda! Pegava no meu pé! Me xinga ela, me xingava ela. Eu não deixo ela olhar meu filho não! Eu não gosto e tenho medo dela judiar que nem meus irmãos.

Ela espancava eles, batia mesmo. Ela batia com fio, batia com chinela, comigo ela só fez um dia. Batia em mim também. [...] Ela me bateu foi de facão ainda. Uma vizinha que falou: "Para de bater nela". Aí ela foi e pegou o facão pra mulher também! Aí minha mãe falou, "Vem pra você ver, vem!". Aí ela saiu correndo com o facão, minha mãe. Aí ela falou: "Não, eu vou ligar pra polícia". Aí a polícia foi e abordou ela na rua.

A adolescente revelou aspectos marcantes em sua trajetória de vida, pois presenciou diversas situações de violência da mãe em relação a seus irmãos e a ela. Em seu relato, eram constantes as afirmações da violência por ela vivenciada em um contexto familiar, no qual era comum essas ocorrências. Bianca demonstrou em sua fala ter ficado indignada com essas situações, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se impotente por não conseguir modificar essa realidade.

2.2.10 Vanessa

Vanessa tinha dezoito anos e engravidara pela primeira vez aos quatorze. De cor parda mantinha união estável (casada). Não praticava religião nenhuma. Nasceu em Goiânia-GO. Após o divórcio dos pais da adolescente, quando ela tinha quatro anos de idade, seu pai ausentou-se completamente. A nova esposa de seu pai impedia o contato dele com a adolescente.

Morava em casa própria de alvenaria. A renda familiar situava-se na faixa de acima de meio a um salário mínimo. As pessoas que contribuía para a renda familiar

eram a mãe da adolescente, os avós e o esposo. Residia com o pai da filha e os dois filhos em uma casa do mesmo lote onde moravam a avó, a mãe e os irmãos dela.

As relações familiares eram conflituosas. Sua primeira relação sexual deu-se aos quatorze anos. Teve apenas um parceiro sexual em sua vida. Ela e o pai da criança namoravam havia um ano, quando ela engravidou.

Quando engravidou, foi morar com o pai da criança, porém ele foi preso por tráfico e ela teve que retornar para a casa da mãe, que não aceitava bem a situação e a agredia verbalmente. O pai da criança ficou preso por dois anos e meio; durante este período, ela ficou sozinha com a filha pequena.

Parou de estudar quando estava no ensino fundamental, e alegou como causa a sua gravidez. Sempre estudou em escola pública. Não gostava de estudar, mas gostava da escola.

Ajudava nas atividades domésticas desde os treze anos de idade, não trabalhava fora. Gostava de assistir à TV, ouvir música, ir ao parque. Antes e após a gravidez seus amigos foram vizinhos e pessoas do mesmo bairro.

As atividades de lazer após a gravidez diminuíram. Aos domingos, a adolescente e sua filha iam visitar o pai da criança no presídio, local em que a adolescente engravidou do segundo filho. O companheiro trabalhava como servente, e o seu salário era toda a renda da família.

A adolescente descreveu as dificuldades vivenciadas por ela durante a gravidez em relação à mãe:

Passei humilhação, coisas que me magoaram...na época que ele tava preso foi com a minha mãe, com palavras né que eu tava na casa dela. Me acusava que eu tava dependendo dela. Foi um período difícil. Eu não podia sair e quando saía minha mãe ficava falando. Era mais o fato de depender dela, ela dizia que eu estava na casa dela, essas coisas.

O pai dela [filha] às vezes mexia com droga na época, aí ele pegou e foi preso, aí parece que ele ficou um ano e pouco preso, aí eu tive que ficar cuidando dela sozinha.

No caso de Vanessa, participante da pesquisa, o sofrimento e as dificuldades por ela enfrentadas deram-se pelo fato de o pai da filha ter sido preso pelo envolvimento com drogas, o que foi significativo por ter ocorrido no momento de sua gravidez.

Assim, a adolescente teve que recorrer à mãe para ajudá-la a criar sua filha. Nesse momento de dificuldade e fragilidade, pensou que poderia contar com o apoio da mãe, mas apesar de a mãe ter acolhido a filha em casa naquele momento, a adolescente sentia-se magoada ao ter que ouvir palavras duras da mãe, e suportar situações de humilhação pelo fato de não ter outra pessoa a quem recorrer.

2.2.11 Maria

Maria tinha dezessete anos e engravidara quando tinha dezesseis anos. Era parda, casada, não possuía religião e morava em Goiânia-GO. Residia em um barracão alugado com o marido (que não era pai de sua filha) e a mãe. A renda mensal era acima de meio a um salário mínimo, e quem contribuía para a renda familiar era apenas a mãe da adolescente.

Maria parou de estudar no ensino médio, e sempre estudou em escola pública. Os motivos pela ocorrência da evasão, segundo a entrevistada, foram preguiça, gravidez e ter que levar a filha para escola. Gostava de estudar e da escola.

Ajudava nas atividades domésticas desde os treze anos e idade. Não trabalhava fora. Como atividade de lazer disse gostar de assistir à TV. Não participava de nenhum grupo específico. Antes da gravidez seus amigos eram da escola, e, após, passaram a ser apenas os do mesmo bairro em que residiam.

Não teve relacionamento estável e não mantinha contato com o pai da criança. As atividades de lazer diminuíram após a gravidez. Sua primeira relação sexual foi quando tinha quinze anos.

Relatou situações de constrangimento provocadas pela sogra (mãe de seu atual companheiro):

Quando eu ganhei a neném... eu ia até mudar daqui, porque... Nossa! Foi horrível, ela vinha aqui em casa, me xingava tudo. Ficava falando. Porque esse setor aqui já não é bom. Fica falando. Ficava falando pro povo que... Aonde a minha mãe saía com algum filho... Coisas no meu nome. Foi horrível, eu ia mudar daqui. Era só o que eu queria... [...]

A trajetória dessa adolescente foi marcada por um histórico de sofrimento e violência. Primeiramente teve que ir morar com a sogra que não aceitou de primeira mão a situação dela (estar grávida de outro homem que não era o seu filho), e, em outro momento, ocorreu uma situação de violência sexual (estupro) que sofreu de um desconhecido:

-Violência... A única vez assim, foi quando aconteceu as coisas comigo, né? Mas... Mas aqui nunca teve isso. Só foi quando... foi em setembro de 2006. Eu tinha doze anos. Foi, eu tinha doze anos. E eu saí, eu fui fazer um trabalho de escola e era pegar argila. E aí foi eu e muita gente. Aí, nós foi de manhã e voltô. E de tarde... eu tava com um colar do meu irmão e sumiu o colar... E fui... E chegou lá... E aí nós foi procurar, chamei mais uma amiga minha, uma menina lá, menor do que eu, e outro menino. E aí nós foi.

-E aí, chegou lá, nós viu um homem de longe. Só que nós pensô que num era nada não. Aí nós ficô, continuo andando. E eu procurando o colar e nada. Só que aí, quando nós viu, ele tava vindo pro nosso rumo. Aí, nós escondeu. Aí, ele veio. Só que aí ele veio falando que... Falou muitas coisa, que tinha, um... Um rio ali. Que nós podia banhá nele... Pegar argila nele. Só que eu tava procurando o meu colar. O colar do meu irmão. Só que eu nem tava mais lembrando do colar. E aí, ele: "Não!, tem um lago ali, se cêis quisé banhá, brincá lá...". E eu era assim, menina de tudo, e fui.

-E aí, chegou lá, ele começou a mudá. Aí ele já foi com agressão já... Aí foi. [...] Ele tava armado e não deixou nenhum dos meus amigos saírem de lá. [...] Aí, foi uma coisa assim... Foi uma coisa que marcou mesmo. Que nunca vai sair da minha cabeça. Eu era virgem. Eu nunca vou esquecer. Mas eu continuo levando a vida normal. Porque... Mas... Foi muito ruim, o que eu passei foi muito ruim. Não foi bom não.

A violência sexual que a adolescente sofreu foi uma experiência carregada de sofrimento. Os acontecimentos relatados pela adolescente apresentam-se como marcantes em sua história de vida. Entretanto, apesar de serem momentos fortes e de dificuldades ela tomou a posição de continuar "levando a vida normal", ou seja, enfrentou a situação vivenciada e não se deixou abater pelo acontecido.

2.2.12 Cássia

Cássia com idade de dezesseis anos, Cássia engravidara aos quinze. De cor parda, morava junto com o companheiro em uma casa alugada de alvenaria. Evangélica, e nasceu em Goiânia-GO. A renda mensal era de acima de meio a um

salário mínimo. E os que contribuíaam com a renda familiar eram o pai do seu filho e o sogro.

Seus pais tiveram seis filhos e se separaram quando ela tinha sete anos de idade. A mãe trabalhava de dia e de noite, como faxineira e costureira, o que ocasionou a ida da adolescente para casa do pai que posteriormente veio a falecer de hanseníase. Morava com o companheiro, de dezessete anos, e que não era pai de seu filho.

Parou de estudar quando estava no ensino médio em virtude do casamento e da situação de gravidez. Sempre estudou em escola pública. Gostava de estudar e da escola. A adolescente relatou que, quando ficou grávida, parou de estudar (estava então cursando o primeiro ano do ensino médio). Naquela, parou também de trabalhar na *lan house* de propriedade de um de seus irmãos.

Manteve o relacionamento de amizade com o pai da criança. Sua primeira relação sexual deu-se quando tinha quatorze anos.

Ajudava nas tarefas domésticas desde os oito anos de idade. Não trabalhava fora. Gostava de assistir à TV e ouvir música. Não participava de grupos específicos. Antes de engravidar seus amigos eram da escola e seus vizinhos, e após a gravidez os do mesmo bairro. Percebeu que os amigos se afastaram devido à gravidez e suas atividades de lazer diminuíram, em contrapartida, as relações familiares melhoraram.

Em sua entrevista e também no questionário relatou ter passado por problemas na relação com seu irmão:

Ele não gostava muito do meu namorado, que fui morar junto. Ele não queria que eu namorasse, eu era muito nova. Meu pai, na época, tinha falecido e ele queria ficar no lugar do meu pai, não queria que eu casasse. E aí ele sempre foi contra e tal, e aí ele falou muita coisa pra mim quando eu tava grávida. Só que agora a gente não é tão distante, mas não é aquela coisa de irmão, a gente não briga, mas no fundo... [...] Aí ele me disse que meu pai morreu porque ele sabia que eu ia começar a namorar. Nossa!, aí eu fiquei com muita raiva dele e disse que eu nunca mais queria ver ele na minha vida. A gente brigou e tal e agora a gente afastou... Aí agora que a neném nasceu é que a gente voltou a conversar de novo, mas mesmo assim é distante.

Pode-se então, apreender-se que o sofrimento da adolescente se deu no momento em que o irmão lhe disse que o falecimento de seu pai ocorrera por ele saber que ela ia namorar, e assim preferiu morrer antes para não ver tal fato ocorrer.

2.2.13 Carolina

Com dezessete anos, de cor preta, casada, evangélica, nascida em Ananás-TO, Carolina residia em um barracão emprestado/cedido de dois cômodos. Seus pais tiveram dez filhos e se separaram quando ela tinha doze anos, e, ela foi morar com a mãe. A renda familiar era de acima de um a três salários mínimos. Engravidara aos dezesseis anos de idade, estando envolvida em um namoro de quatro meses. Foi morar com o namorado dela, pai da criança, e, na data da entrevista, elas continuavam a viver juntos e ela estava grávida do segundo filho. Apenas o companheiro contribuía para a renda familiar.

Carolina parou de estudar quando estava no ensino médio. Desistiu dos estudos após engravidar da primeira vez. Sempre estudou em escola pública. Gostava de estudar e da escola. Ajudava nas tarefas domésticas desde os doze anos, e não trabalhava fora de casa. Como atividade de lazer, gostava de assistir à TV e ouvir música.

Participava de um grupo religioso. Os amigos, antes da gravidez, eram da escola, vizinhos e outro bairro, e após os amigos apenas os parentes.

Após a gravidez manteve relacionamento estável. Percebeu mudanças com os amigos após a gravidez e suas atividades de lazer diminuiram. Sua primeira relação sexual deu-se quando tinha quinze anos.

Durante a entrevista, apresentou os conflitos e violências existentes na convivência com sua cunhada:

A irmã do meu marido fez acusação muito séria, depois ela veio me xingar, que ia me bater. Começou a me xingar demais, começou a falar que meu marido não era o pai da criança, e ele era. Tiveram que segurar ela, senão ela tinha dado um murro em mim... [...]ela falou que se soubesse que eu era uma pessoa falsa ela não tinha deixado o irmão dela casar comigo.

Revelou também que sofreu agressão física do pai quando era criança:

Meu pai me batia porque eu era custosa demais, né? [risos] Ele me batia porque eu respondia ele, porque eu sou muito nervosa. Se falar um trem pra mim que eu não gosto, eu acho melhor ficar calada e chorar. Ele me batia de

vez em quando, mas eram surras mesmo. Meu pai era muito nervoso, ele batia muito em mim, xingava nós tudo, era muito difícil nessa época...

Apesar das violências de que era vítima, a adolescente justificava as ações do pai alegando que ela “era custosa demais”. A entrevistada afirmou que as violências sofridas nunca foram fatores desencadeantes para que ela saísse de casa ou engravidasse, o que ocorreu por uma decisão sua.

As experiências de violência com seu pai aconteceram em um período em que ele e a mãe da adolescente estavam separando-se. No final da entrevista, ela relatou que não mantinha mais contato com o pai.

2.2.14 Lorrana

Lorrana, com quinze anos de idade, afirmou que sempre quis ter filhos e que engravidara aos quatorze anos. De cor branca, casada, católica, nasceu em Silvânia-GO. Morava em Goiânia havia mais de dez anos em casa própria, de alvenaria com o marido, a mãe e o filho. A renda familiar era de acima de meio a um salário mínimo. A mãe da adolescente e o esposo/companheiro contribuía com a renda mensal. Lorrana era filha de pais separados; seu pai deixou de conversar com ela quando soube da gravidez. Conheceu o marido quando tinha treze e ele vinte e um anos de idade.

Cursou ensino médio (incompleto), por ter parado de estudar em virtude a complicações em sua gravidez. Sempre estudou em escola pública, gostava de estudar, mas não da escola. Auxiliava nas atividades domésticas desde os onze anos de idade. Não trabalhava fora de casa. Em atividades de lazer, gostava de ouvir música e sair com os amigos e jogar vídeo-game. Participava de grupos esportivos.

Seus amigos, antes da gravidez, eram da escola e da vizinhança. Posteriormente, passaram a ser os do mesmo bairro. As atividades de lazer diminuíram e seu grupo de amigos mudou. Houve melhoria nas relações familiares após a gravidez.

Sua primeira relação sexual foi aos treze anos de idade. Sofreu hostilidade do pai quando ele descobriu que ela estava grávida.

Ah, porque no começo, antes de eu ficar grávida, o meu pai e meu irmão [diziam] que eu não prestava, que eu ficava com um e com outro, ficava na rua só fazendo coisa errada. Aí, depois que eu fiquei grávida, aí pronto: falou que eu não tava pronta pra ter um filho, que não sei mais o quê, que eu ia ter que parar de estudar agora.

2.2.15 Marlene

Marlene, uma adolescente de dezessete anos de idade engravidara aos dezesseis. De cor parda, casada, evangélica, nasceu em Tocantins-TO e morava em Goiânia-GO. Residia em uma casa própria de alvenaria com o marido, a sogra e o filho. Era a filha do meio de uma prole de três. Seu pai marcou a família por sua violência física contra a mãe.

Sua irmã também havia engravidado durante a adolescência, aos quatorze anos de idade. A renda mensal de sua família era de acima de meio a um salário mínimo. As pessoas que contribuíam para a renda familiar era o esposo, a sogra e a própria adolescente que desde os quatorze anos trabalhava fora como manicure, e além de realizar tarefas domésticas desde os quinze anos de idade.

Parou de estudar quando cursava o ensino fundamental porque não gostava da escola. Sempre estudou em escola pública.

Participava de um grupo religioso. Antes da gravidez seus amigos eram vizinhos, parentes e de outro bairro e após, passaram a ser apenas parentes e vizinhos. Sua primeira relação sexual foi aos treze anos.

Gostava de assistir à TV, ouvir música e ir a praças em suas horas de lazer. A adolescente e o namorado moravam juntos, desde que ela tinha quinze anos e se casaram quando o bebê nasceu.

A adolescente narrou um desentendimento que houve entre ela e a tia do marido, essa situação que lhe trouxe muito sofrimento:

Ah!, negócio do meu filho! Ela acha que só por causa que eu estava grávida de três meses, ela achava que eu queria falar dos netos dela. Eu não queria. Eu queria era avisar pra ela que se eu chegasse a bater, a mãe ia achar ruim, chegava nele e falava “Ó, não faz isso, porque se ela bater, sua mãe vai achar ruim”. Aí ela não, ela veio falar mal do meu filho. Na verdade ela veio falando coisa do meu neném, sendo que meu neném tava formando ainda. Então eu já zinguei mesmo, fiquei magoada, chorei e tudo, fiquei triste. Foi a última coisa com que eu fiquei triste.

A adolescente sentiu-se fragilizada em razão das palavras ditas pela tia do marido. Disse não compreender o motivo pelo qual teve que ouvir aquilo naquele momento, ao passo que esperava receber apoio de seus familiares.

2.2.16 Leda

Leda era a caçula de três irmãos. Engravidou aos dezessete anos, mesma idade da época da entrevista. De cor parda, casada, não possuía religião. Nasceu em Goiânia-GO e morava em casa própria de alvenaria com o marido. A renda mensal de sua família era de acima de um a três salários mínimos. Os avós da adolescente contribuíam para com a renda familiar.

Leda engravidara quando morava com a mãe do atual marido (sogra). Filha de pais separados desde os cinco anos de idade, contou que a mãe também ficara grávida durante a adolescência, aos dezessete anos. O pai faleceu havia onze anos.

Com ensino médio completo, Leda não deu continuidade aos seus estudos. Sempre estudou em escola pública. Gostava de estudar e da escola.

Realizava atividades domésticas desde os sete anos de idade. Não trabalhava fora de casa. Como atividade de lazer, gostava de assistir à TV, ouvir música, ir ao parque. Antes da gravidez, seus amigos eram da escola, de outro bairro e vizinhos, após, os parentes e vizinhos. Sua primeira relação sexual ocorrera quando tinha quatorze anos. Não assumiu relacionamento com o pai da criança e não mantinha mais contato com ele.

Sofreu agressão física do marido quando estava grávida:

A minha gravidez foi muito, muito, muito conturbada sabe?! Briga, sempre teve briga demais. Ele chegou a me agredir, sabe!? Aí foi difícil, ele bebia muito antes da neném nascer. Aí eu vi uma mensagem no celular dele que eu não gostei, aí eu fiquei nervosa, muito nervosa, ele bêbado. Aí eu nunca devia ter batido boca com ele mais é porque eu fiquei nervosa. Aí ele segurô no meu pescoço, me bateu, aí o primo dele chegou na hora aqui em casa e tirou as mãos dele do meu pescoço.

Leda atribuía a violência física da qual fora vítima, ao fato de que, antes de ter a filha, o marido se embriagava constantemente o que provocava dificuldades para o relacionamento.

Quando a filha nasceu, ele decidiu não beber mais e, assim, o relacionamento teve maior estabilidade e o casal pôde relacionar-se melhor e de forma saudável, o que ocorreu após a adolescente ameaçar que, da próxima vez que ele tentasse agredi-la, ela deixaria o relacionamento, porque “não era obrigada a ficar com uma pessoa violenta”.

Além dos momentos de violência com o marido, também relatou a experiência de ter sofrido violência sexual de um tio que morava no mesmo lote que ela:

A gente morava do lado de um tio nosso, eu minha irmã e uma prima minha, e ele ficava pegando na gente. Ele era doido, a gente falava pra minha vó e ela não acreditava. Veio acreditar agora, com a merda que ela viu. Eu tinha dez anos e não fizeram nenhuma denúncia. Até hoje, se a gente for na casa dele, ele mexe com a gente. [...] Esse mesmo tio falava coisas para gente, falava para ir lá e falava o que ia fazer com a gente, horrível! Nós vivemos isso um tempão, anos e anos.

O relato da adolescente entrevistada evidencia as experiências em relação à violência sexual perpetuada pelo tio. Porém, o fato não era dado como importante, ou não era claro no interior dessa família, pois a adolescente disse que ela, sua irmã e as primas contavam para a avó, mas ela não acreditava nelas.

* * *

Com base nas informações das adolescentes foi possível construir também um perfil socioeconômico e familiar das dezesseis adolescentes selecionadas como sujeitos de pesquisa desta dissertação. Mediante os seguintes critérios: que tivessem idade entre doze e dezoito anos, e que apresentassem em seus questionários e entrevistas, relatos que comprovassem situações de vulnerabilidade social e ou violência por elas vivenciados antes e após a gestação.

Em relação à idade, a maioria (75,8%) situava-se na faixa etária de quinze a dezoito anos. Sete, das dezesseis adolescentes, tinha dois filhos. À idade em que engravidaram variava entre quatorze e dezessete anos. No que diz respeito ao estado civil, (doze) delas são casadas e/ou mantêm união estável e (quatro) eram solteiras.

No tocante à raça/etnia autodeclarada pelas dezesseis adolescentes, constatou-se uma predominância da cor parda (doze), (duas) pretas (negras), (uma) amarela e (uma) branca. Segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se afirmar que quatorze adolescentes eram negras. Quanto à condição econômica familiar, a maioria dispunha de renda mensal acima de meio a um salário mínimo (nove), de um a três salários mínimos (quatro), de três a seis salários mínimos (duas) e de meio a um salário mínimo (uma).

No que diz respeito à moradia (doze) delas residiam com o marido/companheiro, e (quatro) com os pais/mãe ou pai ou com os avós. Das doze que moravam com os maridos apenas sete constituíram nova família e deixaram suas famílias de origem.

Em relação às atividades de trabalho, a maioria não trabalhava ou trabalhou fora, e apenas cinco descreveram realizar alguma atividade de trabalho fora de casa. Quanto aos estudos, apenas duas completaram o ensino médio e as demais quatorze pararam de estudar, em sua maioria, no ensino fundamental. Todas sempre estudaram em escolas públicas.

Quando se trata de moradia, sete residiam em casa própria, seis em casa alugada, três em casa emprestada ou cedida. Em relação à naturalidade, onze nasceram e residiam na cidade de Goiânia-GO, e cinco delas, nasceram em outras unidades da federação brasileira.

Quanto às atividades de lazer praticadas pelas dezesseis adolescentes, todas gostavam de assistir à TV, ouvir música, e por último, irem ao parque, praças, bares e boates. Apenas uma delas relatou praticar esportes.

Acerca da participação em grupos religiosos seis declararam serem evangélicas, quatro católicas e seis delas não fizeram referência à religião ou então disseram não serem praticantes de qualquer uma delas.

Esses dados permitiram a contextualização e descrição do perfil de adolescentes mães em situação de vulnerabilidade social na Região Leste de Goiânia-GO. Neste capítulo, constatou-se que algumas das adolescentes deste estudo foram morar com o companheiro, deixando suas famílias de origem construindo assim uma nova família. Agregada à família do esposo, com essa nova configuração, as adolescentes deparavam-se com a necessidade de estabelecer vínculos com “outros desconhecidos”

e, sobretudo em ter que lidar com a sogra. Desta forma, coube às adolescentes buscarem meios de administrar o relacionamento e aprender a dividir a atenção do esposo, tendo que adquirir habilidades para superar suas dificuldades relacionais.

Outro fator destacado nos relatos das entrevistadas é a responsabilização que as pessoas à sua volta atribuem ao fato da adolescente ter engravidado precocemente, sem considerar outros fatores que podem caracterizar tal fato, tais como, o contexto familiar e escolar, visto que grande parte das adolescentes entrevistadas não concluíram seus estudos. As adolescentes renderam-se às solicitações de seu companheiro de forma não preventiva, e, em alguns casos, até mesmo por vontade própria.

CAPÍTULO III AS FALAS DAS ADOLESCENTES ENTREVISTADAS SOBRE FAMÍLIA, ESCOLA e TRABALHO

3.1 Família: entre o abandono e o apoio

As adolescentes participantes da pesquisa apresentam dois significados principais para a temática família: nove (Samara, Lívia, Karla, Márcia, Simone, Bianca, Cássia, Carolina e Lêda) significam-na como lugar de abandono e desencontro. Sete (Flávia, Andressa, Vilma, Vanessa, Maria, Lorrana e Marlene) consideram a família como sendo o lugar do afeto, do encontro e de apoio. Às vezes, essas significações não são exclusivas porque em determinado momento a família as apoiou e, em outros, abandonou.

Andressa (dezoito anos) descreveu conflitos enfrentados em sua família em decorrência ao vício da mãe pelo álcool, que levava todos com quem convivia a passar por situações que geravam sofrimento, como no diálogo que se segue entre o pesquisador (P) e Andressa (A)²²:

P - Você vê a cena né? Porque do jeito que você fala é como se tivesse vendo.

A - Direitinho! Quando ela bebia quebrava a casa toda. Eu me lembro. Nossa! Tudo. Lembro que ela pegava o armário assim por trás e tacava no chão e meu pai pedindo a ela pra parar. Deixava a gente em casa e ia pra rua beber e meu pai acordava de madrugada pra abrir a porta. Polícia lá em casa era demais.

P - E seu pai sempre muito companheiro com vocês?

A - Ah!, meu pai sempre foi trabalhador, ele trabalhava no Ceasa, mas cuidava da gente... ele bebia muito e bebia pinga mesmo, mas desde o dia que eu nasci ele parou mesmo, aí ele criou a nós três e até hoje ele não bebe mais.

P - E ele teve outros filhos depois?

A - Não, mas ele tem um que tem a mesma idade do meu irmão caçula, que tem quinze anos. Foi registrado no nome de outro pai, mas a gente não conhece. Tem pouco tempo que meu pai começou a conviver com ele. Só que eu nunca o vi. Fora isso, só nós três mesmo!

A adolescente referiu-se à mãe como aquela que causava os problemas da família, pois essa mãe “quebrava tudo”. O pai também era viciado em álcool “bebia

²² Em todas as entrevistas citadas, (P) refere-se ao pesquisador e a letra inicial da entrevistada será sua identificação.

muito”. Fica claro que, nessa família, as relações dos pais com os filhos eram permeadas pelos problemas constantes ocasionados pelo uso e abuso do álcool. Posteriormente, os pais separaram-se e o pai da adolescente constituiu nova família.

Mesmo diante das experiências negativas que presenciou em sua família ocasionadas pelo uso de bebidas alcoólicas, a adolescente também disse que “bebe” e já chegou ao ponto de entrar em coma alcoólico.

Bianca (quatorze anos) foi parar no Conselho Tutelar pela negligência materna. Na entrevista, há trechos da fala que confirmam a situação:

P- Mas ao Conselho Tutelar você nunca foi?

B- Já.

P- Você já foi? Como que foi o atendimento quando você foi ao Conselho Tutelar?

B - Foi legal. Eu já fiquei lá no Conselho Tutelar antes.

P- Você já ficou lá um tempo?

B- Já.

P - E como que foi quando você ficou lá?

B- Achei lá bom. Eu fiquei lá por causa do delegado.

P- Você ficou lá por quê?

B- Por causa que minha mãe não cuidava de mim nem dos meus irmãos direito. Aí a gente foi pra lá.

P- Quase não conversava em casa?

B - É.

P- E seu pai?

B- Meu pai?

P- É.

B- Ah, sobre meu pai não sei o que falar.

Bianca passou pelo atendimento no Conselho Tutelar que alertou a mãe sobre sua negligência com os filhos. A adolescente disse que realizava todo trabalho da casa e cuidava dos irmãos. Ela e seus irmãos também passavam grande parte do tempo sozinhos. Segundo a adolescente, a mãe também era violenta e descontava toda raiva dela em seus filhos: “Ela espancava eles. Ela batia com fio,e batia com chinela. Ela batia mais era de fio nos meninos”.

Continua o diálogo sobre as dificuldades enfrentadas na família de Bianca e ela ressaltou que não fazia aquilo de que gostava e que “sua mãe era muito chata”:

P- E como era quando você vivia com eles (pai/mãe e irmãos)?

B- Nossa!, minha mãe era chata! Só ficava mandando eu fazer as coisas! Até hoje ela manda!

P- É?

B- Uhun.
P- Pegava no seu pé?
B- É. Me xinga ela, me xingava.
P- É!
B- Uhun.
P- Aí ela queria o quê? Que você limpasse a casa? O que ela pedia pra você fazer, limpar a casa?
B- Aham, limpar a casa. Quase que não saía com os meus amigos, fazia eu fazer os serviços tudim de casa, e olhar os meninos.
P- E aí, se você não fizesse isso, o que acontecia?
B- Ah! Ela ficava com raiva só. Ela ficava falando assim: “você vai ver quando você precisar de mim”. Aí ela ficava falando desse jeito, até hoje ela fala.
P- Ela lhe ajuda com o bebê?
B- Humm, eu não deixo ela olhar meu filho não.
P- Porquê?
B- Por que eu não gosto. Eu tenho medo dela judiar que nem meus irmãos.

Bianca descrevia a mãe como “chata”, o que pode ter relação com o fato de se sentir uma empregada em sua própria casa, por ter de arcar com algumas tarefas domésticas. Bianca sentia-se pressionada pela mãe, sobretudo quando ela dizia: “Você vai ver quando você precisar de mim”.

Marlene (dezessete anos) também descreveu situações difíceis que enfrentava na relação familiar, expondo a forma violenta com que o pai tratava a mãe, em decorrência do alcoolismo, a posterior separação do casal, e o pai abandonando sua família. Todo esse contexto fica evidenciado na entrevista da adolescente quando ela diz não conhecer o pai:

P- E seu pai?
M - Meu pai, eu não conheço na verdade não. Eu tenho... hoje minha irmã mais velha tem 19, eu tenho 17 e tem 18 anos mais ou menos que nunca mais vi ele. Desde pequenininha eu nunca mais vi ele, desde quando eu nasci. A minha mãe falava que ele batia nela, que ele bebia muito. Aí minha mãe acabou separando dele. Era pra sermos quatro filhos, mas aí na última gravidez dela meu pai chutou sua barriga e ela perdeu o nenê. Ela ficou sozinha, batalhando por nós, minha avó também ajudava. Minha avó arrumou um advogado, um juiz na verdade. Então esse juiz ajudou ela. Ela ligava falando que precisava de comida aí ele ia e mandava cesta básica, pagava água e luz. E hoje nós somos agradecidas também. Minha mãe que batalhou. Hoje ela tá com 39 anos e tá boa, tá jovem ainda, né?! Minha mãe ainda tá jovem, né?! Minha família é uma família boa.

De acordo com Poletto, Koller e Dell’Aglío (2009) e Krestan e Bepto (1995) a presença do alcoolismo em membros de uma família impede-a de exercer suas funções primordiais, como acolhimento e proteção, perdendo as condições de oferecer

segurança emocional e física para o adolescente. Na fala da adolescente Marlene, evidencia-se o sofrimento vivenciado em família, fatos que marcaram sua história e de todos aqueles que conviviam com o pai alcoólatra que batia em sua mãe, chegando a atos tão violentos que provocaram o aborto em uma das gestações da mãe da adolescente. Em razão desse contexto conflituoso, a mãe decidiu dar novos rumos à sua vida e se separou legalmente do esposo. A adolescente demonstrava ser grata à mãe por ter ficado com ela e os irmãos, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, e, por fim, declarou “ter uma família muito boa”.

Dentre os conflitos vivenciados pelas adolescentes, aparece a questão da separação dos pais em algumas entrevistas, nas quais demonstraram o sofrimento vivenciado por terem que aceitar essa situação e conviver com ela. Neste sentido, dentre as dezesseis adolescentes entrevistadas, quatro delas relataram as marcas e experiências deixadas pela separação dos pais..

Bianca (quinze anos) descreveu a violência presenciada por ela em sua família:

P- Como é que é, quando sua mãe faz essas coisas, o que seu pai faz?

B- Ele batia nela.

P- Batia nela também?

B- Aham! Ele falava que não era pra bater em nós.

P- Mas ele não batia em vocês?

B- Não.

P- Só nela?

B- É. Ele já bateu muito nela quando ela tava grávida também.

P- Quando ela tava grávida também?

B- Uhum.

P- E o seu pai mais a sua mãe: eles moram juntos ainda? Como que é?

B- Mora junto.

Apesar de o pai não cometer violência física contra a adolescente, o ambiente violento estava instalado pelas agressões cometidas contra a mãe.

Uma das adolescentes, Cássia (dezesseis anos), era muito nova quando seus pais se separaram e se lembrava que o pai era presente em todos momentos de sua vida, e que sua mãe trabalhava muito. Após a separação de seus pais, a adolescente perdeu o contato com a mãe, e só resgatou esse relacionamento depois do falecimento de seu pai:

C- Eu estava com 7 anos quando meus pais se separaram. Meu pai morreu tem 4 anos, ele tinha hanseníase. Minha mãe trabalhava dia e noite: de dia trabalhava de faxineira e à noite de costureira. Então eu fui morar com meu pai.
P- Mesmo depois da separação você continuou em contato com seu pai?
C- Foi... Eu não tenho muito contato com a minha mãe... Escola, médico: era tudo meu pai que olhava. Eu vim ter contato mais depois que meu pai faleceu.

Pelo relato da adolescente, pode-se perceber que a decisão de ir morar com o pai após a separação dos pais se deu pelo fato de que a mãe, diante das responsabilidades que assumira, passou a trabalhar demais e não ter tempo para a adolescente. Assim, Cássia encontrou no pai apoio e segurança, demonstrando estar satisfeita por ter ido viver com ele: “era tudo meu pai que olhava”.

Carolina (dezessete anos) foi marcada pela experiência constante de situações de violência em sua família. O pai da adolescente, que na época contava treze anos, era violento com sua mãe e a traía, fato determinante para a decisão de a mãe da adolescente separar-se dele:

P- E sua mãe se separou do seu pai quando?
P- Tem muito tempo.
P- Você tinha que idade?
C- Quando meu pai começou a trair minha mãe eu tinha uns 12 anos... mas separar mesmo eu acho que tinha 13 anos. Aí ele voltou e depois saiu de novo. Meu pai era muito nervoso, ele batia muito em mim, xingava nós tudo, era muito difícil nessa época...
P- Ele lhe batia quando você era adolescente ou só quando criança?
C- Ele parou de bater quando separou da minha mãe, eu tinha uns treze anos, aí eu já respondia também...!

Ficam evidentes as situações violentas dessa família e que elas só cessaram com a separação. A adolescente confirmava em seu relato que seu pai só parou de bater na mãe quando eles se separaram.

Constatou-se que as adolescentes (Bianca, Cássia, Carolina e Marlene) descreveram diversos problemas vivenciados no ambiente familiar: violência doméstica, brigas entre os pais, dificuldades de as mães em conciliarem o trabalho e afazeres domésticos, o que as levaram ao afastamento na relação mãe-filha, enfim, fatos que, em boa parte das vezes, resultaram na separação dos pais das adolescentes.

Em um dos casos, a separação dos pais fez que a adolescente Cássia se aproximasse mais do pai, porque a mãe trabalhava muito e não tinha tempo para

dedicar-se à filha: “minha mãe trabalhava dia e noite”. De acordo com Wagner, Falcke e Meza (2010), a transformação da família é decorrente de um processo histórico em que os sujeitos se inserem. Ao longo dos anos, o modelo familiar transformou-se em um cenário em que o poder maior era o de “pai/marido”, e passou a se constituir em padrões modernos para união estável entre um homem e uma mulher.

Para Flávia (quinze anos), a família é significada como lugar de conflitos e problemas. Relatou gostar de apenas uma parte da família “a família materna”. Já em relação à família paterna verifica-se que há um sentimento de não pertencer, expressado pela adolescente:

F - Ai, eu com a minha família é difícil.

P - É?! Por quê?

F- Porque eu gosto assim, mais da família da parte da minha mãe, porque da parte do meu pai... a mãe do meu pai, ela..., tudo pra ela são os neto pra lá, praticamente nós nem neto não é; minha irmã não gosta da minha vó de jeito nenhum, gosta do meu vô. Agora ele veio da Bahia, ele está com 92 anos. Nossa!, eu gosto dele pra caramba e ele gosta da gente. Quando ele me liga então...! Gosto dele sabe, mas minha vó, nossa...!

P - Você acha que ela não trata vocês bem?

F - Não é questão de tratar bem, é que ela é muito enjoada, tudo pra ela é a xxx, xxx, xxx.

F - São outras netas?

P - É. Outras netas.

Fica evidente pela fala da adolescente que o relacionamento com a avó paterna não apresenta aspectos positivos, sobretudo pelo fato de que a avó não facilita o contato com a adolescente e prefere relacionar-se mais com outras netas. Ao contrário disto, ela vê o avô de forma positiva, como uma boa pessoa e gosta dele.

Samara (dezoito anos) destacou a questão das brigas em sua família, especialmente em relação ao pai:

P - E vocês brigavam muito?

S - Brigava.

S- Eram brigas que tinham muita, assim...

P - Como é a convivência com seus avós, com seu pai?

Bom.

P - Vocês têm muitos conflitos em casa?

S- Só com meu pai biológico e com meu tio mesmo, porque eles morrem de ciúmes de mim depois que eu cheguei. Eu era a filha caçula. Hoje, praticamente, sou eu: Tudo que fazem aqui é ao redor de mim.

P- Então você acha que eles têm ciúme de você?

S- Morrem! Os dois.

P- Seu pai também?

S- Os dois. Mas eu também não fui criada como filha pra ele, né?! Mas sim como irmã.

A relação da adolescente com o pai biológico foi descrita como conflituosa, a exemplo do que ocorre também com o tio (irmão do pai), pois ambos, segundo Samara tinham muito ciúme dela. Ao mesmo tempo em que Samara ressaltou os ciúmes definidos como conflitos em sua família, demonstrou aceitar o fato ao dizer: “porque eles morrem de ciúmes de mim, depois que eu cheguei eu era a filha caçula. Hoje, praticamente, sou eu: tudo que fazem aqui é ao redor de mim”. Desta forma, o conflito descrito pela adolescente apresenta-se referente à proteção exagerada do pai e do tio.

Na relação familiar conflituosa e repleta de problemas, Cássia (dezesseis anos), relatou um conflito significativo na relação com seu irmão, o que a fez sofrer em um momento de fragilidade enfrentado por ela, a morte do pai, com quem ela mantinha uma relação de proximidade:

P- Você convivia muito com os seus irmãos por parte de pai?

C- Nessa época esse irmão morava com a gente, aí ele foi morar sozinho com 16 anos, ele sempre foi muito independente.

P- Vocês se davam bem antes?

C- Dava, o único problema foi esse mesmo.

P - Seu marido foi seu primeiro namorado?

C- Primeiro.

P- E aí?

C- Meu irmão não queria aceitar eu morar com meu namorado (companheiro). Eu disse a ele que não tinha nada a ver com a minha vida, que ele não tinha que dar palpite na minha vida só minha mãe. Quem me ajuda é minha mãe, não é você. Aí ele achou ruim, veio falar, inventou um monte de conversa para minha mãe. Minha mãe mandou eu morar com a minha tia em Aparecida, por causa dele. Foi a maior bagunça: eu fui conversar com o pai dele, então ela me trouxe de volta, aí a gente foi morar junto.

P- Ele só falava que você não podia namorar ou ele lhe agredia?

C- Não, ele só falava que eu não podia namorar que não queria que eu namorasse e ele falou uma coisa que me magoou muito, pois como eu te disse eu e meu pai éramos muito grudados... Então meu pai nunca me bateu, mas só dele falar eu já começava a chorar. Eu respeitava muito ele, nossa...! (voz emocionada e trêmula). Aí meu irmão me disse que meu pai morreu porque ele sabia que eu ia começar a namorar. Nossa, eu fiquei com muita raiva dele e disse que eu nunca mais queria ver ele na minha vida. A gente brigou e tal. A gente se afastou... Agora que a neném nasceu que a gente voltou a conversar de novo, mas mesmo assim é distante.

Os conflitos declarados entre a adolescente e seu irmão foram instalados quando ele a agrediu verbalmente e ela se sentiu ofendida e magoada diante de algo que pra

considerar inaceitável de ser ouvido, sem contar que o irmão contribuiu em grande parte para que a adolescente fosse morar com sua tia em Aparecida de Goiânia-GO, tendo que se adaptar a uma nova configuração familiar.

Todos estes problemas e conflitos levaram a adolescente a distanciar-se de seu irmão e, mesmo após ter tido a filha, não se aproximou totalmente dele, apesar de voltarem a conversar novamente.

Carolina (dezessete anos) relata ter vivenciado problemas com a irmã de seu marido (cunhada) que a agredia verbalmente:

P - E você tá certo com sua cunhada?

C - Tive um desentendimento com minha cunhada, agora eu tô controlando mais. Meu marido diz: vai conversar com ela, dá uma chance para ela... Ela fez acusação muito séria, depois ela veio me xingar, que ia me bater, começou me xingar demais, começou a falar que meu marido não era o pai da criança.

P - Do primeiro filho?

C - Não, desse agora.

P - Você acha que ela tem algum motivo para dizer essas coisas?

C - Aí, eu não sei...

P - E vocês voltaram a conversar ou não?

C - Não, agora que eu tô deixando ela pegar a neném. Porque antes eu não a deixava nem chegar perto dela... e a neném não tem culpa, né?! E a neném gosta muito dela.

P - Então é como se ela quisesse mandar em você?

C - É, né...?! Ela fica falando da mãe dela [sogra] olhar minha menina, que eu faço ela de escrava.

P - Falando sobre o que você faz com a sua sogra?

C - É.

P - Então você percebeu que essas acusações foram depois da gravidez?

C - Foi dessa agora... e ela tem um menina mais nova que é difícil demais, e ela [a filha] tá ficando do mesmo jeito da minha cunhada, mãe dela. Eu não suporto a menina dela, não tem como uma pessoa tomar raiva de uma criança. Eu também não sei como que eu tomei raiva dela. Acho que é porque ela responde todo mundo, se eu der um trem para minha filha ela toma à força.

P - Então ela não é de brincar, de dividir as coisas?

C - Não, assim, ela brinca muito com minha filha, mas aí depois que eu vi ela falando e fazendo esses trem com a neném eu evito o máximo de deixar perto.

Os conflitos com a cunhada foram constantes na nova relação familiar. A falta de aceitação, especificamente da cunhada, levou a adolescente a constantemente sentir-se coagida e pressionada nesse ambiente familiar. O contexto conflituoso pode estar instalado pelo fato de o irmão ter decidido criar o primeiro filho da adolescente, mesmo não sendo o pai da criança.

Por outro lado, essas mesmas famílias também são capazes de apoiar, e este apoio foi destacado pelas adolescentes como fator fundamental de amparo e proteção.

As adolescentes apresentaram em suas falas aspectos que confirmam a importância dada à família e o que esta instituição socializadora representa em suas vidas.

O estudo de Godinho *et al.* (2000) entrevistou vinte adolescentes com idade entre dez e dezenove anos(faixa etária de acordo com definição da OMS) e apontou que a maioria (85,0%) disse ter recebido apoio da família durante a gravidez e, 15,0%, não. Em relação às pessoas que ofereceram apoio, sete delas descreveram ser de mãe e/ou pai e, treze de outros familiares. No entanto, mesmo sem ter recebido apoio de outros familiares, as adolescentes não se desvinculavam totalmente dos pais, sobretudo das mães. Essa informação confirma-se nos relatos das adolescentes (Flávia, Andressa, Vilma, Vanessa, Maria, Lorrana e Marlene), sujeitos desta pesquisa, que descreveram a família como o lugar de referência, em que puderam se sentir apoiadas nos momentos de que necessitaram, a exemplo de Flávia (dezesesseis anos):

P- Então você sentiu o apoio da família quando você ficou grávida?

F- Sim. Da minha mãe e dos meus irmãos.

Em relação ao apoio recebido, a adolescente Vilma (quinze anos) descreveu que sua mãe desempenhou esse papel com muita firmeza e assim, ela pôde contar constantemente com sua presença durante toda gravidez:

V - Minha mãe foi quem mais me apoiou, mas, assim, ela foi bem rígida. Mas ela que me ajudou, me dava conselho, falava que “a partir de agora você tem que pensar nele, caso você queira ou não queira é ele agora”. Muitos adolescentes não têm esse apoio, então é por isso que quando encontram profissionais que vêm igual vocês, em casa: conversam, participam da nossa intimidade, né!, É bom ter sempre um conselho, uma mão te levantando, me aconselhando o que deve fazer, porque assim a cabeça da pessoa fica muito abalada. Então, qualquer palavrinha que fale talvez seja ao contrário ela interpreta, de outro jeito.

Andressa (dezoito anos) confirmou a importância atribuída à família para sua vida:

A - Minha família?! Venero muito eles, principalmente meu pai e meus dois irmãos, eu amo muito.

P- Seus dois irmãos são mais novos?

A- Tem uma de dezenove e outro de dezesseis do mesmo pai e da mesma mãe. Eu sou a mais velha. Tem outro também que eu gosto muito, mas é só do meu pai. Gosto muito deles, amanhã mesmo tô indo pra lá, pra casa do meu pai.

O significado de família para a adolescente Andressa é um lugar de amparo e afeto, o que é demonstrado em sua fala, onde declara amar muito a família e gostar de estar perto deles.

Dadoorian (2003) utiliza a concepção de Lo Bianco (1986) para explicar as configurações familiares contemporâneas e afirma que a história da família brasileira está arraigada no modelo patriarcal que determina as relações de poder na sociedade. Segundo o autor, os arranjos familiares são constituídos em decorrência das circunstâncias econômicas, sociais e históricas de cada classe social a que o sujeito pertence. Assim, o valor atribuído à família varia de acordo com o meio social em que o sujeito está inserido.

Neste sentido, a família passa a ter novas configurações para o “ser adolescente”. Muitas receberam apoio e amparo no momento de fragilidade no qual se encontravam e, nesse contexto, a família assume lugar de proteção para as adolescentes, como no caso de Vilma (quinze anos):

V- Eu acho assim: é importante demais, porque, quando igual na época que eu não ligava muito pros meus pais dentro de casa... eu acho assim: que família é muito importante porque eu só fui perceber isso depois que eu engravidei, até então não. Quando eu engravidei foi quem mais me deu apoio, me estendeu a mão, me ajudou... deu as bronquinhos que todo pai e mãe dá, mas hoje, nossa! Ele vai chamar mamãe e chama vovó, ele acorda e já chama vovó. Já tem aquele amor, aquele carinho, eu percebi o tanto que é importante a gente estar na família, apoiar e ajudar.

P- Você sente muito apoio de sua família?

V- Sinto principalmente do meu pai e da minha mãe.

As adolescentes Vilma e Vanessa atribuem grande importância à relação que mantêm com a família, após terem engravidado. Vilma destacou principalmente a relação do filho com a avó, relatando que, após ter vivenciado a situação de estar grávida na adolescência, pode comprovar quão importante é a família na vida de um sujeito: “eu percebi o tanto que é importante a gente estar na família, apoiar e ajudar”. A adolescente Vanessa significa a família como sinônimo de união, demonstrando sentir-se amparada e segura em suas relações familiares.

Fica evidente também na fala de Maria (dezessete anos) é essencial e a mais importante e representativa instituição da vida da adolescente:

M - Ah...! Família. Ai, eu acho que família é uma coisa muito importante. Porque... porque família apoia muito a gente né? Apesar de tudo, assim... Ajuda muito. É... eu acho, mas família é importante, independente de qualquer coisa eles ajudam a gente, apoiam, né? Nem todo mundo, mas algumas pessoas sim. Família num...

P - Nunca deixa na mão então?

Não.

P- Sempre? Independente de qualquer coisa que acontece?

M- É.

P - Você sempre se sentiu apoiada por algumas pessoas? Isso é importante para você?

M- É, porque, igual aqui em casa, é só eu, só nós aqui em casa. Minha mãe, independente de qualquer coisa, minha mãe. Pode acontecer o que acontecer... minha mãe, ela tá em cima de nós, dando apoio, conversando. Ela não é daquelas que batem, xingam. Até mesmo sem ser minha mãe, todo mundo da família apoia dentro de casa, se acontecer alguma coisa, conversa, explica...

M- Humhum...

M- É isso. (Maria, 17 anos).

As adolescentes Vilma, Vanessa e Maria, declararam sentirem-se amparadas pela família, e atribuíram importância a essa instituição em suas vidas.

Para Lorrana (quinze anos), o apoio familiar manifesta-se na forma de “amor e conselhos”, e sua vida em família é repleta de sentimentos positivos:

L- Ah, como si diz, é amor. Família é muito importante.

P- Pra você é?

L- É, pra mim é muito importante.

P- O que a sua família lhe dá que você acha que é o mais importante?

L- Ah, minha família me dá conselho, amor né?! Acho que nós somos muito amigos também, a gente conversa sobre tudo.

Marlene (dezessete anos) falou da importância que atribuída à sua família constituída por ela, marido e filho. Declarou sentir falta da presença da família de origem, e que, após o nascimento do filho passou a dar mais importância à família:

M - Família hoje em dia é tudo na vida. Hoje eu sou mãe, tenho o meu marido, a partir do momento que a gente cria um filho, ou mesmo sem querer, é uma coisa maravilhosa porque você aprende a ser mulher, você aprende a cuidar da sua própria família, não precisa de você ficar observando a família alheia. Meu marido é uma ótima pessoa comigo, meu filho não me dá trabalho. Faço qualquer coisa, eu trabalho de manicure e ele não me atrapalha em nada, as pessoas ficam até impressionadas. Família pra mim é a melhor coisa do mundo,

né!? Na verdade, tem minha mãe, eu sinto falta dela porque ela mora longe né? Lá em Tocantins. Para não dizer que eu não tenho parentes aqui, eu tenho meu tio, tem três tios meus, tem duas tias minhas, é assim. Mas família hoje em dia pra mim é tudo, hoje eu tenho minha família, não que eu não tinha, mas hoje eu tenho a minha família que é eu, meu marido e meu filho, isso pra mim já é uma coisa maravilhosa, foi o que Deus fez de melhor na minha vida.

Em relação ao apoio recebido quando descobriu que estava grávida Simone (quinze anos) relatou que o companheiro e pai de seu filho esteve muito presente, por isso, pôde se sentir amparada. Além do pai da criança, a adolescente também contou com o apoio de alguns outros familiares, como a avó, seus tios, irmãos e seu pai:

S- Ele [companheiro] me deu apoio...
P - E o pai dele [do filho da adolescente] tem quantos anos?
S- 23 anos.
P- Ele tem mais filhos?
S- Não
P- É o primeiro?
S- Uhum...!
P- Mas ele lhe apoiou?
S- Apoiou.
P- Quem mais lhe apoiou na gravidez?
S- Minha avó, meus tios, meus irmãos, meu pai.
P- Qual foi a primeira pessoa para quem você contou?
S- Foi... pro pai do neném, depois pra minha avó.

Samara (dezoito anos) disse que sua família é a sua mãe. A adolescente não mantém relação de proximidade com as demais pessoas de sua rede familiar, atribuindo um alto valor e importância à mãe:

S - É, mas na verdade minha família é assim. Pra mim família mesmo é só mãe. Pra mim ela é a base da minha família. Tudo que eu sei eu aprendi com ela”.

A adolescente afirmou sentir-se gratificada em ter tido a oportunidade de conviver com a mãe, e que não sente falta dos demais parentes.

3.2 A escola e seu significado para a vida das adolescentes entrevistadas

As adolescentes entrevistadas, em sua maioria, interromperam seus estudos quando descobriram que estavam grávidas. A vida estudantil passou a ser um plano

distante de suas vidas, mas não esquecido. Das dezesseis adolescentes, onze fizeram referência à temática escola.

No diálogo com Flávia (quinze anos) evidencia-se a importância atribuída à escola, e logo depois de ter o filho, ela voltou a estudar:

F - Eu tô estudando.

P - Você está estudando? Que bom! Na época da gravidez você parou ou não?

F - Parei, porque eu queria estudar só se fosse à noite, né? Porque de manhã eu não dava conta porque eu passava muito mal, muito mal mesmo, não podia sentir cheiro de comida nenhuma. Aí só de noite que eu tava melhor, sabe?

P - E agora, você tá estudando à noite?

F - Tô estudando à noite.

Em seu relato, a adolescente deixa claro que quando engravidou teve dificuldades em continuar seus estudos, mas não desistiu de prosseguir e voltou a estudar, mesmo com o filho recém-nascido, no período noturno.

Ainda acerca da interrupção dos estudos Lívia (dezesseis anos) afirmou que deveria ter continuado a estudar mesmo após ter engravidado, e, em sua fala manifestou arrependimento por não ter voltado a estudar após o nascimento do filho:

P - Com quatorze anos você parou de estudar?

L - quatorze pra quinze anos.

L - Foi na época da gravidez...

P - Você parou de estudar, você tem vontade de voltar a estudar?

L - Eu vou voltar a estudar agora.

P - Você parou antes de engravidar dele, por quê?

L - Parei porque quando tava grávida dele, nem sei, não tava dando certo.

P - Mas aí você parou antes, por quê?

L - Irresponsabilidade.

P - Você não gostava de estudar?

L - Não, até que sempre gostei, mas as amigas não deixavam, dizia que me distanciava dos amigos.

P - Você brigava com colegas da escola?

L - Hum, brigava.

P - Na escola você também teve algum tipo de punição por alguma coisa?

L - Não.

P - Você saiu da escola por que você quis? Ou por que você foi expulsa?

L - Não, eu quis.

Lívia afirmou que atualmente agiria de modo diferente e não deixaria de estudar como fez na época da gravidez. Ela usou o termo “irresponsabilidade” para descrever a

situação de ter deixado de estudar e, até a data da entrevista, não havia retomado sua trajetória escolar.

Os dados apresentados anteriormente são corroborados no estudo realizado por Alves, Silva e Sagim (2008) que entrevistaram dez adolescentes com idade entre quatorze e dezessete anos que vivenciaram a gravidez na adolescência. Sete adolescentes estavam cursando o ensino fundamental, e três, cursavam o ensino médio.

Os autores apontam que todas as adolescentes interromperam a vida escolar em razão da gravidez, confirmando o que outros estudos também revelam: que a maioria das adolescentes que engravidam deixa a vida escolar e passa a dedicar-se à gravidez e futura maternidade.

No entanto, é preciso considerar que, além do fator da gravidez, as adolescentes de classes populares também possuem outras necessidades: a inserção no mercado de trabalho para auxiliar a manutenção da casa e, até mesmo, arcar com as próprias despesas e do filho, garantindo o sustento e sobrevivência da família. A condição socioeconômica é um fator que contribui para o abandono escolar das adolescentes grávidas.

Quanto às perspectivas, Samara (dezoito anos) descreveu a escola como oportunidade para garantia de seu futuro e até mesmo para a conquista de uma profissão:

P - Hum, e você estuda?

S- Eu vou começar a fazer cursinho agora.

P- Você já tinha, quando você engravidou, acabado o segundo grau?

S- Terminado, na verdade tava terminando, era final do ano.

P- E agora vai fazer cursinho, vai prestar vestibular?

S- É.

P- Que curso que você pretende fazer?

S- Eu vou fazer artes plásticas.

P- Nossa, que legal!

Quando Samara disse que fará um curso preparatório para o vestibular (cursinho) demonstra esperar um futuro melhor e uma profissão independente da situação de ser mãe-adolescente, isso fica evidente quando disse que quer fazer “artes plásticas”.

Márcia (dezesesseis anos) descreve que pretende voltar a estudar, pois quando estava com seis meses de gestação interrompera seus estudos:

- P- E você continuou estudando?
M- Não, fiquei até seis meses da gravidez. Depois eu saí, com seis meses.
P- Não voltou mais?
M- Não voltei.
P- Mas você pensa em voltar?
M- Penso.

Simone (quinze anos) também teve de interromper seus estudos, mas disse que pensava em voltar a estudar:

- P- Você estuda ainda?
S- Não, parei de estudar.
P- Parou de estudar?
S- Parei.
P- E você sente falta?
S- Sinto.
P- E você pensa em voltar?
S- Vou voltar!
P- Vai voltar o ano que vem?
S- Uhum...
P- E já sabe se é à noite ou noutro horário?
S- É de manhã.
P- E quem vai ficar com o garotão?
S- Minha avó.
P- Sua avó? Ela mora aqui perto?
S- Mora, bem ali.
P- Ah, tá. E ela se dispôs a ficar com ele, tranquilamente?
S- Uhum.... (Simone, 15 anos)

Simone afirmou que sente falta da escola e, por projetar perspectivas futuras para ela, pretende voltar a estudar, mesmo tendo que se adaptar à situação de ser mãe adolescente. Ela deixará o filho com sua mãe para que possa dar continuidade à vida escolar.

A trajetória escolar de Bianca (quinze anos) foi marcada por conflitos e ela não gostava de ir à escola:

- B- Hum! E nós também não gostávamos de ir pra escola.
P- Lá [Conselho Tutelar] ["A adolescente e todos os irmãos foram encaminhados para o Conselho Tutelar pelo fato da mãe não estar cuidando deles"] eles não exigiam que vocês fossem à escola?
B- Exigia, mas lá era bom porque, não sei por que, nós gostávamos de ir pra escola, e com minha mãe nós não gostava.

P- Vocês gostavam de ficarem lá com sua mãe?

B- Não, nós gostávamos era de ficar na rua.

P- Na rua?

B- Agora não sei por que, tinha muito menino que ia junto com nós, aí ficava conversando, acho que era por causa disso!

P- É porque era bom conversar na rua?

B- Uhum.

A fala de Bianca evidencia que estudar não era prazeroso para ela. Sua vida era marcada pela experiência de negligência, o que levou a adolescente constantemente ao Conselho Tutelar. Quando estavam lá, iam para a escola e até gostavam, mas, quando estavam com a mãe, a situação era bem diferente: a escola não era um lugar que gostavam de estar, preferindo a adolescente e seus irmãos ficarem na rua, local em que podiam se relacionar com outras pessoas.

Vanessa (dezoito anos) também interrompeu os seus estudos por causa da gravidez e da mudança de casa, pois fora viver com o pai de seu filho. Essas mudanças repentinas certamente impactaram o cotidiano, a organização familiar e as escolhas que as adolescente precisava fazer:

P- Você parou de estudar?

V- Parei

P- Você parou com quantos anos?

V- Parei assim que eu engravidei, com 14. Mexer com a vida... nossa senhora!

P- Mas aí você parou de estudar por conta da gravidez?

V- Aham. Aí eu fui morar com o pai dela, né? Ele, o pai, e eles não é daqui, né?

V- Aí ficava muito difícil pra mim vim pra escola, que eu estudava de manhã, aí eu fui e parei. Aí nós pegamos eu e meu namorado quis sair de casa. Aí eu não quis mais voltar.

A gravidez na adolescência constitui fator preponderante para a interrupção da vida escolar, sobretudo pelas dificuldades a serem enfrentadas pela condição de estar grávida e/ou ter um filho na adolescência. A assertiva fica evidente quando Vanessa disse que precisou se mudar para a casa do companheiro e pai de seu filho, o que gerou dificuldades para que ela fosse à escola, distante de sua residência, mais um fator contribuinte para interrupção de seus estudos.

Carolina (dezessete anos) descreve que teve de deixar de estudar pelas dificuldades que enfrentava, pois tinha que estudar à noite porque a escola não oferecia turma no período matutino. Relatou que a gravidez foi decisiva para interrupção de sua

trajetória escolar, e que não quer voltar a estudar, mas poderia pensar nisso quando a filha crescesse mais:

- P- Na época (da gravidez) você estudava?
C- Estudava.
P- E aí parou?
C- Parei.
P- Teve que parar pra estudar?
C- Tive.
P- E voltou?
C- Voltei não, não quero voltar não. A não ser quando ela [filha] crescer mais um pouco.
P- Então foi nessa fase que eles estavam separados que você começou a estudar à noite?
C- Não.
P- Não?
C- Eu já tava estudando à noite.
P- E porque você decidiu estudar à noite?
C- É porque na escola onde eu estudava não tinha o primeiro ano de manhã. Só à noite.

Lorrana (quinze anos) também interrompeu os estudos, mas os motivos foram os problemas de saúde. Assim que foi possível, retomou os estudos e certamente o apoio da mãe (que fica com o filho) foi decisivo para isso:

- P- Aí você parou de estudar?
L- Não, eu continuei estudando, só que teve problema na gravidez, eu tive que parar. Aí eu parei né? E esse ano eu voltei a estudar.
P- Aí você voltou a estudar?
L- Voltei!
P- Você tá estudando em qual horário?
L- Cedo. Minha mãe tá olhando ele.
P- Você tá fazendo qual série?
L- Primeiro ano.

Leda (dezessete anos) relatou que não parou de estudar quando engravidou e persistiu durante toda sua gravidez:

- P- Quando você ficou grávida: você estava ainda fazendo o ensino médio?
L- Tava, quando eu tava grávida eu tava no comecinho do terceiro ano.
P- Comecinho do terceiro ano?
L- Aí eu continuei né? Continuei tudo, não faltava aula, fui até o fim, trabalhei, não infringi nada.
P- Mais aí você tem vontade de voltar a estudar?
L- Vou, vou voltar, vou voltar a trabalhar, quero e vou fazer minha faculdade. Não vou deixar meus estudos interrompidos não.

A adolescente Leda, além de não ter interrompido sua trajetória escolar, descreveu que tinha perspectivas futuras e pretendia retomar seus estudos e fazer um curso superior.

Vilma (quinze anos) verbaliza uma situação que ocorre no ambiente escolar, mas que nem sempre é assumido pela instituição escolar e parece não ser percebido pelas adolescentes: o sentimento de exclusão que vivenciam, expresso por “piadinhas” e falas que as culpabilizam pela gravidez:

P- E na escola, seus amigos?

V- Xiii!, na escola o que mais tem é piadinha de mal gosto. Nas ruas, às vezes, eu passava e as pessoas que me conheciam falavam: “agora você arrumou o que queria!”. Contava piada e muita coisa. Então, assim, em torno disso tudo a gente vê que tem.

P- E quais as coisas que mais te machucava, te magoava?

V- É quando as pessoas falam isso: “É, você agora arrumou o que queria! Você não presta! O que você foi inventar sua mãe sempre deu tudo pra você!” Então isso vem em torno do que eles fizeram pra mim, porque eu não enxergava, até então, quando eu não tinha meu filho, eu não dava atenção pra isso. (Vilma, 15 anos)

A adolescente Vilma descreveu situações embaraçosas e preconceituosas que vivenciou no contexto escolar no momento da descoberta de sua gravidez, e sua fala revela claramente o contexto excludente: “Na escola o que mais tem é piadinha de mau gosto”. A escola é vista pelas adolescentes, a exemplo de Vilma, como espaço de rompimento da realidade vivenciada por elas. Muitas projetam seu futuro incluindo a escola como fator primordial para construção de algo melhor para suas vidas. Em alguns casos, as adolescentes precisaram parar de estudar pelas dificuldades ocasionadas pela gravidez e, em outros, por escolha própria, mas outras persistiram e continuaram seus estudos mesmo diante de todas as dificuldades que sabiam que iriam encontrar neste caminho, como no caso de Leda.

A escola também foi descrita por Vilma como contexto de violência (psicológica). Segundo a adolescente: os comentários desagradáveis dos colegas podem ser fatores desencadeantes da desistência escolar das adolescentes. Em um contexto geral as adolescentes do estudo, em sua maioria, deixaram de estudar pela gravidez, por encontrarem dificuldades para conciliar o processo de estar grávida na adolescência com os demais projetos de vida.

3.3 Trabalho: significados atribuídos pelas adolescentes

Outra temática apresentada nas falas das adolescentes foi o “trabalho”. Sete das dezesseis adolescentes entrevistadas fizeram referência ao trabalho e apresentaram diferentes concepções, como conflitos, dificuldades, mudanças e o assumir de novas responsabilidades em razão de estarem grávidas e/ou serem mães-adolescentes.

Em relação à categoria trabalho, Esteves e Menandro (2005) realizaram um estudo com vinte mulheres que viveram a experiência da maternidade antes dos dezoito anos de idade, e cujos primeiros filhos estavam na idade entre nove a quinze anos na época da realização da entrevista. Pelos relatos das entrevistas, constataram que são grandes as dificuldades de adolescentes de famílias de baixa renda para conciliarem atividades remuneradas com a gravidez/maternidade na adolescência. Muitas vezes, as pessoas que antes forneciam o apoio financeiro não têm condições de auxiliar a adolescente na criação do filho por também terem que desempenhar atividades profissionais e domésticas. As entrevistadas do estudo de Esteves e Menandro (2005) descreveram as dificuldades em conseguir e/ou manterem atividades profissionais por não terem com quem deixar os filhos.

Flávia (quinze anos) mencionou situações de cobrança da família do marido pelo fato de não trabalhar:

P- Você está trabalhando?

F- Não.

P- Tem que esperar um pouco agora?

F- É. Minha sogra vive falando que eu sou folgada, que eu não trabalho, aí eu falo: “Então arruma um serviço pra mim que eu trabalho”.

Lívia (dezesseis anos) relatou as dificuldades enfrentadas em relação a conseguir trabalho após ter tido o filho:

L- Depois que eu tive meu filho, eu não tive mais trabalho pra dar o que é de melhor pro meu filho.

P- Você tem vontade então de trabalhar?

L- Tenho, procuro. Mas é que hoje tá muito difícil trabalhar, por eu ser menor de idade. É porque tenho que estudar.

Além da dificuldade em conciliar estudos e maternidade, a adolescente afirmou que procurou por trabalho, mas que, diante de tantas responsabilidades, e por ser menor de idade, não conseguiu. Talvez por isso, em sua fala, demonstrou priorizar seus estudos.

Para sujeitos de classes populares, o trabalho também é encarado como ingresso no mundo social, pois poderão ocupar um espaço público por meio de uma posição no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2008). Para Karla (dezesseis anos) o trabalho foi uma exigência ocasionada pela gravidez, pois teve de assumir novas responsabilidades e auxiliar as despesas com seu filho:

P- Você começou a trabalhar por causa do seu filho?

K- Foi. Comprar os “trem” pra ele. É, foi por causa dele mesmo.

P- Mas, alguém te ajuda ou é só você?

K- Eu e o pai dele.

P- É?

K- É. Nós vamos fazer o aniversário dele dia 8. Trabalhando aí pra comprar alguma coisa aí pra ele.

P- Então eu poderia dizer que a gravidez representou um amadurecimento?

K- É, amadurecimento.

P- Você acha que adquiriu mais responsabilidade?

K- É. Mais responsabilidade, né?!

A adolescente Karla alegou que, por ter assumido novas responsabilidades precisou trabalhar para auxiliar o pai de seu filho a manter a família, o que permite afirmar que a gravidez representou um marco que a levou a assumir novas atividades que antes não imaginava serem necessárias e que a levaram ao amadurecimento e a ter novas responsabilidades.

Ogido e Schor (2012) realizaram um estudo com oito adolescentes-mães entre quinze e dezoito anos, buscando mostrar o lugar da vida profissional na trajetória das jovens mães antes e com a maternidade. As autoras chegaram à conclusão de que o trabalho desempenha papel importante na vida das adolescentes, e elas veem a oportunidade para adquirir liberdade e independência financeira, deixando a posição de dependência em relação ao companheiro/marido ou familiares. Além disso, nos relatos das entrevistadas no estudo de Ogido e Schor (2012) as adolescentes descreveram a importância de disporem de uma renda e trabalho para poderem presentear os filhos.

Andressa (dezoito anos) apontou a responsabilidade por ela assumida durante sua adolescência em relação ao trabalho:

P- Mas você trabalhava em que?

A- Numa confecção. Eu dava acabamento. Fiquei lá três anos. Quando eu saí de lá eu tava com quinze anos. Aí com dezessete anos eu voltei e logo me casei.

P- E você estudava nesse período?

P- Quando eu trabalhava era meio período, então eu estudava. Mas depois de uns 6 meses eu logo parei de estudar e só trabalhava o dia inteiro.

P- Aí ficava o dia todo?

A- O dia todo!

P-E ainda sobrava tempo pra fazer alguma coisa?

A-Sobrava. Eu chegava em casa e ainda brincava de pega, ficava com meu pai, porque a gente morava só com nosso pai, aí brincava, mais dia de sábado, que dava mais pra ficar com os amigos? Quando eu trabalhava, na época eu não era muito de amigos não. Meus amigos eram mais crianças. Aí eu brincava. Aí quando acabava eu ia pra dentro, eu não era muito aberta não.

Andressa descreveu suas dificuldades por precisar trabalhar, estudar e que, após um tempo trabalhando interrompeu seus estudos, pois a necessidade de trabalhar superava a de estudar. Mesmo diante de novas responsabilidades, conseguia brincar em casa, sem, entretanto, qualquer possibilidade de encontrar seus amigos, mas, segundo ela, “não era de muitos amigos”.

Em seus relatos Cássia (dezesseis anos) mencionou as mudanças que precisou encarar quando descobriu estar grávida, e que, antes da gravidez trabalhava e se mantinha financeiramente, mas tudo mudou com a gravidez:

P- O que faz a gravidez fazer os amigos afastarem de você?

C- Antes eu trabalhava e tinha o meu dinheiro e aí a gente saía, e sempre saía mesmo. Mas quando eu engravidei parei de trabalhar, e aí depois que eu saí da torcida [organizada], aí que acabou mesmo. Todos os meus amigos eram da torcida, então, depois da gravidez acabou de vez.

[...]

P- E hoje?

C- Amigo mesmo só do meu esposo, pois eles são amigos dele e por eles serem amigos dele a gente se tornou amigo. Mas não é aquela coisa sabe?! Ele não é meu amigo, é meu colega.

P- Amigo então você não tem?

C- Não.

P- Antes você trabalhava de quê?

C- Trabalhava na lan house da minha irmã.

P- Era junto com a sua irmã?

C- Era.

P- Você sente falta de amizade?

C- Não, não sinto muita falta não. (Cássia, 16 anos)

O relato de Cássia evidencia que a gravidez representou um marco em sua vida, pois necessitou deixar seu trabalho, que lhe proporcionava independência financeira. Almeida (1999) afirmou que o fato de a adolescente deixar sua atividade de trabalho para depender do companheiro expressa uma situação de vulnerabilidade que ela se encontra.

Marlene (dezessete anos) era manicure e com a maternidade teve de reestruturar suas atividades de trabalho. Disse ter dificuldade para ir até a casa de suas clientes, pois não trabalhava mais em salão de beleza, pelos obstáculos em conciliar as atividades de mãe com a de profissional:

P- Você trabalha de manicure: vai até as casas dos outros ou os outros vêm aqui?

M- Eu vou mais na casa dos outros. Levo meu filho, quando minha sogra não está, né? Tem final de semana que ela não trabalha, ela fica com meu nenê que toma banho com ela, dorme, e ela vai lá onde estou e ele mama.

P- Mas você não vai para salão?

M- Eu não pretendo ir pra salão não. Porque na verdade eu trabalhando pra mim mesmo ganho mais do que trabalhando pro povo. Agora que eu tenho meu nenê preciso arrumar dinheiro pra comprar coisa pra mim e para o meu nenê.

As adolescentes do sexo feminino de classes populares, em grande parte são preparadas para exercerem funções de adulta. Elas aprendem a cuidar da casa e dos irmãos para que a mãe possa trabalhar, assumindo assim grandes responsabilidades, diferentemente de adolescentes pertencentes às classes sociais mais abastadas (OLIVEIRA, 2008).

A adolescente Leda (dezessete anos) descreveu as mudanças que precisou encarar e as dificuldades por ela enfrentadas, sobretudo pelo fato de ter que conciliar o trabalho com o tratamento médico que a gravidez exige:

P- Você trabalha então?

L- Trabalhava.

P- Aí você parou?

L- Aí eu, como era estágio como coincidiu de em dezembro eu terminar, concluir o Ensino Médio e terminar o meu estágio que foi só de sete meses devido a conclusão que eu ia ter do Ensino Médio, terminou tudo e aí coincidiu de eu fica [...]

P- Então já teve dia de você ir lá e o médico não estar pra te atender?

L- Aham! Então, isso era um pouco chato. Principalmente pra mim porque eu, como trabalhava no supermercado, eu fazia o seguinte: quando eu trabalhava no domingo eu tinha que pedir minha folga para o dia de minha consulta, né?! Por causa do acompanhamento que eles tinham com a gente. Aí então aquela folga. Quando chegava no dia e o médico não ia, pra mim era complicado, pra conseguir depois. Por causa que eu não gostava de passar por vítima, né?!

As dificuldades de Leda apresentam-se de forma diferente: ela tinha que conciliar os exames de pré-natal com o trabalho. Quando o médico faltava, ela perdia o atendimento e o dia de folga, e conseqüentemente um dia de trabalho, caso tentasse voltar ao médico em uma data substituta à previamente marcada. Deve-se destacar que Leda não queria se ver numa situação de vítima.

As adolescentes descritas nos parágrafos anteriores relataram diferentes significações referentes ao trabalho. Flávia, por exemplo, sentia-se constrangida porque era vista como “folgada”, por não trabalhar. Lívia teve de parar de trabalhar para dedicar-se ao filho. Karla precisou assumir novas responsabilidades e conciliar suas atividades cotidianas com o trabalho. Andressa, também assumiu a responsabilidade de trabalhar, mas tinha dificuldades de conciliar seu trabalho com seus demais afazeres, como a frequência na escola. Cássia em razão da gravidez precisou deixar o trabalho. Marlene continuou com as atividades de trabalho como manicure, mas enfrentava dificuldades para conciliar o cuidado com a filha e a atividade profissional. Leda parou de trabalhar porque os exames de pré-natal exigia dela tempo e, muitas vezes, perdia o dia de trabalho mas às vezes, não conseguia ser atendida.

Foram apresentados trechos representativos das falas das adolescentes referentes aos significados atribuídos às instituições consideradas socializadoras e que fazem parte de suas trajetórias de vida: família, escola e trabalho. Fica evidente, por meio das falas citadas anteriormente que o papel da família, escola e do trabalho é fundamental para o processo de hominização e construção da consciência dessas adolescentes como sujeitos ativos e sociais, capazes de produzir e revelar, em seus discursos, aspectos subjetivos de suas vidas.

No próximo capítulo serão apresentadas as falas das adolescentes em relação ao contexto de vulnerabilidade vivenciado por elas (expresso nas situações de violência psicológica, física e sexual), assim como os sentidos e significados atribuídos à

gravidez e à maternidade, e também as reações das famílias após a constatação da gravidez da adolescente.

CAPÍTULO IV AS FALAS DAS ADOLESCENTES ENTREVISTADAS SOBRE CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL E GRAVIDEZ/MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

4.1 – Situações de violência vivenciadas pelas adolescentes entrevistadas e os significados por elas atribuídos

Ao tratar de contextos de violência, é preciso esclarecer em que modalidades a violência intrafamiliar pode ocorrer. Há possibilidade de classificá-las como: violência física, psicológica, sexual e negligência. Tais modalidades de violência podem ocorrer em uma única, ou de forma associada entre dois ou mais tipos de violência. É comum que um tipo de violência sempre esteja associado a outro (BRITO, *et al.* 2005).

Ao avaliarem a frequência de ocorrência das modalidades de violência, obtidos por meio de dados de denúncias, Brito *et al.* (2005) constataram que a violência física é a forma mais presente no contexto familiar, seguida pelas formas de violência psicológica e negligência, por último, aparece a violência sexual. A violência psicológica é a menos identificada dentre as modalidades de violência. Já as formas de violência física associada à psicológica são as mais frequentes.

Samara (dezoito anos) registrou em seu questionário que durante a gravidez, havia sofrido violência psicológica. Na entrevista, ela contou como a situação ocorrera:

P- A outra palavra é a violência doméstica que inclui a psicológica, que você colocou no questionário. O que foi que aconteceu?

S- Ah, naquela época me explicaram, aí eu acho que é que é boa parte também porque a gente se preocupa com o que os outros vão falar, aí muitos da igreja criticaram e também tem tios da família que nem é parente, né? Fala: “Ah! Tá vendo, eu avisei e tal”, mas aí acaba que faz um comentário aqui outro ali, aí a gente fica estressada.

P- E alguém, por exemplo, dentro da sua família ou alguém próximo de você já falou alguma coisa que fosse depreciadora mesmo, que te atingiu de forma mais intensa?

S- Acho que sim.. o meu avô... o meu avô, porque mais ele é muito antigo, ele é muito conservador e tudo. Namorado pra ele? A gente foi contar pra ele que tava namorando uns oito anos depois que tinha namorado, porque ele não aceitava. Aí foi difícil pra mim contar pra ele que eu tava grávida.

S- Aí eu acho que eu que me senti como uma vagabunda assim, não por ele, ele não chegou a falar “você é uma vagabunda”, não. Ele só, assim, ele agiu como se fosse isso, não sei explicar...

P- Você se sentiu dessa forma? Mas ele chegou a falar pra você alguma coisa pesada?

S- Não.. tanto que eu já até esqueci, já perdoei ele, mas eu me senti muito mal na hora.

Por meio da fala de Samara, podem ser evidenciadas as relações conflituosas que geravam problemas para a adolescente em relação a seus familiares, o que fica claro quando ela disse ter se sentido como uma “vagabunda”.

Em outro momento da entrevista, Samara descreveu seus sentimentos relacionados à gravidez:

P- E, o que representou na sua vida estar grávida?

S- Foi mudando. No começo era uma coisa, aí no meio da gravidez era outra coisa...

P- No começo... que nome que você dá?

S- No começo eu nem sei porque eu acho que tava tão assustada que eu fiquei, eu, na verdade eu fiquei, os primeiros meses, fora da terra, fora de órbita. Eu não..., era muito difícil, eu nem sabia.

P- E na época foi muito medo, muita coisa, muito sentimento assim de angústia de não saber o que fazer?

P- E o que representou isso na sua vida: esses episódios que você relatou de ter se sentindo mal com relação à violência psicológica? Quando as pessoas faziam estes tipos de comentários, o que isso representou na sua vida?

S- Olha, eu sou muito consciente disso, porque tinha coisa que eu não tinha como fugir.

P- Como também os comentários...

S- Hum. - E eu sabia que ia ter comentários, mas eu também no fundo no fundo, nem ligava. Eu me importava mais é com as pessoas que acaba que com a vinda do meu filho, eu mudei a vida da minha família,

S- Hum.

S- Mas eu sempre fui muito consciente. Aí eu acho que por eu ficar sensível aí no começo magoou muito, assim, um pouco, né? Mas também hoje já não faz mais diferença não.

P- E não foi algo que repercutiu, que mudou sua vida por isto?

S- Não, já passou também. Não tem importância também.

Samara, mesmo diante das dificuldades e do sofrimento enfrentados por ela em seu relacionamento familiar, afirmou ser consciente que a situação de violência e de agressão verbal poderia ocorrer. Os comentários de seus familiares deixavam-na sensível, mas disse que, depois de um tempo, conseguiu processar tudo e não dar importância ao que tinha passado quando revelou para a família que estava grávida.

Abranches e Assis (2011) afirmam que a violência psicológica não é recente em sua ocorrência e manifestação, entretanto, apenas há trinta anos esse fenômeno psicossocial despertou interesse de órgãos competentes e, em consequência,

organizações internacionais desenvolveram ações visando sensibilizar o público e a sociedade a respeito de suas consequências e de suas formas de ocorrência. De acordo com as autoras, trata-se de um fenômeno que pode ser caracterizado como universal, pois atinge pessoas de diferentes condições sociais, culturais, ideológicas e até mesmo geográfico.

De acordo com o estudo de Abranches e Assis (2011) em muitos casos, a violência psicológica não é manifestada por aqueles que a vivenciam cotidianamente, pois impera o pacto de silêncio. Por isso, ainda são poucas as denúncias que caracterizem essa forma de violência, não havendo muitas vezes um número representativo que notifique sua ocorrência. É urgente e preciso que haja um alerta em relação à violência psicológica para que indivíduos e sociedade se mobilizem para identificar quando ela estiver ocorrendo.

Lívia (dezesseis anos) descreveu no questionário situações de violência psicológica presentes em seu cotidiano na relação com o pai de seu filho, e, durante a entrevista, a própria adolescente, ao ser indagada se já havia vivenciado alguma situação de violência, foi bastante enfática referindo à violência psicológica:

L- Violência?
P- É, tinha?
L- Tinha... muita psicológica.
P- Ele era agressivo nas palavras?
L- Também.

Karla (dezesseis anos) revelou situações em que seu pai a humilhava:

P- E o seu sentimento em relação à violência doméstica?
K- Como assim?
P- O que você sentia quando o seu pai te humilhava, brigava com você?
K- Uai, eu sentia – uai, porque que ele faz isso comigo, não faço nada com ele, né? É ruim!
P- Hoje, como você está se sentindo?
K- Melhor, sem meu pai em casa, melhor né, eu fico mais segura. Muitas vezes melhor sem aquele enjoo lá. Lá era ruim demais.
P- A única relação de conflito que você teve é com seu pai?
K- Era com ele. Era muito esquisito.

Em relação à agressão verbal que sofria do pai, ao ser indagada sobre esses conflitos, afirma que ocorria só com o pai e que “ele era muito esquisito”.

Em outro momento da entrevista, também relata suas experiências em relação ao companheiro e pai de seu filho:

P- E com o pai da criança?

K- Mais ou menos, nós dois não dá muito certo não.

P- Assim, vocês namoram?

K- Namora. Ignorante. Ignorante ele com a mãe, com o pai. Xinga por qualquer coisinha. Pior que criança. Tem 22 anos.

P- Mas você fala alguma coisa pra ele?

K- Falo pra ele tomar vergonha na cara e virar homem porque 22 anos, Deus me livre.

P- Mas e pra você, ele fala alguma coisa?

K- Fala, me xinga, todo dia, não tem um dia que nós não briga. Mando ele tomar vergonha na cara e virar homem, põe nem comida dentro de casa, acredita?

P- Você gosta dele?

K- Gosto, mas é pouco, não é como eu gostava não. O que ele faz ai vai tomando nojo, sei lá.

P- Você pretende continuar?

K- Não, não.

No relato de Karla ficam evidentes as situações conflituosas por ela vivenciadas em relação ao cônjuge. Karla parece reproduzir a relação de subalternidade que viveu com o pai em sua relação com o companheiro. Talvez seja possível associar essas vivências ao lugar de “menos valia” ocupado pela mulher no contexto familiar. Porém, em sua fala ela descreveu que tentava alertá-lo acerca da forma como ele conduzia o relacionamento, mas ainda assim todos os dias os dois brigavam e ele a xingava e por isso ela não pretendia levar adiante esse relacionamento.

Vilma (quinze anos) mencionou o sofrimento por ela vivenciado quando as pessoas descobriram que ela estava grávida:

P- E quanto à violência psicológica que você comentou, você acha que foi mais de quem?

V- De conhecidos, de amigos, alguns parentes, então foi em torno de todos, todos que conviveu comigo e sabiam da situação que eu tava passando, tanto eu como meus pais, porque as piadinhas não eram só pra mim não, era pra eles também, a rejeição não era só de mim, deles também, teve muito disso.

P- Depois da gravidez os comentários passaram ou ainda tem?

V- Passaram. Porque viram que eu não dava importância. Eu aprendi muito com a minha mãe porque ela tem muito autoestima e não dá atenção para o que os outros falam: a minha vida é a minha vida. A minha mãe me ensinou muito disso de não dar ouvido pra eles, conversa de ninguém. Então eu já encaro isso como uma lição de moral pra aquilo que era minha vida.

No relato de Vilma, destaca-se a mãe que a apoiava e se colocava ao lado da filha para ajudá-la a defender-se das críticas humilhantes que sofria.

Simone (quinze anos) apresenta em sua história de vida, relatou os conflitos intrafamiliares provocados pela gravidez que produziu alterações substantivas na vida familiar do pai da criança, incluindo as de cunho financeiro:

P- E sobre essa questão da violência psicológica, essas coisas ruins, que “as pessoas ofendem, que maltratam as pessoas”? Que sentimento isso te traz? Como você vivencia quando isso acontece com você?

S- É. Tudo que eu vou fazer começo a chorar.

P- Você chora quase todos os dias?

S- Não.

P- ...ou toda semana?

S- Toda semana.

P- Toda semana tem alguma discussão?

S- Toda semana.

P- E alguém já tentou falar com sua sogra pra ela não fazer isso?

S- Já. Minha vó já conversou com ela...

P- Sua vó já foi lá conversar?

S- Já. Ela falou assim a fulana “[a adolescente] é uma criança, ela muda um dia, e você já é velha e nunca muda”, e ela: “Ah, eu quero ver sua neta morta, mas não quero ver ela ao lado do meu filho”.

P- Ela falou isso pra sua vó?

S- Falou isso para minha vó falar pro filho dela.

P- E o que ele fala quando isso é dito?

S- Ele fica calado.

P- O que você acha, porque que ela age assim?

S- Por que antes nós morávamos assim: eu, ela e a irmã dela; quando nós estávamos namorando, né?! (...) Antes de engravidar morava ele, a irmã dele e dois colegas.

P- Junto com ela?

S- Junto com ele, no mesmo lote que ele morava. Aí pegou... A gente começou a ficar e descobriu que eu tava grávida. Aí ele pegou e falou pra nós ir morar juntos, aí eu falei que não ia por causa da irmã dele e do colega dele, que não ia dá certo. Aí a mãe dela achou ruim, porque ele era o que ganhava melhor, o melhor de situação, e ele sustentava a irmã dele, a caçula. Aí ela achou ruim, depois desse dia ela começou a implicância dela comigo.

P- E hoje em dia ele não ajuda mais ela, nem a irmã?

S- Não, não ajuda não.

P- E ele dá conta de manter a casa de vocês?

S- Dá.

P- Pras coisas do neném?

S- Uhum...

P- E ele faz isso com tranquilidade?

S- Com tranquilidade.

P- Ele que falou pra mãe que não ia ajudar mais?

S- Foi eu que falei pra ele não fazer mais isso. Ou ele ficava ajudando a mãe dele, ou ele ficava comigo. Ele ajudando a mãe dele, e a mãe dele metia o pau falando de mim.

Simone narrou sua experiência com sua sogra e também na relação que mantém com o companheiro, demonstrando relações conflituosas que a adolescente não conseguiu resolver, mas que a levaram ao sofrimento e a declarar sentimentos negativos diante dos fatos, no diálogo que se segue:

P- E, o que representou, por exemplo, em sua vida esse momento de violência doméstica, com relação a sua sogra, seu marido? O que isso representou em sua vida?

S- Um momento muito ruim, tem vezes que eu lembro.

P- Às vezes você fica lembrando o que ela fala?

S- Às vezes eu estou alegre e de nada eu começo a chorar.

P- Às vezes você tá bem, aí você lembra e fica muito triste?

S- É...

P- Então você acha que isso interfere no seu dia a dia?

S- Interfere.

P- Te deixa triste, com menos alegria?

S- Uhum...!

P- Você acha que tem como passar? Você tem esperança que isso pode melhorar?

S- Não.

P- Talvez se morar mais longe dela... Ou ela vai na casa assim mesmo?

S- Num sei...

P- E você acha que tem alguma relação, por exemplo, isso que ela faz: de falar essas coisas com você em relação à sua gravidez? Com relação a você ter tido um filho? Você acha que tem relação essas duas coisas? Por você ter ficado grávida...?

S- Ah... Eu acho que tem, porque ela não aceitava minha gravidez, ficava falando que meu neném era filho de outro, não era do filho dela.

P- Ah, ela não aceitou a gravidez... Ela falava que o filho não era dele?

S- Uhum! No Hospital ela foi ver o neném. Ela mim xingou tudim, falou que o filho não era dele, que o menino não parecia com ele, que se fosse o filho fazia um DNA pra ver se o menino era dele, disse que não era pra registrar... Um monte de coisa.

P- Hum...! Mas, e ele fez o DNA?

S- Não.

P- Ele acreditou em você?

S- Uhum!

P- E quais são os seus sentimentos quando você lembra da gravidez?

S- Como assim?

P- Assim, como por exemplo, os sentimentos de quando você lembra, de tristeza, ou então de alegria. Quais os sentimentos que você teve?

S- Teve uma fase de muita angústia...

P- Foi logo nos primeiros momentos?

S- Acho que foi nos últimos...

P- Nos últimos? Você tava com muita angústia?

S- Uhum...!

P- Por quê? Qual motivo? Qual era o motivo da angústia?

S- A mãe dele queria me colocar pra fora, ele não deixava. Aí ele ia dormir na casa da irmã dele e me deixava sozinha, ficava dois, três dias e me deixava em casa sozinha...

P- Isso você tava com quantos meses?

S- Uns sete...

P- E aí quando você ficava sozinha te dava a sensação de muita angústia?
S- É.
P- Nessa época vocês já moravam juntos?
S- Já. Nessa época nós já morava junto já.
P- E no começo da gravidez?
S- No início da gravidez eu não lembro não...
P- Lembra não?
P – Não.

Os conflitos vivenciados por Simone são reveladores de uma relação difícil que mantém com a família do esposo. Para atingir a adolescente de alguma forma, sua sogra diz constantemente para o filho fazer um DNA. Entretanto, apesar da constante pressão exercida pela sogra da adolescente, o companheiro não cedeu e acreditou nela quando ela afirmou a paternidade. As palavras ditas pela sogra em relação à Simone são repletas de sentimentos negativos que a levaram ao sofrimento, que vivenciou durante sua gravidez, e que ela sintetizou em uma frase: “*Teve uma fase de muita angústia...*”.

Vanessa (dezoito anos) também durante sua entrevista apresentou relatos que evidenciam as marcas do sofrimento decorrentes de situações conflituosas que vivenciou quando engravidou do primeiro filho. A adolescente constantemente ouvia muitas críticas, que a magoavam e, quando, o companheiro estava preso, sofreu pressões da mãe e também de outras pessoas:

P- É... A outra palavra é violência doméstica. Assim, já aconteceu com você algum tipo de humilhação ou de alguém te falar coisas que te magoam?
V- Até teve, mas...
P- Mas você teve assim com quem?
V- Na época que ele tava preso foi com a minha mãe, com palavras, né? Que eu tava na casa dela.
P- Sua mãe te acusava de que você dependia dela?
V- É.
P- Foi um período difícil?
V- Foi.
P- E você escutava mais dela ou de outras pessoas também?
V- Mais dela.
P- Mas tinha outras pessoas que falavam também?
V- Não, sempre foi com ela.
P- Sempre foi com ela?
V- Sempre ficava falando que eu tava na casa dela.
P- E quando você engravidou ela te falou alguma coisa?
V- Não, por que eu tava na rua né? Quando eu engravidei do [companheiro].

Algo importante que merece ser destacado é que os conflitos de Vanessa com a mãe cessaram quando o companheiro saiu da prisão e eles decidiram morar em outra casa, porém no mesmo lote. Ela então adquiriu certa independência da relação mãe-filha:

P- E como é que é hoje pra você? Por que até hoje você mora com ela, ela fala ainda?

V- Não. Por que a gente não tá mais morando com ela, tem o barracão da gente que é no fundo.

P- Vocês fizeram o barracão pra morar?

V- Aham! Aí eu num moro lá dentro. Aí ela não fala mais nada não.

P- Ela parou de falar. Quando que ela parou de falar?

V- Quando ele saiu mais eu. Ele alugou uma casa e nós fomos morar.

P- Aí ela parou?

V- É. Aí ela não falou mais nada.

P- E quando que vocês decidiram voltar?

V- Ah, por que nós tava construindo lá no fundo, né? Aí nós pegamos e viemos. É melhor que pagar aluguel. Aí nós resolvemos vir morar de novo.

P- E agora ela não fala mais?

V- Não.

A adolescente Maria (dezessete anos) relatou situações conflituosas com a sogra quando ela deu à luz. No entanto, quando estava grávida, o relacionamento delas era “ótimo”:

M- Ele [Pai da criança] continuou comigo. O problema. Foi a questão da... a ex-sogra. Ixi! Teve muita coisa que foi ele.

P- Aí ela ficou sabendo?

M- Ficou sabendo...

P- Mais começou a ficar agressiva com você depois que ela ficou sabendo que você tava grávida, ou antes, ela já era?

M- Não. Nós sempre se demos bem. Aí... foi quando eu ganhei... quando eu tava... foi quando eu ganhei ela. A neném.

P- Ah! Tava tudo bem enquanto você tava grávida?

M- Tava, tava tudo ótimo. Quando eu ganhei a nenê... eu ia até mudar daqui, porque... Nossa! Foi horrível, ela vinha aqui em casa, me xingava, tudo. Ficava falando. Porque esse setor aqui já não é bom. Fica falando. Ficava falando pro povo que... Aonde a minha mãe saía com ela, algum filho... Coisas no meu nome. Foi horrível. Eu ia mudar daqui. Só queria... Eu coloquei na cabeça que o trem que eu vou fazer é isso, né?

P- Uhum...

M- Tem nada a ver.

P- E por que que você acha que ela mudou tanto depois que você teve o bebê?
- Num sei.

M- Porque antes tava tudo tranquilo, ela aceitava sua gravidez... Aconteceu alguma coisa de diferente depois que ganhou que você teve a sua filha?

P- Não...

Cássia (dezesseis anos) descreve em sua fala que sofreu violência psicológica do seu irmão. A adolescente perdeu o pai quando ainda era muito nova e, a partir de então seu irmão mais novo passou a sentir-se responsável por ela, o que levava ambos a situações conflituosas, que se repetiam também na relação da adolescente com seu padrasto:

P- Então durante o questionário as meninas marcaram um item: que você teve violência psicológica pelo seu irmão, é isso?

C- É.

P- E foi durante a gravidez?

C- Foi quando a gente casou. Ele [o irmão] não gostava muito dele [marido]. Ele não queria que eu namorasse. Eu era muito nova, meu pai na época tinha falecido e ele queria ficar no lugar do meu pai. Não queria que eu casasse e aí ele sempre foi contra e tal e aí ele falou muita coisa pra mim quando eu tava grávida, só que agora a gente não é tão distante, mas não é aquela coisa de irmão. A gente não briga, mas no fundo...

P- Então ele é seu irmão mais velho?

C- Não, é o mais novo.

P- Esse irmão meu e meu padrasto que morava com minha mãe. Ele falava que não aceitava eu namorar e esse foi um dos motivos que eu saí de casa também. Ele é uma pessoa que não pensa para falar.

C- Então as coisas que seu padrasto falava te motivou a sair de casa?

P- Isso também.

C- Mas aí ele (o padrasto) é assim com você ou com todo mundo da sua casa?

P- Com todo mundo, até com a minha mãe.

Para além das situações relatadas pelas adolescentes e que podem ser caracterizadas como violência psicológica, também houve relatos de violências físicas.

Samara (dezoito anos) teve uma história de violência física com o companheiro no período anterior à gravidez, e que ainda ficou pior:

P- Mas então você acha que já era assim essas agressões verbais, não foi por conta da gravidez que eles começaram a dizer tantas coisas?

S- Começaram mais ainda.

P- Ah, depois da gravidez foi mais?

S- Foi mais ainda.

P- E mesmo antes da gravidez: ele já te batia, ou foi depois?

S- Bom, um dia eu tava conversando com meu primo que mora bem ali, né? Ele tinha me levado na casa da minha tia aí eu tava conversando com ele na esquina. Aí o xxx veio. Aí chegou lá correndo, e chegou em mim perguntando quem é esse homem que tava de moto aqui? É o xxx meu primo. Ele falou mentira aí? Nós começamos a discutir, começamos a discutir, aí nós dois fomos na porrada. Eu furei ele segurando, de tanta raiva que eu tava dele.

P- Mas você tava grávida?

S- Tava não, mais quando eu tava grávida ele me xingou várias vezes, me xingou demais e uma vez meteu o murro na minha barriga.

P- E depois que você teve a sua neném, isso já aconteceu de novo?
S- Aconteceu depois que eu trai ele, mais pra frente, foi acho que uns quatro meses pra frente
P- Aí ele te bateu quando ele ficou sabendo?
S- Ele, assim, eu tinha separado dele e tava namorando com um amigo dele. Aí ele falou: não, você vai casar é comigo! Não é com aquele trouxa não, vai casar comigo. Anda logo, vamos embora daqui, pega a xxx [filha] vamos sumir daqui. Aí ele me puxava, vem aqui, eu to falando com você. Aí eu não queria brigar, depois eu não queria que ele me deixasse aqui na porta, porque se não é encrenca demais pro meu lado, nós brigava muito.
P- Então sempre teve esses conflitos?
S- Sempre teve.

A história de vida de Samara foi marcada por relações difíceis após a descoberta da gravidez, fato este que se perdurou por um tempo após ela ter tido a filha. As relações de violência por ela relatadas em sua maioria eram relacionadas a conflitos em seu relacionamento. Em uma das vezes em que fora agredida fisicamente, teve por causa ela ter traído o namorado (pai da filha). Foram momentos de grande tensão e conflito que ocorriam nas formas física e verbal, deixando na adolescência marcas da experiência da violência.

Em outros momentos, Samara descreveu também situações de violência que viveu provocadas pelo seu tio paterno:

P- Mas ele batia em você?
S- Batia também.
P- Mesmo você estando grávida?
S- Mesmo eu estando grávida.
P- Mas isso foi sempre? Sempre teve? Ele sempre te bateu? Ou foi só porque você ficou grávida?
S- Não, foi sempre desse jeito, mas na gravidez ele era mais violento, porque não sabia. Meu pai disse pra ele que ia chamar a polícia, fazia barulho e chamava.
P- Você chegou a chamar?
S- Já.
P- E aí? Não aconteceu nada?
S- Fizeram nada não.
P- Mas aí você fez a denúncia? Tudo?
S- Fiz.
P- Ele não foi preso?
S- Não.
P- Esse é seu tio? Irmão do seu pai?
S- É.
P- E seu pai? Ele também te batia?
S- Não, meu pai não.
P- Ele nunca te bateu? Seu pai?
S- Já, só uma vez.
P- E por que aconteceu do seu tio te bater?

S- Na maioria das vezes porque minha avó não tava aqui. Quando não tava, meu pai tava. Na verdade ele não acredita em ninguém sabe.

Foram várias as situações de violência vivenciadas por Samara: seu pai batera nela apenas uma vez, e, em seus relatos, não ficam claros os motivos pelos quais seu tio era violento com ela. Em relação ao companheiro houve agressões verbais e posteriormente, violência física. A adolescente apresentou dificuldades de organizar seu discurso e em dar explicações claras e motivos pelos quais eram ocasionadas as situações de violência em sua vida.

A agressão física descrita pela adolescente Bianca (quinze anos) era causada pela sua mãe:

B- Minha mãe era muito violenta e judiava muito dos meus irmãos.

P- O que ela fazia?

B- Ela espancava eles.

P- Batia mesmo?

B- Aham.

P- Ela batia com o quê?

B- Ela batia com fio, e batia com chinela. Ela batia mais era de fio nos meninos.

P- Você tem medo que ela faça isso com seu filho?

B- É, eu tenho medo.

P- E ela batia em você também?

B- Já, fez só um dia. Só um dia que ela fez comigo.

P- Só um dia.

O sofrimento descrito se relacionava à violência física cometida pela mãe em relação a ela e seus irmãos, tornou-se marcante para vida da adolescente a ponto de ela relatar ter medo de que a mãe cometesse violência contra o neto, já que ajudava a adolescente a criá-lo.

Em outra fala Bianca descreveu o sofrimento por ela vivenciado. A violência cometida pela mãe contra a adolescente e seus irmãos só teve fim quando ela foi advertida pelo Conselho Tutelar:

P- Mas por que com os seus irmãos ela fazia sempre?

B- Ah, fazia com as irmãzinhas que cagava na roupa. Elas são cagonas. Tem quatro que ficava cagando na roupa, ainda era pequena ainda.

P- Ah, então ela fazia quando as meninas eram pequenas?

B- Aham.

P- Depois que cresce não faz mais não?

B- Faz mais não, por que já foi pro Conselho Tutelar, e eles falou assim que se ela bater de novo ela iria ser presa e os meninos ia lá pro abrigo de novo.

P- Ah, tá! Então é porque ela já foi advertida, né?
B-Uhum.

Em um momento da entrevista, Bianca justificou as ações violentas da mãe por ela “ter problema de cabeça” e fazer tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Mesmo não sabendo definir o que acometia sua mãe, a adolescente descreveu a situação:

P- É... e a outra palavra é a violência doméstica, que é essa que você relatou da sua mãe.
B- Violência? Ah! Ela batia com fio, e batia com chinela, ela batia mais era de fio.
P- Você tem medo que ela faça isso com seu filho?
B- É, eu tenho medo. É e ela me xinga, ela me xingava.
P- Quando sua mãe fez isso com você, você tava com quantos anos?
B- Ah! Eu acho que eu tava com 6 anos, eu acho que era!
P- Seis anos?
B- Uhum.
P- E aí o que você fez quando ela fez isso?
B- Nunca fiz nada não, só fiquei xingando ela e fui pra escola.
P- Mais foi no Conselho Tutelar?
B- Foi não.
P- Foi não. Mas aí por que ela fez isso e depois não fez nunca mais? Você falou alguma coisa pra ela?
B- Não, é por causa que o Mudão, meu irmão que não fala, pegou a fralda do meu irmão mais pequeno e negoçou ela toda no chão. Ai ela veio e descontou tudo em mim.
P- Ah, então nem foi você que tinha feito alguma coisa?
B- Não, ela veio e descontou em mim mesmo.
P- E ela é assim quando quer descontar a raiva? Ela vem e desconta em qualquer um?
B- Aham. Ela tinha problema de cabeça.
P- Que tipo de problema?
B- Ah, eu nem sei o que ela tinha.
P- Ela fazia tratamento?
B- De vez em quando.
P- Aonde?
B- Lá no CAPS.

Bianca relatou sua dificuldade em enfrentar a situação e também descreveu as consequências dessas ações em sua vida, e declarou que o contexto familiar de violência, não tinha relação com sua gravidez:

P- E o que representou na sua vida, por exemplo, esse dia quando você tinha 6 anos, que sua mãe te bateu demais? Você se lembra desse dia?
B- Não, não lembro mais.
P- Mas você sente que ficou algum sentimento?

B- Ficou algo ruim.

P- Pra você é difícil falar disso?

B- Não, eu quase não dou mais... é quando minha mãe fala eu quase não dou mais moral pra ela, porque teve um dia, quer ver... acho que eu nem tava grávida ainda, nós brigou foi parar até no DPJ.

P- Porque vocês brigaram!?

B- Aham.

P- Ela te bateu de novo?

B- Foi, depois ela me bateu foi de facão ainda. Eu, ela e uma vizinha que falou: "para de bater nela!" Aí ela foi e pegou o facão pra mulher também, aí minha mãe falou: "vem pra você ver, vem!" Aí ela saiu correndo com o facão, minha mãe. Aí ela [vizinha] falou: "não, eu vou ligar pra polícia". A polícia foi e abordou ela na rua.

P- Você acha que tem relação ter acontecido na sua vida esses conflitos e a sua gravidez?

B - Não.

A adolescente Carolina (dezessete anos) também descreveu situações de violência física que sofrera do pai:

P- E com relação ao conflito com seu pai? De ele te bater e tal?

C- Ele batia porque eu era custosa demais, né? (risos)

P- Era só com você ou era com todos os irmãos?

C- Ele me batia porque eu respondia a ele. Porque eu sou muito nervosa. Se falar um trem pra mim que eu não gosto, eu acho melhor ficar calada e chorar. Igual a vizinha aqui: começou a falar mal da minha filha, aí eu peguei minha filha, vim pra cá e comecei a chorar pra não acontecer algo pior, pra eu não voar em cima dela eu já tava com tanta raiva!

P- E aí você acha que seu pai também era explosivo?

C- Era

Carolina, além de ter de enfrentar o fato de estar grávida na adolescência, foi marcada por diversas experiências negativas, dentre as quais o abandono do pai e as recordações da violência física que ele cometia contra ela. Os atos de violência tiveram fim apenas quando a mãe da adolescente decidiu separar-se de seu pai:

P- Como eram essas brigas dele com você, era de mais colocar de castigo ou surra mesmo?

C- Tipo assim, ele batia de vez em quando, né!

P- De surra mesmo?

C- Surra

P- E foi até na adolescência isso?

C- Até quando ele morava com a minha mãe, quando separou ele parou.

Karla (dezesseis anos) relatou a dificuldade por ela antes da separação dos pais, e que presenciara diversas brigas domésticas durante sua gravidez. O pai, quando “bebia”, saía do controle e descontava sua raiva na mãe por meio de violência física:

P- Aí, estando só você e sua mãe, você acha melhor?

K- É, com ele era difícil, viu.

P- Ele brigava muito com você?

K- Brigava, brigava direto quando eu “tava” grávida. Falava que ia pôr meu filho pra fora.

P- Ele já chegou a te bater?

K- Uma vez ele chegou quase a me bater quando eu tava grávida. Quase me bateu. E se eu me lembro, eu acho, ele já tinha me dado... ele me deu um murro já quando eu tava grávida. Só isso, assim.

P- E como que foi esse murro, como que foi? Ele falou algumas coisas também?

K- Aí ele falou um tanto de trem lá, mas eu nem lembro mais não, faz tempo, né?!

P- Mas, assim, era te xingando?

K- Era, me xingava: “Não mandei você fazer filho não, sua vagabunda!” Me xingava “tudim”. “Vou por seu filho pra fora” e não sei mais o quê, “não mandei...” Fui pra casa da minha amiga, dormi lá. Passou, mas também depois ele encrencava direto. Aí, depois quando eu ganhei neném, ele pegou mais minha mãe, ele terminou. Ele tava com “rolo” com outra. Ele tá com a outra. Deixe pra lá.

P- E hoje, como é que é? Você ainda tem relacionamento com ele, encontra com ele?

K- Não. Eu vejo ele às vezes, na rua só. Muito difícil eu ver ele. Vejo na feira onde eu trabalho.

P- Você tem muita mágoa dele?

K- Tenho, e muita. Esquisito ele é, esquisito demais ele. Ele era muito esquisito com o povo lá de casa.

P- Ele bebia?

K- Bebia. Bebia e descontava a raiva dele lá em casa. Ele quase já bateu na minha mãe já. Minha mãe não quis não. Isso aí...

Menezes *et al.* (2003), de acordo com os resultados de seu estudo realizado sobre a violência intrafamiliar ocorrida durante a gestação, concluíram que, se o abuso do álcool é associado à intolerância, a história familiar de violência e até mesmo da repetição de padrões familiares violentos podem contribuir para a ocorrência de violência física, podendo acentuar o controle do marido sobre a esposa. Em um contexto similar ao referido por Menezes *et al.* (2003), a adolescente Leda (dezessete anos) disse que sua gravidez foi conturbada e que ela e o marido brigavam muito. Segundo ela, o marido “bebia”, o que provocava consequências negativas para o relacionamento e que ela chegou a ser agredida fisicamente por ele. As brigas só diminuiriam após ela ganhar a filha:

L- A minha gravidez foi muito, muito, muito conturbada, sabe?! Briga, sempre teve briga demais. Ele chegou a me agredir sabe?! Aí foi difícil.
P- Isso foi durante a gravidez?
L- Durante, assim lá pros... Os primeiros meses até o quarto mês não. Agora, do quinto até o final foi muito conturbado, porque ele me passava muita raiva com essa bebida dele, sabe.
P- Por que? Ele bebe até hoje?
L- Não. Depois que ela nasceu o XXX...[marido da adolescente] Ela vai fazer 8 meses, então tem 8 meses que ele não coloca álcool na boca.
P- Ah, então depois que ela nasceu não houve mais bebida?
L- Então, graças a Deus.
P- E ele que te agrediu fisicamente?
L- Foi! Ele que me agrediu.
P- Mas foi durante a gravidez?
L- Durante a gravidez que ele tava muito embriagado.

Leda descreveu a agressão física que sofrera durante a gravidez. Ela vira uma mensagem no celular do companheiro, o que não a agradou e, como ele estava bêbado, ambos entraram em conflito. A relação do casal estabilizou-se após o nascimento da filha, que segundo a adolescente, “veio para mudar”.

L- Aí eu vi uma mensagem no celular dele que eu não gostei. Aí eu fiquei nervosa, muito nervosa, ele bêbado. Aí eu nunca devia ter batido boca com ele, mais é porque eu fiquei nervosa. Aí ele segurou no meu pescoço, me bateu. Aí o primo dele chegou na hora aqui em casa e tirô. Pronto, né!
P- Aham, mas e antes da gravidez ele já fazia isso? Agredia?
L- Não, nunca, nunca. Foi esse dia mesmo, nunca mais porque eu falei pra ele que pelo menos ele levantasse a mão pra mim eu ia fazer alguma coisa eu não queria mais ele, porque eu não sou obrigada a ficar com uma pessoa com violência.
P- É, e depois que ela nasceu também ficou tranquilo?
L- Tranquilo! E assim o tanto que ele mudou. Às vezes eu nem reconheço.
P- É, então a sua filha mudou mesmo o seu marido?
L- Ela veio pra muda viu. Mudou bastante, mudou demais da conta, não bebe mais, é uma pessoa calma, uma pessoa tranquila, mudou bastante.

Nesse caso, o nascimento da filha fez que o companheiro de Leda parasse de beber e assumisse as responsabilidades de pai e marido. Essa mudança provocou alterações substanciais (positivas) no contexto familiar.

Também a violência sexual foi relatada pelas adolescentes, algumas trouxeram fatos e lembranças da infância; outras as situações vivenciadas na adolescência.

Andressa (dezoito anos) relatou sua experiência de violência intrafamiliar, narrando uma situação de abuso sexual que ocorrera com ela quando tinha cinco anos de idade:

P- A outra palavra é violência doméstica... durante o questionário teve um relato com relação a violência quando você tava com cinco anos.

A - Foi um fato, mas, assim, por eu ser muito nova, ter só cinco anos não deu pra ter um trauma, não lembrava, levava na brincadeira, mas também ninguém da minha família toca no assunto.

P- É como se fosse um segredo?

A- Isso, então acho que é por isso que eu nunca assustei muito... é um fato que não deixa de ser chato, porque ele era uma pessoa que minha avó tinha criado e meu pai levou ele pra morar la em casa.

P- É como se fosse irmão?

A- Isso! Meu pai considerava ele como irmão. Meu pai ia trabalhar cedo e deixava ele lá em casa. Só que assim, eu não sei se eu guardo rancor dele, porque eu não me lembro do rosto dele, eu lembro de que ele fez, mas do rosto dele não. Se eu passar por ele hoje eu não sei quem é, ele apagou da minha cabeça. O meu irmão gostava de comer terra e aí meu pai pediu ele pra fazer um portãozinho pra meu irmão não passar, aí ele fez, só que ele pediu minha mãe pra ir comprar um litro de 51 [cachaça] e uma cola superbonder. Aí minha mãe foi e ele me chamou pra mim catar uns pregos numa caixa de madeira aí eu abaixei pra pegar aí ele começou a passar a mão em mim e eu pedi ele pra parar de levantar o meu vestido e falei que eu ia contar pra minha mãe. Aí ele disse que não era pra mim contar. Aí, quando eu levantei pra correr, ele me pegou e me jogou na cama e começou a tirar minha roupa. Quando ele começou abaixar meu short minha mãe pegou e chegou e não tinha porta, nem cortina. Aí minha mãe chegou por trás e me pediu pra calar a boca e foi na cozinha pegar uma faca e veio determinada; aí ele deu um golpe e jogou ela em cima de mim e correu. Aí ele foi pra casa de uma prima do meu pai. Minha mãe ficou louca da vida e chamou a polícia. A polícia perguntou se ela tinha noção de onde ele podia ter ido. Na hora ela lembrou e nós entramos na viatura e fomos parar lá. Eu me lembro que a polícia bateu tanto nele! Fomos para o IML [Instituto Médico Legal], fazer corpo delito e depois pra delegacia. Ele virou pra mim e falou: "Você vai me pagar!" Mas eu não me importei com aquilo não. Nem fiquei com medo. Meu pai, o que ele conta hoje é que ele teve uma reação, mas pelo o que eu me lembro foi outra coisa, eu não lembro se eu to errada ou se o que ele conta é verdade, o que ele conta é que bateu muito nele e que só não matou ele porque não deixaram, mas o que eu me lembro é que minha mãe contou pra ele, ela tava brava e ele sentado na mesa, e sentado na mesa ele ficou e ele não fez nada, agora eu não sei se isso aconteceu depois. Ele [o agressor] foi preso, dizem que ele virou gay na cadeia e depois saiu e foi para o Norte, mas eu não sei... Ninguém toca nesse assunto e eu não falo sobre isso com ninguém, nem com o meu marido eu falo. Minha família não toca nesse assunto e nem eu.

A fala de Andressa evidencia claramente a situação de violência sexual por ela vivenciado, o que pode ser caracterizado como violência sexual intrafamiliar, já que era uma pessoa próxima da adolescente e convivia com sua família. Andressa lembrava-se

de detalhes do ocorrido e também a ação da mãe para protegê-la. Já no tocante à reação do pai há duas versões: a dele (que teria batido muito no “tio”.) e a dela (que ele ficara calado e quieto). Essa ocorrência é muito semelhante a várias outras: o pacto de silêncio é compartilhado por todos os envolvidos:

P- Mas seu marido chegou a ficar sabendo?

A- Acho que ele sabe, só que nunca entramos em detalhes, não falamos disso.

P- E o que representou na sua vida esse momento quando você tinha 5 anos, que aconteceu essa violência?

A- Pois é, não influenciou nada na minha vida isso. Eu não ficava lembrando da cena, eu não chorei, é tanto que no outro dia eu brincava e tudo na minha vida tava normal, só me lembro de ter chorado quando ele foi preso e eu vi ele apanhando e ele olhava pra mim, eu nunca tive pena dele, só que eu não lembro dele, pra mim isso não fez diferença. (Andressa, 18 anos)

Andressa afirmou que a situação não influenciara em nada o fato de ela ter engravidado na adolescência e não tem relação direta com sua vida atual, embora também afirmasse ser uma pessoa muito tímida sexualmente e que as pessoas a consideravam “fechada”:

P- E, por exemplo, assim Gravidez e Violência doméstica, qual o significado desses dois acontecimentos na sua vida?

A- Bom, a gravidez foi uma coisa boa e a violência foi uma coisa ruim.

P- Mas você acha que te relação essas duas coisas?

A- Eu acho que não, porque eu nunca tive trauma em chegar perto de homem, é tanto que eu era meio machão, eu brincava, batia eu não tava nem ai. Meu primeiro homem foi o meu esposo.

P- Você nunca sentiu que isso deixou você mais tímida sexualmente ou então que isso estimulasse?

A- Pois é, eu sempre fui muito tímida com relação a isso, é tanto que eu nunca conversei com meu pai, por exemplo, quando eu menstruei eu não falei, sobre camisinha nunca falei, tanto que a primeira vez que eu falei com ele sobre isso depois de uma palestra na escola ele ficou bravo, meu pai era muito conservador.

P- E você não tinha possibilidade de conversar isso com mais ninguém?

A- Só com a minha irmã, mas era coisa de criança mesmo, papo sério mesmo eu nunca tive, mas eu sabia porque eu lia os livros, mas era o meu mundinho mesmo, é tanto que quando eu morava com meu pai a minha irmã era fácil de fazer amizade e os amigos dela questionava porque eu era tão fechada, mas eu era assim mesmo mas de casa, mas eu nunca liguei isso ao passado, acho que esse era mesmo o meu jeito.

Quando indagada acerca do sentimento que tinha em relação à violência por ela vivenciada, apesar de afirmar acreditar que o fato não influenciou sua vida atualmente,

a adolescente disse ter cuidados com sua filha para prevenir a ocorrência de abuso sexual:

P- E seu sentimento com relação a violência doméstica?

A- Revolta, eu acho que a pessoa que faz mesmo tem que pagar. Eu tenho medo de deixar minha filha sozinha. Eu comecei a trabalhar eu comecei a deixar ela com uma vizinha e quando eu chegava dava bastante atenção, dava banho, olhava a pererequinha dela, o corpo dela, eu não deixo ela brincar na rua ou então brincar longe, da minha vista. Tudo eu tenho medo, dela cair na poça, eu acho que ela só ta bem se tiver na minha vista, a minha sogra diz que eu tenho que deixar ela viver. Tenho medo de algo acontecer com ela, é tanto que eu só confio ela ficando comigo ou com meu marido, nós somos super protetores.

P- Você acha que esse medo tem relação com esse acontecimento da sua vida?

A- Nesse ponto eu acho, igual tem um homem aqui do lado que foi preso por isso, por estupro de criança. Então ele já saiu, ele fica na rua e eu não deixo minha filha chegar perto dele, eu mando ele criar vergonha na cara.

Uma das adolescentes, Márcia (dezesseis anos) afirmou sentir-se constrangida em relatar a violência sexual cometida contra ela:

P- Então, eu quero falar sobre algo no seu questionário... Teve um relato da questão da violência quando você era criança, não é isso? Sobre violência sexual, você pode falar isso? Tem algum problema?

M- Não. [começa falar bem baixo] Eu nunca... nunca ninguém fez isso comigo, ninguém nunca me bateu. Ninguém nunca chegou pra mim e falou coisa de ousadia. Que eu me lembre, nunca.

P- [A mãe da adolescente nesse momento para de conversar com o pai e vai para a porta do nosso lado e fica escutando nossa conversa, sentimos que isso intimidou a adolescente].

P- Então você não se lembra de nada que aconteceu com você?

M- Nada.

As pesquisadoras que realizaram a entrevista destacaram que a mãe da adolescente permanecera no local durante a entrevista. Apesar de ter marcado no questionário que sofrera violência sexual, Márcia não mencionou o fato durante a entrevista. A presença da mãe pode ter deixado Márcia constrangida, o que a levou a não relatar a situação de violência.

Além dos problemas relacionais com a sogra, Maria (dezessete anos) também teve sua vida marcada pela violência sexual:

P- A outra palavra é violência doméstica.

M- Violência... A única vez assim, foi quando aconteceu as coisas comigo, né. Mais... Mais aqui nunca teve isso. Só foi quando... foi em setembro de 2006. Eu tinha doze anos. Foi, eu tinha 12 anos. E eu saí, eu fui fazer um trabalho de escola e era pegar argila. E aí foi eu e muita gente. Aí, nós foi de manhã e voltou. E de tarde... eu tava com um colar do meu irmão e sumiu o colar... E fui... E chegou lá... E aí nós foi procura, chamei mais uma amiga minha, uma menina lá. Menor do que eu e outro menino. E aí nós foi. E aí, chegou lá, nós viu um homem de longe. Só que nós penso que num era nada não. Aí nós ficô, continuo andando. E eu procurando o colar e nada. Só que aí, quando nós viu, ele tava vindo pro nosso rumo. Aí, nós escondeu. Aí, ele veio. Só que aí ele veio falando que... Falou muitas coisa, que tinha, um.. Um rio ali. Nós podia banhar nele... Pega argila nele. Só que eu tava procurando o meu colar. O colar do meu irmão. Só que eu nem tava mais lembrando do colar. E, aí ele: -Não, tem um lago ali, se seis quiser banhar, brinca lá. E eu era assim... Menina de tudo e fui. E aí, chegou lá, ele começou muda. Aí ele já foi com agressão já... Aí foi.

P- E foi você mais seus amigos, todo mundo junto?

M- Foi.

P- Ele fez isso com todo mundo?

M- Não. Só comigo.

P- Só com você?

M- Só comigo.

A ocorrência da violência sexual com Maria deu-se quando ela tinha doze anos de idade. Mesmo tendo podido relatar o fato ocorrido para sua mãe, a adolescente demonstrou sentir-se sem apoio, sobretudo porque alguns de seus familiares a culpavam pela ocorrência do fato:

P- E os meninos ficaram juntos ou eles saíram? Foram embora?

M- Não... Ele não deixou ninguém sair não. Ele tava armado.

P- Ah! Ele tava armado?

M- Tava. Nós tento corrê, só que num deu.

P- Uhum

M- Aí foi só comigo. Só.

P- Você lembra ainda essas cenas. Essas cenas ficaram marcadas para você?

M- Lembro.

P- E como que foi isso para você?

M- Ah, foi muito ruim né. Foi um período muito assim... Por mim eu num ia conta pra minha mãe não. Num conta pra ninguém não. Nós saiu de lá assim... Nós num vai conta pra ninguém. Ficô aqui. Vai fica aqui. Porque eu morri de medo da minha mãe. Mais aí... num dei conta. Aí tive muitas coisa. Aí, eu fui e contei pra minha mãe.

P- Uhum. E você era virgem?

M- É. Eu era... Aí eu contei pra minha mãe. Aí nós foi, fez muito exame médico. Fui bem... bem tratada. Mas a questão do que aconteceu eu nunca esqueci. Minha família, assim... Teve algumas pessoas da minha família que... [dizem]: Ai! Ela foi porque quis, ela ficou porque quiz... Porque, assim... Ninguém entende, né? Fica falando que, "Ah! Se eu tivesse lá eu fazia alguma coisa". Mas na hora que tá lá, não tem como a gente fazer nada. É outra coisa, quando a gente tá.

P- E era um cara assim bem mais velho?

M- Era.

P- Você nunca tinha visto ele?

M- Não. Ele num... Num era tão velho assim, ele era novo. Ele era um rapaz novo, num era muito velho. Assim... Aqueles véi fei não. Era um rapaz até novo.

P- Mas você nunca tinha visto ele na sua vida?

M- Nunca...

A violência provocou marcas profundas para a vida e existência de Maria. Quando indagada acerca do que esse momento de violência representara em sua vida, a adolescente disse que fora algo “que marcou mesmo”, e que ela nunca vai esquecer. Entretanto, disse não acreditar que o fato de ter sido violentada sexualmente interferiu em sua vida sexual:

P- E o que representou na sua vida esse momento de violência. Nesse dois momentos, até mesmo com sua ex-sogra, alias, não é ex-sogra, que ela é sogra agora né?

M- É, é.

P-Que isso também representou, o que representou estes dois momentos. Porque foram dois momentos de violência, que marcaram a sua vida.

M-Aí, foi uma coisa assim... Foi uma coisa que marcou mesmo. Que nunca vai sair. Eu nunca vou esquecer. Mas eu continuo levando a vida normal. Porque...

Mas... Foi muito ruim, o que eu passei foi muito ruim. Não foi bom não.

P- Por exemplo, nesse momento, quando aconteceu isso. Quando você tinha doze anos. O que você acha que mudou, assim... Você acha que você começou a se relacionar com as pessoas diferente? De repente interferiu alguma coisa na sua vida sexual?

M- Não.

Maria apresentou um sentimento muito usual das vítimas de violência sexual: a culpa. Geralmente, a sociedade e a família responsabilizam a vítima pelo abuso, e não o autor. Essa responsabilização é introjetada pela vítima que se sente confusa e dividida entre o sentimento de impotência e que deveria ter feito algo para que não ocorresse tal violência.

Maria disse que se não tivesse passado por tal experiência não teria iniciado sua vida sexual tão precocemente. É uma fala interessante de ser ressaltada, porque, em outro momento da entrevista Maria afirmou que a violência sexual que vivera não interferira em sua vida sexual. Trata-se de contraditórios em relação ao ocorrido:

M- Assim... Foi... Foi um começo, né?! Porque eu falo assim... Porque se dependesse disso eu acho que eu nunca, tinha assim... relação. Esses trem sexual. Eu sempre tive medo, sempre fui assim... Como é que fala. Falo assustada sobre esses trem assim. Mais aí, depois disso aí, eu já fui me relacionando mesmo. Foi já me soltando, foi normal assim.

P- Depois de que?

M- Depois que aconteceu, porque se dependesse. Porque se não tivesse acontecido isso, assim... Eu num falo que eu não, nunca tinha perdido a virgindade até hoje, porque eu num sei, né? Mais assim... Eu ia me guardar muito. Esse, sobre essa questão destes trem, mudou na escola.

P- Ah, na verdade você não ficou mais assustada depois disso?

M- Não. Assim... Eu falo assim, fiquei com medo. Porque assim, porque sempre acontece de tudo né? A gente pode esperar que qualquer coisa. Sempre acontece de tudo aqui, nesse mundo aqui. Mas assim... Eu nunca, sei lá...

P- Mudou?

M- Mudou. Mas com relação a esses trem assim, eu fui me despreocupando mais. Me desassustando mais. Aí eu começava conversar com os outros sobre isso. Sobre esses negócios assim.

Maria, mesmo passando pela experiência da gravidez na adolescência, não conseguia esquecer a violência sexual que sofrera. Além disso, disse que se não tivesse passado pela violência sexual não teria engravidado precocemente:

P- Quando você pensa assim, em gravidez e violência. É. Qual que é a relação dessas duas coisas na sua vida?

M- Gravidez e violência. Foi um momento muito apavorante, mais com o tempo eu esqueci de tudo, assim... Não esqueci totalmente, a minha questão dos meus doze anos. Eu não consigo esquecer. Porque a gente nunca consegue esquecer uma coisa assim. Mas o resto, assim... Eu falo se segunda gravidez, se for pra mim engravidar de novo, vai ser totalmente diferente. Já vou tá preparada. Do que a primeira vez.

P- Mas você acha que teve alguma relação. Por exemplo, ter acontecido essa questão de ter, de você ter engravidado?

M- Como assim?

P- Por exemplo: É, se isso não tivesse acontecido, você acha que você não teria engravidado?

M- Assim... Ah, por agora não.

P- É. Você acha que não?

M- Não. Acho que não.

Maria mencionou sentimentos negativos que teve que carregar após ter passado pela experiência de violência:

P- E seus sentimentos com relação a violência. Tem assim...você lembra quais foram os sentimentos na época?

M- Aí... Assim... Eu me sentia muito culpada, né. Porque... Porque eu desobedecia muito, eu num desobedecia muito minha mãe. Mas minha mãe sempre falava, falava...E eu nunca, assim..., dava ouvidos. Fiquei culpada porque eu sei que foi porque, por causa de mim. Porque, assim... Que que eu fui fazer lá. Procurar um colar, só... Mais por questão disso...

P- Você procurou um colar porque era um colar que você tinha perdido, né? Você não sabia que ia acontecer isso. Quando você lembra, você sente, você sentia culpa... Você sente culpa ainda?

M- Fui muito, assim... Eu fui muito desesperada no colar. Mais hoje eu num, assim..., eu... Mais eu, assim... eu procurava muito sabe das coisa. Assim..., hoje eu num..., num sinto mais nada não.

As adolescentes entrevistadas trazem em suas histórias de vida marcas das violências psicológicas, físicas e sexuais vivenciadas. Em algumas situações estas violências ocorrem sozinhas, e em outras há a conjugação de duas e até de três modalidades.

De qualquer forma, elas foram (são) vítimas dos adultos que deveriam protegê-las, pais, mães, tios, avós, sogras, e também de adultos desconhecidos.

A gravidez as coloca em outros cenários familiares: as famílias dos pais dos filhos (as) e a própria família que está tentando construir. Nestes novos cenários infelizmente elas não estão livres de sofrerem violências e neste sentido as sogras e os companheiros/maridos são os principais autores.

Desta forma, é possível visualizar o ciclo da violência que se perpetua nestas relações sociais e familiares.

4.2 Gravidez e maternidade na perspectiva das adolescentes entrevistadas

Neste item serão descritas as falas das adolescentes e analisadas à luz das categorias propostas teóricas que se dedicam ao estudo da gravidez na adolescência, visando compreender os sentidos atribuídos pelas entrevistadas a essa temática.

Deve-se ressaltar que a gravidez muitas vezes é um marco na vida das adolescentes, e que as levam a grandes transformações nos planos afetivo, emocional e social. A adolescente Simone (quinze anos) avaliou positivamente as mudanças provocadas pela maternidade em sua vida, porque lhe proporcionaram trazer-lhe maior responsabilidade:

P- Ah, tá. E o que representou em sua vida estar grávida? Como que foi?

S- Ah, foi bom. Mudou muita coisa, eu mudei muito.

P- Teve muitas mudanças?

S- Muitas...

P- Mudanças boas ou mudanças ruins?

S- Boas, mudanças boas.

P- Quais foram as mudanças boas?

S- Eu deixei de sair...

P- Você acha que era ruim ficar saindo pra rua?

S- Por um lado era, por outro não.

P- O que você fazia na rua que era ruim?

S- Saia, chegava tarde...

P- E aí, você acha assim, como você parou de sair, ficou mais em casa, isso trouxe mais responsabilidade?

S- Trouxe.

P- Hoje você tem assim, por exemplo, tarefas que antes você não tinha, que hoje tem que fazer?

S- Tenho. Antes eu não tinha o que fazer, eu não tava nem aí com as responsabilidades...

P- Isso é pesado? Ter que ficar cuidando dessas coisas?

S- Não.

A obrigação de cuidar do filho fez com que Simone permanecesse no ambiente familiar o que, de alguma forma a protegia da “rua”.

Lorrana (quinze anos) diz que achou ótimo ser mãe, porque já estava tentando engravidar havia algum tempo, e a gravidez tornou-se uma realização:

P- E como que foi assim pra você, saber que estava grávida com quatorze anos?

L- Ah, eu já tava tentando já tinha tempo, né?! O meu sonho era ficar grávida.

P- Você tava tentando, então...

L- É... Aí eu fui tentando, tentando, achei que não ia dar pra eu engravidar, até que foi.

P- Você ficou tentando por quanto tempo?!

P- Ah, tem um bom tempo, desde que eu conheci o meu marido né.

L- Quando você conheceu ele, você tinha quantos anos?!

P- Eu tinha... treze anos.

L- Treze anos?

P- Foi, não, tem mais ou menos um ano e meio.

L- Que vocês estão juntos?

P- Não, que eu estou tentando.

L- E aí sempre foi um desejo seu...?

P- Sempre, sempre foi um desejo meu.

L- E por que você quis estar grávida?

P- Ah, não sei, eu sempre quis ser mãe, eu ficava imaginando assim, um bebezinho. Eu não tinha muita amiga assim, não que ficava comigo todo dia. Ah sei lá, eu não sei por que eu decidi ser mãe não. É ser tão bom, a gente olha assim esse nenenzinho, a gente poder ficar cuidando, protegendo

P- Mas, isso aí foi um planejamento familiar, tipo eu sempre quis isso, foi mais seu ou foi de você e o seu marido?

L- Ah, eu sempre falava pra ele, vamos arrumar um bebezinho pra nós.

P- E ele concordava?

L- Ah ele falava, nós estamos muito novo, vamos esperar mais um tempo. Na hora que ele ficou sabendo que eu tava grávida né, faltou pular, saiu correndo gritando.

P- Aí ele achou bom?

L- Achou bom! O primeiro né?!

Marlene (dezessete anos) expressou como Lorrana (15 anos) seu desejo em ser mãe:

M- A minha gravidez foi uma maravilha, foi tudo de bom, eu me dei bem, apesar de algumas pessoas me criticarem pela gravidez, até parentes, criticar meu filho quando ele estava novinho com 6 meses quando estava grávida dele.

Nossa! Porque teve um tempo aí que eu imaginei que eu estou grávida, né! Eu, eu comecei a ficar alegre, né?! E essa alegria minha... não engravidei! Já na segunda vez que aconteceu eu disse não vou ficar alegre porque vai que eu fique alegre que nem a primeira vez e acabo vendo que não, então não quero ficar triste de novo, na primeira eu já tava com muita vontade de ter um mais depois que eu descobri que não era ai eu peguei e deixei, deixei.

A adolescente Maria (dezessete anos) com dois filhos, descreveu as dificuldades enfrentadas, relatando que até pensou em abortar, mas posteriormente se arrependeu e vê a filha como “a melhor coisa de sua vida”:

M- Gravidez... Ai, nas primeiras... quando eu tive, assim..., que eu já senti que eu tava grávida. Eu num queria não. Não queria não. Já fiz de tudo. Tentei de tudo. Tem vez que eu até me arrependo, porque eu já fiz coisa que eu nunca imaginei na vida. Pra mim tirar ela. Mas, assim... é ótimo, é coisa de outro mundo! A melhor coisa que eu tenho na minha vida é ela.

P- Hum.... Mas assim... quando você estava grávida, que você tentou abortar, você é...

M- Uhum.

Maria disse que tinha um namorado, mas estaria grávida de outro rapaz. Quando descobriu a gravidez sentiu-se pressionada, por isso xingava a neném e até golpeava a barriga:

M- Ah... Eu ficava assim, porque assim..., eu ti... assim... Eu tinha um namorado e eu tinha medo de perder por ele saber que eu tava grávida.

P- Não era dele o filho?

M- Não.

P- Ela não era dele?

M- Não. Aí eu ficava e também muita pressão na cabeça. Aí eu fiquei me assim... mas... depois que nasceu, foi outra coisa. Mais na gravidez eu já fiz muita coisa. Batia, xingava, muita coisa...

P- Você batia e xingava quem?

M- A neném, na barriga.

P- Ah, na barriga.

M- Éééé.

P- Ah, tá. Entendi. Mas então a gravidez pra você. O momento da gravidez, enquanto você tava grávida, não foi uma experiência boa?

M- Não.

Maria afirmou que só encarou a gravidez como algo positivo após o nascimento de sua filha. O fato de esperar a filha de uma pessoa que não era o namorado atual trouxe para sua vida conflitos e dificuldades para enfrentar tal situação:

P- Só depois que ela nasceu?

M- Foi. Só depois que ela nasceu. Durante a gravidez... Aí, assim, chegou uns oito meses. Tava quase ganhando [a filha], aí eu me conformei né? Porque eu num tinha como fazer mais. Aí eu me conformei. Mais durante a gravidez toda...

P- Você não aceitou bem?

M- É.

P-E esse namorado que você tava. Continuou depois que ficou sabendo que tava grávida?

M- continuou.

Simone (quinze anos) falou que passara por conflitos quando descobriu que estava grávida:

P- Então você não esperava essa gravidez?

S- Não.

P- E como foi quando você ficou sabendo?

S- Quando eu fiquei sabendo eu não queria não.

P- Você ficou assustada?

S- Uhum...

P- Ficou com medo?

S- Eu tava com medo, né?

P- E aí, você contou pro pai dele?

S- Conteí.

Bianca (quinze anos), ao falar sobre a gravidez apontou aspectos negativos que vivenciara naquele período:

B- Ah,minha gravidez foi ruim.

P- Foi ruim por quê?

B -Porque eu sentia muita dor na barriga.

P- Ah, tá, doía muito a barriga?

B-É, aí quase todo dia eu tinha que ir no hospital pra ver o que era, no CAIS.

P-E o que era?

B- Eles não falava nada não.Só procurava se eu tava sentindo muita dor,se eu tinha sangramento e eu falava que não,ai eles passava um remédio,um Buscopam lá pra mim parar as dores,ai eu vinha embora de volta.

P- Mais melhorava depois que você tomava o remédio?

B - Melhorava.

A adolescente Bianca descreveu a gravidez como algo “ruim”, em decorrência das alterações biológicas decorrentes da gestação. Quase todos os dias, ela se deslocava para o hospital por sentir muitas dores, e só melhorava quando tomava os medicamentos prescritos.

Após a descoberta da gravidez Bianca relatou que o seu sentimento era de medo, pelo fato de seu pai ter brigado muito com ela:

P-E quando você ficou sabendo da noticia, como é que ficou?
B- Nô, fiquei com medo do meu pai, porque ele brigou comigo tanto!
P-E seu pai ele te bate igual a sua mãe ou não?
B-Não, ele nunca triscou a mão em mim.
P- Nem nos seus irmãos?
B-Não, só num, não quer vê, numa menininha lá que é gêmea com meu irmão, só nos dois e um que não fala.
P- É... e o que representou na sua vida ficar grávida?
B- Ah, foi bom ficar grávida.
P- Você achou bom?
B- Aham.
P-O que mais você achou bom?
B- Ah, não sei te explicar.

Vilma (quinze anos) apontou dificuldades e conflitos vivenciados por ela quando foi abordada a questão da gravidez na entrevista. A adolescente relatou que o pai de seu filho a tratava com “frieza”, e o relacionamento era bastante tenso:

P- A outra palavra é gravidez.
V- Minha gravidez num foi muito boa não.
P- Foi difícil sua gravidez?
V- Foi, foi complicado, né! Minha idade e não ter pensado nas consequências, tudo isso vem na gravidez, muitas consequências... igual amor e carinho eu recebi demais, cuidados....mas também eu recebi críticas né, igual do pai do meu filho, aquela rejeição, aquele gelo e frieza.
P- Isso quando você estava grávida?
V- É
P- No começo ele te tratou mal?
V- Não, com mais frieza quando eu ia ver ele, ele me tratava assim. Agora quando começou a vim com sete, oito meses, começou a freqüentar minha casa, ele ainda usava ferro na perna quando eu tava com ele. Ai eu ganhei neném, começou de novo, aí foi a conta pra gente separar, eu não estava agüentando mais e nem ele, casar forçado por causa do meu filho eu não quero, então a gente terminou.

Vilma também evidenciou em sua fala o sofrimento que passara quando descobriu que estava grávida:

P- Como você ficou sabendo que estava grávida?
V- Através do médico mesmo, ginecologista, minha mãe me mandou eu ir no médico e ai eu fui, eu tava meio assim, meio com medo mesmo, mais ai minha mãe mandou e o ginecologista pediu um ultra-som, ai no ultrassom não

esconde nada né... ai escutou o coraçãozinho do neném, ai descobri que eu estava grávida, estava de dois meses e três dias.

P- Você estava sozinha?

V- Não, estava com meu pai.

P- E como foi assim pra você, o que você sentiu?

V- Me deu um nó na garganta, vontade de chorar porque que eu fiz isso, é complicado... no começo pra mim foi muito ruim né, não queria, porque eu não inventei de tomar cuidados né, agora agüentar as conseqüências... fui eu que procurei, eu pensava dessa maneira, tanto é que eu nem queria saber o que os outros falavam do tanto que eu tava chateada e angustiada porque eu inventei de fazer isso.

P- Você já estava chateada e não precisava de ninguém mais falar, isso?

V- É, não ia adiantar ninguém pegar no meu pé porque eu já sabia, senti igual quando você recebe uma má notícia e cai um peso na hora, então caiu na hora.

P- E você ficou sentindo isso muito tempo?

V- Muito, até na maternidade eu ficava, eu gostava de ganhar roupinha, mas no fundo no fundo ainda estava doendo porque que eu fiz. E agora vou ter que trabalhar porque que não ouvi meu pai e minha mãe antes, então, pra mim foi tudo assim, a cabeça é de adolescente mesmo, só enxerga as coisa quando vem tudo a tona e que mostra na lata, aconteceu, aconteceu... Fiquei muito chateada, até ele nascer eu fiquei olhando ele assim meu Deus o quê que eu vou fazer, mas depois no hospital teve uma moça que trabalhava lá, chegou a um ponto que meu pai estava mal, minha mãe ficou revoltadinha com o que a mulher falou, que queria que meu neném mamasse a força, eu não dava conta de dar mamar, eu nunca tive aquilo na minha vida. Meu peito não saia leite de jeito nenhum, tinha que ficar apertando, machucando. Ai ela falou "é seu filho e não gosta de você". Eu tinha acabado de vacinar, ai ela puxou o bracinho dele e falou de novo "É seu filho, não gosta de você, tá vendo, não te abraça, acho que tem mais amor na sua mãe do que com você"... Falou muita coisa que me machucou mesmo, ai lá eles chamou a psicóloga que veio conversar comigo... chorei muito...

Um fator de sofrimento para Vilma foi não ter se sentido bem com o atendimento prestado pela profissional de saúde na maternidade onde tivera seu filho. Na entrevista, a adolescente deixou claro o sofrimento vivenciado em relação ao que ocorrera. Ela estava em um momento de fragilidade e não foi compreendida e não recebeu apoio de profissionais que realizaram seu acompanhamento após seu parto e ainda ouviu palavras negativas que a levaram ao sofrimento.

Como dito anteriormente, para Almeida (1999), medo e culpa são sentimentos manifestados por adolescentes que descobrem a gravidez. Vilma ao descobrir que estava grávida, se sentiu insegura em relação ao seu futuro:

V- No começo fiquei meio assim, as amigas falava 'ahh, toma tal remédio'... aí eu falei. Ele já está aqui não vou tirar ele. Mas eu ficava meio assim, né, no pensamento, não era certo eu fazer isso já que tinha recebido apoio dos meus pais. Se eles tivessem virado as costas e não tivesse apoio de ninguém ia passar tudo pela minha cabeça no momento de desespero, o que vai ser do meu filho e de mim foi isso que passou na minha cabeça.

Leda (dezessete anos) enfrentou dificuldades por não ter recebido apoio do pai de sua filha que, em um primeiro momento, questionara a paternidade. Ele não acredita na adolescente, pois pensava que não podia ter filhos:

P- E o seu namorado quando ficou sabendo que você estava grávida?

L- Ah ele achou que eu estava, mentindo para ele, primeiramente porque ele achava me falou lá a historia que não podia ter filho por causa dos relacionamentos que ele teve e nenhuma tinha engravidado. Aí ele falou que deveria ter algum problema. Aí eu falei para ele e ele não acreditou mais ai quando eu mostrei o resultado de sangue pra ele que tinha feito não, ai ele “ah vamos cuidar e tal”. Em nenhum momento ele falou não quero, vai tirar, não quero ficar com você, o neném não é meu, ele nunca falou isso, só duvidou que eu tivesse ai depois, pronto, foi tudo tranquilo.

De acordo com Almeida (1999) diversos sentimentos emergem na vivência da sexualidade na adolescência, dentre eles, o medo e a culpa que carregam, quando pensam que a família pode descobrir o início precoce da vida sexual. Adolescentes que iniciam sua vida sexual precocemente correm o risco de engravidarem. A gravidez na adolescência altera o papel social da adolescente de menina para mãe e esposa. Assim, a gravidez pode de fato ser fator marcante para mudar a vida de uma adolescente que a vivencia. No caso de Lívia (dezesseis anos), a gravidez foi um marco decisivo em sua vida e levou a adolescente a mudar seu estilo de vida:

P- O que você acha que representou na sua vida ser mãe? Ficar grávida, ser mãe, o que representou na sua vida isso?

L- A gente só é mãe depois que nasce. Olha pra ele, eu tenho. É bom. Cria amor. É o cuidado, é o amor de mãe constante, é o cuidado.

P- Sua vida mudou?

L- Mudou.

P- Mudou em que?

L- Mudei em tudo, antes eu não pensava em nada, hoje eu já penso em tudo. Trabalhar, pra dar um futuro melhor pro meu filho. Não quero que meu filho nunca, como posso te dizer, nunca seja uma criança mal cuidada, magra.

P- Essas suas saídas, namoros, mudou também?

L- mudou. Hoje eu prefiro ficar sozinha do que namorando. Porque hoje tem muitas pessoas que estupram crianças, que bate.

Márcia (dezesseis anos) também relatou sentimentos de alegria com a gravidez:

P- Então o que representou na sua vida estar grávida?

M- Ahh, representou muita coisa né... A neném pra mim foi bom demais. Por que o pai achava que não podia ter filho né...
P- Por que ele achava que não podia ter filho?
M- É porque ele já teve cinco mulheres... aí das cinco nunca nenhuma engravidou... Aí ele disse que não precisava tomar remédio, porque ele era estéril... aí quando a neném chegou... (risos).
P- Pegou de surpresa mesmo...
M- É.
P- Ele ficou feliz de ser pai?
M- Uhum...
P- E como na época da gravidez?
M- Foi tranquilo.

Márcia afirmou que o fato de ter engravidado na adolescência fez ela adquirir responsabilidade:

P- Como é que foi esse momento? Quando você escuta a palavra gravidez você lembra de coisas diferentes que não lembrava antes, não é?
M- É.
P- O que você lembra agora, quando você pensa em gravidez?
M- Ah, agora eu lembro de cuidado, né...!
P- Hum...
M- Tem que ter responsabilidade. Não lembro de muita coisa, porque desde quando a neném chegou aí é que mudou mesmo.
P- Depois que ela nasceu é que mudou mesmo?
M- É, aí mudou tudo...
P- Mudou tudo?
M- Uhum...!

Márcia ainda descreveu mudanças em seu estilo de vida após ter tido sua filha:

P- Qual foi a mudança que você acha que ficou mais assim... que você mais estranhou?
M- Ah, que não podia sair mais, né... [risos]
P- Essa foi a mais difícil?
M- É... Porque ver os amigos saindo né, aí lembra... vai lembrando das coisa.
P- Aham... Aí lembra e dá vontade de fazer também?
M- É. Agora não pode fazer mais, porque se fazer tem que fazer com ela, tem que levar ela.

A maternidade na adolescência provoca mudanças significativas pelo fato de que a dedicação ao filho passa a ser prioridade para a adolescente, que precisa deixar de lado seus planos e objetivos pessoais (ALMEIDA, 1999). Neste mesmo sentido, Bianca (quinze anos) relatou também as mudanças que teve de enfrentar tendo que assumir um novo estilo de vida:

P- E aí durante a gravidez como que era, com seu marido era tudo bem?
B- Ele era legal comigo mais vivia na rua ele indo pras festas.
P- E você não ia nas festa também não?
B-Não, eu quase não gostava por causa da barriga.
P- Por que pesava ou por que você tinha vergonha?
B-Não é porque eu ficava cansada, eu gostava de dançar e nem tinha jeito de dançar com a barrigona!
P- Pesava né?
B-Uhum.

A descoberta da gravidez e, posteriormente a maternidade levam a mãe-adolescente a priorizar o filho e o parceiro, e, algumas vezes deixa dar continuidade aos seus projetos. E em alguns casos submete-se até mesmo a “abusos” de seus companheiros, que não abandonam as atividades anteriores à paternidade e continuam a vivenciar sua adolescência sem modificar seu comportamento, mesmo sabendo da existência de seu filho e das responsabilidades que a paternidade evoca (ALMEIDA, 1999).

Em relação às mudanças ocasionadas pela gravidez Vanessa (dezoito anos) apontou as novas responsabilidades que teve de assumir ao exercer o papel de mãe:

P- Você acha que teve muita mudança [após a gravidez]?
V- Teve.
P- Mas assim você acha que mudou o que?
V-Tipo a responsabilidade, né que eu não tinha, fui ter responsabilidade agora. Não pode sair, não pode fazer nada, tem que ficar cuidando deles, olhando eles...
P- Ah, Isso cansa?
V- Nossa! A gente vai deitar pra dormir, de repente um acorda. Ai quando a gente põe pra dormir e vai descansar o outro acorda.
P- É cansativo, né?
V- Quando põe esse pra dormir tem que ir lá pegar o outro na rua.
P- Nunca para, né?
V- Nunca para.

Almeida (1999), ao discorrer acerca das mudanças ocasionadas pela gravidez/maternidade na adolescência, afirma que atividades como lazer, passeios, diversão com as amigas são desconsiderados pelas adolescentes por terem que se dedicar exclusivamente ao filho e ao companheiro, quando for o caso, mantendo-se até mesmo isolados de seu mundo social antes experienciado.

Maria (dezessete anos) disse que teve de adaptar-se, à nova situação e que a maternidade de fato provocou mudanças em sua vida:

P- Você tá gostando de ser mãe?

M- Tô! Num foi um, um bom momento, assim... Uma boa hora, porque eu tô muito nova. Mais agora veio, tá ótimo. Muito bom.

P- E parece que você me falou, assim... Que na época que você ficou grávida, você não mudou nada na sua vida. E depois que você foi mãe... Você mudou?

M- Muito... Assim... Tô mais em casa. Minha mãe tava até falando com minha irmã esses dias e conversando as duas. Depois ela me contou, falando que eu sou uma boa mãe, que onde eu vô eu levo ela [a criança].

P- É...

M- Onde eu vô eu levo ela.

P- Você leva ela?

M- Onde eu vô eu levo ela, tudo que eu vou fazer é ela.

P- Eu queria falar alguma coisa que eu não te perguntei e acho que é importante para pesquisa... por exemplo, se você tem algo a dizer sobre a gravidez na adolescência.

M- Não. Engravidar cedo num é bom né?

P- Hum.

M- Porque se atrapalha em tudo, num atrapalha? Porque fio num atrapalha, num impede a gente de fazer nada né. A gente pode continuar estudando... Mas eu falo assim... Arrumar serviço. Agora que eu tô assim. Tô tentando arrumar um serviço aí, tomara que dê certo. Mais num muda, pra mim num mudou nada. Mais arruma filho cedo é difícil.

A adolescente Maria descreveu o apoio que recebia da mãe com muita ênfase, relatando ficar tranquila por saber que pode contar com sua mãe. Pôde então fazer planos até mesmo de conseguir um trabalho, mas afirmou que “arrumar filho cedo é difícil”, sobretudo pelo fato de a adolescente não contar com o apoio do pai da filha que, de acordo com Maria, foi ver a filha apenas duas vezes até a data em que foi realizada a entrevista.

De acordo com Moreira *et al.* (2008), a gravidez promove grandes transformações na vida daquela que a vivencia. Diferentes manifestações estão presentes nesse processo, tais como alterações hormonais, mudança de *status* social e toda uma gama de sentimentos que acompanham a gestação e a maternidade. Assim, podem surgir diversos sentimentos como dúvidas, ansiedade, insegurança, levando essa futura mãe a sentir-se frágil em razão da gravidez. Surgem então mudanças corporais que podem levar a “grávida” a temer as mudanças de sua imagem física e até mesmo de não ter uma criança saudável.

No caso de Cássia (dezesseis anos) a mudança na imagem corporal foi preocupante, ela descreveu seu sofrimento relacionado pela mudança física ocasionada pela gravidez. Apesar de estar casada desde os quatorze anos de idade não esperava engravidar tão cedo:

P- Mas mesmo sendo casada não era programada a gravidez?

C- Não,

P- Foi a época que mais me marcou , quando eu engravidei eu pensei que ia ser a melhor maravilha, mas não foi. Eu tive muito enjoo e quase não saía de casa, mas não por causa da gravidez que eu não queria, mas pela mudança do meu corpo, ate hoje eu não saio

P- O que você sentiu com essa mudança no corpo?

C- Estourou estrias em mim, engordei muito, fui pra 70 kg.

P- Você tinha quantos antes?

C- Pesava 40 kg, então eu engordei muito. Eu não gostava de sair, não por conta da gravidez, mas pelo jeito que eu fiquei, porque eu queria ter ele.

P- Você acha que ainda está gorda?

C- Acho, eu me acho gorda, tipo, eu e meu esposo às vezes discutimos por isso. Ele fala que eu sou paranóica, pois ele disse que eu não estou gorda

P- Você ficou mais em casa durante o período da gravidez?

C- Eu só saía para fazer [exame] pré-natal

P- Mesmo sendo uma festa em família?

C- Não ia mesmo, às vezes, ficava no portão de casa ou na casa da minha mãe, agora de sair pra rua mesmo, era só pra ir fazer o pré-natal.

Percebe-se por meio da fala de Cássia, a não aceitação da gravidez por ter de enfrentar drásticas mudanças corporais provocadas pelo próprio ciclo da gravidez.. O fato fica evidente quando a adolescente afirmou que se mantinha isolada e só saía de casa para realizar o exame pré-natal. Quando perguntada acerca do sentimento que tinha em relação à gravidez, disse por ter sofrido muito.

P- Que sentimento você tem com relação a gravidez?

C- Eu não quero ter filho mais não, não é tristeza sabe, mas é angustiante não por causa dele (filho), eu sofri muito, passava o dia todo chorando no quarto, mais pela mudança no corpo, eu chorava o tempo todo e passava o tempo inteiro dormindo.

P- Não é uma época boa de lembrar?

C- Não.

Cássia pode contar com o apoio de sua mãe durante a gravidez. Ela esteve sempre ao seu lado e apenas pedia para a filha não deixar seus estudos, e alertando-a para o fato de que muitas mudanças iriam ocorrer em sua vida. Para a adolescente, o apoio recebido da mãe foi “tudo”:

P- Ela [mãe da adolescente] te falava alguma coisa em relação a isso de não engravidar quando nova?

C- Não, só falava que tinha que ter responsabilidade e não podia parar de estudar e que ia mudar muito a minha vida, ela sabia desse meu problema de engordar, que quando eu pesava 40 kg eu já me achava gorda, ela falou pra mim que se eu for engravidar eu tinha que fazer um tratamento, pois ela me conhece o jeito que eu sou, eu já tinha isso de ahh eu sou gorda, mas ela me apoiou.

P- Te apoiou desde quando ela ficou sabendo da primeira vez?

C- Primeira vez foi assim, eu fiz exame e ela ficou sabendo antes de mim que eu tava grávida

P- Ela que pegou o resultado?

C- Foi, ela que me deu apoio.

P- O que você acha que esse apoio representou na sua vida?

C- Tudo, tudo mesmo, pois eu acho que se eu não tivesse esse apoio eu não sei não como eu estaria agora, porque eu não queria comer, eu não queria nada.

Cássia disse que também houve mudanças no relacionamento com o pai de seu filho, pois a gravidez trouxe mais responsabilidade e ela recebeu apoio dele também quando contou que estava grávida. E um dado que pode ser ressaltado é que, apesar das dificuldades enfrentadas e da mudança corporal exigida pela gravidez, “valeu a pena”:

P- E você acha que mudou a relação de vocês?

C- Mudou, porque antes a gente era casado, mas não era tão sério, pois eu e ele não tinha tanta responsabilidade, hoje eu sei de verdade o que é ta casada

P- Você acha que a vinda do filho trouxe mais responsabilidade para vocês dois?

C- Sim, pra nós dois. Ele sempre falava que queria ter um filho, e ele é apaixonado pelo filho, ele é muito apegado com filho.

P- Você sentiu apoio dele?

C- Sim, todo tempo

P- Sei... o que representou para sua vida a gravidez?

C- Assim, a gravidez como te falei mudou muito meu corpo, foi ruim, mas por eu ter o meu filho foi ótimo, por eu ter tido o meu filho, valeu a pena.

Carolina (dezessete anos), com um casal de filhos, relatou seu sofrimento e as dificuldades enfrentadas em decorrência da gravidez. Em sua entrevista, disse não querer ter mais filhos, pois desejava apenas um casal de filhos, o que já ocorrera. No entanto, a segunda gravidez não foi planejada. A adolescente apontou como fator de dificuldade a questão de ter de enfrentar falatórios na segunda gravidez:

P- Então, a outra palavra é gravidez...
C- Essa daqui foi tranquila, agora desse de agora já passei muito estresse por conta dessas discussões, a vizinha que fica falando também, não é fácil, né.
P- Agora com essas brigas?
C- É.
P- Você acha que as pessoas estão assim te perturbando mais agora por conta da gravidez?
C- Eu sinto que sim
P- E a primeira você não teve isso?
C- Não
P- Porque você acha que as pessoas na primeira gravidez não falaram nada e agora da segunda estão falando?
C- Não sei. É, acho que sim, na primeira todo mundo já esperava.
P- O que você achou de engravidar pela segunda vez?
C- Aí não queria não (risos)
P- Não queria não?
C- Queria que ela crescesse mais um pouquinho pra ela entender mais as coisas, né? Mas agora já veio, né...!
P- Mas você tinha vontade de ter outro filho?
C- Tinha, queria ter um casal
P- Você quer ter só um casal?
C- É.
P- Não quer ter mais não?
C- Não.

4.3 A reação familiar à gravidez da adolescente

Em relação ao apoio familiar no momento da descoberta da gravidez ou até a adolescente ter o filho, cinco disseram que não se sentiram apoiadas pela família nesse período, e quatro das dezesseis adolescentes declararam ter recebido apoio da família. As demais, sete adolescentes, não fizeram referências acerca da reação da família na descoberta de sua gravidez.

Flávia (quinze anos) disse que pôde contar com o apoio e amparo de sua mãe e de seus irmãos, mas o restante da família não aceitava o fato e demonstrava isto por meio das falas constantes em relação ao ocorrido:

F- Mas quando eu engravidei meu Deus do céu! Todo mundo falou, todo mundo da minha família falou. “Nossa! Você é doida? Você não deve saber nem quem é o pai”. Aí eu falei: olha, eu tava namorando. Tava quieta no meu canto e vocês ficam aí perguntando quem é o pai?!
P- Então você não sentiu o apoio da família quando ficou grávida?
F- Só da minha mãe e dos meus irmãos.

A falta de apoio para a adolescente Flávia fica evidente quando ela disse que as pessoas começaram a questionar a paternidade do filho dela, mesmo sabendo que ela estava em um relacionamento fixo. Por isso, sentiu-se sem apoio de familiares.

Flávia (quinze anos) também descreveu a experiência da gravidez como algo marcante, caracterizando-a, porém, como experiência negativa por não ter contado com o apoio do pai de sua filha nesse momento de sua vida:

F- Gravidez é bom, mas tem que ter apoio pra caramba, viu! Porque se não tiver apoio a gente roda.

P- E você teve apoio? Ou não?

F- Não. Eu não tive apoio do pai da minha filha, agora, aqui na minha casa mesmo, teve pra caramba!

P- Você sentiu falta desse apoio da família dele e dele?

F- Senti, senti muita. Não ficava muito assim não, porque ficava falando que eu era enjoada, que eu não dava conta de comer comida, não dava conta de ver arroz, carne, não dava conta de ver nada. Eu corria pro banheiro pra vomitar, aí eles diziam: “Tá vendo! Engravidada de novo pra você ver o tanto que é bom!” Aí ficava me atentando, era tão ruim essas coisas.

P- Foi difícil esse período pra você?

F- Foi, foi muito viu... Minha mãe que me entendia.

P- E nessa fase, que sentimento você tem quando se lembra dessa fase?

F- Horrível, sentimento horrível.

P- Você teria filho, se fosse pra você escolher, de novo, nessa época?

F- Se fosse com homem bom, se tivesse casada, bem casada mesmo, com um homem que gostasse de verdade de mim, aí sim eu teria mais um.

P- Mas hoje você pensa em ter outro filho? Ou não?

F- Não, não tem como.

P- E mais na frente?

F- É, talvez mais na frente eu veja. Posso ter uns 2.

P- Mas por enquanto não?

F- Por enquanto não.

Para a adolescente Vilma (quinze anos), a dificuldade enfrentada era decorrente dos falatórios de suas primas que moravam em Recife-PE. Elas diziam sobre Vilma: “Está só as pelancas”, que tinha “se acabado”. A adolescente sentia-se agredida e desconfortável com essa situação, demonstrando considerável abalo por ter sido atingida em sua imagem corporal:

P- Pois é, e quando você ficou grávida teve muita gente pra falar sobre você ter engravidado?

V- Xiii, nossa! Eu não escutei mais das pessoas porque eu não morava lá, né? Porque o resto da minha família mora em Recife. Comentaram até no meu Orkut. Minhas primas diziam: “Agora tá só as pelancas, agora acabou, agora você vai ver o que é bom...! Falavam muitas piadas pra mim que, pra mim, é igual você falando de agressão psicológica, tudo isso gera em torno, não é?”

Porque tudo isso machuca, tudo isso mexe com a cabeça da gente, o que mais aconteceu com a minha família foi isso.

Vilma disse que não recebeu apoio ao descobrir a gravidez e também não se sentiu amparada pelo companheiro:

P- E com o seu namorado, você recebeu apoio? Como foi?

V- Mais ou menos, assim, ele nunca deixou faltar nada para o filho, já me falou umas palavrinhas que me machucou também.

P- Mas o que, assim?

V- De não querer mais tá comigo, de tanto faz como tanto fez. Porque assim, quando fui ganhar o bebê, ele teve um acidente de moto que fraturou o joelho e teve perda óssea. Então ele andou de cadeira de rodas, eu que saía daqui, ia pra lá e cuidava dele, dava banho nele, ajudava ele a levantar da cama porque ele não levantava sem ajuda; porque a mãe dele já é bem idosa, entende?!

A adolescente Vilma, em sua fala demonstrava seu sofrimento pela rejeição dele. Vilma descreveu as dificuldades por ela enfrentadas quando não obteve apoio necessário. Após passar todos estes conflitos, não mantém mais relacionamento conjugal com o pai do filho:

V- Então é muito complicado pra mim: depois de engravidar, passar por um período tão difícil com ele. Tá ali ajudando quando os amigos deram as costas pra ele, falaram que ele ia virar pernetá e com tanta piadinha pra ele, e eu tava ali, sempre com ele, ajudando e cuidando dele. Eu era muito novinha, tinha 13 pra 14 anos e ele tinha 21. Ele tem 24 agora. Então era muito complicado mesmo sabe? Eu gostava tanto dele, até hoje eu gosto dele, respeito quando vem aqui na minha casa ver meu filho. Eu não falo nada, trato ele muito bem.

Vanessa (dezoito anos) declarou de forma sucinta, a reação de sua mãe, quando ela soube da gravidez, e que o assunto não foi bem aceito dentro pela família, tanto que a adolescente diz que não fala mais sobre isso:

P- E teve alguma coisa ou alguém que você mais precisou e que não te deu apoio nesse momento?

V- Minha mãe.

P- E você já falou com a sua mãe sobre isso?

V- Não, eu não falo mais não.

Karla (dezesseis anos) relatou suas dificuldades relacionadas à não aceitação da gravidez pelo pai:

P- A outra palavra é gravidez?

K- Gravidez? [sorrisos]

P- É, o que significa?

K- Aí, tudo, né?! É difícil, mas na mesma hora é bom né.

P- Como que foi sua experiência com a gravidez?

K- Foi meio difícil, né, pra mim.

P- Por quê?

K- Por causa da família né, por causa do meu pai. Meu pai já mandou eu abortar já. Já falou que já ia mandar eu abortar já.

P- A aceitação da família foi difícil?

K- Da minha mãe não, agora do meu pai foi difícil. Agora eles “separou” eles [o pai e o tio]. Tá aqui mais não, só tá eu e minha mãe.

Para Lorrana (quinze anos), a descoberta da gravidez marcou a família. Seu pai parou de conversar com ela, sobretudo pelo fato de saber que a filha havia perdido a virgindade:

L- Nossa, meu pai é muito assim, por eu ter perdido a virgindade. Meu pai não queria nem conversar. Ele ficou... Quando a gente voltou a conversar, porque ele ficou de mal de mim. A gente voltou a conversar quando o bebê foi para a UTI [unidade de terapia intensiva], aí que a gente foi conversar.

Em relação às mudanças e à reação da família quando descobrira que ela estava grávida, a adolescente disse que a atitude da mãe oscilava entre achar bom e ruim. Após a gravidez, a adolescente também teve de deixar de lado algumas amizades, mantendo contato e amizade apenas com sua cunhada, e que disse que ela era sua única amiga:

P- Qual foi a reação da sua mãe e do seu pai, quando você ficou grávida?!

L- Minha mãe tava comigo né? Na hora ela olhou o resultado e falou assim: “Tá grávida!” Ela olhou assim na minha cara. A reação foi assim, na mesma hora ela tava achando bom e ruim, né? Porque eu era muito nova, tinha que parar os estudos. Depois da gravidez, né? O tempo passou e eu fui perdendo as amizades, mas amigos eu não tenho, é mais a minha mãe.

P- Quem você considera amigo mais próximo, é da família?

L- É!

P- Você ainda tem amigos com quem você sai que sai com você?

L- Eu tenho só uma só. Minha cunhadinha.

A gravidez na adolescência não foi bem aceita pelo pai de Lorrana, sobretudo pelo fato dele sentir-se ofendido em seus valores, quando soube que a filha adolescente não era mais virgem. Por isso, só voltou a conversar com a filha em um momento de dificuldade por ela enfrentado em razão de o filho ter nascido com algumas complicações de saúde.

Silva e Tonete (2006), ao estudarem o momento da descoberta da gravidez e o sentimento da família em relação ao fato, constataram, por meio dos discursos de cinco mães, uma sogra, uma tia, uma irmã e uma avó, que a descoberta da gravidez da adolescente provoca um impacto na família. Para as autoras, o “choque” deve ser o fato de a gravidez ser algo inesperado pela família. O estudo verificou ainda que, com o passar do tempo, as famílias e seus membros passam a aceitar, o fato, e se conformam com a situação por terem uma adolescente grávida em seu meio.

Em alguns casos, portanto, o fato de os familiares não apoiarem imediatamente a adolescente, é que não esperavam que ocorresse a gravidez em seu contexto. É uma surpresa tão grande que a notícia provoca diferentes reações, até mesmo de abandono, como deixaram claro nove adolescentes, durante as entrevistas.

Hoga, Borges e Heberte (2010) realizaram uma pesquisa com dezenove pessoas que vivenciaram a experiência da gravidez em suas famílias. Os resultados do estudo apontaram que a gravidez gera um forte impacto na família e diferencia as relações entre os sujeitos. Em algumas famílias, a gravidez foi percebida positivamente, por promover maior proximidade dos membros desta família, fazendo que o sentimento de felicidade fosse predominante.

Vilma (quinze anos) disse que pôde contar com o apoio dos pais, dos amigos e do seu grupo religioso, que segundo ela, gostava mais do seu filho que a sua família:

V- Agora tanto do meu pai e da minha mãe e dos meus amigos aqui em Goiânia, as pessoas me apoiaram muito. Na igreja foi onde mais me deram a mão: fez chá de bebê pra mim, cuidou de mim. Até hoje gostam demais do meu filho, mais do que os de família.

Haver aceitação não significa que ela ocorre de imediato. Hoga, Borges e Heberte (2010) apontam que as famílias passam por um processo de reestruturação em busca de um consenso a respeito da gravidez e manutenção da unidade familiar. A esse respeito, Márcia (dezesseis anos) relatou que, em um primeiro momento, a família achou ruim a descoberta da gravidez, mas que houve uma mudança considerável após o nascimento da filha, e ela pôde sentir-se apoiada pela família:

P- Como é que foi quando você ficou grávida, o que a família achou?

M- Ah, na hora achou ruim, mas depois que a neném nasceu, achou bom. Gosta dela, brinca com ela.
P- Ela é paparicada?
M- É sim! E muito mais do que eu [muitos risos].
P- Mais paparicada que você?! Isso será apoio, você sente que teve apoio?
M- Tive.

Simone (quinze anos) declarou sentir-se apoiada pelos pais e pela avó no momento da descoberta da gravidez. A demonstração do apoio de todos foi vista pela adolescente como positiva:

S- Meu pai, minha avó, não acharam ruim [...].
P- E como é que é a relação com os demais membros de sua família? Com seus irmãos?
S- Normal. Sem briga. Durante a gravidez meu pai, minha avó, não acharam ruim. Todo mundo me ajudou.
P- Todo mundo dá apoio pra você? Nossa, que bom! E sua mãe?
S- Minha mãe também.

O relato de Simone (quinze anos) mostra que ela se sentiu amparada pela família no período da descoberta da gravidez, pois a família que lhe ofereceu o fundamental naquele momento: apoio. Segundo a adolescente “todo mundo ajudou”.

Para Marlene (dezessete anos), descobrir a sua gravidez trouxe alegria para sua família, visto que a irmã já tinha engravidado também quando era adolescente. Sua mãe sentiu-se satisfeita, por saber que teria um neto do sexo masculino:

P- Qual foi a reação de sua mãe quando você ficou grávida?
M- Foi alegria né...?! A minha irmã mais velha engravidou quando tinha 14 anos, quando teve a primeira menina dela.
P- A sua irmã engravidou com quatorze anos?
M- Foi com quatorze. E foi alegria né?!, foi o primeiro neto, o primeiro sobrinho, e agora ela tá grávida de novo, vai ganhar esse ano de novo. E minha mãe mesmo ficou alegre quando ela descobriu que eu estava grávida, que ia ser um rapazinho, porque ela pensou: “Vai ter um casalzinho”, porque já tem uma mocinha e porque é ela que cuida, nem é minha irmã, filha dela pode-se dizer. Aí, quando eu liguei pra ela pra dizer ela disse: “Tá ligando pra falar que você está grávida, né? Sou a última a saber disso, né?!” Aí, eu disse que vim saber na verdade quando eu tava com um mês de gravidez, foi quando eu descobri. Liguei agora porque eu fiz o teste da farmácia e deu positivo. Então ela ficou alegre, contente, ligava todo dia pra saber como que eu tava, como que o nenê tava dentro de mim, e foi assim até quando ele nasceu e é assim até hoje. Ela nunca deixou de ligar.

Para a família de Marlene a experiência de gravidez era algo encarado com “naturalidade”, até mesmo porque a irmã da adolescente já havia engravidado aos quatorze anos de idade, recebendo também apoio familiar, sobretudo de sua mãe.

Mesmo em um contexto positivo, a gravidez na adolescência gera impactos na vida da família e da adolescente. Hoga, Borges e Heberte (2010) afirmam que o nascimento de uma criança na família demanda uma reestruturação e a capacidade de adaptar-se às novas situações, tanto do ponto de vista financeiro quanto físico, como local de moradia e até mesmo das condições de trabalho.

Neste capítulo procurou-se contextualizar, descrever e analisar as falas das adolescentes entrevistadas em contexto de vulnerabilidade, bem como entender os sentidos atribuídos por elas a essas situações, fundamentalmente o fato de terem engravidado e serem mães-adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação consiste no recorte de uma pesquisa matriz realizada no Distrito Leste do município de Goiânia, intitulada *Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica* (SANTOS *et al.* 2007), que objetivou descrever e analisar a relação entre a violência intrafamiliar contra adolescentes do sexo feminino e a ocorrência de gravidez na adolescência.

As adolescentes participantes da pesquisa viviam em contextos de vulnerabilidade social com suas respectivas famílias, e a gravidez era mais um dos componentes desse contexto social.

Como foi apresentado ao longo da pesquisa, inicialmente foram identificadas, por meio dos cadastros no SIS-Pré-Natal, 99 registros de adolescentes grávidas no período de 01 de julho de 2009 a 01 de julho de 2010. Foram localizadas, entrevistadas (47 adolescentes) que afirmaram terem passado por alguma situação de violência relacionada à gravidez e selecionadas 16, que estavam na faixa etária de 14 a 18 anos e, que claramente fizeram referência a situações vivenciadas de violência intrafamiliar (física, psicológica ou sexual).

O referencial teórico-metodológico deste estudo está baseado na psicologia sócio-histórica de Vigotsky (2008), que entende a adolescência como construção social e não como etapa ou período puramente biológico. De acordo com Moreira (2001), a adolescência é um fenômeno social com diversas significações em relação a gênero, classe social, grupo étnico e aspectos geracionais, devendo ser analisada do ponto de vista histórico-cultural.

Compreende-se, portanto, o sujeito adolescente como produto e produtor de uma época, de uma família e de uma sociedade, o desenvolvimento humano portanto, é apreendido segundo a lógica dialética e não como etapa unicamente natural ou física do desenvolvimento humano.

O primeiro capítulo cumpriu o objetivo de apresentar o referencial teórico da pesquisa. A psicologia sócio-histórica é o referencial de todas as outras categorias de análise: adolescência, sexualidade, relação adolescência e gravidez, gravidez e família,

adolescência e maternidade, adolescente e instituições socializadoras (família, escola e trabalho) e, por fim, adolescência e vulnerabilidade social.

Na discussão, destaca-se a gravidez como expressão de uma sociedade repressora que não prepara (educa) as novas gerações a lidar com o corpo (e com a sua expressão sexual). Nesse contexto, a negação da vida sexual para os pais (em especial) leva as adolescentes a terem uma iniciação sexual absolutamente sem prevenção.

O segundo capítulo apresenta as características da Região Leste de Goiânia, o perfil das 99 adolescentes registradas no SIS-Pré-Natal e a história de vida, com ênfase na gravidez e maternidade, das 16 adolescentes selecionadas para este estudo. A opção da pesquisa matriz em relação a pesquisar a Região Leste deve-se a suas características sócio-econômicas e de ser uma das regiões da cidade com alto índice de ocorrência de gravidez na adolescência.

No capítulo terceiro, houve a imersão nas falas e subjetividades das dezesseis adolescentes entrevistadas, destacando os sentidos e significados que elas atribuíram às instituições socializadoras: família, escola e trabalho. A família (compreendida como *locus* privilegiado das relações afetivas) foi significada como instituição de apoio e como de abandono (muitas vezes, ao mesmo tempo), e lugar de encontros e desencontros. A escola não foi caracterizada como instituição de convivência e aprendizagem e a sua valorização é decorrente do fato de a escola desempenhar um papel importante para a inserção no mundo do trabalho. Já o trabalho, para um grande grupo, era essencial no novo momento de suas vidas: as adolescentes precisavam, na maioria das vezes, iniciar a sua autossustentação e a de seus filhos. Entretanto, como não possuíam qualificação, reproduziam a mesma lógica da vida dos pais: trabalhos subvalorizados social e financeiramente.

No quarto e último capítulo, as entrevistadas demonstraram estar profundamente marcadas pela experiência de serem mães adolescentes: acontecimento apontado como marcante em suas vidas e como um divisor de águas. Ao relatarem suas vivências como mães adolescentes, elas puderam, naquele momento, olhar a própria adolescência e compreender as rupturas que ocorreram em suas vidas: ser adolescente e ser adulta, isto é ser adolescente mantida financeiramente pelos pais e adulta, deve

se manter e manter a seu filho, e, ainda a percepção de que, embora sendo adolescente no plano cronológico, não o era no plano subjetivo.

As adolescentes disseram ter consciência de que assumiram novos papéis em suas vidas e essa experiência possibilitou-lhes darem novos sentidos às suas trajetórias, como a necessidade de trabalhar e de estudar. Relataram os sentimentos de perda que experimentaram pelo fato de estarem grávidas ou serem mães, de abrirem mão de outras possibilidades (que antes poderiam ser exploradas na sua condição de adolescentes), para assumirem novas responsabilidades, a condição de mães adolescentes, muitas vezes, levaram-nas ao isolamento, ao afastamento de amigos e, em alguns casos, até mesmo dos familiares.

Para as dezesseis adolescentes entrevistadas, o fator principal de mudança, constitui em assumir uma nova família, ou até mesmo uma nova forma de comportar e até mesmo de se apresentar socialmente, tornando-se adultas precocemente, e, em algumas vezes, até sem o perceberem, deixando de vivenciar sua adolescência tão intensamente como gostariam. Essas adolescentes, em sua maioria, tiveram que romper com vínculos que consideravam significativos, tais como amigos, escola, e até mesmo com a família de origem. Tiveram que se tornarem aptas a serem boas mães, donas de casa, esposas/companheiras, assumindo responsabilidades que as igualavam a um ser adulto, ou até mesmo a submeterem-se a um estilo de vida ditado pelo esposo e/ou pela família deles. As situações de vulnerabilidade expressas nas experiências diretas de violência (física, psicológica ou sexual) constituíram outro marco importante na vida das adolescentes entrevistadas, e que cada uma elaborou essa vivência e a expressou por meio dos sentidos singulares que deram à própria vida e aos seus projetos de futuro.

No conjunto, é possível afirmar que a gravidez na adolescência, assim como em qualquer fase da vida da mulher, produz mudanças significativas em sua trajetória de vida. Como por exemplo, na relação com a família de origem e construção de novos vínculos com a família do pai do filho. Se a relação com a família de origem, na maioria das vezes, é difícil em razão da gravidez, na família do pai do filho não é mais simples. Muitas vezes as famílias de cada pai vêem a gravidez com desconfiança: como forma

de forçar um vínculo de casamento ou com descrédito, na dúvida em relação à paternidade.

De qualquer forma, são confianças e desconfianças que marcarão para sempre a vida de todos os envolvidos, que ganha um contorno a mais quando o casal tenta construir a sua própria família, rompendo com as relações anteriores. Quando a gravidez é seguida de casamento (formal ou não), o seu significado é um, quando a adolescente permanece solteira, é outro.

Outra marca muito presente está expressa nas falas das adolescentes que afirmam que todos exigem que elas sejam boas mães. Mulheres adultas podem errar como mães, mas as adolescentes não podem errar nunca. Certamente este é um peso a mais em toda essa história.

Esta pesquisa soma-se a outras que buscam pesquisar fenômenos psicossociais da adolescência brasileira à luz da psicologia sócio-histórica e parte do pressuposto de que o adolescente é sujeito capaz de realizar suas escolhas e, portanto, ativo na construção de sua história de vida, dotado de capacidade de atribuir novos sentidos e significados à sua própria vivência.

Assim, neste estudo, as adolescentes entrevistadas foram consideradas como sujeitos ativos e capazes de produzir discursos que evidenciem a subjetividade construída com base em suas experiências acerca da gravidez e da maternidade, perpassada por questões de gênero, classe social, etnia/raça, vulnerabilidade social, relações familiares, etc.

Os achados desta pesquisa corroboram a importância de discutir sempre, e cada vez com maior profundidade, a gravidez/maternidade de adolescentes, especialmente quando a gravidez/maternidade ocorre em situações de vulnerabilidade social, como as vivências de violência intrafamiliar narradas pelas adolescentes.

Embora não tenha sido objeto desta pesquisa e sim da pesquisa matriz, é mister ressaltar também que a análise dos dados leva a pensar na importância de serem elaboradas propostas de avaliação de acompanhamento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas vítimas de violência intrafamiliar.

A análise teórica do tema propicia o despertar para a necessidade de que o fenômeno da violência intrafamiliar seja amplamente discutido pelas autoridades e

sociedade com objetivo de subsidiar a criação de políticas públicas que inibam a sua ocorrência, tendo em vista serem danosos os seus resultados.

Espera-se que este estudo contribua para melhor compreensão das dinâmicas psicossociais que permeiam as relações históricas, sociais, familiares e individuais de adolescentes que vivenciam a gravidez/maternidade e que se encontram em situações de vulnerabilidade social.

O campo de pesquisa que norteou esta dissertação permitiu identificar que a temática trabalhada, precisa ser mais amplamente discutida em todas as esferas sociais em que o “ser adolescente” estiver inserido, com apresentação de propostas que possam lhe oferecer suporte ao vivenciar a experiência da gravidez. As instituições socializadoras, família, escola e trabalho são mediadoras e primordiais na constituição de sentidos e significados atribuídos pelas adolescentes a determinadas situações por elas vivenciadas, tais como as descritas neste trabalho: situações de violência que levaram mães adolescentes a situações de vulnerabilidade social.

Novas investigações poderiam, com base neste e em outros estudos, investigar as novas configurações familiares constituídas por pais adolescentes e suas respectivas famílias de origem. Também seria oportuno ouvir os pais adolescentes, já que são poucos estudos que buscam compreender a paternidade “precoce”.

Com a produção desta dissertação, aponta-se que é preciso que continuem a serem pesquisadas relações entre gravidez/maternidade na adolescência em contextos de vulnerabilidade social e de violência enfrentados por adolescentes do sexo feminino, visto que não se esgotam neste trabalho as possibilidades de pesquisa acerca desta temática tão vasta e significativa.

Desta forma, como expectativa final, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído com o campo teórico investigativo relacionado à adolescência e gravidez, e possam surgir outras pesquisas buscando compreender os sentidos e os significados atribuídos as situações de violência e vulnerabilidade social enfrentadas por mães adolescentes com base na psicologia sócio-histórica de Vigotsky.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO, Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). *Critério de classificação econômica Brasil*. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.abep.org>

ABRAMOVAY, M., CASTRO, M. G., PINHEIRO, L. C., LIMA, F. S., MARTINELLI, C. C.; *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO /BID, 2002.

ABRANCHES, C. D., ASSIS, S. G.; A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2011, v. 27, n. 5, p. 843-854, maio 2011.

AGUIAR, W. M. J., OZELLA, S. O sentido subjetivo atribuído à escolha profissional: um estudo com jovens de camadas populares. In: OZELLA, Sérgio. (org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, A. F. F. *De menina a mãe adolescente: uma construção da vulnerabilidade de gênero*. Campo Grande: Fontes Novas, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8).

BRASIL, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (SEDH). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Departamento da Criança e do Adolescente, 2002.

_____. Ministério de Justiça. *Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-juvenil*. 3. ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2002.

_____. Ministério de Justiça. *Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil: Uma política em movimento (Relatório de Monitoramento 2003 - 2005)*.

Disponível

em: <http://www.condeca.sp.gov.br/legislacao/plano_nacional_enfrentamento.pdf>.

Acesso em: 29 mar. 2006.

_____, Ministério da Saúde. *A adolescente grávida e os Serviços de Saúde no município* (2000)a Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0101adolescente_gravida.pdf. Acesso em: 08 de jul. 2013.

_____, Ministério da Saúde. *Notificação de Maus tratos contra crianças e adolescentes*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Ministério da Saúde. *Lei nº 196/96. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos*. Disponível em <<http://www.conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>>. Acesso em: 11 maio 2011.

_____. Ministério da Saúde. *Violência faz mal à saúde*. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://157.86.173.10/beb/textocompleto/001160>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

_____. Ministério da Saúde. *Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos*. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br>. Acesso em: 8 set. 2013.

_____. Ministério da Saúde. *Marco teórico e referencial: saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRITO, A. M. M. *et al.* Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 143-149, jan./mar. 2005.

CAPUTOL, V. G., BORDIN, I. A. Gravidez na adolescência e uso frequente de álcool e drogas no contexto familiar. Universidade Federal de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 42, n. 3, p. 402-410, jun. 2008.

CAVALCANTE, M. F. A. *A percepção de mães adolescentes sobre a maternidade: limitações e possibilidades, na perspectiva de gênero*. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Piauí, Teresina.

CARVALHO, R. M. *Relações entre irmãos adolescentes: sentidos e significados. Tese (Doutorado)*. 2011. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M., SILVA, L.B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004

CONCHÃO, S. A. *Masculino e Feminino. A primeira vez: a análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência*. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo.

CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E.; HOGAN, D. J.; CARMO, R. L. A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas. In: CUNHA, J. M. P. (org.). *Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação*, p. 143-168. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006.

DADOORIAN, D.; Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, (Brasília) v. 23, n.1. mar. 2003

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DATASUS. *Informações em saúde - nascidos vivos*. Disponível em <http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php?area=359A1B378C5D0E0F359G22H011Jd5L25M0N&VInclude=../site/infsaude.php&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nv>. Acesso em: 10 jan. 2013.

ELOY, C. B. *A credibilidade do testemunho da criança vítima de abuso sexual no contexto judiciário*. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Estadual Paulista. Ourinhos: São Paulo.

ESBER, K. M. *Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: um estudo a partir da teoria sócio-histórica*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

ESTEVES, J. R.; MENANDRO, P. R. M. *Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência*. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.10, n. 3, p. 363-370, dez. 2005.

FRANCISCHINI, R. *As faces da infância em contextos de violência física intrafamiliar*. *Revista de Psicologia da Unesp*, Assis, v. 2, n. 1, p. 71-86, 2003. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/16/32>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

GODINHO, R. A.; SCHELP, J. R. B.; PARADA, C. M. G. L.; BERTONCELLO, N. M. F. *Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio?* *Revista Latino Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abr. 2000.

GUIMARÃES, E. A.; WITTER, G. P. *Gravidez na adolescência: conhecimentos e prevenção entre jovens*. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v.27, n.2, p.167-180, dez. 2007.

HOGA, L. A. K.; BORGES, A. L. V.; HEBERTE, L. M.; *Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família*. *Escola Ana Nery, Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p.151-157, jan./mar. 2010.

KAHHALE, E. M. P. *Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência*. In: BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, p.179-191.

KONIG, A. B.; FONSECA, A.D.; GOMES, V. L.; Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe”. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia: Goiás, v.10, n. 2, p. 405-413, jun. 2008.

LAINING, R. D. *A política da família* (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. C. S. Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 257-267. abr./jun. 2008.

MACÊDO, O. J. V., ALBERTO, M. F. P., ARAÚJO, A. J. S.; Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes. Campinas. *Estudos de Psicologia*. v. 29, supl.1, p. 779-787, out./dez. 2012

MACEDO, R. M. A pesquisa sobre família em psicologia a partir da década de 80. *Cadernos da ANPEPP*, São Paulo, n.2, p.91-120, 1993.

MALAGUTTI, W; B., M. A. (org.) *Adolescentes*. Uma abordagem Multidisciplinar: Comportamento suicida na adolescência. São Paulo: Martinari, 2009, p. 296-313.

MASCAGNA, G. C. *Adolescência: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

MAZZINI, M. L. *et. al.* Mães Adolescentes: a construção de sua identidade materna. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v.7, n.4, p.493-502, out./dez., 2008.

MELLO, L. C. A. *Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: o estado da arte nas produções acadêmicas em psicologia*. 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MENEZES, T. C.; *et al.* Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. *Revista Brasileira de Ginecologia Obstetrícia, Rio de Janeiro*, v..25, n.5, p.309-316, jun., 2003.

MEYRELLES, K. V.; *Os sentidos e os significados da escola para o adolescente*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco: 2007.

_____. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINUCHIN, S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MONTEIRO, L. C. (org.) Perfil sócioeconômico-cultural, gineco-obstétrico e sexual das adolescentes grávidas da região leste do município de Goiânia. Relatório de Pesquisa. *In: Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica*. Goiânia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

MONTEIRO, L P., CARDOSO, N. A.; Família e criação de filhos. *In: SOUSA, S.M.G & RIZZINI, I. (coords.) Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os laços parentais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

MOREIRA, M. I. C.; *Gravidez na adolescência: análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres*. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, T. M. M., *et al.* Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, v. 42, n. 2, p 312-320, jun. 2008

MOREIRA, M. I. C.; *Contribuições em Banca de Defesa de Mestrado de Julio Cesar Alves*. Goiânia: Goiás. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, out. 2013.

OGIDO, R., SHOR, N.; A jovem mãe e o mercado de trabalho. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.21, n.4, p.1044-1055, out./dez., 2012.

OLIVEIRA, R. C. Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.17, n.4, p.93-102, 2008.

OTUKA, F. S. *A dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência*. 2009.Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OZELLA, S. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. *In: OZELLA, Sérgio. (org.). Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. AGUIAR, W. M. J. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 26 n., p. 222-245, mar. 2006.

PADOIN, I. G.; VIRGOLIN, I. W. C. *A Vulnerabilidade social como uma dificuldade à participação política*. *In: Seminário Interinstitucional de Ensino e Pesquisa e Extensão, 15. Mostra de Iniciação Científica e 13. Mostra de Extensão da UNICRUZ, Anais*. RN, Natal, 2010.

PARO, C. R.; MACHADO, M. C. S. P.; OLIVEIRA, M. L. M. O. Perfil da família goianiense. *In: SOUSA, S. M. G.; RIZZINI, I. (coords.) Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os laços parentais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

PEREIRA, M. G. S. Adolescentes trabalhadores: a construção de sentido nas relações de trabalho. *In: Sergio Ozella. (org.). Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica.* São Paulo: Cortez, 2003.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.455-466, mar./abr., 2009.

QUINTANA, E. Reflexões sobre a gravidez na adolescência: caminhos, diálogos e trajetórias numa perspectiva em educação. *Gênero, Sexualidade e Educação (CNPQ)*, Rio de Janeiro. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

REIS, V. L. dos. *Aspectos psicossociais da gravidez na adolescência: relatos de mães adolescentes.* Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Bauru 2009.

REY, F. G. O trabalho de campo na pesquisa psicológica e o processo de construção da informação na pesquisa qualitativa. *In: Pesquisa Qualitativa em Psicologia.* São Paulo: Thompson, 2000.

RODRIGUES, G. Falta de prevenção cria uma legião de “gravidinhas”. *Jornal O Popular.* Goiânia, 01 set. 2013.

SANTOS, A. M., *et al.* *Avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde de adolescentes grávidas que sofreram violência doméstica.* Goiânia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. (Projeto de Pesquisa - Centro de Educação comunitária de meninas e meninos), nov. 2007. Não publicado.

SANTOS, S. S. *Mães de meninas que sofreram abuso sexual intrafamiliar: reações maternas e multigeracionalidade.* 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GOIÂNIA, Secretária Municipal de Assistência Social (SEMAS). *Mapa da exclusão/inclusão: uma cartografia social da cidade, a partir dos seus territórios*

intraurbanos: Buscando identificar o movimento da exclusão/inclusão social, Goiânia, 2004.

SILVA, L. TONETE, V. L. P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v.14, n.2, p. 199-206, mar./abr. 2006.

SOUSA, S. M. G. *Trabalho Infantil: A negação da infância: estudo do significado do trabalho para crianças das camadas populares*. 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 1994.

_____. *Prostituição Infantil e Juvenil: uma análise psicossocial do discurso de depoentes da CPI*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SOUSA, S. M. G., RIZZINI, I.; Infância, juventude e vulnerabilidade em questão. *In: SOUSA, S. M. G., RIZZINI, I.; NEUMANN, M. M. O social em questão*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social, 2010, v.22.

SOUZA, A. X., NÓBREGA, S. M., COUTINHO, M. P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. *Psicologia e Sociedade*. Belo Horizonte, v.24, n.3, p. 588-596. mai. 2012

TOMIO, N. A. O.; FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v.12, n. 1, p. 89-99. jan./abr. 2009.

TEIXEIRA, L. C. *O outro lado do espelho: a exploração sexual sob o olhar de adolescentes prostituídas*. 2003. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

VIGOTSKY, L. S. *Teoria e método em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ANEXOS

ANEXO A - DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PARA A PRESENTE PESQUISA



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Av. Universitária, 1300 - Santa Helena
Cidade Postal 86 - CEP 74605-010
Goiânia - Goiás - Brasil
Fones: (62) 2946.1070 - Fax: (62) 2946.1070
www.pucgoias.edu.br - www.prograduacao.pucgoias.edu.br

Registro CEP 1924/2011

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o Projeto, **Dimensões Subjetivas de Adolescentes em Situação de Exploração Sexual**, coordenado pelo (a) pesquisador (a) **Julio Cesar Alves**. Foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP-SGC/PUC Goiás) sob o **CAAE 0183.0.168.000-11**, em 03/11/2011 e **aprovado** em 07/12/2011.

- CEP-SGC/PUC Goiás pode, a qualquer momento, fazer escolha aleatória de estudo em desenvolvimento para avaliação e verificação do cumprimento das normas da Resolução 196/96 (Manual Operacional Para Comitês de Ética em Pesquisa – item 13).
- Informamos que é obrigatória a entrega do relatório de acompanhamento da pesquisa, conforme a categoria de pesquisa realizada, em cumprimento da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
- Modelo do relatório de acompanhamento da pesquisa se encontra no site do Comitê de Ética <http://www.pucgoias.edu.br/cep> - modelos documentos.

Categorias de pesquisa

TCC: Final da pesquisa
Especialização: Final da pesquisa
Mestrado: Relatório anual e final
Doutorado: Relatório anual e final
Outros: Relatório anual e final

Rodrigues
Prof. Dr. José Rodrigues do Carmo Filho
Coordenador do CEP-SGC/PUC Goiás

Goiânia, 07 de Dezembro de 2011.



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - PUC GOIÁS
PRÓ - REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPE
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
FICHA DE CADASTRO - PROJETO DE PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Título do Projeto: **AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.** INSCR. Nº 3704

Vigência: de 02/2008 a 07/2012

Núcleo de Pesquisa: **Núcleo de Pesquisa Investigação Sobre Gênero - NIG**

Linha de Pesquisa: **Mulheres, Estudos Feministas e Gênero**

G. Área: **Outros / Área / Sub-Área / Espec.**

Código: **9.0.00-0**

Comitê de Ética: **Encaminhado**

RESUMO DO PROJETO

Trata-se de uma proposta de avaliação e monitoramento dos serviços de atenção à saúde, oferecidos às adolescentes grávidas ou mães que sofreram violência doméstica, residentes na região leste de Goiânia. Partindo da hipótese de que a violência contribui para a ocorrência da gravidez na adolescência, buscar-se-á caracterizar o perfil bio-psico-sócio-econômico e familiar das adolescentes grávidas dessa região e compreender como os diferentes atores sociais (adolescentes e profissionais) significam estas experiências e avaliam o atendimento oferecido às adolescentes. O projeto prevê também a realização de Seminários para apresentar os resultados da pesquisa.

EQUIPE DE TRABALHO

Nome	Função	Titulação	Vínculo	e-mail
Aldevina Maria dos Santos	coordenador	Mestre	professor efetivo	aldevinamaria@hotmail.com
Elisa Alves da Silva	pesquisador	Mestre	nenhum	elisapsi@hotmail.com
Luciene Cunha Monteiro	pesquisador	Mestre	professor efetivo	lucienemont@hotmail.com
Sônia Margarida Gomes Sousa	pesquisador	Doutor	professor efetivo	smgsousa@terra.com.br

ASSINATURAS

COORDENADOR DO PROJETO

DATA

ASSINATURA

COORDENADOR DE PESQUISA

DATA

ASSINATURA

ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

I – IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

1. Código do Questionário (colar etiqueta)	CODIGO _ _ _
2. Entrevista em: DTENTREV _ _ / _ _ / _ _	3. Entrevistador (nome): ENTREV _ _
4. Revisado por: REVISOR _ _	5. Data: DTREVISAO _ _ / _ _ / _ _
6. Digitado em: DTDIGIT _ _ / _ _ / _ _	7. Digitador: DIGIT _ _

II – IDENTIFICAÇÃO DA ADOLESCENTE

	Codificação
8. Quanto à gravidez você está: (1) grávida (2) puérpera (3) mãe	GRAVIDEZ _
9. Qual a sua idade? (1) 10 anos (2) 11 anos (3) 12 anos (4) 13 anos (5) 14 anos (6) 15 anos (7) 16 anos (8) 17anos (9) 18 anos (10) 19 anos (11) 20 anos	IDADE _ _
10. Sua cor ou raça é: (1) Amarela (2) Branca (4) Preta (5) Parda (6) Indígena	RACACOR _
11. Qual é o seu estado civil? (1) solteira (2) casada (3) separada (4) viúva (5) divorciada (6) outro. Qual?	ESTCIVIL _ OUTCIVIL
12. Você tem religião? (1) Sim (2) Não	RELIGIAO _
12.1. Se SIM, qual? (1) Católica (2) Evangélico (3) Espírita (4) Outra. Qual? _____	QUALRELIGI _ OUTRELIGI _ _ _ _
13. Em que cidade você nasceu? (1) Goiânia (2) Outra. Qual cidade? _____ Qual UF?_	CIDNASC _ OUTCIDNASC _ _ _ _ OUTUFNASC _ _ _
Caso a participante NÃO tenha nascido em Goiânia, responder as questões 14 e 15.	

14. Há quanto tempo você mora aqui em Goiânia? (1) menos de 01 ano (2) de 01 a 02 anos (3) de 02 a 05 anos (4) de 05 a 10 anos (5) mais de 10 anos	TEMPOMORA __
15. Quais foram as duas últimas cidades e os respectivos estados que morou antes? _____ _____	ULTCID1 _____ ULTUF1 _____ ULTCID1 _____ ULTUF1 _____

III - PERFIL SOCIOECONÔMICO

16. Você mora em: (1) Casa (2) Apartamento (3) Quarto ou cômodo (4) Barracão (5) Outro. Qual? _____	TIPMORAD __ OUTMORA _____
17. Quantos cômodos existem neste domicílio? (inclusive banheiro e cozinha) <i>(Não considere como cômodo: corredores, varandas abertas, garagem e outros compartimentos para fins não residenciais)</i> (1) Um (2) Dois (3) Três (4) Quatro (5) Cinco ou mais	COMODOS __
17.1. Quantos banheiros com vaso sanitário e chuveiro? (1) Um (2) Dois (3) Três (4) Quatro (5) Cinco ou mais (6) Nenhum	BANHEIROS __
17.2 Utiliza sanitário ou buraco para dejeções localizados no terreno? (Cercado por paredes de qualquer material) (1) Sim (2) Não	SANITDEJ __
18. Caso não seja apartamento, qual o número de domicílios no lote? (1) Um (2) Dois (3) Três (4) Mais de três (8) Não se aplica	DOMICLOTE __
19. O local onde você mora é: (1) Próprio (2) Alugado (3) Emprestado (4) Posse/ocupação _____ (5) Financiada (6) Outro. Qual?	LOCMORA __ OUTLOCMOR _____
20. Qual é o tipo de construção de onde você mora? (1) Alvenaria (2) Madeira (3) Sucata (4) Outro. Qual? _____	TIPCONSTR __ OUTCONSTR _____

21. Quais desses objetos existem em sua casa?					
(1) sim	(2) não	rádio (simples ou integrado a outro tipo de aparelho). (1)	RADIO <input type="checkbox"/>		
sim	(2) não	máquina de lavar roupa (não considerar tanquinho). (1)	MAQLAVAR <input type="checkbox"/>		
sim	(2) não	geladeira.	GELADEIRA <input type="checkbox"/>		
(1) sim	(2) não	telefone celular.	TELCELULA <input type="checkbox"/>		
(1) sim	(2) não	telefone fixo.	TELFIXO <input type="checkbox"/>		
(1) sim	(2) não	microcomputador.	MICROCOMP <input type="checkbox"/>		
(1) sim	(2) não	microcomputador com acesso à internet. (1)	INTERNET <input type="checkbox"/>		
sim	(2) não	motocicleta para uso particular.	MOTOPART <input type="checkbox"/>		
(1) sim	(2) não	automóvel para uso particular.	AUTOMOVEL <input type="checkbox"/>		
22. Quantas pessoas moram em sua casa?					
(1) Uma	(2) Duas	(3) Três	(4) Quatro	(5) Cinco	PESMORAM <input type="checkbox"/>
(6) Seis	(7) Sete	(8) Oito	(9) Nove	(10) Dez ou mais	
23. Qual a renda mensal de sua família? (salário mínimo: R\$ 510,00)					
(1) até meio	(2) acima de meio a um	(3) acima de um a três			REDAFAM <input type="checkbox"/>
(4) acima de três a seis	(5) acima de seis a nove	(6) dez ou mais			
(7) sem rendimento	(8) não informou				
24. Quais são as pessoas que contribuem com a renda familiar?(assinalar quantas forem necessárias).					
(1) A própria adolescente	(2) mãe da adolescente				CONTREND1 <input type="checkbox"/>
(3) Pai da adolescente	(4) Avós				CONTREND2 <input type="checkbox"/>
(5) Madrasta	(6) padrasto				CONTREND3 <input type="checkbox"/>
(7) esposo/companheiro	(8) o pai da criança que não mora junto				CONTREND4 <input type="checkbox"/>
(9) bolsa família/auxílio governamental	(10) outros. Qual _____				CONTREND5 <input type="checkbox"/>
					CONTREND6 <input type="checkbox"/>
					CONTREND7 <input type="checkbox"/>
					CONTREND8 <input type="checkbox"/>
					CONTREND9 <input type="checkbox"/>
					CONTREND10 <input type="checkbox"/>
					OUTCONTRRE _____

24.1. Dessas pessoas, quem possui a maior renda?					
_____			MAIORRENDA _____		
_____			_____		

IV – ESCOLARIDADE

25. Você está estudando no momento?		
(1) Sim	(2) Não	ESTUDANDO <input type="checkbox"/>

<p>26. Qual a série/ano que você cursou ou está cursando? (1) Analfabeto (se sim, ir para a questão 31) (2) Educação infantil incompleta (3) Educação infantil completa (4) Fundamental primeira fase incompleta (1ª a 4ª série) (1º ao 5º ano) (5) Fundamental primeira fase completa (1ª a 4ª série) (1º ao 5º ano) (6) Fundamental 2ª fase incompleta (5ª a 8ª série) (6º ao 9º ano) (7) Fundamental 2ª fase completa (5ª a 8ª série) (6º ao 9º ano) (8) Ensino médio incompleto (1º ao 3º ano) (9) Ensino médio completo (1º ao 3º ano) (10) Superior incompleto (11) Superior completo</p>	SERIECURSA __ __
<p>27. Em algum momento você parou de estudar? (1) Sim (2) Não</p>	PAROUESTUD __
27.1. Se SIM, responder as questões 27.2 e 27.3:	
<p>27.2. Quantas vezes? (1) Uma (2) Duas (3) Três ou mais (8) Não se aplica</p>	VEZPAREST __
<p>27.3. Quais os motivos? _____ _____ _____</p>	MOTPAREST _____
<p>28. Qual o tipo de instituição de ensino que freqüentou ou está freqüentando? (1) pública (2) privada (3) conveniada</p>	INSTENSINO __
<p>29. Qual a sua relação com a escola? (1) Você gosta de estudar e gosta da escola (2) Você não gosta de estudar e gosta da escola (3) Você não gosta de estudar e não gosta da escola (4) Você gosta de estudar e não gosta da escola</p>	RELESCOLA __
<p>30. Você tem (ou teve) algum problema na escola? (1) Sim (2) Não</p>	PROBESCOL __
<p>30.1. Caso responda SIM, indicar o tipo de problema: _____ _____ _____</p>	TIPPROBESC _____

V- TRABALHO E LAZER:

<p>31. Você ajuda na realização de tarefas domésticas? (1) Sim (2) Não</p>	TAREFDOME __
--	---------------

31.1. Se sim, quais? <hr/>	QTAREFDOM _____
32. Quais atividades você realiza sozinha em casa? (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias) (1) Limpa a casa (2) Faz comida (3) Lava banheiro (4) Lava roupa (5) Lava vasilha (6) Cuida de irmãos (7) Cuida de outra pessoa (8) Passa roupa (9) Outra. Qual? _____	ATIVDOM1 __ ATIVDOM2 __ ATIVDOM3 __ ATIVDOM4 __ ATIVDOM5 __ ATIVDOM6 __ ATIVDOM7 __ ATIVDOM8 __ ATIVDOM9 __ OTATIVDOM _____
32.1.A partir de que idade você desempenha essas tarefas? (1) 5 anos (2) 6 anos (3) 7 anos (4) 8 anos (5) 9 anos (6) 10 anos (7) 11 anos (8) 12 anos (9) 13 anos (10) 14 anos (11) 15 ou mais	IDADETAREF __ __
33. Atualmente você trabalha fora de casa? (1) Sim (2) Não	TRABFORA __
33.1. Se SIM, responda as questões 33.2, 33.3 e 33.4:	
33.2. Qual a sua função? _	FUNCAO _____
33.3. Você é remunerada? (1) Sim (2) Não (8) Não se aplica	REMUNERADA __
33.4. Com que idade você começou a ser remunerada pelo seu trabalho? _____anos	IDADEREMUN __ __
34. Quais são suas principais atividades de lazer? (assinalar até três) (1) TV (2) Sair com amigos (3) Esporte (4) Ouvir música (5) Atividade cultural (6) Cinema (7) Bar (8) Boate (9) Praça (10) Parque (11) Nenhuma (12) Outras. Quais?	LAZER1 __ __ LAZER2 __ __ LAZER3 __ __ OUTLAZER _____
35. Quais os principais grupos que você participa? (assinalar até três) (1) Grupo religioso (2) Banda de música (3) Grupo de teatro (4) Grupos esportivos (5) Grupo de dança (6) Não participa (7) Outro. Qual? _____	GRUPOPAR1 __ GRUPOPAR2 __ GRUPOPAR3 __ OUTGRUPO _____

VI-GRAVIDEZ (considerar gestação atual ou a última)

<p>36. Antes da gravidez de onde eram seus principais amigos? (assinalar até três)</p> <p>(1) da escola (2) de outro bairro (3) parentes (4) vizinhos (5) do mesmo bairro (6)outro. Qual? _____</p>	<p>AMIGANTES1 <input type="checkbox"/> AMIGANTES2 <input type="checkbox"/> AMIGANTES3 <input type="checkbox"/> OUTAMIGGRA <input type="checkbox"/></p>
<p>37. Atualmente de onde são seus amigos? (assinalar até três)</p> <p>(1) da escola (2) de outro bairro (3) parentes (4) vizinhos (5) do mesmo bairro (6) outro. Qual? _____</p>	<p>AMIGO1 <input type="checkbox"/> AMIGO2 <input type="checkbox"/> AMIGO3 <input type="checkbox"/> OUTAMIGO <input type="checkbox"/></p>
<p>38. Antes de engravidar, você conversava sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>CONVDST <input type="checkbox"/></p>
<p>38.1. Se SIM, com quem? (assinalar até três)</p> <p>(1) Amigos (2) Pai (3) Mãe (4) Irmãos (5) Outros parentes (6) Professores (7) Profissional de saúde (8) _____ Outros. Quais? (88) Não se aplica _____</p>	<p>QUEMDST1 <input type="checkbox"/> QUEMDST2 <input type="checkbox"/> QUEMDST3 <input type="checkbox"/> OUQUEMDST <input type="checkbox"/></p>
<p>39. Antes de engravidar, você conversava sobre contracepção?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>CONVCONTR <input type="checkbox"/></p>
<p>39.1. Se SIM, com quem? (assinalar até três)</p> <p>(1) Amigos (2) Pai (3) Mãe (4) Irmãos (5) Outros parentes (6) Professores (7) Profissional de saúde (8) Outros. Quais? _____ (88) Não se aplica _____</p>	<p>QUEMCONTR1 <input type="checkbox"/> QUEMCONTR2 <input type="checkbox"/> QUEMCONTR3 <input type="checkbox"/> OUQUEMCONT <input type="checkbox"/></p>
<p>40. Você, antes da última gestação, usava método contraceptivo?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>CONTRACEPT <input type="checkbox"/></p>
<p>40.1. Se sim, qual o método usava?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>QCONTRACEP <input type="checkbox"/></p>
<p>40.2. Se não, qual o motivo de não usar?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>MOTNAOUSO <input type="checkbox"/></p>
<p>41. Você pretendia engravidar ?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>PRETENGRAV <input type="checkbox"/></p>

<p>42. A gravidez aconteceu durante:</p> <p>42.1. Namoro? (1) Sim (2) Não</p> <p>42.2. Casamento? (1) Sim (2) Não</p> <p>42.3. Outro? Qual? _____</p>	<p>GRAVNAMORO __ </p> <p>GRAVCASAME __ </p> <p>GRAVOUTRO _____</p>
<p>43. Qual a idade gestacional na época da descoberta da gravidez?</p> <p>(1) 1 a 3 meses (2) 4 a 6 meses (3) 7 a 9 meses</p>	<p>IGESTACION __ </p>
<p>44. Quantas gestações você já teve?</p> <p>(1) Uma (2) Duas (3) Três (4) Quatro ou mais</p>	<p>NGESTACOES __ </p>
<p>45. Você teve algum aborto?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>ABORTO __ </p>
<p><i>Se SIM, responda as questões 45.1 e 45.2:</i></p>	
<p>45.1. Quantos?</p> <p>(1) Um (2) Dois (3) Três (4) Quatro ou mais (8) Não se aplica</p>	<p>NUMABORTO __ </p>
<p>45.2. Qual o motivo?</p> <p>(1) espontâneo (2) provocado (8) Não se aplica</p>	<p>MOTABORTO __ </p>
<p>46. Com que idade você engravidou pela primeira vez?</p> <p>(1) antes de dez anos</p> <p>(2) 10 anos (3) 11 anos (4) 12 anos (5) 13 anos (6) 14 anos</p> <p>(7) 15 anos (8) 16 anos (9) 17anos (10) 18 anos (11) 19 anos</p>	<p>IDPRIGRAV __ </p>
<p>47. Após a gravidez, qual a sua relação com o pai da criança?</p> <p>(1) mantém o relacionamento</p> <p>(2) terminou o relacionamento e mantém contato com o pai</p> <p>(3) terminou o relacionamento e não mantém contato com o pai</p> <p>(4) iniciou um relacionamento estável</p> <p>(5) não teve relacionamento estável e mantém contato com o pai</p> <p>(6) não teve relacionamento estável e não mantém contato com o pai</p> <p>(7) o pai da criança faleceu</p> <p>(8) Não se aplica</p>	<p>RELPAICRI __ </p>
<p>48. Após a gravidez, você mudou de residência?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>MUDRESGRAV __ </p>
<p><i>Se SIM, responda a questão 48.1:</i></p>	
<p>48.1. Se sim, com quem você foi morar?</p> <p>(1) sozinha família (2) com o companheiro (3) com o companheiro e família</p> <p>(4) com amigos (5) com outros familiares (6) pai e/ou mãe</p> <p>(7) outra. Qual? (8) Não se aplica</p>	<p>FOIMORAR __ </p> <p>OUTFOIMORA _____</p>
<p>49. Após a gravidez, você parou de trabalhar?</p> <p>(1) Sim (2) Não (3) Nunca trabalhou</p>	<p>PAROUTRAB __ </p>

50. Após a gravidez, você interrompeu os estudos? (1) Sim (2) Não (3) nunca estudou (ir para questão 54)	PAROUESTUD __
51. Antes da gravidez, como era o seu desempenho escolar? (1) Fraco (2) Regular (3) Bom (4) Ótimo (8) Não se aplica	DESEMESCOL __
52. Após a gravidez, como ficou o seu desempenho escolar? (1) Fraco (2) Regular (3) Bom (4) Ótimo (8) Não se aplica	DESEMAPOS __
53. Após a gravidez, você percebeu mudanças em relação ao seu grupo de amigos? (1) Sim (2) Não (8) Não se aplica	MUDAMIGOS __
53.1 Se SIM: (1) Mudança no grupo de amigos (2) Maior aproximação com o grupo de amigos (3) Afastamento do grupo de amigos (8) Não se aplica	QMUDAMIGO __
54. Após a gravidez, você percebeu mudanças em relação às suas atividades de lazer? (1) Sim (2) Não	MUDLAZER __
54.1 Se SIM: (1) Aumentaram as atividades (2) Diminuíram as atividades (8) Não se aplica	QMUDLAZER __
55. Após a gravidez, você percebeu mudanças nas suas relações familiares? (1) Sim (2) Não	MUDRELFAM __
55.1 Se SIM: (1) Melhoria nas relações (2) Aumento dos conflitos (3) Diminuição dos conflitos (4) Outro. Qual? (8) Não se aplica _____	QMUDRELFAM __ OUMUDFAM __
56. Antes da gravidez, em relação a seus pais, eles tentavam impedir sua convivência com alguém? (1) Sim (2) Não	IMPEDCONVI __
56.1 Se SIM, com quem? (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias) (1) com amigos (2) namorados (3) familiares (4) outro. Qual? (8) _____ Não se aplica	QNAOCONVI1 __ QNAOCONVI2 __ QNAOCONVI3 __ QNAOCONVI4 __ OUNAOCONV _____
VII - SEXUALIDADE 57. Com que idade você beijou pela primeira vez? (1) menor que 10 anos (2) 10 anos (3) 11 anos (4) 12 anos (5) 13 anos (6) 14 anos (7) 15 anos (8) 16 anos (9) 17anos (10) 18 anos (11) 19 anos (12) 20 anos	IDADEBEIJO __

58. Com que idade você teve o primeiro namoro? (1) menor que 10 anos (2) 10 anos (3) 11 anos (4) 12 anos (5) 13 anos (6) 14 anos (7) 15 anos (8) 16 anos (9) 17 anos (10) 18 anos (11) 19 anos (12) 20 anos	IDADENAMOR _ _ _
59. Com que idade você teve a primeira relação sexual? (1) menor que 10 anos (2) 10 anos (3) 11 anos (4) 12 anos (5) 13 anos (6) 14 anos (7) 15 anos (8) 16 anos (9) 17anos (10) 18 anos (11) 19 anos (12) 20 anos	IDAESEXO _ _ _
60. Quantos parceiros sexuais você já teve durante a vida? (1) Um (2) Dois (3) Três (4) Quatro (5) Cinco (6) mais de 5	NUMPARVIDA _
61. Atualmente você tem um relacionamento estável? (1) Sim (2) Não	RELESTAVEL _
<i>Se SIM, responda as questões 61.1 e 61.2:</i>	
61.1. Idade do companheiro: (1) 10 a 12 anos (2) 13 e 14 anos (3) 15 a 18 anos (4) 19 a 29 anos (5) 30 a 39 anos (6) 40 a 49 anos (7) 50 a 59 anos (8) 60 ou mais (88) Não se aplica	IDADECOMPA _ _ _
61.2. O companheiro atual é o pai do bebê? (1) Sim (2) Não (8) Não se aplica	COMPANHPAI _
61.3. Idade atual do pai da criança : (1) 10 a 12 anos (2) 13 e 14 anos (3) 15 a 18 anos (4) 19 a 29 anos (5) 30 a 39 anos (6) 40 a 49 anos (7) 50 a 59 anos (8) 60 ou mais (88) Não se aplica	IDADPAICRI _ _ _

VIII - FAMÍLIA E CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

62. Na sua família as relações são: (1) Tranqüilas (2) Conflituosas	RELFAMILIA _
63. Você sofreu violência psicológica? (1) Sim (2) Não	VIOLPSICOL _
<i>Se SIM, responda as questões 63.1, 63.2 e 63.3:</i>	
63.1. Quantas vezes isso aconteceu no último mês? _____vezes	VEZVIOLPSI _ _ _
63.2. Quem foi o agressor? _____	AGRESSOPSI _ _ _ _

<p>63.3. Você procurou algum tipo de ajuda? (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias)</p> <p>(1) Familiar (2) Amigo (3) Instituição de saúde</p> <p>(4) Conselho Tutelar (5) Delegacia (6) Nenhuma</p> <p>(7) Outro. Qual? _____ (8) Não se aplica</p>	<p>AJUAGRPS1 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS2 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS3 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS4 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS5 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS6 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRPS7 <input type="checkbox"/></p> <p>OUAJUAGRPS <input type="checkbox"/></p>
<p>64. Você sofreu agressão física?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>SOFRAGRFS <input type="checkbox"/></p>
<p><i>Se SIM, responda as questões 64.1, 64.2 e 64.3:</i></p>	
<p>64.1. Quantas vezes isso aconteceu no último mês?</p> <p>_____ vezes</p>	<p>VEZAGRFS <input type="checkbox"/></p>
<p>64.2. Quem foi o agressor?</p> <p>_____</p>	<p>AGRESSOFIS <input type="checkbox"/></p>
<p>64.3. Você procurou algum tipo de ajuda? (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias)</p> <p>(1) Familiar (2) Amigo (3) Instituição de saúde</p> <p>(4) Conselho Tutelar (5) Delegacia (6) Nenhuma</p> <p>(7) Outro. Qual? _____ (8) Não se aplica</p>	<p>AJUAGRFS1 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS2 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS3 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS4 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS5 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS6 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUAGRFS7 <input type="checkbox"/></p> <p>OUAJUAGRFI <input type="checkbox"/></p>
<p>65. Na sua família acontece ou aconteceu violência sexual?</p> <p>(1) Sim (2) Não</p>	<p>FAMVIOLSEX <input type="checkbox"/></p>
<p><i>Se SIM, responda as questões 65.1, 65.2 e 65.3:</i></p>	
<p>65.1. Quantas vezes isso aconteceu no último mês?</p> <p>_____ vezes</p>	<p>VIOLSEXMES <input type="checkbox"/></p>
<p>65.2. Quem foi o agressor?</p> <p>_____</p>	<p>AGRESSOSEX <input type="checkbox"/></p>
<p>65.3. Você procurou algum tipo de ajuda? (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias)</p> <p>(1) Familiar (2) Amigo (3) Instituição de saúde</p> <p>(4) Conselho Tutelar (5) Delegacia (6) Nenhuma</p> <p>(7) Outro. Qual? _____ (8) Não se aplica</p>	<p>AJUVIOSEX1 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX2 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX3 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX4 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX5 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX6 <input type="checkbox"/></p> <p>AJUVIOSEX7 <input type="checkbox"/></p> <p>OUAJUVIOSEX <input type="checkbox"/></p>

IX - GRAVIDEZ E ASSISTÊNCIA (considerar gestação atual ou a última)

<p>66. Na sua última gestação, você fez ou faz pré-natal? (1) Sim (2) Não</p>	<p>PRENATAL __ </p>
<p style="text-align: center;"><i>Se SIM, responda as questões 66.1:</i></p>	
<p>66.1 - Qual a Unidade de Saúde que você fez ou está fazendo o acompanhamento do Pré- Natal? (1) C.S. Parque Atheneu II (2) UBSF Jd. Marilisa (3) UBSF Pq. Atheneu I (4) C.S. Conjunto Riviera (5) UBSF Vila Pedroso (6) C.S. Conjunto Aruanã III (7) UBSF Jd Dom Fernando (8) C.S. Afonso S.S. Honorato (9) CAIS Chác. Governador (10) CAIS Amendoeira (11) UBSF Santo Hilário (12) UBSF Rec. Minas Gerais (13) Cais Novo Mundo (14) Outra _____ (88) Não se aplica</p>	<p>USPRENATAL __ __ OUUSPRENAT __ __ </p>
<p>67. Você tem cartão da gestante? (1) Sim (2) Não</p> <p>Se NÃO, qual motivo? _____ _____</p>	<p>CARTAOGEST __ </p> <p>MOTNAOCART __ </p>
<p>67.1. Se SIM, verificar o preenchimento dos dados do cartão: (1) Está completo (2) Está incompleto (3) cartão não disponível (8) Não se aplica</p>	<p>PREENCART __ </p>
<p style="text-align: center;">OBS.: Neste momento verificar o Anexo 1 desse questionário e assinalar as anotações que estão preenchidas no cartão da gestante.</p>	
<p>68. Com relação a Unidade de Saúde, você recebeu orientação quanto à: (poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias) (1) Aleitamento materno (2) Local para realização do parto (3) Cuidado com recém-nascido (4) Não recebeu nenhum tipo de orientação</p>	<p>USORIENTA1 __ USORIENTA2 __ USORIENTA3 __ USORIENTA4 __ </p>
<p>69. Na Unidade de Saúde você participou de alguma atividade educativa coletiva? (1) Sim (2) Não</p>	<p>USEDUCOLET __ </p>
<p>69.1. Se sim, quais? _____ _____</p>	<p>QEDUCOLET __ </p>
<p>70. Algum profissional da Unidade de Saúde fez perguntas a você quanto à violência doméstica? (1) Sim (2) Não</p>	<p>USPERGVIOL __ </p>
<p>70.1. Se SIM, quais? _____ _____</p>	<p>QPERGVIOL __ </p>

ANEXO C - ROTEIRO/MANUAL DE CAMPO

- Procurar a enfermeira da UBS (Unidade Básica de Saúde).
- Agendar com o agente comunitário de saúde e/ou enfermeiro da UBS (são 28 equipes de agentes comunitários).
- Identificar se há agente comunitário de saúde responsável pelo micro-área onde reside a gestante e se há disponibilidade do mesmo em conduzir o entrevistador até a residência do sujeito do estudo.
- Procurar a gestante e identificar a data/horário mais adequado para entrevista: pode ser feito no mesmo dia? Ou será agendado para uma outra data.
- Caso a entrevista possa ocorrer de imediato, procurar local mais adequado/privativo/confortável para proceder a entrevista.
- Apresentar-se à gestante, identificando-se, explicando o motivo da visita.
- Proceder a leitura do TCLE explicando os objetivos do estudo e prováveis ganhos para comunidade local com a realização do mesmo.
- Proceder a assinatura do TCLE pelo adolescente; caso seja adolescente menor de idade solicitar ao adulto responsável que o assine.
- Lembrar que a entrevista é anônima e privativa, não devendo haver participação de terceiros durante a aplicação do questionário.
- Questão 8 considerar puérpera até 42 dias de pós-parto.
- Questão 20 explicar alvenaria é tijolo e sucata é material reciclado (lona, papelão, madeira).
- Questão 22 considerar morador o que for indicado pela entrevistada.
- Questão 24.1 utilizar o mesmo código atribuído à questão 24.
- Questão 32, 56.1, 63.3, 64.3, 65.3 e 68 poderá assinalar quantas alternativas forem necessárias.
- Questão 34, 35, 36, 37, 38.1 e 39.1 do questionário poderá ter até 3 respostas.
- Questão 44 incluir gestação atual e aborto (considerar aborto até 22 semanas).
- Questões éticas sobre aborto: lembrar neutralidade do entrevistador.
- Questão 48.1 assinalar apenas uma resposta.
- Questão 63 explicar o que é violência psicológica.
- Questão 67.1 solicitar o cartão da gestante.
- Preencher todos os itens do anexo 1.
- Questão 69.1 deixar a entrevistada falar livremente.

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida verbalmente sobre as informações gerais acerca da pesquisa, bem como leitura cuidadosa deste documento, no caso de você aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento a via de autorização que comprova sua voluntariedade em participar. Você não é obrigada a participar e, em caso de recusa não será penalizada de forma alguma. Em caso de dúvida sobre essa pesquisa, poderá

procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pelo telefone: 3946-1068.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO À SAÚDE DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA .**

Objetivo: Avaliar e monitorar o processo de atenção á saúde as adolescentes grávidas, moradoras na região Leste de Goiânia, que sofreram violência doméstica.

Pesquisadoras Responsáveis: Professoras: Aldevina Maria dos Santos, Luciene Cunha Monteiro e Elisa Alves Silva. Telefone: 3946-1068.

Para fazer parte da pesquisa você deverá atender aos seguintes critérios: ser adolescente gestante ou mãe inscrita no pré natal da região leste.

Reafirmando, a sua participação como sujeita da pesquisa, é voluntária, não havendo ônus e nem ganho financeiro para tal. Você responderá um questionário e suas informações serão preferencialmente registradas pelos pesquisadores em bloco de papel com caneta esferográfica.

A pesquisa obedece aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme preconiza a resolução número 196/196 do Conselho Nacional de Saúde.

As informações fornecidas são confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para cumprir os objetivos da pesquisa. Somente a equipe de pesquisadores terá acesso ás informações fornecidas por você. Garantimos que serão mantidos anonimato e sigilo, ou seja, em nenhum momento você terá p seu nome identificado e as informações obtidas não serão relacionadas á sua pessoa. Esclarecemos que

ao término deste estudo todos os registros feitos decorrentes de sua participação serão destruídos.

Sua privacidade será garantida. O questionário será aplicado em local reservado, de modo que você não seja exposta ou interrompida.

Os riscos da sua participação como sujeito da pesquisa são mínimos, mas podem existir devido a possibilidade de você pensar em um assunto polêmico, por tratar da sua experiência a respeito da gravidez na adolescência e de situação de violência.

Caso isso se efetive, a entrevista será interrompida e avaliada com você junto ao Serviço do CEPSI da PUC-GO.

Como benefício que terá em participar do estudo, este poderá contribuir com a melhoria da assistência à saúde às adolescentes grávidas, vítimas de violência, devido a apresentação dos resultados da pesquisa em seminários para os profissionais de saúde na região.

Você não terá despesas de nenhuma natureza ao participar dessa pesquisa, do mesmo modo, nenhuma quantia em dinheiro lhe será paga para obtermos suas informações.

Quanto à indenização, caso se sinta lesado por integrar a pesquisa, deverá pleitear os direitos cabíveis (indenização), e os pesquisadores se comprometem em cumprir a sentença pela justiça.

Você possui total liberdade de retirar-se desta pesquisa qualquer momento sem que haja constrangimento ou prejuízo.

Se concordar com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deverá assinar o documento identificado como Termo de Consentimento de Participação da Pessoa como Sujeito.

No caso de adolescente, menor de 18 anos, os responsáveis legais deverão assinar esse termo. Após tal exigência legal, o questionário será realizado no momento ou programada conforme a sua vontade ou desejo.

Caso tenha alguma dúvida ou queira mais informações, poderá entrar em contato com as pesquisadoras ou Comitê de Ética nos telefones acima registrados.

Obrigado por sua atenção,

Aldevina Maria dos Santos, Luciene Cunha Monteiro, Elisa Alves Silva

**ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO SUJEITO**

Eu, _____,
portador do RG nº. _____ e CPF nº. _____, abaixo
assinado, concordo em participar como sujeito da pesquisa: AVALIAÇÃO E
MONITORAMENTO DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO À SAÚDE DE
ADOLESCENTES GRÁVIDAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Fui
devidamente informada e esclarecida pelas pesquisadoras sobre a pesquisa, os
procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios
decorrentes de minha participação. Estou ciente que poderei retirar meu
consentimento a qualquer momento, sem e que isto leve a qualquer penalidade.

Goiânia, ____ de _____ de _____.

Nome do sujeito: _____.

Nome do responsável (em caso de pessoa com menos de 18
anos): _____

_____.

Assinatura: _____.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa
e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO F – TABELAS ESTATÍSTICAS/DESCRIPTIVAS

TABELA 1- PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS E/OU MÃES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	Nº	TOTAL	%
Em relação ao ciclo gravídico-puerperal			
Grávida	1		1,0
Puérpera	6		6,1
Mãe	92		92,9
Total	99		100,0
Idade (anos)			
10 a 14 anos	2		
15 a 19 anos	75		75,8
20 anos	22		22,2
Total	99		100,0
Cor ou raça			
Amarela	7		7,1
Branca	16		16,2
Preta	12		12,1
Parda	64		64,6
Total	99		100,0
Estado civil¹			
Solteira	40		40,8
Casada	34		34,7
Outro (união estável)	24		24,5
Total	98		100,0
Prática religiosa			
Sim	58		58,6
Não	41		41,4
Total	99		100,0
Opção religiosa			
Católica	28		28,3
Evangélico	28		28,3
Espírita	1		1,0
Outra	1		1,0
Não se aplica ²	41		41,4
Total	99		100,0
Naturalidade			
Goiânia	61		61,6
Outra	38		38,4
Total	99		100,0
Tipo de moradia			
Casa	60		60,6
Barracão	38		38,4
Quarto ou cômodo	1		1,0
Total	99		100,0
Nº de cômodos no domicílio			
Um	2		2,0
Dois	8		8,1
Três	21		21,2
Quatro	14		14,1
Cinco ou mais	54		54,5
Total	99		100,0
Nº de banheiros com vaso sanitário e chuveiro			
Um	82		82,8
Dois	10		10,1
Três	4		4,0
Quatro	1		1,0
Nenhum	2		2,0
Total	99		100,0
Nº de domicílios no lote¹			
Um	32		33,7
Dois	29		30,5
Três	14		14,7
Mais de três	20		21,1
Total	95		100,0
Propriedade sobre domicílio			
Próprio	43		43,4

Alugado	43	43,4
Emprestado	13	13,1
Total	99	100,0
Tipo de construção		
Alvenaria	99	100,0
Total	99	100,0

- (1) O N total oscilou entre 95 a 98 devido aos sujeitos que não responderam à pergunta, gerando taxas de respostas variáveis (sem informação) as quais foram excluídas da tabela.
- (2) Não se aplica: equivale ao número de sujeitos que não deveriam responder à esta questão.

TABELA 2- PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS E/OU MÃES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	Nº	TOTAL	%
Objetos no domicílio¹			
Geladeira	95		96,0
Telefone celular	92		92,9
Rádio	76		76,8
Motocicleta para uso particular	37		37,4
Automóvel para uso particular	32		32,3
Microcomputador	30		30,3
Máquina de lavar roupa	30		30,3
Telefone fixo	25		25,3
Microcomputador com acesso à internet	14		14,1
Nº de pessoas no domicílio			
Uma a quatro	61		61,6
Cinco a sete	34		34,3
Oito e nove	4		4,1
Total	99		100,0
Renda familiar			
Até meio	3		2,9
Acima de meio a um	26		26,3
Acima de um a três	56		56,6
Acima de três a seis	10		10,1
Acima de seis a nove	2		2,0
Não informou	2		2,0
Total	99		100,0
Pessoas que contribuem com a renda¹			
Esposo/companheiro	63		63,6
Mãe da adolescente	31		31,3
Outros	31		31,3
A própria adolescente	24		24,2
Pai da adolescente	16		16,2
Avós	8		8,1
O pai da criança que não mora junto	4		4,0
Bolsa família auxílio governamental	3		3,0
Madrasta/padrasto da adolescente	2		2,0
Maior renda²			
Esposo/companheiro	48		48,5
Mãe da adolescente	14		14,1
Pai da adolescente	10		10,1
Avós	6		6,1
Sogra (a)	6		6,1
A própria adolescente	5		5,1
Cunhado (a)	3		3,0
Padrasto	2		2,0
Irmãos	1		1,0
Contribuição com tarefas domésticas			
Sim	96		97,0
Não	3		3,0
Total	99		100,0
Tarefas domésticas que realiza sozinha¹			
Lava vasilha	81		81,8
Lava roupa	80		80,8
Limpa a casa	77		77,8
Lava banheiro	70		70,7
Faz comida	69		69,7
Passa roupa	59		59,6
Cuida de outra pessoa	49		49,5
Cuida de irmãos	10		10,1
Outra atividade doméstica	10		10,1
Número de tarefas domésticas que realiza²			
De 1 à 2 tarefas	10		10,8
De 3 à 4 tarefas	47		50,5
Acima de 4 tarefas	36		38,7

(1) Questão de múltipla escolha, os percentuais oscilam e não totalizam em 100%.

(2) O "N" total oscilou: pergunta de respostas abertas, taxa de respostas variáveis.

CONTINUAÇÃO TABELA 2- PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS E/OU MÃES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	TOTAL	
	Nº	%
Idade de início de tarefas domésticas		
6 anos	2	2,0
7 anos	5	5,1
8 anos	5	5,8
9 anos	10	10,1
10 anos	18	18,2
11 anos	16	16,2
12 anos	14	14,1
13 anos	9	9,1
14 anos	7	7,1
15 ou mais	10	10,1
Não se aplica	3	3,0
Total	99	100,0
Trabalho fora de casa		
Sim	30	30,3
Não	69	69,7
Total	99	100,0
Ocupação¹		
Manicure/pedicure/cabeleireira	7	23,3
Atendente	6	20,0
Costureira	4	13,3
Vendedora	3	10,0
Empregada doméstica	3	10,0
Auxiliar administrativo	1	3,3
Outros	6	20,0

(1) O "N" total oscilou: pergunta de respostas abertas, taxa de respostas variáveis.

TABELA 3- PERFIL SÓCIO-CULTURAL DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS E/OU MÃES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DO DISTRITO SANITÁRIOLESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	Nº	TOTAL	%
Inserção escolar atual			
Sim	11		11,1
Não	88		88,9
Total	99		100,0
Escolaridade			
Fundamental primeira fase incompleta	4		4,0
Fundamental primeira fase completa	2		2,0
Fundamental segunda fase incompleta	18		18,2
Fundamental segunda fase completa	8		8,1
Ensino médio incompleto	43		43,4
Ensino médio completo	20		20,2
Superior Incompleto	4		4,0
Total	99		100,0
Evasão escolar			
Sim	72		72,7
Não	27		27,3
Total	99		100,0
Nº de vezes que parou de estudar			
Uma	47		47,5
Duas	15		15,2
Três ou mais	10		10,1
Não se aplica ¹	27		27,3
Total	99		100,0
Motivos para evasão escolar²			
Devido á gestação	52		52,5
Por vontade própria e não gostar de estudar	12		12,1
Porque se mudou depois da gestação e amasiou-se com o	9		9,1
Trabalho	7		7,1
Outro	8		8,1
Tipo de instituição de ensino			
Pública	94		94,9
Privada	4		4,0
Conveniada	1		1,0
Total	99		100,0
Relação com a escola			
Gosta de estudar e gosta da escola	60		60,6
Não gosta de estudar e gosta da escola	15		15,2
Não gosta de estudar e não gosta da escola	7		7,1
Gosta de estudar e não gosta da escola	17		17,2
Total	99		100,0
Ocorrência de problema na escola			
Sim	26		26,3
Não	73		73,7
Total	99		100,0
Tipo de problema na escola²			
Com diretrizes e professores	7		27,0
Com colegas	17		65,4
Reprovação/dificuldade aprendizado	3		11,5

(1) Não se aplica: equivale ao número de sujeitos que não deveriam responder à esta

(2) O "N" total oscilou: pergunta de respostas abertas, taxa de respostas variáveis.

Continuação da Tabela 3

Atividade de lazer¹		
Televisão	84	84,8
Ouvir música	63	63,6
Praça	21	21,2
Parque	19	19,2
Sair com amigos	18	18,2
Cinema	16	16,2
Outra	15	15,2
Bar	9	9,1
Boate	6	6,1
Esporte	4	4,0
Grupo que participa¹		
Grupo religioso	24	24,2
Banda de música	4	4,0
Grupo de teatro	2	2,0
Grupos esportivos	4	4,0
Grupo de dança	2	2,0
Grupo de gestante	1	1,0
Não participa	67	67,7

(1) Questão de múltipla escolha, os percentuais oscilam e não totalizam em 100%.

TABELA 4- ANTECEDENTES OBSTÉTRICOS E GESTAÇÃO ATUAL DE ADOLESCENTES, GRÁVIDAS OU MÃES, DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	TOTAL	
	Nº	%
Amigos antes da gravidez¹		
Da escola	68	68,7
De outro bairro	17	17,2
Parentes	40	40,4
Vizinhos	42	42,4
Do mesmo bairro	28	28,3
Outros	8	8,0
Amigos atuais¹		
Da escola	20	20,2
De outro bairro	15	15,2
Parentes	51	51,5
Vizinhos	31	31,3
Do mesmo bairro	25	25,3
Outros	11	11,02
Diálogo sobre dst		
Sim	69	69,7
Não	30	30,3
Total	99	100,0
Fontes de informação sobre dst¹		
Amigos	31	31,3
Pai	5	5,1
Mãe	23	23,2
Irmãos	12	12,1
Parentes	9	9,1
Professores	25	25,3
Profissional de Saúde	14	14,1
Outros	10	10,1
Diálogo sobre contracepção		
Sim	68	68,7
Não	31	31,3
Total	99	100,0
Fontes de informação sobre contracepção¹		
Amigos	22	22,1
Pai	6	6,1
Mãe	31	31,3
Irmãos	9	9,1
Parentes	11	11,1
Professores	10	10,1
Profissional de Saúde	12	12,1
Outros	18	18,2
Uso de método contraceptivo anterior à gestação²		
Sim	67	68,3
Não	31	31,75
Total	98	100,0
Método que usava³		
Anticoncepcional oral	44	60,3
Anticoncepcional injetável	7	9,6
Preservativo	22	30,1
Motivos para não usar³		
Por opção própria/descuido	11	42,3
Devido à efeitos colaterais	4	15,4
Por desconhecimento/vergonha de perguntar	7	26,9
Queria engravidar	3	11,5
O médico não receitou	1	3,8

(1) Questão de múltipla escolha, os percentuais oscilam e não totalizam em 100%.

(2) O "N" total oscilou entre 98 e 99 devido aos sujeitos que não responderam à pergunta (sem informação), gerando taxas de respostas variáveis.

(3) O "N" total oscilou: pergunta de respostas abertas, taxa de respostas variáveis.

CONTINUAÇÃO TABELA 4- ANTECEDENTES OBSTÉTRICOS E GESTAÇÃO ATUAL DE ADOLESCENTES, GRÁVIDAS OU MÃES, DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	TOTAL	
	Nº	%
Intenção de engravidar¹		
Sim	34	34,7
Não	64	65,3
Total	98	100,0
Contexto de gravidez¹		
Namoro	58	59,2
Casamento	28	28,6
União estável	9	9,2
Relacionamento casual	3	3,1
Total	98	100,0
Ig na descoberta da gestação¹		
1 a 3 meses	88	89,8
4 a 6 meses	9	9,2
7 a 9 meses	1	1,0
Total	98	100,0
Número de gestações¹		
Uma	77	78,6
Duas	18	18,4
Três ou mais	3	3,1
Total	98	100,0

(1) O "N" total oscilou entre 98 e 99 devido aos sujeitos que não responderam à pergunta (sem informação), gerando taxas de respostas variáveis.

TABELA 5- ANTECEDENTES OBSTÉTRICOS E GESTAÇÃO ATUAL DE ADOLESCENTES, GRÁVIDAS OU MÃES, DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE, GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	TOTAL	
	Nº	%
Ocorrência de aborto¹		
Sim	8	8,2
Não	90	91,8
Total	98	100,0
Número de abortos¹		
Um	8	8,2
Não se aplica ²	90	91,8
Total	98	100,0
Situação do abortamento¹		
Espontâneo	8	8,2
Não se aplica ²	90	91,8
Total	98	100,0
Idade na primeira gestação¹		
13 anos	3	3,1
14 anos	13	13,3
15 anos	14	14,3
16 anos	20	20,4
17 anos	16	16,3
18 anos	18	18,4
19 anos	14	14,3
Total	98	100,0
Relacionamento com o pai da criança após gestação¹		
Mantém o relacionamento	64	65,3
Terminou o relacionamento e mantém contato com o pai	10	10,2
Terminou o relacionamento e não mantém contato com o pai	5	5,1
Iniciou um relacionamento estável	13	13,3
Não teve relacionamento estável e mantém contato com o pai	2	2,0
Não teve relacionamento estável e não mantém contato com o pai	4	4,1
Total	98	100,0
Mudança de residência após gestação¹		
Sim	52	53,1
Não	46	46,9
Total	98	100,0
Com quem foi morar¹		
Sozinha	3	3,1
Com o companheiro	28	28,9
Com o companheiro e família	9	9,3
Amigos	1	1,0
Com outros familiares	3	3,1
Pai ou mãe	7	7,2
Não se aplica ²	46	47,4
Total	97	100,0
Interrupção do trabalho após gestação¹		
Sim	31	31,6
Não	29	29,6
Nunca trabalhou	38	38,8
Total	98	100,0
Interrupção dos estudos após gestação¹		
Sim	57	58,2
Não	41	41,8
Total	98	100,0
Desempenho escolar antes da gestação¹		
Fraco	3	3,1
Regular	31	32,3
Bom	56	58,3
Otimo	6	6,3
Total	96	100,0

(1) O N total oscilou entre 96 e 98 devido aos sujeitos que não responderam à pergunta (sem informação), gerando taxas de respostas variáveis.

(2) Não se aplica: equivale ao número de sujeitos que não deveriam responder à esta questão.

TABELA 6- MUDANÇAS NO CONTEXTO SOCIAL APÓS GESTAÇÃO DE ADOLESCENTES, GRÁVIDAS OU MÃES, DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE, GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	Nº	TOTAL	%
Desempenho escolar após gestação¹			
Fraco		13	13,4
Regular		14	14,4
Bom		16	16,5
Ótimo		2	2,1
Não se aplica ²		52	53,6
Total		97	100,0
Mudança no grupo de amigos após gestação¹			
Sim		38	38,8
Não		60	61,2
Total		98	100,0
Tipo de mudança nas relações de amizade¹			
Mudança no grupo de amigos		7	7,1
Maior aproximação com o grupo de amigos		7	7,1
Afastamento do grupo de amigos		25	25,6
Não se aplica ²		59	60,2
Total		98	100,0
Mudança nas atividades de lazer após gestação¹			
Sim		70	71,4
Não		28	28,6
Total		98	100,0
Tipo de mudança nas atividades de lazer¹			
Aumentaram as atividades		8	8,1
Diminuíram as atividades		62	63,3
Não se aplica ²		28	28,6
Total		98	100,0
Mudanças nas relações familiares após gestação¹			
Sim		47	48,5
Não		50	51,5
Total		97	100,0
Tipo de mudanças nas relações familiares após gestação¹			
Melhoria nas relações		32	33,0
Aumento dos conflitos		8	8,2
Diminuição dos conflitos		7	7,2
Não se aplica ²		50	51,5
Total		97	100,0
Impedimento, pelos pais, de convivências antes da gestação¹			
Sim		24	24,7
Não		73	75,3
Total		97	100,0
Pessoas que os pais impediam a convivência³			
Namorados		19	55,9
Amigos		11	32,4
Familiares		3	8,8
Vizinha		1	2,9

(1) O N total oscilou entre 97 e 99 devido aos sujeitos que não responderam à pergunta, gerando taxas de respostas variáveis (sem informação) as quais foram excluídas da tabela.

(2) Não se aplica: equivale ao número de sujeitos que não deveriam responder à esta questão.

(3) Questão de múltipla escolha, os percentuais oscilam e não totalizam em 100%.

TABELA 7- COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES, GRÁVIDAS OU MÃES, DO DISTRITO SANITÁRIO LESTE. GOIÂNIA, GOIÁS, 2011.

VARIÁVEIS	TOTAL	
	Nº	%
Idade primeiro beijo		
Menor que 10 anos	10	10,1
10 anos	10	10,1
11 anos	16	16,2
12 anos	24	24,2
13 anos	20	20,2
14 anos	10	10,1
15 anos	5	5,1
16 anos	1	1,0
17 anos	3	3,0
Total	99	100,0
Idade primeiro namoro		
10 anos	1	1,0
11 anos	4	4,0
12 anos	11	11,1
13 anos	20	20,2
14 anos	26	26,3
15 anos	16	16,2
16 anos	13	13,1
17 anos	8	8,1
Total	99	100,0
Idade primeira relação sexual		
Menor que 10 anos	1	1,0
11 anos	1	1,0
12 anos	5	5,1
13 anos	14	14,1
14 anos	23	23,2
15 anos	23	23,2
16 anos	12	12,1
17 anos	13	13,1
18 anos	7	7,1
Total	99	100,0
Número de parceiros durante a vida		
Um	44	44,4
Dois	20	20,2
Três	13	13,1
Quatro	11	11,1
Cinco	2	2,0
Mais de Cinco	9	9,1
Total	99	100,0
Relacionamento estável atual		
Sim	81	81,8
Não	18	18,2
Total	99	100,0
Idade do companheiro		
15 a 18 anos	4	4,0
19 a 29 anos	72	72,7
30 a 39 anos	5	5,1
Não se aplica	18	18,2
Total	99	100,0
Pai da criança como companheiro atual		
Sim	79	79,8
Não	2	2,0
Não se aplica ¹	18	18,2
Total	99	100,0
Idade atual do pai da criança		
15 a 18 anos	9	9,1
19 a 29 anos	83	83,8
30 a 39 anos	7	7,1
Total	99	100,0

(1) Não se aplica: equivale ao número de sujeitos que não deveriam responder à esta questão.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Data da Entrevista:

2. Pesquisadoras:

Tipo de Relato:

Pesq. – Essa entrevista é uma escolha sua participar ou não, se não quiser responder você pode ficar tranqüila com relação a isso. É o seguinte, eu vou te falar uma palavra e aí o que você lembrar sobre essa palavra ou o que vier na sua cabeça você vai e me fala. Por exemplo, quando falamos a palavra “criança” logo eu penso em pular corda, ir a escola... ou se quiser conta alguma coisa com relação a palavra, também pode. Tudo bem?

Pesq. – Então tá. A primeira palavra é adolescência.

Pesq. – Mas você trabalhava em que?

Pesq. - E você estudava nesse período?

Pesq. – Ai ficava o dia todo?

Pesq. - E ainda sobrava tempo pra fazer alguma coisa?

Pesq. – Que dava mais pra ficar com os amigos?

Pesq. – A amigos não?

Pesq. – Ai logo você começou a namorar, foi na adolescência também né?

Pesq. – Mas ele tem mais ou menos a mesma idade sua?

Pesq. – A ai não podia fazer muito as mesmas coisas?

Pesq. – A outra palavra é Família.

Pesq. – Seus dois irmãos são mais novos?

Pesq. - Seu pai mora aqui mesmo em Goiânia?

Pesq. – E sua mãe?

Pesq. – A então nesse tempo você não morava mais com ela, já morava só com seu pai?

Pesq. – Vocês que decidiram morar com seu pai?

Pesq. – Vocês eram muito crianças... mas ficou marcado mesmo né?

Pesq. – Você lembra da cena e tudo né?

Pesq. – Você vê a cena né? Porque do jeito que você fala é como se tivesse vendo.

Pesq. – E seu pai sempre muito companheiro com vocês?

Pesq. – E ele teve outros filhos depois?

vi ele. Fora isso só nos três mesmo!

Pesq. – E seus irmãos moram com seu pai?

Pesq. – A tá!

Pesq. – Ah que bom! A outra palavra é Amigo.

Pesq. – Ai você afastou deles? Isso foi antes ou depois da gravidez?

Pesq. – E seu marido?

Pesq. – Mas e agora, você se sente bem? Ou sente falta de sair, dos amigos?

Pesq. – Ai sua tia e sua prima parou de vim aqui?

Pesq. – E sua filha ficou melhor com isso?

Pesq. – Não fala?

Pesq. – Ela tem quantos anos?

Pesq. – Mas alguma coisa que ela quer, como água ou mamãe, ela fala?

Pesq. – A outra palavra é Gravidez.

Pesq. Você tava com que idade quando você engravidou?

Pesq. – Mas você foi no medico porque você queria engravidar?

Pesq. – Ele ta com quantos meses?

Pesq. – A outra palavra é violência doméstica... durante o questionário teve um relato com relação a violência quando você tava com 5 anos (identificado no questionário – Ver Anexo B)

Pesq. – É como se fosse um segredo?

Pesq. – É como se fosse irmão?

Pesq. – Mas seu marido chegou a ficar sabendo?

Pesq. – E o que representou na sua vida estar grávida?

Pesq. – Mesmo a primeira muito desejada e a segunda você não esperava, você aproveitou assim mesmo?

Pesq. – Mas qual foi seu receio ou medo dessa segunda vez?

Pesq. – Mas você acha que isso impediu de você dar mais atenção a ela?

Pesq. – E o que representou na sua vida esse momento quando você tinha 5 anos, que aconteceu essa violência?

Pesq. – E, por exemplo, assim Gravidez e Violência doméstica, qual o significado desses dois acontecimentos na sua vida?

Pesq. – Mas você acha que te relação essas duas coisas?

Pesq. – Você nunca sentiu que isso deixou você mais tímida sexualmente ou então que isso estimulasse?

Pesq. – E você não tinha possibilidade de conversar isso com mais ninguém?

Pesq. – Agora falando de sentimento, qual o seu sentimento com relação a gravidez?

Pesq. – E seu sentimento com relação a violência domestica?

Pesq. – Você acha que esse medo tem relação com esse acontecimento da sua vida?

Pesq. – Agora nós vamos passar um pouco pra parte da questão da unidade de Saúde. Como você se sentiu com relação ao atendimento recebido na unidade de saúde quando estava grávida?

Pesq. – Mas foi na mesma Unidade?

Pesq. – Foi o mesmo tratamento ou teve alguma diferença do primeiro para o segundo?

Pesq. – E foi normal?

Pesq. – Os dois?

Pesq. – E o primeiro foi induzido?

Pesq. – Mas e ai depois você não foi fazer exame nenhum depois?

Pesq. – Mas e ai você ta prevenindo?

Pesq. – Na época a questão da violência domestica você chegou a ir a unidade de saúde?

Pesq. – No Conselho Tutelar foi?

Pesq. – E como foi o atendimento do Conselho Tutelar, você lembra?

Pesq. – E você mudaria alguma coisa no atendimento da unidade de saúde?

Pesq. – Nenhum dos dois foi o mesmo médico?

Pesq. – Mas você sabia o local que ia ganhar?

Pesq. – Porque? Não tinha vaga?

Pesq. – Porque?

Pesq. – Perdeu?

Pesq. – Mas você já tinha visto que ela tinha perdido?

Pesq. – Então você fez parto normal e demorou a recuperar?

Pesq. – Então mudaria o atendimento?

Pesq. – E não tinha nenhum acompanhante com você não podia?

Pesq. – E você gostaria de falar mais alguma coisa que você acha que é interessante?

Pesq. – Como você avalia nossa conversa (Entrevista) realizada hoje?

Pesq. – Que ótimo então! Pra gente foi ótimo, agradeço muito sua disponibilidade, você nos recebeu muito bem, muito obrigada mesmo.

APÊNDICE B - MODELO DE FICHAMENTO

Periódico: Revista Latino Americana de Enfermagem

Local: Ribeirão Preto – São Paulo - Brasil

Ano: 2006

Autores: Lucia Silva & Vera Lúcia Pamplona Tonete

Título: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DOS FAMILIARES: COMPARTILHANDO PROJETOS DE VIDA E CUIDADO

Apresentação dos Sujeitos do Estudo:

Fizeram parte do estudo um grupo de nove mulheres com idade entre 19 e 58 anos, assim constituído: cinco mães, uma sogra, uma tia, uma irmã e uma avó. A maioria delas possuía de cinco a oito anos de aprovação escolar. Predominantemente, exerciam atividade remunerada sendo citadas as ocupações: auxiliar de serviços gerais, quituteira, empregada doméstica e faxineira aposentada.

Dados socioeconômicos:

A renda mensal variou de cento e vinte a mil reais. Cinco familiares, quatro mães e uma sogra moravam no mesmo domicílio da gestante. No tocante à caracterização das jovens, três delas eram solteiras e seis tinham relacionamento estável com o pai da criança, sendo que duas delas oficializaram essa união. A maioria não trabalhava no momento em que descobriu que estava grávida e, em relação aos estudos, mais da metade interrompeu-os ao saber que estava grávida.

Procedimentos e dados gerais da pesquisa:

A abordagem dos familiares mais significativos para as jovens iniciou-se pela busca das representações desses sujeitos sobre a constatação pela família do fato de se ter uma adolescente grávida.

Aos poucos, as famílias passaram a aceitar e a se conformar com a situação. Mesmo exercendo o papel de informantes, muitas vezes, a rede de apoio familiar da adolescente mostra-se falha em prestar esclarecimentos ou reduzir as incertezas das jovens. Além de despreparados, os interlocutores apresentam dificuldades associadas à falta de informação e à não aceitação da sexualidade adolescente(10).

E, confirmando essa falta de comunicação entre os familiares e adolescentes, no início do DSC 1, pode-se observar que as próprias adolescentes que engravidam preferem se comunicar, por vezes, com pessoas fora do meio familiar, ou seja, da comunidade em que vivem, talvez por terem uma relação mais significativa. Tal comportamento demonstra coerência com a própria fase de desenvolvimento psicossocial do adolescente, quando se encontra no processo de definição de sua identidade, independência e emancipação, podendo surgir, por um lado, conflitos importantes em

relação ao controle paterno e, por outro, cumplicidade e identificação em relação ao grupo de amigos(11).

Convém ressaltar que a existência de significados positivos, na complexa rede de inter-relações que caracteriza a gestação na adolescência, pode fazer parte de um projeto de vida da adolescente, na tentativa de alcançar reconhecimento e autonomia econômica e emocional em relação à família de origem(13). Através do DSC 2, é possível apreender que essa afirmação pode ser verdadeira também, ao se considerar o projeto de vida que os familiares têm em relação aos seus membros, no sentido de emancipá-los para terem seus próprios núcleos familiares, dando continuidade e ampliando sua própria família.

À medida que a notícia da gravidez passa a ser difundida entre os membros da família, expressam-se, entre eles, sentimentos positivos de satisfação, influenciando a convivência que passa a ser mais tranquila e denotando boas expectativas em relação ao nascimento da criança.

Resultados do estudo:

O presente trabalho permitiu identificar que ocorrem mudanças específicas nas relações e práticas entre os familiares e a gestante adolescente, sendo que, integradamente, a família preocupa-se com o bem-estar físico da adolescente e se mobiliza através do cuidado e do oferecimento de suporte durante a gravidez e, também, elabora planos para o momento após o nascimento da criança.

Na percepção das próprias adolescentes, o suporte familiar recebido durante a gravidez pode ser composto por ajuda financeira, explicações, conselhos, carinho, apoio emocional.

As reações da família diante da jovem grávida tendem a ser contraditórias, sendo comum a sobreposição de sentimentos de revolta, abandono e aceitação do “inevitável”.

No tocante aos estudos, muitos familiares lamentam o fato de a adolescente deixar a escola em decorrência de seu estado gravídico. Esse achado mantém coerência com dados da literatura que mostram a gravidez precoce como fator que pode desencadear, além da baixa autoestima, o abandono da escola, do trabalho e até mesmo do lazer.

Dentre os fatores que determinam a saída da adolescente da escola antes do nascimento do filho estão o constrangimento e as pressões de diretores, professores, colegas e pais de colegas.

É importante ressaltar que as relações na família se expressam através do significado dos vários papéis familiares: mãe, esposa, filhos, pais, e no próprio ciclo de vida do lar, em que as trajetórias de vida individuais devem ser conciliadas aos projetos coletivos e isso permeia toda a vida doméstica.

Quando os planos individuais tomam rumos diferenciados da trajetória de vida familiar ocorrem divergências entre o que é estabelecido como objetivo grupal e os desejos

individuais.

Os componentes do grupo doméstico, geralmente marido e esposa, organizam o projeto coletivo no intuito de assegurar a manutenção integral do grupo.

Por seus depoimentos e por suas características sociodemográficas, pode-se inferir que os familiares entrevistados ancoram seus projetos de vida nas expectativas das famílias de classes sociais menos favorecidas que planejam o futuro familiar e de suas crianças e adolescentes a partir da possibilidade de completarem seus estudos e se qualificarem para o trabalho de onde tirarão seu sustento e o de outros membros de suas famílias e que, até então, devem permanecer sob o sustento tutelado dos pais.

Dessa forma, o evento da gravidez na adolescência interrompe/muda esse curso, impulsionando a adolescente e sua família a refazerem seus projetos de vida.

Conclusões das autoras a partir do estudo:

Com a realização deste trabalho, pode-se reafirmar que a questão da gravidez na adolescência realmente não deve ser marcada apenas como experiência negativa e insalubre para as jovens e suas famílias. Para os familiares, esse acontecimento familiar e social, esperado ou não, deve ser assumido e vivenciado pela jovem, porém, com o suporte familiar, cada qual com suas responsabilidades quanto ao ciclo gravídico-puerperal e à maternagem. Nesse sentido, considera-se que a experiência com a gestação precoce, impregnada por significados e vivências, por vezes contraditórios, pode contribuir não só para o desenvolvimento global da adolescente, como também para o desenvolvimento global de sua família.

E, levando em consideração as crenças, os valores e o modo como representa e age a família perante a situação, ou seja, considerando as potencialidades e os limites da família, os profissionais têm a possibilidade de exercerem a escuta, o acolhimento e o cuidado, tanto da adolescente grávida quanto dessa família, inseridos em seu contexto familiar e social. Dessa forma, facilita-se a aquisição e o desenvolvimento de recursos próprios, por parte do núcleo familiar, no enfrentamento de momentos conflituosos, reconhecendo a família como sujeito ativo nesse processo.

APÊNDICE C - MODELO DE ENTREVISTA – TEXTO IMPRESSO

1. Data da Entrevista: 25/08/2011

2. Pesquisadoras: Elisa e Fernanda

VIOÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA (PAI DA CRIANÇA – EX-NAMORADO) E PSICOLÓGICA (SOGRA)

Pesq. – Você tá com que idade agora?

Xxx – Eu to com 16, fiz dia 28 agora.

Pesq. – Você engravidou com 15 anos?

Xxx- Foi, foi com 15, xxx tem 1 ano e 3 meses.

Pesq. – Então foi com 14?

Xxx- é, foi com 14.

Pesq - Mas como é que foi, foi uma gravidez que você estava esperando ou foi de surpresa?

Xxx- Foi de surpresa.

Pesq – Você estava namorando?

Xxx- tava.

Pesq- Há um bom tempo ou não?

Xxx- 2 anos

Pesq – E e ai nesse período você tomava anticoncepcional ou usava preservativo?

Xxx – Preservativo mais ou menos, mas anticoncepcional nunca, nunca tomei.

Pesq – Até hoje você não toma mais?

Xxx – É, hoje não tomo não.

Pesq. – E ai você continua com seu namorado, o pai da sua filha, ou não, terminaram?

Xxx –terminamos

Pesq. – na gravidez ou depois que ela nasceu?

Xxx –depois que ela nasceu.

Pesq. – Aham.

Xxx - brigou demais nós dois.

Pesq. – não dava certo então?

Xxx- não, muito mulherengo ele.

Pesq. – E ai hoje depois que ela nasceu você arrumou namorado?

Xxx – não. Tô solteira ainda.

Pesq.- Mas tá ficando com alguém?

Xxx – é (risos)

Pesq. – Eu vou te falar algumas palavras xxx e você me diz assim o que vem na sua cabeça, quando eu te falar essas palavras, pode ser?

Xxx – Pode sim.

Pesq.- A primeira palavra é adolescência.

Xxx – aiii... sei-la... (fica pensativa).

Pesq. -Você acha que você ta nessa fase ainda?

Xxx –é, mais ou menos

Pesq.- o que tem ainda dessa fase que você acha que ainda vive?

Xxx – olha, é que a pessoa quando ela é mulher ela tem mais cabeça.

Pesq.- aham

Xxx- (risos) e eu sou ainda muito descabeçada.

Pesq.- é mesmo?

Xxx- sou muito descabeçada

Pesq.- e o que você faz que você acha que você é descabeçada?

Xxx –uai, sei-la e (risos)...

(Mãe da adolescente chega e fica conversando por um tempo)

Pesq.- Bom xxx, então você acha que é uma fase, por exemplo, que tem muita coisa acontecendo?

Xxx – tem muita coisa, muita coisa, muita mesmo

Pesq.- sei, e você estuda?

Xxx – eu to estudando

Pesq. -Você ta estudando, que bom! Na época da gravidez você parou ou não?

Xxx –parei, porque eu queria estudar só se fosse a noite né, porque de manhã eu não dava conta porque eu passava muito mal, muito mal mesmo, não podia sentir cheiro de comida nenhuma

Pesq.- Aham

Xxx- ai só de noite que eu tava melhor sabe.

Pesq.- e agora você ta estudando a noite?

Xxx – to estudando a noite

Pesq. Ai sua nenê fica com a sua mãe?

Xxx – fica

Pesq. -Mora quem aqui?

Xxx – mora aqui minha mãe, meu pai, agora meu irmão, eu e minha filha

Pesq. A outra palavra é amigos.

Xxx –complicado, porque hoje em dia ninguém tem amigo mais.

Pesq.-não?

Xxx –não

Pesq. -Porque você acha que não?

Xxx- bom ,é porque praticamente eu briguei com eles na rua por causa da minha cunhada ne, que ficava falando que eu saia demais, que era ela que fazia eu sair, mas era eu, era eu mesmo queria ir, era só eu e ela, eu e ela, e meu irmão ficou com raiva.

Pesq. ela é sua amiga?

Xxx- é, ela é minha ex cunhada. Agora nos duas não tamos amiga assim não porque agora é a outra menina la, tudo pra ela agora é ela, ai ela até ficou com raiva da minha filha, ta a maior encrenca...

Pesq.- Aham , mais você acha assim que mudou, por exemplo, sua relação com os amigos antes da gravidez e depois da gravidez?

Xxx – sim! mudou, minha vida mudou completamente

Pesq- é? e você acha que mudou o que?

Xxx – mudou meu comportamento

Pesq- aham

Xxx – porque antes de engravidar eu era assim muito quieta, muito bobinha sabe,

Pesq- aham

Xxx – bobinha demais, agora eu to mais esperta, mais alerta sabe

Pesq. Com amigos?

Xxx – com amigos, com família, com parente

Pesq. -Você tinha mais amigos antes ou depois da gravidez?

Xxx – depois da gravidez

Pesq- então agora você está com mais amigos?

Xxx – aham, porque antes era so do colégio né, e era do colégio pra casa só, não saia.

Pesq.- Ah, você não saia antes?

Xxx –não.

Peq. – era só com seu namorado?

Xxx – só com ele, e ele vivia saindo nas festas final de semana, e eu dentro de casa

Pesq- você não ia não?

Xxx –não, eu ficava dentro de casa, ele nem me levava, porque eu nem sabia também, depois que os amigos dele chegou em mim e falou , você não ta com ele mais eu vou te conta ele saia todo final de semana, e eu não sabia, eu dormia na casa dele, porque eu tava ficando la depois que eu tava grávida, ai ele dizia pra eu voltar pra casa da minha mãe na sexta, sabado e domingo, ai depois ele falava pra eu voltar pra lá, ai não volto mais não. A mãe dele é muito enjoada, implica muito comigo.

Pesq- você não da certo com a mãe dele?

Xxx- nem com mãe dele, nem com os parentes dele, eu não gosto.

Pesq- por quê? eles te humilham, te agridem verbalmente?

Xxx – como?

Pesq.- eles te humilham, te agridem verbalmente?

Xxx – ele já me bateu, várias vezes, ixé...

Pesq. -Ele já te bateu?

Xxx – já, e várias vezes, a mãe dele ja me falou tantas coisas pra mim também, os parentes dele ja falou, nossa eu tenho uma raiva tão grande dos parentes dele,que se eu pudesse não deixava minha filha nem por o pé la, não gosto que ela vai la, não gosto.

Pesq- E assim essas agressões você sente que são pra você mesmo?

Xxx – agride mesmo, é só comigo , mais agora ele não ta muito mais não , porque agora eu to... porque uns amigo meu chegou nele, bateu a real nele e falou você sabe se você por a mão nela você sabe o que vai acontecer com você ne?

Pesq- e você já denunciou ele ou não?

Xxx – uma vez, só que o policial era assim com ele ne, ai não adiantou nada, tal de xxx ai.

Pesq- a ta, e ele (ex-namorado) tem que idade?

Xxx- ele fez 18 agora.

Pesq- e ai quando ele ficou sabendo que você tava grávida qual foi a reação dele?

Xxx – que o filho não era dele.

Pesq- ele falou que não era dele?

Xxx- ele e a família dele tudo falava, diziam que o xxx nunca, nunca mentia, ele falava que não era filho dele não, ai ele me passava muita raiva, ai minha pressão ficava baixa, ficava alta, ficava baixa ficava alta, ai não sei o que aconteceu lá que falavam que não era filho dele. Eu vivia chorando, so chorando e a mãe dele falava assim que não ia cuidar de filho dos outros não, não é filho do xxx, porque se fosse eu ia cuidar, ai tinha uma vizinha dela que eu conversava ai ela falou assim: 'ah sua boba, precisa preocupar não, deixa passar o tempo, hora que a xxx nascer, pra você ver, vai la pra casa do pai dela, vai ser parecida com ele'. E a menina é a cara, xxx parece com eles, ai hoje nossa ele gosta tanto dela e ela também (sogra), hoje eu nem compro roupa diferente pra menina não , ela que compra.

Pesq- e ele leva a filha pra casa dele?

Xxx –leva la pra casa dela (ex-sogra) todo final de semana, e a xxx (filha) gosta.

Pesq- e eles tratam bem ela?

Xxx-trata , porque antes tudo que você imaginasse, uma tossinha de nada ela dava mel, ai eu disse que não era pra ficar dando esse tanto de mel, que o médico disse que pode fazer mal, ai ela disse que o medico não sabe de nada não (risos). Eu falava se medico tem estudo pra falar que não sabe de nada imagina você, que não estudou, acho que nem da terceira série ela passou, eu falei que não era pra dar mel, tem remédio pra que? tem remédio de farmácia pra que? Antigamente a gente dava mel ne, agora, ai minha tia falou xxx não deixa dar mel de jeito nenhum, só com 2 anos pra cima e olha lá.

Pesq- aham

Xxx – ela (ex-sogra) teima comigo.

Pesq- ela quer ficar cuidando da sua filha?

Xxx – é

Pesq- você sente que ela quer saber mais que você?

Xxx –é, bem mais que eu.

Pesq- e sua mãe e seu pai quando ficou sabendo que você tava grávida, qual que foi a reação deles?

Xxx –meu pai ele ficou uns três meses assim sem conversar comigo, sem olhar na minha cara, ficou com raiva, minha mãe não , minha mãe ficava assim ai e quando você for ganhar nenê o tanto que vai doer, ficava falando isso , ai eu ficava com mais medo ainda, ai eu falava ‘não mãe, pára!’. Ela dizia nossa é tanta dor pra engravidar. Tinha gente que dizia que eu engravidei pra segurar ele (ex-namorado), que eu e o bebê ia segurar ele, ai eu disse que filho segura homem não, porque ficar grávida faz é o homem ficar com mais raiva da mulher, porque mulher fica feia ne, gorda, cresce tudo pro lado, cai tudo, mais a gente separou porque ele me traia demais né, ai não deu certo. Mas ai eu resolvi dar o troco com a mesma moeda, fiquei com outro cara ai, que era amigo dele, só que ai né quando ele ficou sabendo quase me matou, ficou com tanta raiva (risos)

Pesq- ai ele ficou com raiva?

Xxx – ai ele ficou com muita raiva

Pesq- e sua mãe quando ela engravidou com que idade do primeiro filho?

Xxx –ixi não sei , acho que foi com 20, acho que 20 e tanto já.

Pesq- ela tava casada?

Xxx –tava , tava casada com meu, casada acho que tava casada com meu pai, porque nem sei quantos anos que ela ta casada com meu pai, acho que tava.

Pesq-aham

Xxx – meu irmão tem 23.

Pesq- vocês são dois irmãos?

Xxx- 3.

Pesq- você tem uma irmã ?

Xxx –tenho a xxx.

Pesq- e ela não mora aqui?

Xxx –não, mora la do outro lado da cidade.

Pesq- ela ja ta casada?

Xxx –ta, ela casou com 16 anos

Pesq- ah,e ela teve filho com 16 anos?

Xxx –não! Ela não quer nem saber de filho

Pesq- não?

Xxx –casou com 16 anos , casou virgem ainda

Pesq- aham, e hoje ela ta com que idade?

Xxx –hoje ela ta com 22

Pesq- e ela não pensa em ter filho por agora?

Xxx –não, quer nem saber, ela tava com cisto sabe , ai até falei pra ela, que sempre quando menstrua e acaba é perigoso engravidar sabe, ai ela fica quero filho de jeito nenhum (risos), pra ela filho é a xxx (sobrinha)

Pesq- ahh, então todo mundo paparica a xxx?

Xxx – ah, mas tem o cachorro dela que também é filho dela

Pesq- ah sim.

Xxx – ela é louca em cachorro, tinha 5 cachorro La, ai um morreu, ai agora ta a xxx, xxx, xxx 4, 3 cachorro, e são tudo tratado bem sabe, dorme até dentro de casa,limpinho, coloca coleira , uma vez meu pai quase compro uma coleira do meu cachorro aqui.

Pesq- A outra palavra é família

Xxx –ai, eu com a minha família é difícil

Pesq – é, por quê?

Xxx – porque eu gosto assim mais da família da parte da minha mãe, porque da parte do meu pai , a mãe do meu pai ela, tudo pra ela é os neto pra la, praticamente nós nem neto não é, minha irmã não gosta da minha vó de jeito nenhum, gosta do meu vô. Agora ele veio de Bahia,ele ta com 92 anos, nossa eu gosto dele pra caramba, ele gosta da gente , quando ele me liga, gosto dele sabe, mais minha vó, nossa...

Pesq- você acha que ela não trata vocês bem?

Xxx –não é questão de tratar bem, é que ela é muito enjoada, tudo pra ela é a xxx, xxx, xxx

Pesq- são outras netas?

Xxx – é, outras netas

Pesq- ah sim...

Xxx –é, as outras netas... tem uma que tem uma filha de 4 ou 5 anos, acho que ela tinha 20 ou 22, essa idade ai, ninguém falou nada quando ela engravidou. Mas quando eu engravidei, meu Deus do céu! todo mundo falou, todo mundo da minha família falou, nossa você é doida, você não deve saber nem quem é o pai, ai eu falei olha eu tava namorando, tava quieta no meu canto, e vocês fica ai falando quem é o pai.

Pesq- então você assim não sentiu o apoio da família quando você ficou grávida?

Xxx –só da minha mãe e dos meus irmãos.

Pesq- e aqui na sua casa você e seus irmãos, seus pais, assim, como é que são as relações, são conflituosas ou não ?

Xxx – uai, é mais ou menos, meu irmão ja é mais assim com meu pai, ai eu e ele briga muito. E também meu pai e minha mãe briga muito

Pesq- mais seu pai é agressivo com vocês?

Xxx – não, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca levantou a mão pra mim, nunca me bateu.

Pesq- nem no seu irmão?

Xxx –meu irmão não, minha mãe também bateu só quando eu era pequenininha assim

Pesq- aham

Xxx – eu ficava na rua demais ai mandava a peia, só isso, mas nunca foi de bater mesmo (risos)

Pesq- aham, e ele sabe que o pai da sua filha te bateu?

Xxx – não, ele ficou sabendo uma vez ai ele falou pra mim assim que da próxima vez ia mandar matar ele (risos). Meu pai é doido, ai eu falei assim não pai ta doido. Depois disso ele

brigou comigo de novo, o pai da minha filha, ai eu não contei pro meu pai não , fiquei com medo de contar e o jeito que meu pai é.

Pesq- aham

Pesq- e seu irmão mora aqui com vocês, ele nunca casou?

Xxx –não, é assim ele ta casado, tem 2 filhos meu irmão

Pesq- ah, ele tem 2 filhos?

Xxx – ele tem 2 filhos, só que a mulher dele tudo pra ela é farra, deixa os menino sozinho com a mãe dela, não sei nem como é o nome dela direito, ta ai meu irmão gosta dela demais da conta, ai ta tentando

Pesq- A outra palavra é gravidez.

Xxx –gravidez é bom, mas tem que ter apoio pra caramba viu porque se não tiver apoio a gente roda

Pesq- e você teve apoio ou não ?

Xxx- não, eu não tive apoio do pai da minha filha , agora so aqui na minha casa mesmo teve pra caramba

Pesq- você sentiu falta desse apoio da família dele, dele e da família?

Xxx – senti, senti muita ,não ficava muito assim não porque ficava falando que eu era enjoada, que eu não dava conta de comer comida, não dava conta de ver arroz ,carne, não dava conta de ver nada, eu corria pro banheiro pra vomitar , ai eles diziam ta vendo, engravida de novo pra você ver o tanto que é bom, ai ficava me atentando, era tão ruim essas coisas.

Pesq- foi difícil esse período pra você?

Xxx –foi,foi muito viu... minha mãe que me entendia

Pesq- e nessa fase, que sentimento que você tem quando você lembra dessa fase?

Xxx –horrrível, sentimento horrrível

Pesq- você teria filho se fosse pra você escolher de novo nessa época?

Xxx –se fosse com homem bom, se tivesse casada bem casada mesmo com um homem que gostasse de verdade de mim, ai sim eu teria mais um

Pesq- mais hoje você pensa em ter outro filho ou não ?

Xxx – não, não tem como

Pesq- e mais na frente?

Xxx – é, talvez mais na frente eu veja, posso ter uns 2

Pesq- mas por enquanto não ?

Xxx – por enquanto não

Pesq- e com relação ao sentimento que você tem quando você pensa que ele te bateu, de você ter sido agredida verbalmente pela família dele, que sentimento você tem?

Xxx – é ódio, raiva, e é raiva demais... é um sentimento assim que é ruim até de lembrar, é ódio daquele povo , ai...

Pesq- você tem raiva até hoje?

Xxx –raiva! eu tenho raiva, hora que eu vejo e eles me cumprimentam eu fecho a cara, quando eu to grilada eu nem olho.

Pesq- e quando eles começaram a falar essas coisas pra você, depois da gravidez ou antes já tinha isso?

Xxx –bom, mais ou menos, porque antes era assim falava que eu era enjoada, que mulher não da valor em homem nenhum, barulhando a cabeça dele, ai tinha uns amigos que dizia ‘nós vamos pra la beber, olha o tanto de mulher bonita ai o gostosa, vamos pra la’. Ai ele achava que deixar um chifrinho de vez em quando não doe não, ai eu falava que gostaria se eu traisse ele, ai ele dizia que isso ai é diferente né. Mas não é diferente não , mesmo jeito que o homem tem direito a mulher também tem ne, e olha que a mulher tem mais ainda viu.

Pesq- mas então você acha que já era assim essas agressões verbais , não foi por conta da gravidez que eles começaram a dizer tantas coisas pra você?

Xxx – começaram mais ainda

Pesq –ah, depois da gravidez foi mais?

Xxx –foi mais ainda

Pesq- e mesmo antes da gravidez ele ja te batia, ou foi depois?

Xxx – bom, um dia eu tava conversando com meu primo que mora bem ali ne, ele tinha me levado na casa da minha tia ai eu tava conversando com ele na esquina ai o xxx veio, ai chegou la correndo, ai ele chegou em mim perguntando quem é esse homem que tava de moto aqui? é o xxx meu primo , ele falou mentira,ai nos começamos a discutir, começamos a discutir, ai nós dois fomos na porrada,ai eu furei ele segurando ele de tanta raiva que eu tava dele.

Pesq- mas você tava grávida?

Xxx- tava não, mais quando eu tava grávida ele me xingou varias vezes, me xingou demais e uma vez meteu o murro na minha a barriga.

Pesq- e depois que você teve a sua neném, isso já aconteceu de novo?

Xxx – aconteceu depois que eu trai ele, mais pra frente, foi acho que uns 4 meses pra frente

Pesq- ai ele te bateu quando ele ficou sabendo?

Xxx – ele assim , eu tinha separado dele e tava namorando com um amigo dele, ai ele falou não você vai casar é comigo não é com aquele troxa não, vai casar comigo anda logo vamos embora daqui, pega a xxx vamo sumi daqui. Ai ele me puxava, vem aqui, eu to falando com você, ai eu não queria brigar, ai depois eu não queria que ele me deixasse aqui na porta, porque se não é encrenca demais pro meu lado, nós brigava muito

Pesq- então sempre teve esses conflitos?

Xxx – sempre teve

Pesq- e com relação a unidade de saúde, onde que você foi atendida no pré-natal?

Xxx –no postim

Pesq- todo pré-natal você fez no posto de saúde?

Xxx –é, eu fiz já no CAIS com doutor xxx e aqui com o médico

Pesq- e como que foi o pré-natal? que avaliação que você faz?

Xxx – como assim?

(OBS: aqui o bebê chega dai a Pesq. e a avó da criança ficam conversando e brincando com o bebê)

Pesq- ... então é com relação ao atendimento na unidade de saúde , o que você achou, você acha que o pré-natal foi bom ou não foi, que avaliação que você dá?

Xxx – é, foi bom sim.

Pesq- você mudaria alguma coisa?

Xxx –nada, não mudaria.

Pesq- não?

Xxx – não, foi bom

Pesq- eles responderam todas as perguntas que você tinha dúvidas , eles respondiam, te explicavam assim, por exemplo, como era a amamentação?

Xxx – aham

Pesq- como que tinha que fazer pra dar o banho?

Xxx- ainda porque , assim pra dar o banho não me explicou não, porque eu tava do lado da minha sogra , porque eu tinha medo e tal

Pesq- e você teve ela aonde, em qual hospital?

Xxx – la na Maternidade Vila Nova

Pesq- e como que foi o parto, foi bom?

Xxx – nossa, foi sim.

Pesq- foi normal ou cesário?

Xxx – foi normal

Pesq- e você achou que foi rápido ou demorado?

Xxx – ixi eu senti mal no dia do chá de berço e fui ter só depois.

Pesq- aham

Xxx – ei eu fui era 5 horas da manhã, cheguei la no CAIS e eles disseram que eu podia ir diretinho pro Nossa Senhora de Lourdes, ai eu fui, cheguei la não tinha vaga, ai ele me encaminhou la pro Vila Nova, ai eu fui pra la e fiquei ai quando foi 3 horas eu ganhei a neném.

Pesq- então você não mudaria nada assim, tanto no hospital como na unidade de saúde ?

Xxx –mudava nada não.

Pesq- e no Conselho Tutelar, você já teve que ser atendida por eles?

Xxx – não, nunca precisou não.

Pesq- e agora que você voltou a estudar, ta tranquilo na escola?

Xxx –ta, acho que não sei se eu vou continuar estudando esse ano, se eu mudo de colégio

Pesq- porque você ta pensando em mudar?

Xxx – eu to correndo dele (ex-namorado), ele fica indo atrás de mim.

Pesq- e com relação, por exemplo, aqui na unidade de saúde ou mesmo no hospital alguém já te fez essa pergunta assim com relação a violência doméstica, alguém já te fez essa pergunta?

Xxx – acho que já sim, parece que sim... no postim (fica pensativa)

Pesq- na unidade de saúde... e você falou algo?

Xxx –ai, eu não sei, não lembro.

Pesq- você não lembra direito disso?

Xxx – faz tanto tempo... não lembro mesmo.

Pesq- você tem alguma coisa que você acha que foi importante nessa fase, por exemplo, que você ficou grávida adolescente, teve alguma coisa que foi muito bom pra você, que você acha que toda adolescente devia ter? Ou não ?

Xxx – o apoio familiar, que eu quase nem tive né, do lado dele. E também poder trabalhar pra comprar coisas pra filha, isso acho que seria bom.

Pesq- você ta trabalhando?

Xxx –não.

Pesq- tem que esperar um pouco agora?

Xxx – e minha sogra vive falando que eu sou folgada, que eu não trabalho, ai eu falo então arruma um serviço pra mim que eu trabalho

Pesq- Bom, então ta certo, eu quero te agradecer por sua participação e disponibilidade em nos responder essas questões. E desculpa ter acordado você.

APÊNDICE D

QUADROS TEMÁTICOS (MODELO)

Tema: Família

Sujeito	Apoio	Problema	Separação dos pais
<p>13 - Flávia</p>	<p>Pesq- então você assim não sentiu o apoio da família quando você ficou grávida?</p> <p>Xxx –só da minha mãe e dos meus irmãos.</p> <p>Pesq- mais seu pai é agressivo com vocês?</p> <p>Xxx – não, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca levantou a mão pra mim, nunca me bateu.</p> <p>Pesq- nem no seu irmão?</p> <p>Xxx –meu irmão não, minha mãe também bateu só quando eu era pequenininha assim</p> <p>Pesq- aham</p> <p>Xxx – eu ficava na rua demais ai mandava a peia, só isso, mas nunca foi de bater mesmo (risos)</p> <p>Pesq- aham, e ele sabe que o pai da sua filha te bateu?</p> <p>Xxx – não, ele ficou sabendo uma vez ai ele falou pra mim assim que da próxima vez ia mandar matar ele (risos). Meu pai é doido, ai eu falei assim não pai ta doido. Depois disso ele brigou comigo de novo, o pai da minha filha, ai eu não contei pro meu pai não , fiquei com medo de contar e o jeito que meu pai é.</p> <p>Pesq- aham</p>	<p>Xxx –ai, eu com a minha família é difícil</p> <p>Pesq – é, por quê?</p> <p>Xxx – porque eu gosto assim mais da família da parte da minha mãe, porque da parte do meu pai , a mãe do meu pai ela, tudo pra ela é os neto pra la, praticamente nós nem neto não é, minha irmã não gosta da minha vó de jeito nenhum, gosta do meu vô. Agora ele veio de Bahia,ele ta com 92 anos, nossa eu gosto dele pra caramba, ele gosta da gente , quando ele me liga, gosto dele sabe, mais minha vó, nossa...</p> <p>Pesq- você acha que ela não trata vocês bem?</p> <p>Xxx –não é questão de tratar bem, é que ela é muito enjoada, tudo pra ela é a xxx, xxx, xxx</p> <p>Pesq- são outras netas?</p> <p>Xxx – é, outras netas</p>	

APÊNDICE E

ORGANIZAÇÃO DE NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Tema: Gravidez – Reação da Família

Vilma	<p>Agora tanto do meu pai e da minha mãe e dos meus amigos aqui em Goiânia, as pessoas me apoiaram muito, da igreja foi que mais me deu a mão, que fez chá de bebê pra mim, que cuidou de mim, até hoje gostam demais do meu filho, mais do que os de família.</p>	<p>PESQ.: Pois é, e quando você ficou grávida teve muita gente pra falar sobre você ter engravidado?</p> <p>ADO 62.: Ixiii, nossa, eu não escutei mais das pessoas porque eu não lá ne, porque o resto da minha família mora em Recife. Comentaram até no meu Orkut, minhas primas diziam agora ta só as pelancas, agora acabou, agora você vai ver o que é bom... falavam muitas piadas pra mim, que pra mim é igual você falando de agressão psicológica, tudo isso gera em torno num é? porque tudo isso machuca, tudo isso meche com a cabeça da gente, o que mais aconteceu com a minha família foi isso.</p>
Márcia	<p>Pesq. – Como é que foi quando você ficou grávida, o que a família achou?</p> <p>ADO 66 – Ah, na hora achou ruim, mais depois que a neném nasceu, achou bom. Gosta dela, brinca com ela.</p> <p>Pesq. – Ela é paparicada?</p> <p>ADO 66 – É sim! E muito mais do que eu [muitos risos].</p> <p>Pesq. – Mais paparicada que você agora. Isso será apoio, você sente que teve apoio?</p> <p>ADO 66 – Tive.</p> <p>Pesq. – Você veio pra cá depois que você tava grávida ou depois que você</p>	

	<p>teve sua filha?</p> <p>ADO 66 – Não. Comecei a morar em Senador Canedo, aí eu tava grávida dela. Em Senador Canedo nois foi morar lá na casa do padrasto dele, do pai dela. Aí de lá nós veio pra aqui.</p> <p>Pesq. – Hum... Aí, então você já tinha ela quando veio morar aqui com seus pais?</p> <p>ADO 66 – Uhum... Já.</p>	
Simone	<p>Elisa – E como é que é a relação com sua família? Com seus irmãos, seu pai?</p> <p>Adolesc. 68 – Normal. Sem briga. Durante a gravidez, meu pai, minha vó não achou ruim. Todo mundo me ajudou.</p> <p>Elisa – Todo mundo te dá apoio, nossa, que bom! E sua mãe?</p> <p>Adolesc. 68 – Minha mãe também.</p>	
Lorrana		<p>Adoles: Nossa, meu pai é muito assim, por eu ter perdido a virgindade. Meu pai não queria nem conversar. Ele ficou... quando a gente voltou a conversar, porque ele ficou de mal de mim, quando a gente voltou a conversar, foi quando o bebê foi para a UTI , aí que a gente foi conversar.</p>
Marlene	<p>Pesq. Sua mãe, como que foi</p>	

assim quando
você ficou
grávida, qual foi
a reação dela?

Adol 183. Foi
alegria né... a
minha irmã mais
velha, ela
engravidou ela
tinha 14 anos
quando teve a
primeira menina
dela.

Pesq. A sua
irmã engravidou
com 14 anos?

Adol 183. Foi,
com 14. E foi
alegria né, foi o
primeiro neto, o
primeiro
sobrinho, e
agora ela ta
grávida de novo,
vai ganhar esse
ano de novo. E
minha mãe
mesmo ficou
alegre quando
ela descobriu
que eu estava
grávida, que ia
ser um
rapazinho,
porque ela
pensou vai ter
um casazinho,
porque ja tem
uma mocinha e
porque é ela que
cuida, nem é
minha irmã, filha
dela pode se
dizer. Ai quando
eu liguei pra ela
pra dizer ela
disse: "tá ligando
pra falar que
você esta
grávida né, sou
a ultima a saber
disso né", ai eu
disse não to
sabendo disto,
porque eu vim
saber na
verdade quando
eu tava com um
mês de
gravidez, foi
quando eu
descobri, ai eu

	<p>liguei pra ela, liguei agora porque eu fiz o teste da farmácia e deu positivo, ai ela ficou alegre, contente, ligava todo dia pra saber como que eu tava, como que o nenê tava dentro de mim, ai foi assim ate quando ele nasceu, hoje ela nunca deixou de ligar.</p> <p>Pesq. Ela já veio ver o bebê?</p> <p>Adol 183. Veio, ela ficou mais eu quase o mês de janeiro todo, faltou 6 dias pra completar um mês que ela tava aqui, ela veio dia 11, casei dia 3, ganhei ele dia 17 ne, quando ela veio já tava perto deu ganhar, ai ela ficou aqui no meu tio de Curitiba, ai foi ate quando eu ganhei, ai ela ficou alegre, nossa uma alegria muito grande, ela não podia chegar aqui e perguntar cadê meu nenê, ela liga hoje e pergunta cadê meu filho, é desse jeito, é o maior amor com essa criança.</p>	
--	---	--

APÊNDICE F – TABELA INFORMAÇÕES GERAIS DAS ADOLESCENTES (16 SUJEITOS)

Nome	Código na Pesquisa	Idade	Idade em que engravidou	Número de filhos	Com quem mora?	Estado Civil
Flávia	13	15 anos	14 anos	1	mora com a mãe, pai,irmão, sua filha e esposo.	casada
Samara	23	18 anos	17 anos	1	Mora com a irmã, a sobrinha, a mãe e o esposo	Casada
Lívia	24	17 anos	14 anos	1	Mora com os avós paternos, seu pai e o filho.	Solteira
Karla	27	16 anos	15 anos	1	Mora com a mãe	Solteira
Andressa	48	18 anos	17 anos	2	Mora com o esposo e os filhos.	Casada
Vilma	62	15 anos	14 anos	1	Mora com o pai e a mãe e o filho.	Solteira
Márcia	66	16 anos	15 anos	1	Mora com o pai a mãe e o esposo e o filho.	Casada
Simone	68	15 anos	14 anos	1	Mora com o marido	Casada
Bianca	73	15 anos	14 anos	1	Com o esposo e o filho.	Solteira ²³
Vanessa	105	18 anos	14 anos	2	Mora com o marido (pai dos dois filhos) ²⁴	casada
Maria	112	17 anos	16 anos	1	Com o marido,	casada

²³ Declarou-se solteira apesar de manter relacionamento com o pai do filho.

²⁴ Ver descrição completa no capítulo II.

					sua mãe e a filha.	
Cássia	160	16 anos	15 anos	1	Mora com o marido	Casada
Carolina	162	17 anos	16 anos	2	Mora com o marido	Casada
Lorrana	166	15 anos	14 anos	1	Mora com o marido e a mãe	Casada
Marlene	183	17 anos	16 anos	1	Mora com a sogra e o marido e o filho.	Casada
Leda	220	17 anos	17 anos	1	Mora com o marido	Casada